

A HISTÓRIA OFICIAL QUE DEU ORIGEM AO JOGO

GOD OF WAR®



MATTHEW STOVER E ROBERT E. VARDEMAN

leYa

Ficha Técnica

Copyright © Matthew Stover e Robert E. Vardeman

Todos os direitos reservados.

Tradução para a língua portuguesa © 2012 by Texto Editores Ltda.

Título original: God of War

Diretor editorial: Pascoal Soto

Editora: Tainã Bispo

Coordenação editorial externa: Taís Gasparetti

Tradução: Flávia Gasi

Preparação de texto: Eduardo Hiroshi Kobayashi

Revisão: Alexander Barutti Azevedo Siqueira

Revisão da tradução: Carolina Costa

Diagramação: A2

Adaptação da capa original: Gabriel Calou

God of War é uma obra de ficção. Nomes, lugares e ocorrências são produtos da imaginação dos autores e usados de forma ficcional.

God of War é uma marca registrada da Sony Computer Entertainment America LLC. Copyright © 2005-2010 da Sony Computer Entertainment America LLC. “Playstation” e o logo da família “PS” são marcas registradas da Sony Computer Entertainment Inc. Todos os direitos reservados.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Vardeman, Robert E.

God of War / Robert E. Vardeman e Matthew Stover ; tradução Flávia Gasi.

-- São Paulo : Leya, 2012.

Título original: God of War

ISBN 9788580446753

1. Ficção norte-americana I. Stover, Matthew. II. Título.

12-12870 CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

2012

Texto Editores Ltda.

[Uma editora do Grupo LeYa]

Rua Desembargador Paulo Passaláqua, 86

01248-010 – Pacaembu – São Paulo – SP

www.leya.com.br

Para Scott e Jen

Reconhecimentos

Muitas pessoas trabalharam árdua e longamente neste livro. William Weissbaum, da Sony, nos proveu de soluções precisas para problemas narrativos, bem como de conselhos astutos durante todo o processo. O conhecimento de *games* e a sagacidade de Marianne Krawczyk foram muito apreciados. Tricia Pasternak foi a melhor editora de todos os tempos. Raven Van Helsing nos ajudou de maneira que nem imaginávamos, com o YouTube. Por último, obrigado ao meu agente, Howard Morhaim, e ao meu intrépido coautor, Matthew Stover, por me dar a chance de ajudar em um projeto tão grandioso.

Robert E. Vardeman

Prólogo

À borda de um penhasco sem nome, ele põe-se de pé: uma estátua de mármore travertino, pálida como as nuvens do céu. Ele vê que não há cores na vida, nem nos cortes escarlates das suas tatuagens, nem nos retalhos apodrecidos de seus pulsos, onde as correntes rasgaram sua carne. Seus olhos são pretos como a tempestade agitada que marca o Egeu abaixo, que termina com a espuma que se aferventa nas rochas acidentadas.

Cinzas, somente cinzas, desespero, e o chicotear da chuva invernal: essas são suas recompensas por dez anos de serviço aos deuses. Cinzas e putrefação e decadência, uma morte solitária e fria.

Seu único sonho agora é o esquecimento.

Ele já foi chamado de Fantasma de Esparta. Ele já foi chamado de Punho de Ares e de Campeão de Atena. Ele foi chamado de guerreiro. Um assassino. Um monstro.

Ele foi todas essas coisas. E nenhuma delas.

Seu nome é Kratos, e ele sabe quem são os verdadeiros monstros.

Seus braços pendem, suas vastas linhas de músculos fortes e entrelaçados são inúteis agora. Suas mãos trazem calos endurecidos não somente pela espada e pela lança espartanas, mas pelas Lâminas do Caos, pelo Tridente de Poseidon e mesmo pelo lendário Relâmpago de Zeus. Essas mãos tiraram incontáveis vidas, mas agora elas não têm armas para empunhar. Essas mãos não mais se fechariam ou cerrariam em punhos. Tudo o que podem sentir é o gotejar de sangue e pus de seus pulsos dilacerados.

Seus punhos e antebraços são os verdadeiros símbolos de seu serviço aos deuses. A maltrapilha e descascada carne tremula ao vento cruel, tornando-se enegrecida de podridão; até os ossos padecem pelas cicatrizes deixadas pelas correntes que uma vez fundiram-se ali: as correntes das Lâminas do Caos. Essas amarras já não existiam mais, arrancadas pelo mesmo deus que se impôs sobre ele. Aquelas correntes uniam as lâminas a ele, e ele às lâminas; aquelas amarras eram os vínculos que o algemavam a serviço dos deuses.

Mas o trabalho havia acabado. As correntes se foram, e as lâminas com elas.

Agora ele não tinha nada. Não era nada. De tudo o que não o abandonara, ele se livrou.

Sem amigos – ele é temido e odiado pelo mundo conhecido, e nenhuma criatura viva pode olhá-lo com amor ou mesmo com alguma fagulha de afeição.

Sem inimigos – ele não tinha mais nenhum vivo para matar. Sem família...

E esse, mesmo agora, é um lugar no seu coração que ele não se atreve a espiar.

E, finalmente, o último refúgio dos perdidos e solitários, os deuses...

Os deuses fizeram um escárnio de sua vida. Tomaram-no, moldaram-no, transformaram-no em um homem que não suportava mais ser. Agora, no final, ele não consegue nem se enfurecer.

“Os deuses do Olimpo me abandonaram.”

Ele pisa nos últimos centímetros do penhasco, suas sandálias raspam no cascalho da beirada quebradiça. Trezentos metros abaixo, trapos sujos de nuvens giravam e trançavam uma malha de névoa entre ele e as pedras pontiagudas banhadas pelo mar Egeu. Uma malha? Ele sacode a cabeça.

Uma malha? Antes uma mortalha.

Ele fez mais do que qualquer mortal poderia ter feito. Ele completou proezas que nem mesmo os deuses poderiam igualar. Mas nada apagava a sua dor. O passado do qual ele não pudera escapar trazia a agonia e a loucura como seus únicos companheiros.

“Agora não há esperança.”

Não há esperança neste mundo – mas no próximo, dentro das bordas do poderoso Estige, que faz fronteira com o Hades, onde corre o rio Lete. Um esboço da água negra que, dizem, apaga a memória de uma existência que deixou uma sombra para trás, e o espírito vagueia para sempre, sem nome, sem casa...

Sem passado.

Esse sonho o impulsiona a tomar um final e fatal passo, que o empurra para o meio das nuvens que despedaçam-se em volta dele, enquanto ele cai. As rochas carcomidas pelo mar se materializam, ganhando solidez e tamanho, e correndo para esmagar sua vida.

O impacto engole tudo o que ele foi, tudo o que ele é, tudo o que ele fez e tudo o que foi feito a ele, em uma explosão estilhaçada de noite.

* * *

A DEUSA ATENA se postou em armadura completa defronte a seu espelho de bronze polido, encaixou uma flecha em seu arco e retesou a corda

vagarosamente. Ela olhou todos os seus movimentos no espelho, para verificar sua postura. Atena ergueu seu cotovelo direito levemente. Qualquer desvio no ângulo faria a flecha ser disparada erroneamente. Ela buscava perfeição em todas as coisas, como convinha à deusa guerreira. Ela segurou a corda e tensionou-a, sentindo os músculos nos seus braços e ombros se distenderem. A sensação a perpassou e a tornou consciente não somente dela mesma, mas de tudo o que a circundava. Uma meia-volta, observada no espelho, uma pequena correção em sua postura, e ela mirou a flecha através de sua câmara em uma tapeçaria enorme que mostrava a Queda de Troia. A flecha deslizou dos seus dedos e voou direta e certa para afundar-se na figura entrelaçada de Páris.

“Que herói cheio de falhas”, meditou. Ela não havia feito uma escolha tão pobre. Ela arriscou muito porque o destino do Olimpo suspendeu-se de seu equilíbrio, quando seu irmão Ares ficou fora de controle. Será que Kratos experienciou um momento de hesitação pouco antes de a flecha voar de seu arco? Dúvida? Segurança? Atipicamente, ela sentiu uma estocada de pânico. Será que todas as suas maquinações serviram para nada, arrancando os serviços de Kratos das mãos de Ares para si, em um artilheiro engenhoso?

Um pequeno sopro de ar a fez girar vertiginosamente, outra flecha ajustada ao arco, e então enrijeceu-se até que o arco dourado gemesse com a tensão. Ela ponderou suas ações, depois lentamente relaxou sua tração na corda, a flecha dispersou-se.

Espreguiçando-se seminu em seu sofá, de uma nuvem de vinho tinto, sem a menor expressão de vergonha, estava um jovem de beleza atordoante. Seu sorriso charmoso e malicioso não titubeava por ter uma flecha apontada à sua testa.

– Ótimo vê-la – ele disse. – Celebrando a sua vitória, não é? Você sabe o que faz esta ocasião *realmente* especial? Derramar essa sua virgindade perpétua. Não pareça tão solene. Não *seja* tão solene. Vamos explorar esse território, sem travas. Sou um explorador versado e posso lhe mostrar o caminho por rumos não familiares.

– Hermes – ela disse entre dentes. – Não o adverti sobre me espiar em minha câmara?

– Estou certo que sim – o Mensageiro dos Deuses disse indolentemente. Ele esfregou suas costas despidas no sofá, remexendo-se sinuosamente, com prazer.

– Ah, maravilhoso. Estava com uma coceira. Na verdade, querida irmã, há outra coceira, uma com que você pode me ajudar, o que é justo, já que você é sua inspiração.

– Sou? – O rosto de Atena poderia ser esculpido em mármore. – Devo coçá-

lo com a minha espada?

O arco em seu punho desapareceu, substituído por uma espada afiada.

Hermes deixou seu peso recair sobre o sofá. Ele entrelaçou seus dedos por trás de sua cabeça e falou com emoção para os céus do Olimpo:

– Para sempre fitando aquilo que não posso tocar – suspirou. – Tais cruéis destinos deveriam ser reservados somente para os mortais.

Atena aprendeu com séculos de experiência que Hermes era tão intoxicado com seu próprio charme que, quando começava a flertar, a única maneira de evitá-lo era mudar o rumo da conversa. Ela usou sua espada para apontar para as sandálias dele.

– Você está usando suas asas. Esta é uma mensagem oficial?

– Oficial? Ah, não, não, Zeus está por aí, fazendo... algo – ele sorriu maliciosamente. – Muito provavelmente *alguém*. Outra garota mortal, certamente. Só as Moiras sabem. Realmente, eu não posso adivinhar o que ele vê nas mulheres mortais, quando qualquer deus *normal* sacrificaria uma parte privada imortal, ou duas, pela chance de passar pela cinta de Hera.

– A *mensagem* – disse Atena. – Sua desculpa para invadir minha câmara?

– Ah, *existe* uma mensagem.

Ele materializou seu caduceu e o acenou para ela.

– Mesmo. Vê? Eu tenho a varinha.

– Sua beleza lhe empresta a impressão de charme. Seu comportamento a dissipa.

– Oh, eu suponho que isso tenha sido um chiste. Foi, não foi? Eu pergunto, cara virgem da guerra, pois de outra forma não o poderia decifrar.

– Então me permita responder com um questionamento meu. Essa mensagem que traz é de tanta importância que eu não deveria matá-lo por me agravar?

– Vá, por favor. A palavra de nosso pai proíbe qualquer deus de assassinar outro... – sua voz se arrastou como se achasse algo inteiramente desconfortável no olhar frio e cinzento da deusa.

– Atena, minha cara irmã, você sabe, sou perfeitamente inofensivo, mesmo.

– Isso é o que venho me dizendo. Até agora.

– Só estava tentando me divertir um pouco. Um montante bem pequenino. Uma provocaçãozinha com minha irmã favorita. Anime-se, que tal? Distraia-se de... bem, você sabe.

– Sim, bem sei. E você não deveria esquecer tampouco.

Ela vislumbrou atrás de Hermes uma penteadeira, onde jazia um ornamento de ouro, encrustado com pedras preciosas. Mais um badulaque feito por um artesão ambicioso da cidade como uma oferenda de sacrifício a ela. Era benfeito, para o trabalho de um mortal. Ela achava que poderia até responder às preces dele, se se incomodasse de lembrar qual era seu nome. Sua preocupação com Ares a roubou dos seus pensamentos para com os mortais que confiavam nela, mesmo em suas mortes. Isso deveria mudar logo, para reparar mais do que construções desintegradas.

– E, bem, eu *realmente* peço desculpas por espionar. De todas as deusas do Olimpo, você é a verdadeiramente mais bela. Sua postura era elegante – não, perfeita, com o arco curvado e a corda tensa. Era uma visão de se contemplar. Qualquer adversário estremeceria, assim como qualquer aliado se mobilizaria à sua causa.

Hermes ergueu-se do sofá, alongando seus músculos de modo calculado, enfatizando seu físico esbelto e jovial.

– Mas deve admitir: entre os deuses, eu sou o mais bonito.

– Se você fosse metade do homem que pensa ser, você poderia, deveras, exceder o sol em brilho.

– Vê? Nenhum se compara a mim.

– Gostaria de ouvi-lo falar assim na frente de Apolo.

Hermes balançou a cabeça arrogantemente.

– Ah, claro, ele é bonito o suficiente, mas é um tanto entediante!

– É melhor que as próximas palavras de seus lábios digam respeito a sua mensagem.

Ela se inclinou e cutucou Hermes levemente, no peito, com a ponta de sua espada.

– Você viu recentemente, acredito, as consequências de me deixar irritada.

O Mensageiro dos Deuses olhou para baixo, para a lâmina contra as suas costelas, e depois de volta para os olhos cinzentos e resolutos da Deusa da Guerra. Ele ergueu-se, adequou-se, ajustando sua clâmide com exagerada dignidade, e disse em uma voz de clarim:

– É seu mortal de estimação.

– Kratos? – ela franziu a testa.

Zeus havia dito que ele mesmo cuidaria de Kratos até depois do memorial.

– O que há com ele?

– Bem, achei que gostaria de saber, em vista de toda a assistência que lhe deu e do zelo que ocasionalmente sente por ele...

– Hermes.

Ele se encolheu levemente.

– Sim, sim. Aqui: testemunhe.

Ele ergueu seu caduceu e o apontou. No ar entre eles, a imagem de uma montanha se amoldou, alta além da imaginação, e um penhasco, impossivelmente absoluto, impossivelmente alto acima da explosão aquática do Egeu. À margem desse penhasco, Kratos parou e pareceu falar, ainda que não houvesse ninguém para escutar.

– Seu bicho de estimação escolheu um perigoso caminho para trilhar. Esse o levará ao Hades.

Atena sentiu tornar-se pálida.

– Ele quer tirar sua própria vida?

– É o que parece.

– Ele não pode!

Que mortal desobediente! E onde estava Zeus? Não tomando conta de Kratos, obviamente – ou ele disse, agora ela ponderava, que estaria observando *de longe* o espartano? O que seria algo totalmente diferente.

Enquanto sua mente corria, ordenando todas as possibilidades e improbabilidades, o Kratos da imagem inclinou-se para frente e levantou o pé do penhasco para o ar vazio... e caiu. Simplesmente caiu.

Sem esforço. Sem grito. Sem pedido de ajuda. Ele mergulhou de cabeça para a morte nas rochas abaixo, seu rosto era só calma.

– Você não previu nada disso? – Hermes sorriu com desdém. – Não é você a suposta Deusa do Prenúncio?

Quando ela voltou seu olhar para ele, ele abafou o sorriso com uma tosse.

– Da próxima vez que nos encontrarmos – ela disse, baixa e mortalmente –, veremos qual será meu presságio para *você*.

– Eu, ahn... estava apenas *brincando* – ele engoliu seco. – Só brincando...

– E é por isso que ainda não achei necessário machucá-lo. Ainda.

Sua espada cortou o ar defronte ao nariz de Hermes. A seu crédito, ele não se encolheu. Muito.

Ela se recompôs e, com um espasmo de vontade, irrompeu da sua câmara, deixando Hermes boquiaberto atrás dela. Na velocidade do pensamento, Atena desceu do Monte Olimpo para o penhasco. Ela apareceu enquanto Kratos se arremessava pelas nuvens maltrapilhas abaixo.

O Mensageiro estava certo. Contudo, ela não tinha ideia de que esse seria o final da história de Kratos. Como ela pôde ter sido tão cega? Como Zeus pôde deixar isso acontecer? Mais importante: como Kratos pôde ser tão desobediente?

“O Túmulo dos Navios”, ela pensou. Foi onde a queda de Kratos realmente começou. Tinha de ser. “O Túmulo dos Navios no mar Egeu...”

O navio inteiro rangeu e tremeu, balançando com as rajadas de vento invernal, como se tivesse atingido um baixo no mais profundo alcance do Egeu. Kratos levou os braços em torno da estátua de Atena na proa do seu navio golpeado, os lábios descascando por conta do grunhido animal dos seus dentes. Acima, no mastro principal, a última de suas velas quadrangulares partiu com o vendaval como em uma detonação de um raio próximo. Um grande bando de criaturas imundas e macilentas, como mulheres asquerosas com asas de morcego, pairou sobre o mastro, gritando com raiva e sede do sangue dos homens.

– Harpias – Kratos grunhiu. Ele odiava harpias.

Um par de monstros alados guinchava mais alto que o uivo do vento, enquanto avançava para cortar a vela com suas presas manchadas de sangue. A vela ribombou mais uma vez e finalmente se despedaçou, caindo sobre o convés e estapeando algumas das harpias no ar. Uma delas desapareceu na tempestade; outra conseguiu se safar, emaranhando suas garras afiadas violentamente no cabelo de um remador. Ela arrastou o desafortunado marinheiro, que gritava e se debatia pelos céus, retorcendo-se para cravar suas presas no pescoço dele e banqueteadando-se com seu sangue, que foi derramado em uma ducha violenta.

A harpia percebeu que Kratos a observava e gritou sua eterna fúria. Ela arrancou a cabeça do marinheiro e atirou-a contra Kratos; quando ele afastou o pavoroso míssil com um golpe desdenhoso, ela lançou o corpo do remador com força suficiente para matar um homem comum.

Seu alvo, contudo, não era nada que assemelhasse o ordinário.

Kratos deslizou para o lado e agarrou o cinto de corda do marinheiro enquanto o cadáver mergulhava. Um selvagem arranque estalou o cordão e enviou o corpo sobre a murada para o mar revoltado. Kratos calculou o mergulho da harpia, que investia contra ele como um falcão, com as garras afiadas estendidas para arrancar seus olhos.

Kratos lançou as mãos instintivamente atrás de seus ombros, procurando as enormes gêmeas, impiamente curvas e sobrenaturalmente afiadas, as espadas que se aninhavam em suas costas. Suas armas símbolo, as Lâminas do Caos, forjadas pelo deus ferreiro Hefesto nas fornalhas do próprio Hades. As correntes enroladas em seus punhos e queimadas em sua carne até se fundirem com cada um de seus ossos – mas, no último instante, ele deixou as gêmeas onde estavam.

Uma harpia não era digna de que elas fossem sacadas.

Ele rompeu o cinto do marinheiro assassinado como um chicote. Este rodopiou para encontrar o mergulho da harpia e lançar-se ao pescoço do monstro. Kratos pulou da estátua para o convés abaixo, seu peso súbito

arrancando a criatura dos céus. Ele a imobilizou no convés com uma sandália, enquanto puxava a corda para cima com uma fração de sua força. Aquela fração foi o suficiente: a cabeça da harpia rasgou-se do corpo e deslizou no ar.

Ele agarrou a cabeça com sua mão livre, balançou-a próximo ao timão, o rebanho de harpias guinchando, e rugiu:

– Desçam até aqui. Vejam o que acontece!

Ele pontuou seu desafio atirando a cabeça decepada na harpia mais próxima, com precisão mortal e força inacreditável. Acertou-a diretamente no rosto, cortando seu grito como o golpe de um machado. Ela deu cambalhotas enquanto despencava do céu, chocando-se com a tempestade, três palmas a bombordo.

Kratos apenas olhou fixamente. Matar aquelas criaturas vis não era nem divertido.

Sem desafio.

O olhar de Kratos se assentou quando o temporal lhe apontou um vislumbre do navio mercante que ele perseguia. A grande embarcação tinha duas velas içadas e estava se afastando, correndo a favor do vento. Um outro instante lhe mostrou por que seu navio ficou para trás. Seus remadores acuaram com medo das harpias, se encolhendo em qualquer canto que pudessem encontrar, abaixo dos seus bancos ou protegidos pelo emaranhado dos remos. Com um rosnado, Kratos segurou um remador que estava em pânico pela nuca e, com apenas uma das mãos, levantou o homem acima de sua cabeça.

– O único monstro que *você* deveria temer sou *eu*!

Um movimento rápido de seu pulso lançou o covarde às ondas sem esforço.

– Agora *remem*!

A tripulação sobrevivente aplicou-se aos remos com energia frenética. A única coisa que Kratos odiava mais do que harpias era um covarde.

– E *você*! – ele sacudiu seu punho massivo para o timoneiro. – Se eu tiver que voltar aqui para dirigir, eu faço com que você vire comida de harpia! Você tem o navio à vista?

Seu rugido gutural fez com que o timoneiro se encolhesse.

– Você *tem*?

– Um quarto de légua a estibordo – disse o timoneiro. – Mas ele ainda tem

suas velas! Nós nunca iremos alcançá-lo!

– Nós vamos alcançá-lo.

Kratos vinha perseguindo a embarcação mercante fazia dias. O outro capitão era astuto e um marinheiro hábil. Ele havia tentado todos os truques que Kratos conhecia, e mesmo uns novos, mas, a cada dia, a galé elegante de Kratos direcionava o navio mercante inelutavelmente para um perigo ao qual nenhum barco poderia sobreviver: o Túmulo dos Navios.

Kratos sabia que sua presa iria ceder. Entrar naquele estreito maldito era o último erro que qualquer capitão cometeria.

À frente, como rochas pontiagudas em meio ao estreito, adormeciam pedaços destrocados de embarcações que, por infortúnio ou erro de cálculo, encontraram seu caminho para a sepultura. Não era possível saber quantos poderia haver – centenas, talvez, ou milhares, elencados nas marés e suas correntes traiçoeiras, triturando seus cascos, uns contra os outros, até que finalmente se partissem em destroços lascados, ou enchessem de água suficiente para afundar. Mas mesmo isso não marcava o final do perigo. Muitas das ruínas dos navios descansavam abaixo, no fundo do mar, e permaneciam próximas à superfície do Egeu como recifes artificiais, espreitando para arrancar o casco de um navio desavisado acima. Esses recifes nunca puderam ser mapeados, pois nenhum barco que entrou no Túmulo jamais o deixou. Tantos marinheiros morreram ali que o próprio mar havia assumido um cheiro fétido de carne podre.

Kratos assentiu consigo quando o navio mercante baixou suas velas e reverteu seus remos para a virada. A fuga estava próxima, ou teria estado, em qualquer outra região do Egeu. Mas a embarcação estava muito perto do Túmulo dos Navios. Mesmo quando o navio mercante começou a reverter o curso, uma cabeça colossal levantou-se das profundezas e desabou no convés do navio; e seu vigoroso pescoço enrolou-se no mastro, tentando quebrá-lo.

Sempre que o vento se acalmava por um momento, Kratos escutava claramente os gritos e brados de guerra da tripulação do navio mercante, que freneticamente cortava o pescoço da Hidra com espadas curtas e machados. Mais cabeças despontavam das profundezas do mar. Kratos sinalizou ao timoneiro para seguir em frente, indo ao encontro deles. Não havia por que esperar que eles se libertassem; estavam muito ocupados na luta com a Hidra para notar que estavam sendo puxados para dentro do Túmulo.

Ao redor, flutuavam os abandonados e destruídos pedaços de embarcações, que ou não contaram com a proteção dos deuses, ou portavam um destino de condenação. O barco mais próximo pelo qual passaram claramente não chegara muito antes de Kratos e sua caça. Uma dúzia de marinheiros estavam presos ao

mastro – empalados por uma única e imensa lança. As harpias haviam pungido os corpos. A maioria da tripulação era mero pedaço de carne, pendurados em esqueletos sangrentos, mas o mais próximo ao mastro ainda estava vivo. O marinheiro avistou Kratos e começou a chutar debilmente, estendendo suas mãos em um apelo silencioso por misericórdia.

Kratos estava mais interessado na imensa lança que o empalava – sua presença sugeria que um ciclope poderia estar por perto. Ele bloqueou a visão do timoneiro, para que não visse o navio da morte.

– Preste atenção em seu curso.

– O senhor Ares se *opõe* a nós – o marinheiro disse com a voz embargada. – As harpias – a Hidra – essas são suas próprias criaturas! Todas elas. Você desafiaria o Deus da Guerra?

Kratos estapeou o timoneiro forte o suficiente para lançá-lo ao convés.

– O mercador tem água fresca. Precisamos pegá-lo antes que afunde, ou vamos todos morrer engolindo o mar. Esqueça Ares. Preocupe-se com Poseidon.

Ele levantou o homem de volta aos seus pés e o postou no leme.

– E se Poseidon não o preocupa, lembre-se de mim.

Por dois dias eles estiveram sem água. Sua boca estava mais seca do que o Deserto das Almas Perdidas, e sua língua havia inchado. Kratos teria negociado a água de bom grado, mas, antes de o acordo ser realizado, o capitão do barco mercante teve um vislumbre dele e decidiu que o caminho mais sábio era o de fugir como se todos os cães do Hades ladrassem em seus calcanhares. Kratos ensinaria a esse capitão as consequências de tal sabedoria.

Ele cofiou sua barba curta e pontuda, removendo coágulos espessos de sangue – humano ou de harpias, ele não sabia, nem se importava. Ele verificou seu corpo em busca de ferimentos; no calor da batalha, um guerreiro pode ser mortalmente ferido e nem perceber. Sem achar nenhum, seus dedos inconscientemente traçaram a tatuagem vermelha que percorria seu rosto e sua cabeça raspada, antes de descer ao longo das costas. O vermelho contrastava nitidamente com o tom branco ósseo de sua pele.

Sangue e morte. Aquelas eram as mercadorias de Kratos. Ninguém que já o tivesse visto em uma luta, ninguém que tivesse escutado os contos de suas façanhas lendárias, poderia confundi-lo com qualquer outro homem.

Outro impacto fez com que Kratos colidisse com seu timoneiro. O navio estremeceu e guinchou, e o som agudo do choque ecoou. O marinheiro caiu no convés, e Kratos agarrou o leme – mas este balançou livremente na sua mão.

– O leme! – o timoneiro engasgou. – O leme foi despedaçado.

Kratos soltou o leme inútil e espreitou por cima da popa. Uma das carcaças abandonadas dos recifes artificiais lançara-se em sua galé como em um peixe – uma lança tão grossa quanto seu corpo foi levada através do casco e dilacerou o leme inteiro, quando penetrou a popa de dentro para baixo.

– Remos a estibordo! Recuar! – Kratos bramiu. – Remos a bombordo! Puxem por suas vidas inúteis!

Com um grito que poderia triturar os dentes, a galé conseguiu escapar de vergar. Enquanto seu arco balançou em direção do mercador que se debatia, Kratos ordenou que o barco virasse a estibordo a toda velocidade. Ele girou e rosnou ao timoneiro:

– Marque a cadência! Rápido!

– Mas... mas estamos *afundando*!

– Marque! – Kratos voltou-se para os remadores. – O primeiro verme covarde que tirar suas mãos do remo vai morrer onde estiver sentado!

A tripulação olhava para ele como se tivesse sido levado à loucura pelos deuses.

– Agora! *Puxem!*

Mesmo que a popa afundasse mais e mais dentro d'água, a galé emergia à frente. O barco mercante estava a apenas duzentos passos de distância, e cento e cinquenta, e então...

Um gigantesco volume de água, impulsionado pelas contracorrentes traiçoeiras do Túmulo dos Navios, saltou sobre metade da embarcação – e, em vez de se corrigir, desabou em cima de um casco podre, que foi perfurado rapidamente. Seu navio não tinha nenhum lugar para ir, exceto para baixo.

– Quem puder, siga-me – Kratos disse à sua tripulação.

Se não pudessem, não valiam o trabalho de serem salvos.

Ele arqueou-se sobre o parapeito e aterrizou como um gato em uma tábua cheia de limo. Ele derrapou ao longo dela, movimentando os braços para se equilibrar. O mar espumou entre as tábuas irregulares à deriva, e cada onda jogava cascos abandonados uns contra os outros como moinhos de madeira. Cair nessas águas seria morte certa.

Cinquenta metros à frente oscilava outro navio. Seu mastro havia sido

decegado e, pela maneira que as cracas incrustadas e as algas negras adornavam seu casco, o barco fora prisioneiro no Túmulo dos Navios por muitos anos. Qualquer coisa que ainda flutuava era melhor do que sua galé, que se rendia ao mar com um vasto som de sucção e com o coro de gritos dos marinheiros, lentos demais para saltar.

Um momento depois, os únicos sons eram o das ondas se acidentando e o assobio fino do abrandamento do vendaval. Andando rapidamente entre os restos quebrados dos navios que pereceram, Kratos alcançou uma carcaça abandonada. A curva alta do casco viscoso parecia impossível de ser escalada, mesmo para ele.

Fez uma pausa e olhou para trás para ver se alguém de sua tripulação o havia seguido. Apenas um punhado evitou ser sugado com a galé – uma cabeça de Hidra emergiu das profundezas e atacou brutalmente, assassinando mais marinheiros, cortando-os em metades sangrentas. Em silêncio, Kratos assistiu enquanto eles morriam.

Ele estava acostumado a ficar sozinho.

A viga em que se equilibrava inesperadamente rolou por baixo dele. Sem hesitar, ele pulou, os dedos arranhando a carcaça incrustada da corrente da âncora. Mariscos rasgavam seus dedos, mas ele apenas rasmungou e apertou os dedos ainda mais. Seus pés encontraram a curva do casco, e ele subiu com cuidado, puxando-se pela corrente. Ele saltou para cima do convés.

Essa embarcação fora abandonada há anos. O mastro havia-se quebrado, deixando lascas irregulares, agora cegas pela tempestade e pelas ondas. Ele se virou e olhou de volta para onde seu navio havia estado. Ele não encontrou nada além de um aço acinzentado e uma espuma quase tão branca quanto o tom cinzento de sua pele.

O fedor sombrio de decomposição foi o seu primeiro aviso. O segundo foi uma incandescência súbita das correntes fundidas com os ossos de seus pulsos. Ares havia sido um mestre cruel; Kratos odiava até mesmo pensar nele, exceto por um único ato. Ares havia unido seus braços às Lâminas do Caos.

Os grilhões incorporados queimavam agora, como se estivessem pendurados em uma fogueira. Chamas pingavam das lâminas em suas costas, mas mais uma vez ele não se preocupou em empunhá-las. Ele se virou e assumiu uma postura de combate, com as mãos largas prontas para agarrar e rasgar. O cheiro pútrido ganhou força quando sua origem apareceu à vista.

A fonte eram três dos soldados de Ares – cadáveres em decomposição de legionários mortos-vivos. Esses eram os únicos soldados que o Deus da Guerra podia agora comandar. Seus olhos ardiavam em um fogo verde e frio. Carnes em decomposição pendiam de seus ossos como trapos. Sem emitir um único som,

eles investiram contra Kratos.

Apesar de serem mortos-vivos, eles se moviam com uma velocidade sobrenatural. Um empurrou uma lança em direção à sua cabeça, a fim de forçá-lo a esquivar-se, enquanto outro balançava uma corrente em direção às suas pernas.

Kratos arrebatou a lança com ambas as mãos, dirigindo-a para baixo, para enredar a corrente, então arremessou a lança e levou a mão às entranhas lodosas do legionário mais próximo, seus dedos rasgando a carne putrefata para encontrar o osso ilíaco em seu interior. Kratos apertou com força sobre-humana; quebrou o quadril do legionário, e a criatura caiu. Kratos se adiantou, sem olhar para trás.

Quando o legionário com as correntes girou-as novamente, Kratos deixou que elas se envolvessem em torno de seus braços. Ele não estava preocupado, ele tinha seus próprios grilhões.

Assim que o morto-vivo saltou contra ele, Kratos passou uma lâmina da corrente em torno de seu pescoço. A contração de seus braços enormes arrancou a cabeça do legionário de seus ombros. Ele despachou o terceiro com um simples golpe com o punho, esmagando seu crânio.

Ele procurou por mais criaturas para destruir, mas não viu nada. Sabia que não deveria simplesmente acreditar que todos os monstros haviam desaparecido.

Kratos sabiamente usou o tempo livre para encontrar um caminho entre os barcos naufragados que poderia levá-lo aos últimos cinquenta passos que o separavam do mercador.

Uma estátua de madeira flutuando a certa distância chamou sua atenção.

“Atena!” Ele havia disposto sua estátua a bordo de seu navio, na proa, como um tributo aos trabalhos que ele desempenhou para os deuses nos últimos dez anos. Ele não tinha certeza se fora auxiliado pelos deuses nas missões intermináveis ou se havia apenas sorte envolvida. Má sorte. Boa sorte. Não importava. Ele tinha as lâminas.

A estátua não era mais do que um pedaço estúpido de madeira entalhada, não mais significativa do que qualquer outro destroço ao longo do Túmulo dos Navios. Ou assim ele pensava. Agora, a Atena de madeira boiava, pairando sobre as ondas, para cima e para baixo, e havia subido mais da metade do caminho pela água e se inclinou na direção de um emaranhado de vigas flutuantes.

Um fragmento acidentado atrás de Kratos advertiu-o de que mais que a estátua de Atena havia se livrado da sepultura de água. Ele saltou, mal

conseguindo agarrar uma viga. Ele usou suas unhas para se firmar pelo caminho – algo frio e liso deslizou por sua perna. Ele resmungou e puxou a viga com mais força, raspando sua barriga sobre a madeira áspera. Ele levantou seus pés assim que a mão de um morto-vivo espremeu seu tornozelo e puxou-o com violência.

Ele bateu na viga e usou o aperto do morto-vivo em sua perna como impulso, enquanto mudava de curso e girava na viga, então mergulhou as mãos no mar. Os grilhões ferventes transformaram a água em vapor e queimaram o legionário, de modo que ele se debateu violentamente e bateu em retirada, sem puxar Kratos para a morte.

Kratos colocou-se de pé novamente. A pouco menos de dez metros de distância, a estátua de Atena ainda balançava sobre as ondas. A estátua de madeira levantou-se quase livre da água e virou-se com inconfundível urgência, inclinando-se como um ímã atraído pelo navio mercante.

Ele não precisou de outra dica. Saltou, atou-se, equilibrou-se, escorregou e deslizou em meio ao emaranhado de destroços flutuantes em direção a uma embarcação naufragada que parecia estar relativamente intacta. Alguns dos tripulantes do navio mercante deviam ter procurado refúgio lá, fugindo do ataque da Hidra; tábuas de embarque, apoiadas na rampa do barco mercante, mediam pequeno intervalo entre os navios. Se ele pudesse alcançar o barco afundado, poderia embarcar no navio mercante com facilidade – contudo, antes que pudesse chegar à tábua, o mar explodiu diante dele.

Das profundezas invisíveis ergueu-se uma enorme cabeça reptiliana, de olhos como escudos de fogo e espadas reluzentes como dentes. Suas mandíbulas poderiam morder pedaços inteiros do mais poderoso navio no mar Egeu, seus ouvidos espinhosos balançaram de forma mais ampla do que as velas de um navio; suas narinas derramavam uma fumaça gélida sufocante. A cabeça ignorou os navios atrás dela, olhando, em vez disso, para Kratos. Seu imenso pescoço arqueou, e seus olhos brilharam, e urrou sobre o Fantasma de Esparta com um som demasiado poderoso para ser chamado de ruído. O grito de trovão deixou Kratos de joelhos. Brevemente. Kratos ergueu-se. Enfim: algo que valia a pena matar. Harpias haviam morrido pelas suas mãos nesse dia. A Hidra seria a próxima. Com uma satisfação sombria, ele levou as mãos às costas e sacou as Lâminas do Caos.

– Zeus, meu senhor...

Atena levantou os olhos para o grande Pai dos Céus sentado em seu trono de alabastro. O Rei dos Deuses descansava em seu vasto assento de autoridade, régio e à vontade com o poder que ele comandava desse trono elevado.

– Zeus, meu amado pai – ela emendou.

Ela escolheu suas palavras para lembrá-lo de maneira sutil de que ela era sua favorita.

– Pouco importa o que Ares pensa de mim. Mas agredir deliberadamente meu animal humano – você proibiu pessoalmente esse tipo de comportamento em Troia.

– E Ares não levou esse decreto muito a sério mesmo então. Se eu bem me lembro, nem você.

Atena não poderia ser tão facilmente distraída.

– Você vai permitir que o Deus da Matança desafie a sua expressa vontade?

– *Minha* vontade?

O riso de Zeus ecoou por toda a câmara de audiência e por todo o Monte Olimpo.

– Eu acho que você desenvolveu uma ternura pessoal por esse seu mortal. Qual é seu nome? Ah, sim. Kratos. Poderia você ter... concebido uma simpatia por ele? Um mortal?

Atena não mordeu a isca tão facilmente.

– Eu ouço as súplicas dos meus adoradores. Kratos não é diferente.

– Mas você se importa mais com ele do que com os outros. Eu vejo em seus olhos.

– Ele é... entretenimento. Nada mais.

– Eu também apreciei suas façanhas. Especialmente quando ele ainda era uma ferramenta de Ares – conquistar toda a Grécia? Suas façanhas foram material de lendas. Então, ele tinha que estragar tudo com os acontecimentos na sua pequena aldeia, no seu templo...

– Nós não temos que enfatizar *esse* crime particular, temos, pai?

Zeus coçou sua longa barba de nuvens trançadas.

– Eu considerei parar Kratos eu mesmo, mais de uma vez, mas eu... – sua estrondosa voz cessou enquanto ele olhava para alguma distância invisível, perdido em contemplação. – Nunca parecia ser a hora certa.

– Ele não é o único que precisa ser parado, pai. E você sabe disso.

Como filha favorita de Zeus, Atena se atrevia a falar com uma irreverência que poderia ter auferido exílio a outro deus do Olimpo e uma queda dolorosa à terra, para evitar os raios de Zeus por um século ou dois. Mas, até mesmo para a sua favorita, a tolerância do Pai dos Céus era limitada.

Um pequeno franzir de testa escureceu seu rosto e trouxe uma cor cinza violeta às nuvens de sua barba e de seu cabelo. Um trovão distante crepitava sobre o Olimpo.

– Não presuma que pode dar lições a seus superiores, criança.

Atena assistiu à cena sem mostrar nenhuma hesitação.

– O senhor esmagaria uma marionete porque sua dança o ofende?

– Isso depende da marionete.

Um pequeno sorriso carinhoso tocou a boca do Pai dos Céus, e Atena sabia que o perigo havia passado.

– E, com certeza, do titereiro.

– Kratos não proporcionou uma consistente e agradável diversão sob a minha mão?

Atena agora estava em terreno mais seguro. O tédio era uma aflição mais temível para os deuses do que a praga para os mortais abaixo.

– As suas lutas já não o entretêm mais?

– Não, ele é notável, filha. Realmente.

– Então por que, ó pai, você permite que o meu irmão Ares o atormente tanto? Ares *está* tentando matá-lo, você sabe.

– Sim, sim – respondeu Zeus. – Mas ele não teve muito sucesso, teve? Kratos tem se provado... agradavelmente durável.

– As Lâminas do Caos concedem-lhe poder acima dos seus consideráveis dons naturais. Mas, ainda assim, você acha conveniente que seu próprio filho se encarregue da destruição do seu mortal favorito?

– O meu favorito? – Zeus novamente coçou a barba de nuvem tempestuosa, meditando. – Bem, eu suponho que ele seja. Na verdade, Kratos pode ser útil para mim. Em meu nome, envie-o em uma missão em Creta, para cuidar daquela coisa desagradável. Ele é perfeito para corrigir o que está escangalhado. Sim, Kratos pode ficar a meu serviço imediatamente. Fique tranquila, Atena. Vou falar com o Senhor das Batalhas na próxima vez que ele se apresentar diante de meu trono, e orientá-lo a cessar essa perseguição. Isso irá satisfazer a minha filha mais querida?

Atena abaixou a cabeça recatadamente, para melhor ocultar um sorriso discreto.

– É tudo o que posso pedir, senhor meu pai. Estou certa de que Ares não vai arriscar desagradá-lo.

– Está certa?

Zeus sentou mais ereto no trono, trazendo ambas as mãos para os joelhos enquanto se inclinava na direção dela.

– Há algo que você não está me dizendo, minha pequena deusa astuta. Algum projeto que deve progredir para sua satisfação. Eu já vi esse olhar antes, como quando você me fez aceitar a destruição de Troia, se eles falhassem em proteger a sua estátua... e daí você fez aquele truque sujo com Odisseu e Diomedes.

O Rei dos Deuses deu um suspiro com um matiz de melancolia.

– Eu amava Troia. Vários de meus filhos – os seus próprios irmãos meio mortais – morreram tentando salvar aquela cidade. Eu não vou ser enganado novamente, criança.

– Enganá-lo, meu senhor? Como eu poderia enganá-lo, meu senhor? E como eu poderia pensar nisso?

“E por que eu precisaria?”, pensou, “a verdade será suficiente”.

– Eu não sou a Deusa da Justiça, bem como da Sabedoria? E é a justiça que eu procuro aqui em frente ao seu trono, pai amado. Kratos já sofreu muito nas mãos do meu irmão.

– Justiça – Zeus murmurou. – A justiça é uma corrente inventada pelo fraco...

– ... para algemar o forte – Atena terminou a frase com ele. – Eu ouvi o senhor dizer isso antes. – “Mil vezes”, ela pensou, mas manteve esse comentário desrespeitoso para si mesma.

– Não é Kratos quem pede. Ele não apela para a ajuda dos deuses desde aquele dia em que implorou a Ares para salvá-lo em face à horda de bárbaros. *Eu que peço, pai.* Qualquer instante pode ser seu último – Atena disse.

Ela abriu a mão em direção à fonte de ouro que borbulhava ao lado do trono de Zeus.

– Observe.

As gotículas da fonte se transformaram na imagem de uma tempestade lançada sobre o Egeu, cheia de destroços de incontáveis navios. No coração da imagem, chama e relâmpago explodiram do aço faiscante enquanto Kratos usava as Lâminas do Caos como arpões para cortar o pescoço do poderoso réptil, que ele havia escalado implacavelmente, desferindo cortes enquanto subia.

– Essa é a Hidra? – Zeus disse com uma leve careta de perplexidade. – Hércules não estrangulou essa besta anos atrás? E ela sempre foi tão enorme?

– Essa é uma Hidra nova, recém-nascida, meu pai e senhor. Essa Hidra é a semente de Tifão e Equidna, os mesmos grandiosos Titãs que você derrotou e aprisionou no submundo mais profundo da terra, mais profundo que o próprio Tártaro. Eles são os ancestrais de toda a perversão repugnante da natureza que o meu irmão inflige a Kratos.

A expressão de perplexidade de Zeus escureceu e se tornou uma carranca de desagrado.

– Soltar essa criatura em Kratos sem minha permissão cheira a obstinação por parte de seu irmão, mas há pouco que eu posso fazer para ajudá-lo. O mar é o reino de meu irmão, Poseidon. Até mesmo golpear a criatura morta com meu raio seria um insulto à sua soberania – e Poseidon é sensível a respeito de sua dignidade, estou certo de que você se recorda.

– Eu me lembro, pai. acredite, eu me recordo. Mas não é auxílio, nesta crise particular, que eu procuro. Kratos pode lidar com essa criatura sem a sua ajuda.

Zeus levantou uma sobrancelha.

– Você coloca fé considerável em suas habilidades.

– Senhor meu pai, eu acredito que ele seja quase indestrutível. Mas eu tenho meus próprios planos para ele, planos que ele não poderá cumprir se tiver de lutar constantemente contra as legiões monstruosas de meu irmão. Peço apenas

que você proíba Ares de quaisquer futuros ataques.

Zeus se sentou ereto no trono, reunindo sobre si o manto radiante da realeza. Ele se virou em direção à fonte.

– Onde está Ares agora?

Um arco-íris na névoa rodopiou para mostrar Ares caminhando através de um deserto, como um vulcão que acaba de renascer. Seu cabelo e sua barba irradiavam com a sua sempre ardente chama, e o negro de sua armadura escurecia o sol. A cada um de seus passos, homens eram esmagados sob suas sandálias encharcadas de sangue, com o formigas são esmagadas por mortais.

– Onde ele está? – Zeus disse. – O que ele está fazendo naquele desolado deserto egípcio?

– Espalhando terror e destruição.

– Sem dúvida – disse Zeus, com uma risada apreciativa. – É uma pena interromper o seu divertimento.

O Rei do Olimpo levantou seu punho forte e respirou tão profundamente que alterou o padrão de tempestades em todo o Mediterrâneo, em seguida, soltou a única palavra:

– *Ares.*

A imagem do Deus da Guerra se contraiu de forma visível e, em seguida, lançou um olhar sombrio para trás, sobre um dos ombros, sem responder. Ele deliberadamente retornou ao esmagamento de seres humanos.

– Como ele ousa me ignorar?

Zeus puxou outro fôlego, e esse causou a formação de uma geada, e nuvens apedrejaram a terra com granizo.

– *Meu filho, sua presença é requisitada no Olimpo.*

Novamente, o Deus da Guerra se contraiu, mas apenas abaixou a cabeça com tristeza, como se não pudesse ouvir.

– *Você deve parar o ataque da sua Hidra imediatamente. Eu tenho usos para o mortal Kratos. Ares? Ares! Eu não serei ignorado enquanto comandar você.*

As sobranceiras de Zeus franziram, e as nuvens de sua barba e juba ficaram sombrias e escuras como uma tempestade de inverno. Atena deu um passo para o lado. Ela havia antecipado esse momento com tanta certeza como

um oráculo que prevê o futuro escondido de seus poderes divinos, e ela não queria ficar no caminho.

Zeus ergueu a mão, palma para cima, e uma pequena lança de energia cintilante se formou. Com um estalido de sua mão, como se ele não fizesse nada mais do que espantar uma mosca, soltou o raio. Ele brilhou perto de Atena e piscou longe no céu. Um instante depois, um raio atingiu o deserto da imagem, tão perto de Ares que o deus recuou da explosão feita de rocha derretida e areia fundida.

O Deus da Guerra levantou o rosto para o céu, suas feições torcidas com ressentimento amargo; Atena podia sentir a raiva do deus por toda a retorcida e devastada terra.

– Por que meu pai me perturba enquanto trabalho?

– Não é sua função perguntar – trovejou o Rei dos Deuses. – Sua função é obedecer. Venha para o Olimpo e se ajoelhe diante do trono para pedir perdão.

– Eu não irei, não enquanto a traiçoeira, mentirosa, frígida cadela porca que você chamou de minha irmã estiver perto do local. O cheiro de sua corrupção repele todos os deuses honestos.

Zeus ficou de pé. Relâmpagos brincaram em suas sobrancelhas.

– Você ousa me desafiar?

– Seu raio me pegou de surpresa. Eu não me assustarei facilmente mais uma vez.

Ares descansou seus punhos poderosos em seus quadris. Cada movimento seu fazia suas armas colidirem com o som da batalha.

– Você é bem-vindo a deixar o trono estofado em seu palácio com aroma de mel e aparecer no mundo real para me pegar.

– Cuidado, Ares. Meu raio pode atingir até mesmo você.

Ares jogou seus cabelos de fogo com desdém.

– Você acha que vai me assustar com luzes e barulho? Eu? O Deus da Guerra? Sou eu uma virgem covarde, cinza e fria, suplicando diante do seu trono, falando mentiras e perfidias? Eu sou Ares. Se você acha que pode induzir a guerra contra mim, ó pai, recorde que a guerra é o meu reino!

– Você vê? – Atena disse suavemente. – Ele é como eu lhe disse. Sua

loucura germina a cada dia que passa. Se ele se atreve a desafiar seu comando, a que ele *não* se atreverá? Pai, pode tornar-se necessário...

– Não – Zeus disse severamente. – Não, Ares não é tolo a ponto de me desafiar.

Atena percebeu que o Pai dos Céus falou uma coisa, mas pensou outra. Fazer com que Zeus colocasse Kratos sob sua proteção, mesmo que por um curto espaço de tempo, havia lhe dado uma grande oportunidade.

– Não é a morte a pena por rebeldia?

– Eu já decretei que os deuses não poderão guerrear uns contra os outros. Nenhum deus pode matar um deus. Essa lei é absoluta e se aplica até mesmo a mim. Meus irmãos e eu destruimos os Titãs por conta de suas lutas constantes entre si; sua amargura sobre seus antigos e nunca esquecidos feudos dividiu-os até que fosse tarde de mais. Os Olímpianos não sofrerão o destino dos Titãs. Se Ares deve ser... aniquilado, não acontecerá pelas minhas mãos. Nem pelas suas, Atena.

Ela baixou a cabeça, novamente para esconder o nascimento de um sorriso.

– Como meu pai comanda. Eu não tenho sede do sangue de meu irmão.

– Eu não acredito que ele diria o mesmo sobre você.

Ela abriu as mãos, impotente.

– Ele não pode aceitar que Kratos e todos os exércitos da humanidade estão agora sob meu comando, enquanto entre as suas legiões estão numerados apenas os mortos-vivos e as crias sombrias de Tifão e Equidna. Mas ele não foi enganado, nem mesmo tratado injustamente. Você estava lá, pai. Você viu a disputa, e você testemunhou que Ares concordou livremente com a minha barganha.

– Sim. E eu vi naquele momento o mesmo brilho que você tem em seus olhos agora. Ele não considerou o que a barganha queria dizer – e você bem sabia que ele viria a se arrepender desse acordo.

– Meu irmão é impulsivo e obstinado. Sou eu a culpada de que seu desejo por sangue domina sua razão? Mesmo que eu lhe houvesse oferecido o dom da minha previsão, você acha que ele teria aceitado?

Zeus balançou a cabeça, sorrindo com carinho, apesar do assunto terrível da conversa.

– Nem mesmo o Rei do Olimpo pode ganhar uma discussão contra a deusa

dos estratégias. O que você propõe?

– Se ele não pode ser morto – Atena disse cuidadosamente –, ele ainda pode ser humilhado.

– Uma lição de humildade pode muito bem ser justificada, já que ele não pode ser autorizado a ignorar meus comandos dessa forma arrogante – Zeus murmurou, pensativo. – Como você pretende ensiná-lo?

– Eu não sou a mentora de que Ares precisa – Atena disse, ainda falando nada menos do que a pura verdade. – Se meu pai e senhor pudesse conversar com seu irmão Poseidon e pedir que o Rei do Oceano me receba e ouça a minha palavra, a lição vai ensinar-se por si mesma.

– É mesmo?

O lampejo do relâmpago voltou à testa de Zeus, e seus olhos se estreitaram em suspeita.

– Isso, também, você planejou, não é? Parece um estratégia excessivamente complexo para uma recompensa tão pequena.

– Envergonhar o meu irmão nunca foi meu objetivo – Atena disse.

E isso também era verdade, absoluta e inconfundível. O plano de Atena nunca foi humilhar seu irmão. Desde o incidente de Kratos em seu templo na aldeia, ela havia entendido outra verdade, que o resto do Olimpo apenas começara a vislumbrar: Ares era mais do que teimoso e desobediente, muito mais do que brutalmente ambicioso e sanguinário.

O Deus da Guerra era insano.

* * *

DO OLIMPO DESCEU a Deusa da Sabedoria e da Guerra. Cada passo causava um novo canto dos pássaros. Logo as melodias doces das aves tornaram-se uma torrente de água batendo contra as margens rochosas. A água marinha enevoava seu rosto e formava gotículas em seu cabelo, como constelações de diamantes estrelados. Sua armadura de bronze brilhava no cintilante sol dos trópicos.

Quando ela finalmente parou, postou-se em uma linha certa que se esticava para os lados, mais longe do que mesmo um deus poderia enxergar. O mar sem fim à sua frente ergueu-se no horizonte distante.

– Ó poderoso Senhor das Profundezas, a Deusa da Guerra gostaria de falar com você – disse ela. – Preste atenção ao pedido de meu pai e ouça a minha

palavra.

Atena esperou. Seria um insulto deliberado? Poseidon ainda estaria chateado com ela por conta da destruição de Troia? Ou era o fruto de um rancor anterior? Ela nunca se dara particularmente bem com o Rei do Oceano, desde que rivalizaram pela nomeação do que era hoje a cidade de Atenas.

Talvez ela devesse ter trazido um presente.

Finalmente, o oceano começou a borbulhar no horizonte distante. A formação de espuma correu em direção à costa onde Atena estava e, um instante depois, um vasto jato de água rugiu para encontrar o mar no céu infinito. Equilibrado no meio da coluna montanhosa de água estava Poseidon, os braços musculosos cruzados sobre o peito espesso. Sua coroa era coberta de crustáceos, e de seu tridente pingavam sangue e entranhas.

– Eu trago os cumprimentos do Olimpo, Senhor Poseidon – disse ela, curvando-se profundamente.

– Eu não tenho tempo para você, Atena.

O Senhor do Mar fez um gesto brusco por cima do ombro, com o tridente.

– Meus negócios me levam muito além dos Pilares de Hércules.¹

Atena assentiu com simpatia.

– Atlântida de novo?

– Aquelas pessoas são um problema sem *fim* – Poseidon murmurou.

– Sua paciência com eles é admirável.

– Admirável, talvez, mas a irritação é uma lâmina que talha minha paciência perigosamente curta. Meu irmão pediu que escutasse a sua petição. Por respeito a ele, eu ouço.

O deus do mar se inclinou em direção a ela.

– Brevemente.

Atena levantou uma mão aberta.

– Que não haja sangue ruim entre nós, meu tio. A nossa contenda deveria ser diminuída pelo tempo, não deveria? Não era tão significativa para que suas feridas ficassem inflamadas até hoje.

Poseidon levantou-se a uma altura ainda maior e empunhou o tridente na direção de Atena.

– Aquela cidade deveria ser *minha!* Eu quebrei a rocha sobre a qual a Acrópole se assenta e...

– E uma nascente irrompeu, de fato, mas de água salgada – Atena disse simpaticamente. – Devo ser culpada pelo povo da cidade preferir minha oliveira à sua fonte de água salgada?

O deus do mar falou carrancudo:

– Atenas é um nome *terrível* para uma cidade.

– Poseidia seria mais melodioso – ela admitiu. – Se o meu tio amado puder ser apaziguado por um gesto mais *substancial*, gostaria de lembrá-lo de que os atenienses – graças à patronagem do meu generoso senhor e tio – são os maiores velejadores em todo o mundo conhecido. Sua força está em sua marinha, e eles fazem honras ao Senhor do Oceano todos os dias.

– Bem... – Poseidon resmungou, o som das ondas quebrando contra um penhasco desprotegido. – Suponho que seja verdade. Vamos deixar nossas divergências para trás, minha sobrinha. Que transação traz você neste dia ao meu litoral sem fim?

– Meu tio e senhor, vim pedir desculpas pelo insulto mortal de meu irmão à sua soberania.

– O quê? – as sobranceiras de espumas do mar de Poseidon se juntaram, e o chão debaixo dos pés de Atena deu um aviso barulhento. – *Qual irmão?*

– Ares, é claro. Que outro deus seria atrevido o suficiente para incitar a sua raiva?

– Além de você mesma?

– Eu sei que ultimamente você tem se preocupado com Atlântida – o que é a única explicação conveniente para permitir que os monstros de Ares enxameiem seus mares sem contestação.

– Enxameiem meus...

Seu olhar foi para um local distante, e o que sua visão deífica encontrou levou-o a arfar como uma baleia.

– Uma Hidra? No meu Túmulo dos Navios! O *descaramento*. Eu disse a Zeus, *mais* de uma vez, ele é *muito* tolerante com seus filhos! Ares deveria ter

passado uma era inteira do mundo ao lado de Sísifo! Eu não sou tão indulgente como meu irmão. Eu vou esmagá-lo! Onde está ele? Onde?

– Longe de seu reino, meu senhor e tio – a salvo em um distante deserto.

Poseidon rugiu, ergueu os punhos, e todo o mundo tremeu.

– Eu sou chamado Tremedor de Terras por nada?

– Meu senhor e tio, por favor! – Atena gritou. – Não deixe seu furor recair sobre ele diretamente! Não há vergonha em ser superado pelo grande Poseidon, imperador de dois terços de tudo o que existe. Nenhum deus menor pode enfrentar qualquer um dos reis irmãos. Se você realmente deseja punir Ares, você deve ferir seu *orgulho*.

Os tremores desapareceram.

– Há verdade nisso – admitiu Poseidon. – Mas qual é a melhor forma de fazê-lo?

– Mostre a todos os deuses que até mesmo um mero mortal pode superar os planos de Ares e derrotar seus desejos – Atena disse com casualidade estudada.

– Sim, isso sim – Poseidon disse. – Mas que mortal? Hércules? Ele não está ocupado em algum lugar de Creta? Pirítoos está no Hades, Teseu é velho, e Perseu... quem sabe o que ele tem feito? Eu não acho que ele seja confiável.

– Há outro – disse Atena, obrigando-se a não mostrar qualquer sinal de emoção. – O senhor meu tio ouviu falar de um mortal em particular, chamado pelos homens de Fantasma de Esparta? Seu nome é Kratos.

O grande Poseidon inclinou-se na direção dela, interessado.

– O Punho de Ares?

– Não mais. Agora o Fantasma de Esparta *me* serve. Você não participou do Desafio dos Deuses da Guerra?

Ele assentiu lentamente, lembrando.

– Sim, sim, claro. Tinha apagado de minha mente – o destino dos exércitos da terra significa pouco para o mar.

– Kratos havia renegado o serviço a Ares mesmo antes de eu tê-lo ganhado no desafio, assim como o resto dos exércitos da humanidade.

– Oh, sim, eu me lembro, agora que você mencionou – tem algo a ver com

aquele pequena vila e o seu templo, que Kratos saqueou, não foi?

– Sim, tio. E, para Kratos, foi um horror além da imaginação. Isso o persegue até hoje.

– Então, esse Kratos é o mortal que você tem em mente?

– Sua percepção é justamente lendária, meu tio e senhor. Ares odeia Kratos com tal paixão que mesmo os deuses mal podem compreender, e apenas um sonho distante de vingança contra o Deus do Morticínio mantém Kratos lutando. Não poderia haver maior vergonha para Ares do que ser frustrado por Kratos.

– Como um mero mortal pode ter esperança de subjugar as legiões de Ares?

– Somente as Moiras saberiam – Atena disse, um cintilar iluminando seus olhos acinzentados –, eu tenho uma ideia...

1 No livro e no *game* os autores optaram por usar o nome Hércules, a versão romana da alcunha do semideus grego Hércles. (N. E.)

Por horas, Kratos lutou através do Túmulo dos Navios.

As Lâminas do Caos inflamadas em constante movimento, subindo e descendo, flagelando extensões extremas com suas inquebráveis correntes, cortando a carne podre e os ossos quebradiços e amarelados dos legionários mortos-vivos, destruindo as escamas das cabeças da Hidra, perfurando globos oculares, decepando línguas e rasgando gargantas. Elas partiam e retalhavam, apunhalavam e perfuravam, e todo o tempo elas queimavam com uma chama sobrenatural, como se os fogos infernais da forja do Hades se libertassem de suas bordas para carbonizar as vidas de todos que tocassem.

Kratos queimava com o mesmo fogo. Cada pedaço de vida de qualquer criatura que as Lâminas retalhavam corria de volta para as correntes fundidas com os ossos de seus pulsos. As vidas roubadas carregavam o seu corpo e inundavam a sua mente com inesgotável fúria. Se ele não estava matando, era só porque estava procurando por mais vítimas. Ele nunca parou.

Ele sequer se abrandou.

As lâminas não podiam ser quebradas, não podiam ser cortadas ou embotadas. Mesmo o sangue preto e a carne putrefata que poderiam ter coagulado e se encrostado nas lâminas e nas suas correntes simplesmente desapareciam, consumidos pelo fogo sobrenatural. Kratos correu de navio a navio, equilibrando-se pelas vigas flutuantes sobre o mar turbulento com o frenesi de tubarões abaixo, que lutavam por migalhas das suas vítimas. Os barcos turvaram-se em um pesadelo sem fim de labirintos de plataformas e mastros, velas e redes de carga, e sempre havia o fluxo interminável de mortos-vivos estúpidos atacando com a mesma sede maniaca de sangue, e mais harpias arremetendo e mergulhando e se lançando sobre ele com suas garras sujas de excrementos.

Ele já não sabia se estava se movendo em direção ao navio mercante que havia seguido até esse inferno aquoso ou se corria para o lado oposto. Ele não se importava. Ele não pensava sobre isso, ou sobre qualquer outra coisa. Ele se atirou em seu trabalho com o abandono alegre de uma bacante e perdeu-se na pureza do abate incontrolável.

Ele matava. Ele estava contente.

Ele continuou lutando até que o seu caminho foi novamente bloqueado por outra cabeça emersa de Hidra. Cada uma que ele enfrentava era ainda maior do que a anterior. Quando essa grande besta abriu sua mandíbula larga para urrar, Kratos poderia ter sido tragado para um túnel escuro e úmido de saliva. Tudo o que ele podia ver era a boca enorme, escancarada e duas vezes maior do que seu corpo, e seus dentes amarelados e afiados em sua frente. Ele levou as mãos atrás

de seus ombros e agarrou os punhos das Lâminas do Caos.

A Hidra avançou, em uma onda sinuosa de seu aparentemente interminável pescoço. Kratos se esquivou, driblou os dentes afiados, e chicoteou as correntes que prenderam as Lâminas do Caos em torno do pescoço grosso. Músculos saltados com o esforço, ele apertou seu controle da arma, torcendo os laços cada vez mais estreitos, estrangulando a criatura com suas correntes. O monstro urrou em fúria e o chicote rasgou seu pescoço, para então soltá-lo, ainda sacudindo. As correntes derraparam, e as escamas da besta raspam seus braços, que se transformaram em um pântano sangrento.

Kratos chutou forte, se contorceu e virou-se, usando suas correntes como um cinto de alpinista para forçar seu caminho de volta até o pescoço. Mas seu próximo passo veio no instante errado. Como o monstro teve um novo espasmo, a força de seu próprio pontapé fez Kratos ser lançado para longe, girando livre das correntes – e a Hidra o abocanhou no ar como um sapo capturaria uma mosca descuidada.

As mandíbulas da Hidra o seguraram, os dentes como espadas cortando os antebraços de Kratos. Um outro herói teria tido ambas as mãos decepadas, mas as correntes fundidas com seus ossos não poderiam ser quebradas seria pelo próprio Deus da Guerra. Cerrar a mandíbula em uma mordida mais apertada só lascou os dentes da criatura, mas a Hidra não deu sinal de que iria relaxar.

Enquanto lutava, Kratos percebeu que esse monstro podia enviá-lo para o abraço do Senhor Hades. Esforçando-se, ele tentou livrar os braços do esmagamento das mandíbulas da Hidra; em seguida, parou e olhou freneticamente para o redemoinho do mar. Tubarões mordiam-se uns aos outros – e aos pés de Kratos. A dor aguda de ser mordido nas pernas por um enorme tubarão obrigou-o a lutar em duas frentes.

Decidir qual era a ameaça mais imediata fez com que um nó se formasse em sua barriga. A morte acenava através dos tubarões sedentos de sangue e da Hidra.

Incapaz de libertar seus braços, Kratos levantou as pernas, deixando-as longe do alcance dos vorazes tubarões, e tentou encontrar um apoio para alavancar-se. A dor irradiava ao longo de seus braços, onde as mandíbulas da Hidra apertavam com força o bastante para quebrar os seus ossos até os ombros. Grunhindo com o empenho, ele tentou extrair os dentes – mas conseguiu apenas afundá-los mais profundamente em sua carne.

Quando a Hidra começou a revirar a cabeça, balançando Kratos como um rato preso nas mandíbulas de um cão de caça, ele viu sua oportunidade. Um chute de Kratos poderia balançar um navio de guerra para longe de sua doca. Ele se dobrou, trazendo os joelhos sob seus braços imobilizados. Quando suas grevas

e sandálias começaram a rasgar a face da Hidra, a criatura só pôde rosnar de dor e raiva.

Kratos chutou mais forte, mais rápido. O desespero o conduzia agora. Seus braços se tornaram frios, insensíveis, sem sangue. Ambos os pés trabalhando como se ele estivesse golpeando a besta com os punhos. Um chute oportuno atingiu o olho da Hidra, fazendo com que o bramido da criatura se tornasse um urro de dor, que liberou os braços de Kratos e o jogou para cima, alto no ar. Enquanto Kratos atingia o topo de seu arco, a Hidra tensionou-se em direção a ele, abrindo sua bocarra larga para pegá-lo como uma guloseima casualmente atirada.

Em um único instante, Kratos tanto temeu quanto exultou.

Enquanto caía, ele retornou as Lâminas do Caos com um suave movimento, repousando-as nas suas costas. Ele se enrolou como uma bola apertada e permitiu que a boca da criatura se fechasse em torno dele – mas, antes que ela pudesse engoli-lo, plantou os pés contra a mandíbula da Hidra, apoiando as costas contra os sulcos viscosos do vasto palato duro, e empurrou.

O maxilar da criatura começou a se abrir. Kratos estendeu-se como Hércules, quando este levantou o céu dos ombros de Atlas. A Hidra empenhou-se com toda a sua força monstruosa para morder de novo, mas, quando o Fantasma de Esparta estava empenhado, não havia poder na terra que pudesse esmagá-lo.

Forçando as pernas à máxima extensão, Kratos comprimiu suas mãos acima de seus ombros e continuou a forçar a abertura da boca da Hidra somente com a força dos seus braços poderosos. Um estalo como da quebra de um mastro principal veio da dobradiça do maxilar do monstro, mas Kratos não cedeu. O medo se foi, substituído por um triunfo frio. Com um grande impulso, ele esticou os braços acima da cabeça, e agora o som não era de um estalo, mas de um esmagar, um rugido e um *r-r-rasgar* de couro molhado quando a mandíbula da Hidra se despedaçou e suas bochechas racharam em pedaços.

A Hidra estremeceu e Kratos chutou para a liberdade, pulando no convés do navio mais próximo. O interminável pescoço e a gigante e destruída cabeça deslizaram de volta para baixo das águas escuras do mar Egeu, que agora se agitava e borbulhava ainda mais, enquanto os tubarões vorazes que circulavam experimentavam o gosto do sangue da Hidra. Da última vez que Kratos olhou, os tubarões lançavam-se como corvos na boca da Hidra, arrancando pedaços sangrentos de sua língua oscilante. Para eles, não importava se a carne que jantavam era humana ou de um monstro. Vorazmente, eles rasgaram o rosto da Hidra, arrastando-o abaixo da turva superfície.

No entanto, mesmo a cabeça imensa não era suficiente para todos os tubarões. Centenas – milhares! – circulavam sem parar, batendo o mar com suas

caudas, cada um esperando a sua refeição.

Kratos ficaria feliz em prover comida para seus aliados involuntários. Aos seus pés, seu sangue coloria a água que escorria de suas pernas. Capturar um tubarão ou dois sobre as rebarbas das Lâminas do Caos roubaria vida o suficiente para fechar esses cortes menores. Ele agarrou o parapeito e se levantou no remanescente de que inclinado – mas quando ele puxou as lâminas, os tubarões se apressaram. Eles descobriram um novo banquete.

Literalmente.

Onde quer que olhasse, tubarões flutuavam, seus olhos negros fixos, encarando. Alguns começavam a inchar e outros tiveram suas tripas estouradas, e os tubarões que enxameavam os mortos para atacar a carne envenenada logo foram mostrando as suas próprias barrigas para o céu.

Comer uma Hidra era tão fatal como ser comido por uma.

Ele levou um momento para examinar o casco de navio estilhaçado em que estava, buscando por um barril, um balde, qualquer coisa que pudesse ser impermeável. Mesmo uma cesta virada poderia ter capturado água da chuva suficiente para saciar sua sede ardente, mas não havia nenhuma gota a ser encontrada, nem no convés nem na cabine mais baixa que ele podia alcançar. Então ele viu o barril perto do leme, com água para o timoneiro. Kratos caminhou até ele e meteu a cabeça na água para beber profundamente.

Ele deu um solavanco para trás e cuspiu, a bile subindo em sua garganta. A água salgada queimou sua boca. Ele cuspiu novamente, desta vez adicionando uma maldição.

– Que os oceanos virem pó! Eles não poderiam ter um gosto pior do que esse!

Mas, enquanto essas palavras deixavam os seus lábios, uma luz sobrenatural brilhou das profundezas invisíveis do porão afogado no qual ele estava. Onde antes só havia um anteparo manchado e apodrecido, agora havia um arco de alabastro e pérola, maior que o dobro da altura de Kratos e mais largo do que ele poderia medir com os braços. Esse arco emoldurava um rosto grande, brilhante como o sol refletido em um mar calmo, o rosto de um homem cuja barba era feita de espuma do mar e cujo cabelo era um trançado de brilhantes algas pretas.

– *Você tem tão pouca consideração com o meu domínio, Kratos?* – a voz brandamente repreensiva retumbou como maré quebrando em uma caverna crivada no penhasco. – *Há dez anos você navega meus mares em suas buscas, sem naufrágio ou tempestade – isso não é evidência de minha consideração por você?*

– Senhor Poseidon – o tom de Kratos era respeitoso, mas ele não abaixou a cabeça. – Como posso servir o Rei do Oceano?

– *Essa Hidra que assola meu lindo Egeu é uma criatura de seu antigo mestre, Ares. Sua existência é um insulto. Eu gostaria que você a destruísse.*

– É o que eu planejo.

– *Saiba que, até agora, você apenas arranhou essa monstruosidade – suas cabeças secundárias, tais como aquelas que você destruiu, são numerosas. A Hidra mal percebe a sua perda.*

– Então, como posso matá-la?

– *Você deve destruir a cabeça-mestra – aquela que detém o cérebro da criatura. A cabeça-mestra é dez vezes o tamanho das outras, e seu poder é quase ilimitado.*

Kratos não se preocupou com seu poder.

– Como faço para encontrá-la?

– *Eu vou levá-lo até lá. E para ajudá-lo em sua tarefa, vou lhe emprestar uma pequena fração do meu próprio poder.*

Kratos tinha a sensação de que o deus do mar não veria uma recusa com bons olhos.

– Que tipo de poder?

– *Você sabe como minha raiva faz com que a terra trema, e minha fúria gera tempestades em que nenhum navio pode sobreviver. Passe pelo arco onde você vê a imagem do meu rosto, e eu vou lhe conceder um poder além de qualquer outro que você já conheceu, você vai comandar um fragmento da minha cólera.*

Seja qual for a Cólera de Poseidon, não poderia ferir mais do que as correntes das Lâminas do Caos queimadas em seus braços.

– Tudo bem – disse ele. – Vamos matar essa besta.

* * *

ENTRAR NO ARCO TROUXE um clarão ofuscante e a sensação de seus ossos estarem queimando, de dentro para fora. Sair pelo outro lado deixou Kratos em uma penumbra úmida que cheirava a suor e urina. O lento rolar do chão lhe avisou que ele ainda estava a bordo de um navio. Quando seus olhos se ajustaram

à escuridão, ele pôde visualizar as formas do que parecia ser uma carga sendo amarrada em ambos os lados da embarcação. A frente, ele ouviu uma voz soluçante – um homem, chorando como uma criança, pedindo para ser posto em liberdade.

Kratos se moveu em direção à entrada do corredor em que um batalhão se agachava. Gritos vinham de cima, e ele suspeitava que o deus do mar havia mantido a sua palavra. Luzes se reuniam em um arco à frente, e, quando ele se aproximou, descobriu que o que, na escuridão, parecia ser carga eram, na verdade, pessoas – pessoas doentes ou famintas ou sedentas demais para até mesmo se mover.

Na nova luz, Kratos viu o brilho esverdeado dos grilhões de bronze que estavam nos tornozelos dessas pessoas e reavaliou sua própria avaliação. Essas pessoas eram a carga.

Era um navio de escravos.

Kratos assentiu consigo mesmo. A existência dos escravos significava definitivamente que haveria água doce nas proximidades – escravos eram demasiado valiosos para ser autorizados a morrer de sede. Alguns deles conseguiram se levantar o suficiente para pedir-lhe misericórdia enquanto ele passava. Kratos os ignorou. Perto do arco, um escravo estava atado a algum tipo de posição punitiva – seus pulsos estavam algemados e pendurados em uma corrente curta afixada no teto. A corrente era longa o suficiente apenas para que seus dedos roçassem no convés, enquanto o navio balançava. Ele soluçou com voz fraca e entrecortada:

– Por favor... por favor, não me deixe aqui... por favor...

Enquanto Kratos se movia em direção a ele, o soluçar do escravo se transformou em gritos.

– Por todos os deuses, eu imploro... por favor!

Kratos parou ao lado dele.

– Se eu ajudar, você vai ficar quieto?

– Oh, abençoado seja... que todos os deuses abençoem esse homem bom e gentil...

A voz do escravo foi sumindo, quando ele finalmente conseguiu focalizar os olhos em seu presumido salvador.

– Você! – sua voz estava engasgada de medo. – O Fantasma de Esparta... eu sei quem você é! Eu sei o que você fez! Eu prefiro morrer aqui do que ser

salvo por você!

Kratos empunhou uma das Lâminas do Caos e, com um metódico movimento do pulso, cortou a cabeça do escravo.

– Suas preces foram atendidas.

O escravo já estava tão perto da morte que a lâmina só canalizou a menor centelha de vida. Kratos olhou para trás, para o porão de escravos, pesando a possibilidade de ganhar mais força e se curar por abater todos – mas eles estavam tão fracos que os matar daria mais trabalho do que suas vidas valeriam a pena.

Kratos seguiu em frente. Para além da câmara com os escravos estendia-se uma ampla escada de escotilha revestida com portas. Os gritos de cima foram se esvaindo, e um coro de urros ensurdecedores que fizeram todo o navio tremer advertiam que havia mais do que uma Hidra lá em cima. Quem quer que estivesse lutando contra parecia estar perdendo. Kratos olhou em volta para tentar encontrar alguém para matar em seu caminho; ele precisava de toda a energia que pudesse obter.

O par de portas perto do fim da escada eram diferentes das outras. A madeira maciça e reforçadas com ferro preto, elas pareciam fortes o suficiente para que até Kratos tivesse dificuldade de rompê-las – enquanto ele considerava isso, as correntes da lâmina começaram a aquecer, produzindo fagulhas com picadas desagradáveis. Ele sacou uma das lâminas e empurrou-a contra a porta a sua frente. Uma chuva brilhante de energia espirrou por cima dela, e a lâmina não atingiu as madeiras. A energia piscou por mais tempo em torno de uma ranhura profunda da madeira – um bloqueio. Um bloqueio mágico.

Kratos assentiu consigo mesmo. Então: um par de portas não só fortes como uma fortaleza, mas seladas com ligações mágicas e fechaduras místicas e sabe-se lá mais o quê. Que tipo de “tesouros” pode um comandante de navio de escravos manter dentro de tal cofre? Algo além de ouro espalhafatoso deve estar protegido por trás dessa porta. O que quer que fosse, poderia ser útil.

* * *

O CONVÉS PRINCIPAL PARECIA um matadouro, onde o extermínio ainda estava acontecendo. Para onde quer que Kratos olhasse, marinheiros lutavam com legionários mortos-vivos ou tentavam afastar as cabeças da Hidra com longas lanças. Toda madeira a bordo do navio estava escorregadia de sangue, ou untada com carne podre de mortos-vivos, ou ambos. Esse abatedouro fedorento de gritos, pânico e desespero levou Kratos de volta aos seus dias de juventude, para os ataques em que ele comandou seus companheiros espartanos, em um tempo muito distante, antes que ele jurasse seu serviço a Ares.

Claro, não havia tantos soldados mortos-vivos naquela época. E a Hidra era apenas uma história de ninar espartana – porque mesmo que Hércules fosse, por conta de um acidente de nascimento, apenas um tebano, ele também fez-se um herói de Esparta, restaurando o poder ao seu legítimo rei, Tíndaro.

Kratos dirigiu-se ao convés, as Lâminas do Caos em prontidão. Os mortos-vivos, ele simplesmente ignorou; os marinheiros ou lidariam com eles ou proporcionariam diversão suficiente para mantê-los ocupados. Kratos só tinha olhos para as três cabeças da Hidra que atacavam o navio como um time.

As cabeças menores de ambos os lados eram ainda maiores, com o dobro tamanho de qualquer uma que ele tivesse enfrentado até então – e elas eram anãs perto da inconcebível majestade da cabeça-mestra. Erguendo-se sobre um pescoço sinuoso, maior que o mastro principal, a cabeça-mestra era larga o suficiente para engolir todo o navio em um único gole, e seus olhos queimavam com uma lúgubre luz amarela interior. As cabeças secundárias trançavam e golpeavam como víboras, mantendo os marinheiros armados com lanças na baía.

– Você é um deus? – a voz veio de trás dele. – Você parece um bocado com um deus. Nós podíamos usar um deus.

Kratos se virou. Agachado atrás de uma roda enrolada nas correntes de uma âncora, um marinheiro o espreitava através de seu olho bom; seu outro era um soquete vazio dividido ao meio com uma cicatriz que lembrava a da sobrelanceira de Kratos. O olho remanescente do marinheiro balançava como a maré, como se ele não pudesse decidir para onde olhar.

– Seu capitão – Kratos disse. – Onde ele está?

– O que você quer com ele?

– Sua rendição.

Kratos lançou um olhar desdenhoso para o massacre no convés.

– Esta é a minha embarcação agora. Como vocês a chamam?

– *Lamento dos Deuses* – veio a resposta. – Você acha que pode tomá-la?

– Eu já a tenho – disse Kratos. – Ela será chamada *Vingança*, e é minha.

– Que os deuses sorriam para isso, se não acabarem contigo por arrogância!

Kratos estreitou os olhos para o marinheiro. O homem era louco? Quem se atreveria a questionar o Fantasma de Esparta em sua frente? Então ele tomou a túnica imunda do marinheiro e o odre manchado de vinho do convés e percebeu

que o homem estava bêbado demais para realmente vê-lo.

– Seu capitão – Kratos repetiu. – Eu não vou perguntar de novo.

O marinheiro bêbado acenou com a mão trêmula.

– Lá. No mastro. O cara com a chavona em volta do pescoço. Tá vendo?

– O que está de joelhos?

– Um-hum. De joelhos. É ele.

Os lábios de Kratos frisaram-se em desprezo.

– Implorando por misericórdia?

– Rrrrrezando – o marinheiro o corrigiu. – Rezando pra Poseidon... pra salvar o navio da Hidra...

– Sua oração foi respondida.

O marinheiro arregalou os olhos para ele.

– Cê vai salvar a gente?

– Não, eu vou salvar o navio.

Kratos virou-se para a luta, a vasta cabeça-mestra mergulhava em direção à base do mastro principal e fechou-se sobre o capitão ajoelhado. Em um instante, o capitão se foi – engolido vivo –, e sua chave com ele. A cabeça-mestra levantou-se, soltando um rugido de triunfo que reduziu as velas do navio a trapos.

Kratos estava impávido. Com uma garganta longa como a da Hidra, a deglutição poderia tomar um período de tempo considerável.

As três cabeças estavam muito próximas umas das outras para ele atacá-las individualmente. Se ele fosse direto para a cabeça-mestra, ele teria de se defender dos ataques das cabeças secundárias. Ir atrás de uma das cabeças secundárias exporia sua retaguarda para as mandíbulas titânicas da mestra. Se ele não podia exterminá-las uma por vez, ele mataria todas de uma vez.

Ele lançou-se pelo convés como se tivesse sido atirado de uma catapulta.

A cabeça mais próxima avançou contra ele como se para expulsá-lo para fora do convés. Kratos saltou sobre o pescoço do monstro, cortando-o de cima para baixo com uma das lâminas. Ela talhou o osso e encravou-se na junção entre o crânio e um chifre; a corrente agarrou apertado como um cabo de

reboque e puxou Kratos lateralmente, em um giro. Ele deixou a cabeça balançar até que a corrente envolvesse toda a volta do seu pescoço, deixando-o em pé no topo do crânio. Mais rápida do que o pensamento, a outra lâmina encontrou sua mão; então, juntos, eles furavam profundamente os olhos do monstro. Cortes precisos pintaram as lâminas com a massa gosmenta do humor vítreo e deixaram a cabeça cambaleando às cegas.

Uma sombra ameaçadora reuniu uma negra escuridão ao seu redor. A cabeça-mestra atirou-se para baixo como um falcão do tamanho de uma casa. Kratos levantou-se e esperou. As enormes mandíbulas da cabeça-mestra ficaram abertas demais para arrancá-lo da cabeça secundária com alguma precisão – especialmente porque a cabeça secundária ainda estava chicoteando de lado a lado, cada vez mais rápido, tentando tirar Kratos dela – e assim a cabeça-mestra fez exatamente o que Kratos havia antecipado.

Aquelas gigantescas mandíbulas se fecharam por completo em torno da cabeça secundária, e os dentes cravaram-se como uma galé de guerra, cortando as escamas blindadas do pescoço, tentando deslocar a cabeça secundária e engoli-la – e a Kratos – por inteiro.

Mas Kratos sabia muito bem o quão dura a pele escamosa da Hidra era. Houve tempo suficiente para ele escorregar entre os grandes dentes enquanto a cabeça-mestra começava a morder e sacudir a outra cabeça, como um lobo que arranca as ancas de um cervo. Kratos cravou uma das lâminas na gengiva inferior da mestra e usou a corrente para balançar-se sob o queixo da criatura. Lá, ele investiu contra as escamas com a segunda lâmina, enquanto rasgava a carne com a primeira, para soltá-la. A cabeça-mestra rugiu em uma dor súbita, deixando a cabeça secundária mastigada cair no mar.

Kratos começou a cortar o pescoço sob o queixo, onde a criatura não podia alcançá-lo. A cabeça secundária restante serpenteava para tentar chegar às costas de Kratos – mas, ao receber uma das Lâminas do Caos no nariz, optou por repensar essa estratégia. Com a lâmina dentada firmemente alojada na cavidade sinusal, puxá-la fez com que a criatura soltasse um grito de dor inteiramente diferente de tudo que Kratos já ouvira. Com isso, a cabeça-mestra, em vez de tentar rasgar Kratos ao meio com os dentes, bateu o pescoço contra o mastro principal, esmagando Kratos entre as suas escamas e a vara gigantesca.

A visão de Kratos escureceu. A cabeça-mestra segurou-o lá, inclinando-se para ele. O mastro rangeu de forma alarmante, assim como a coluna vertebral de Kratos – contudo, o mastro cedeu primeiro, rasgando-se e estilhaçando-se com um bramido.

A cabeça-mestra levantou-se novamente, e a cabeça secundária tentou desesperadamente se afastar, mas a lâmina no nariz estava alojada como um anzol – as tentativas de se afastar apenas faziam com que a lâmina penetrasse

mais profundamente. A outra lâmina estava igualmente ajustada na garganta da cabeça-mestra. As lâminas não se soltariam e não podiam ser quebradas assim como as correntes, nenhuma vinculadas aos braços de Kratos não podiam ser violadas por qualquer força terrena. Assim, quando a cabeça-mestra puxou para um lado e a cabeça secundária puxou para o outro, só havia uma coisa que ligava as duas que poderia ser quebrada.

Kratos.

Ele gritava em agonia, enquanto permanecia suspenso entre as duas cabeças que tentavam cortá-lo ao meio. Músculos amontoavam-se em seus maciços ombros, mas mesmo a sua força sobrenatural não era páreo para o poder titânico da Hidra. Em qualquer outro dia, Kratos teria morrido ali – mas a Hidra era uma criatura de Ares. E a perspectiva de ser morto por um servo de seu inimigo alimentava a ira de Kratos. Mais do que raiva. Mais do que fúria.

Isso o encheu com a cólera de um deus.

E, tal como quando entrou no arco onde se encontrou com Poseidon, ele sentiu como se seus ossos estivessem em chamas, queimando-o de dentro para fora. Relâmpagos brilharam em volta dele, fazendo o mundo desvanecer-se em uma imagem turva de um azul-escuro desbotado, e explodiram ao longo das correntes e para as lâminas. A carne em torno da lâmina incorporada ao pescoço da cabeça-mestra explodiu como uma panela de pressão deixada no fogo por muito tempo, espalhando talhos imensos de restos queimados.

A lâmina alojada na cavidade nasal da cabeça secundária teve um efeito ainda mais espetacular: quando as membranas internas detonaram, explodiram cacos de osso para fora dos olhos da Hidra, o que estourou os olhos cindidos da criatura. Fragmentos penetraram no que quer que a cabeça secundária usasse como cérebro; o pescoço entrou em colapso, e Kratos caiu para a plataforma lá embaixo.

Quando ele caiu, refletiu que a Cólera de Poseidon era mais útil do que havia imaginado. Ele caiu ao lado do estilhaço destruído do mastro principal. Um movimento leve com o pulso enviou uma lâmina para cortar o mastro, apanhá-lo e reverter sua direção em um impulso muito suave. A grande besta percebeu sua chegada e arqueou o pescoço, abrindo uma boca que poderia partir o navio ao meio.

Tendo determinado, para sua própria satisfação, que a gigante cabeça-mestra não era preenchida com um cérebro igualmente gigante, Kratos rotacionou para o que era agora o topo do mastro principal – uma ponta inclinada cheia de lascas afiadas, como um ouriço –, então girou as lâminas em torno de sua cabeça para capturar a atenção do monstro.

Ele esperou até que a cabeça-mestra atacasse em sua direção como uma

lua em queda, engolfando-o junto com vários metros de mastro. Mesmo antes de ser danificada, a madeira do mastro principal não era de modo algum tão dura como o pescoço da cabeça secundária da Hidra. Kratos sabia que a Hidra poderia cortá-la em uma rápida abocanhada. Então, mais uma vez no interior cavernoso cheio de gotejamento e lodoso da boca do monstro, Kratos liberou novamente a fornalha de fúria que queimava dentro dele.

A cabeça-mestra convulsionou quando a Cólera de Poseidon explodiu a parte posterior de sua boca em pedaços sangrentos. Kratos lançou uma lâmina para cima, para o fundo da cavidade nasal da Hidra; então lançou-se através de um volume incalculável de limo salgado, até alcançar a parte de baixo do crânio do monstro. Antes de a criatura parar de se debater, Kratos havia aberto o seu caminho para dentro do crânio. Três ou quatro hábeis chicotadas com as lâminas partiram o cérebro da Hidra em um mingau malcheiroso.

Ele voltou para dentro da garganta da Hidra. Ela ainda se retorcia e convulsionava um pouco, conforme o resto do vasto corpo que recebia gradualmente a mensagem de que seu cérebro estava morto. Kratos abriu caminho para baixo ao longo dos sulcos de cartilagem, até que a luz que emanava da boca aberta do animal começou a desvanecer – e ele ouviu uma voz fina, soluçando de modo fraco.

– Por favor... por favor, alguém... Poseidon, por favor...

Kratos cravou uma das lâminas em um feixe longo e estriado de músculo e usou a corrente para descer na obscuridade escorregadia. Lá, bem abaixo da última das luzes, Kratos enxergou uma forma escura. Ele empunhou a outra lâmina e a girou para acender um pouco de seu fogo, e à luz da lâmina ele viu o capitão.

– Oh, Deus o abençoe! Poseidon abençoe você e todas as suas jornadas – o capitão engasgou. – Que todos os deuses do Olimpo sorriam para você para sempre...

O capitão se agarrou desesperadamente a um anel de cartilagem. Seus pés pendiam sobre o que parecia ser uma queda abismal para o estômago da Hidra. E a tira fina de couro em volta do pescoço continha uma chave de ouro reluzente.

Kratos soltou um pouco mais a corrente, esticando-se para baixo com sua mão enorme. As lágrimas escorriam dos olhos do capitão.

– Abençoado seja você – ele repetia. – Abençoado seja por voltar para me resgatar!

A mão de Kratos fechou-se na tira de couro.

– Eu não voltei por você – disse ele, e deu um puxão rápido na tira de couro,

que se partiu em duas e rompeu a aderência do capitão à cartilagem. Seus gritos, quando ele escorregou, terminaram abruptamente, no momento em que ele caiu no estômago agitado da Hidra.

Quando Kratos voltou com a chave na mão para fora da boca da Hidra morta, ainda podia ouvir o capitão sendo digerido. Kratos parou pela base do mastro em que a cabeça-mestra fora empalada; algumas pancadas das Lâminas do Caos quebraram o mastro em sua raiz, e a grande besta deslizou para o mar e afundou para sempre da vista dos homens.

Kratos pesou a chave em sua mão. Esse havia sido um trabalho árduo para apenas abrir uma porta. Era bom que a luta tenha valido a recompensa.

Quatro

–Você deu a Kratos um pedaço de sua própria cólera!

O punho de Ares agarrou o punho de sua espada. Os músculos se retesaram em seu antebraço enquanto ele lutava para controlar sua raiva elevada.

– Para ajudar um mortal, contra sua própria *família*?

– Se uma outra vez você pensar em sujar meu reino com qualquer um dos seus monstros gerados por Tifão, eles serão destruídos.

A voz de Poseidon era tão fria e escura como as profundezas de seus mares mais remotos.

– E você, meu sobrinho, não é imune à minha retribuição. Meu irmão proíbe o assassinato entre os deuses, sim – mas não tente minha raiva, ou irá *desejar* ter sido assassinado por mim. Você entendeu?

Ares afrouxou a lâmina em sua bainha.

– As palavras não são armadura contra a lâmina de uma espada.

– Lembre-se disso, Deus da Guerra: eu sou o soberano dos mares. Qualquer um que entrar no meu domínio deve prestar honras a mim. Até mesmo os deuses.

Os dois deuses se encaravam com raiva acima da costa mediterrânea do Egito. Invisível aos olhos mortais, ambos estavam em altura suficiente para usarem o Farol dos Faraós como se fosse uma bengala.

Ares finalmente quebrou a silenciosa batalha de vontades.

– Nós não precisamos deste tipo de contenda.

– Sua Hidra...

– Minha Hidra, sim – disse Ares. – Mas perturbando os seus mares? Eu não envie a Hidra para o seu reino.

Poseidon piscou.

– É essa a verdade?

– Diga-me, meu tio e senhor. Quem trouxe notícias dessa Hidra a você? Intrigas daquela cadela Atena, eu aposto.

– Bem... sim – Poseidon admitiu. – Mas...

– E você sabia da presença da Hidra *antes* que ela corresse até aqui para induzi-lo a dar o seu poder para seu animal de estimação?

– *Induzir-me...*

– Você sabe que eu não frequento mais o Olimpo, não enquanto o meu pai continuar a ceder a cada fantasia mesquinha de minha irmã. Estando tão longe, eu às vezes não posso contestar suas mentiras antes que caiam em ouvidos crédulos.

O Deus da Guerra se inclinou para seu tio, tão perto que as chamas do seu cabelo extraíam vapor da barba do deus do mar.

– Pergunte a si mesmo, meu tio e senhor, pergunte a si mesmo somente isso. Por quê?

O deus do mar não respondeu, mas uma nuvem pensativa se reuniu em sua testa.

– Por que *eu* iria ofender a sua soberania? Por que *eu* iria sujar seus mares? O que eu poderia ganhar com isso?

– Para matar esse Kratos. Isso foi o que disse Atena.

– E se eu houvesse ordenado essa Hidra para fazer isso, por que eu a direcionaria para se esconder furtivamente no Túmulo dos Navios? Teria eu mera esperança de que Kratos encontrasse seu caminho para lá? – Ares bufou. – Eu não preciso convocar uma Hidra para eliminar Kratos. Ele é menos do que um verme. Quando eu quiser Kratos morto, eu vou esmagá-lo tão facilmente quanto um mortal pode apagar uma vela. Ele ainda vive apenas porque seu sofrimento me diverte.

– Mas... se não foi *você* , quem infligiu a Hidra no meu reino...

– Eu não pretendo acusar – disse Ares. – Mas quem ganhou com esse encontro? Quem fez você virar seu rosto majestoso de mim? Quem o defraudou de poder simplesmente para bajular algum verme mortal?

Poseidon recuou um pouco e olhou para seu sobrinho bélico.

– Eu não posso tomar de volta a cólera dada a Kratos.

– Isso eu sei muito bem – disse o Deus da Guerra. – Um deus com senso de honra nunca tiraria o que foi dado. Mas eu não estou pedindo. Eu estou aqui, meu tio e senhor, só por respeito a você. Eu sei que você ainda tem uma certa...

afeição pela cidade de Atenas.

– Aquele lugar – o deus do mar bufou.

– Zeus proíbe a batalha direta entre os deuses – mas, como você tão recentemente preveniu-me, há *outras* formas de retribuição. Meus exércitos marcham em direção a Atenas neste exato momento.

– Por que vem a mim?

– Como cortesia, tio. Eu sei que uma vez você pensou ter essa cidade como sua. Caso seja sua vontade, vou deixar Atenas em pé, sem sequer um arranhão. Se, de fato, você decidir que Atena falou somente verdade, e eu somente mentira, eu não protestarei. Eu não sou, como todos os Olímpianos sabem, nem de longe tão bom mentiroso como a minha irmã.

Poseidon respirou fundo, tão profundamente que mudou as correntes do Mediterrâneo para o norte até Creta. Finalmente, ele disse:

– Eu não sei qual de vocês está me enganando ou se ambos estão. Mas... aquela *cidade* não é problema meu. Queime-a até o chão e salgue a terra, eu não me importo.

E com o rugido de um vendaval, ele se foi.

Os lábios cruéis de Ares se retorceram para formar um sorriso por trás de sua barba de chamas.

– Eu irei, tio. Farei exatamente isso – disse o Deus da Guerra, e seguiu os ventos em direção a Atenas.

* * *

EM SEUS APOSENTOS SOBRE o Olimpo distante, Atena tracejava a mão na piscina de vidência que usava para espionar seu irmão. Ela deu um tapa no líquido tingido de ambrosia como se pudesse alcançar através dele e atacar Ares e Poseidon. E quando ela parou e fez uma pausa para ouvir, ela podia escutar os gritos fracos de seus adoradores, muito abaixo, em Atenas, suplicando por sua misericórdia e apoio enquanto as legiões monstruosas de Ares adiantavam-se ao longo do horizonte; e o Deus da Guerra em pessoa cavalgava entre eles, ordenando-os para a batalha.

E com Ares em campo, a palavra de Zeus a impedia de responder a esse perigo pessoalmente. Seus lábios diluíram-se em uma linha enquanto sua raiva aumentava. Poseidon não tinha motivos para virar-se contra ela dessa maneira. Pelo menos o seu tio não apoiava Ares ativamente. Talvez...

Sim. Ela ainda podia usar isso em sua vantagem.

Sem a interferência de Poseidon, Kratos poderia navegar até a sua cidade sitiada em questão de dias. Colocar Kratos novamente na posição de frustrar os planos de Ares pareceu uma solução equitativa, contudo, os dias que sua viagem exigiria poderiam muito bem ser os dias em que a sua cidade cairia. Como Ares faria seus adoradores sofrer!

Athena saiu apressadamente de suas câmaras para o Átrio da Eternidade, no qual ela caminhava sincopadamente até atingir a ramificação que buscava. Ao longo desse corredor, ela caminhava com mais cautela, pisando suavemente enquanto o mármore dava lugar a gramíneas finamente cortadas. Cervos mordiscavam hera na periferia de sua visão, e logo ela chegou a uma clareira arejada, trancada em verão perpétuo. Athena ficou perfeitamente imóvel, esperando para ser reconhecida.

Ártemis não gostava de ser assustada, e seu arco nunca errava.

Logo, um farfalhar de folhas veio de um arbusto de murta nas proximidades. A deusa Ártemis adiantou-se, repentinamente visível, como se tivesse se materializado no espaço. Com seu arco pendurado sobre o ombro e uma aljava em sua cintura, ela indubitavelmente se parecia com uma Caçadora dos Deuses.

Athena baixou a cabeça formalmente.

– Saudações, Ártemis, minha irmã.

A caçadora apenas a observou com curiosidade. Ela nunca teve muito apego à formalidade.

– Eu esperava pelo meu irmão gêmeo.

– Apolo está por perto? Eu gostaria de lhe dar as boas-vindas. Os assuntos são graves, e a sabedoria do Deus da Luz seria bem-vinda.

Ártemis manteve o olhar curiosamente inexpressivo, como se Athena fosse um cervo que a deusa julgasse na linha de tiro.

– Mesmo minhas criaturas sabem da guerra de nosso irmão contra a sua cidade.

– Ares traz um exército de criaturas do submundo para a luta. Legionários mortos-vivos e arqueiros têm seu preço, mas os cidadãos de Atenas podem resistir aos seus ataques. As outras criaturas – os verdadeiros monstros – estão além dos poderes de meros mortais.

Ártemis deu uma volta em torno da outra deusa, estudando-a minuciosamente.

– Na caça – disse ela lentamente –, nós sabemos quem é o caçador e quem é a presa. Nessa simplicidade repousa a verdade. Entre você e Ares, nada é simples.

– Eu não estou pedindo para você escolher entre mim e o meu irmão. Eu não estou pedindo nada, minha irmã. Estou aqui apenas para entregar notícias melancólicas.

– Você se importa com algo naquela cidade além do nome que carrega?

O rosto de Atena esfriou como pedra. Ela havia esquecido de que as palavras de Ártemis assolavam com tanta severidade quanto suas flechas.

– Claro que eu me importo com meus mortais – disse ela. – Devo encontrar o que a concerne.

– Ares não é amigo. Suas legiões devastam minhas florestas, mas eu não posso opô-lo no campo de batalha. Zeus proíbe isso.

A mão de Ártemis agarrou seu arco, postou-o, encaixou uma flecha e disparou. A flecha cantou através do ar e encaixou-se no tronco de uma árvore.

– Ah, se eu pudesse mirar minhas flechas de caçador nele!

– Suas florestas – Atena disse suavemente. – Seus animais – todos serão presas para a legião de nosso irmão.

– Moradores de sua cidade – Ártemis disse, com um tom cortante em sua voz. – Aqueles que vivem em Atenas varrem minhas florestas também.

– Eles usufruem das florestas e dos animais – rebateu Atena. – Ares *destrói*. Seus mortos-vivos não comem para sobreviver ou para nos adorar. Eles deixam apenas extermínio em seu rastro.

– Uma abominação – Ártemis concordou.

– Minha cidade pode celebrar a vida selvagem – se sobreviver – Atena disse. – Meus adoradores admiram e respeitam você. No ano passado, por exemplo – Atena preparou o caminho –, o prêmio no Festival de Dionísio foi recebido por uma peça exaltando-lhe: *A Tragédia de Actéon, o Caçador*.

– Tragédia? – Ártemis disse. – Eu busco celebrar a vida.

Atena sempre pensou que transformar Actéon em um cervo e destruí-lo

com seus próprios cães de caça era um pouco excessivo para apenas um vislumbre da deusa enquanto ela se banhava – mas esse pensamento privado *permaneceria* privado; Atena não via nenhum lucro em partilhar isso.

– É uma pena – Atena disse cuidadosamente – que minha briga com Ares não possa ser resolvida com, uh, uma solução semelhantemente elegante.

– E por que trazer esse assunto a mim? Ares é tão imune às minhas flechas como à sua lâmina.

– Zeus nunca permitiria mesmo um tiro de raiva – Atena concordou. – No entanto, o exército de Ares marcha através de seus sagrados pomares, fora de Atenas. As criaturas imundas que ele comanda devastarão até mesmo o mais inofensivo de seus animais.

Atena levantou suas mãos na frente dela, as palmas juntas. Ela separou-as levemente e levou-as para cima, enquanto uma cena vívida formava-se no ar, entre ela e Ártemis.

– Tal morticínio...

Uma lágrima escorreu pela face de Ártemis ao avistar a destruição arbitrária.

Atena separou as mãos mais amplamente, e a cena flutuante cresceu em tamanho.

– O fluxo é conspurcado com sangue – sangue de seus animais. Ares não caça, não por comida ou por prazer. A morte é apenas uma satisfação passageira para ele. Não há habilidade nem graça, apenas abate interminável. Esse fluxo se tingiu de vermelho com o sangue de suas crias, alces, coelhos, mesmo os pássaros do ar.

A cena se expandiu para abranger uma grande parte das florestas a poucos quilômetros das Longas Muralhas, que protegem Atenas. As carcaças de cervos mutilados e raposas se estendiam até o limite da visão. Um ciclope movia-se pesadamente para a frente, balançando sua maça pesada descuidadamente. À esquerda e à direita, ele batia os crânios dos animais mortos uns nos outros, embora eles já estivessem mortos. Na trilha do ciclope vinham centenas de legionários amaldiçoados, e atrás deles marchavam arqueiros mortos-vivos.

– Nenhum mostra respeito pela floresta ou seus habitantes.

Atena fez uma pausa dramática.

– Seus *antigos* habitantes. Deixam para trás somente a morte, enquanto marcham para Atenas, uma cidade que honra a você e a mim.

– O exército de Ares fará o mesmo com os mortais – Atena continuou. – A próxima luta será entre os servos de Ares e os meus – mas você vê o resultado desse conflito. Eu iria preservar suas florestas e assegurar a sua santidade.

– Ares nunca faria isso. Ele não pediu permissão para atravessar meus prados e florestas.

– Ele está focado apenas em matar – Atena disse. – Não importa para ele o que seu exército destrói.

Ela deixou a cena expandir-se mais uma vez, para mostrar outros elementos da marcha do exército de Ares através de outros bosques, que Ártemis reivindicava como seu domínio silvestre. Somente quando viu uma mudança sutil de expressão no rosto de Ártemis, que alterava entre desespero e fúria, Atena continuou.

– Nenhuma de nós pode lutar contra Ares, por decreto de nosso pai. Isso não impede nosso irmão de destruir aqueles que nos adoram.

– Você jura que minhas florestas serão sacrossantas?

– Faça com que suas criaturas da floresta se voltem contra os servos de Ares e meu juramento está feito. Vou me certificar de que toda Atenas honre seu templo bucólico – Atena disse, a paixão tingindo suas palavras. – Nós não devemos permitir que ele atropele o relicário que você mantém como o mais sagrado: os bosques repletos de criaturas de cascos e asas.

Ártemis se virou, removeu outra flecha de sua aljava e colocou-a na corda. Puxou o arco para trás até ele estremecer com a tensão. Ela soltou a flecha, que zuniu longe, arqueando para o alto onde explodiu com a fúria de um novo sol, rivalizando com qualquer coisa que seu irmão gêmeo pudesse colocar no céu. O segundo sol choveu faíscas cintilantes.

Ártemis disse solenemente:

– O exército de Ares vai descobrir ser impossível passar por qualquer floresta onde aqueles sob minha proteção vagam.

Com isso, a Deusa da Caça girou e desapareceu no bosque. Em segundos, as folhas haviam parado de se agitar por conta de sua passagem. Ela havia se tornado uma com o seu domínio novamente.

Atena contou isso como uma vitória parcial. Ela ganhou uma potente aliada, mas Atenas – e mesmo o Olimpo – nunca estaria segura enquanto Ares vivesse. Era hora de começar a próxima fase de seu plano. Kratos deve ser treinado. Ele deve ser testado. E, acima de tudo, deve ser *devidamente* armado.

Quando Kratos virou a chave pela qual havia lutado por tanto tempo para obter, o selo místico evaporou e um grito de cortar a alma veio da cabine do capitão. Ele chutou a porta, esperando encontrar o que comandava tais proteções, tão potentes. E, com isso, ele não estava decepcionado. Kratos encontrou um tesouro superior turquesa e ouro.

As três meninas eram tão adoráveis quanto quaisquer outras que ele já vira. Ou, talvez, elas simplesmente parecessem formosas em comparação com as enegrecidas e pútridas faces dos mortos-vivos que as rasgavam com mãos providas de garras.

Kratos congelou por um instante, paralisado pela incompreensão. Como poderiam os mortos-vivos chegar *ali*? Através da porta trancada? A única resposta que fazia sentido era a sua própria culpabilidade. Ao abrir a porta, ele havia liberado mais do que o feitiço de bloqueio. Ele também havia libertado os mortos-vivos magicamente selados nessa sala para protegê-la contra intrusos. O capitão devia saber como evitar a sua libertação. Kratos havia cometido um erro estúpido e colocado as mulheres em risco.

Em um instante, sua confusão se dispersou como folhas antes de um vendaval. Tais coisas imponderáveis eram matéria para horas ociosas. Agora ele ainda estava em uma luta, e dois dos legionários putrefatos se apressaram contra ele, manuseando espadas perversamente curvas. Kratos levou a mão por cima de seu ombro, e o mesmo movimento que chamou as Lâminas do Caos também dividiu cada morto-vivo da cabeça à virilha. Ele se moveu para o quarto e, com a sua próxima guinada, decepcionou as pernas de um morto-vivo que estrangulava uma das escravas. A criatura caiu, arrastando a menina com ele para o chão, e continuou a estrangulá-la, como se Kratos não tivesse mutilado suas pernas.

Kratos cortou seus braços e esmagou seu crânio – mas as mãos decepadas se apertavam, sufocando a vida da mulher. Rosnando, ele se inclinou para rasgar as garras cerradas, mas a cabeça da garota se inclinou em um ângulo louco. Seu pescoço havia se quebrado como um galho.

Outro morto-vivo segurava uma mulher, que tentava se libertar no ar entre ele e Kratos, fazendo-a de escudo humano.

– Aço funciona melhor – zombou Kratos enquanto enfiava uma lâmina diretamente através de seu torso, encontrando apenas a resistência ligeira dos órgãos internos, e, em seguida, a ponta triturou o morto-vivo que a segurava. Ele torceu a lâmina e ambos caíram sem forças.

– Não deixe ele me matar. Eu imploro, não...

A terceira mulher morreu com o morto-vivo enfiando a mão ossuda contra

seu tórax, esmagando seu coração ainda pulsante dentro de seu peito. Seus apelos se reduziram a suspiros molhados e borbulhantes, enquanto ela desabava. Dois passos rápidos deixaram Kratos em distância suficiente para um ataque. Desferindo um único corte preciso, ele despachou o morto-vivo, que ainda apertava em sua mão o coração batendo. O morto-vivo caiu e ficou estendido, o coração pulsou, desacelerou para um tremor e, finalmente, parou, tão morto quanto a garota de quem ele havia sido arrancado.

Kratos recuou. A carnificina parecia dançar em torno dele. Ele estendeu a mão para se segurar contra o anteparo e, ainda assim, quase caiu.

– Pare – ele rosnou ferozmente para si; ele não tinha tolerância para suas próprias fraquezas, da mesma maneira que não tinha para com as dos outros.

– Estas não são... não são...

As mortes das mulheres não eram piores do que as que ele vira milhares de vezes – não eram piores do que as que ele *cometera* com suas próprias mãos, sem a menor faísca de arrependimento. Mas a cabine desvaneceu-se quando a escuridão se estabeleceu em torno dele e as visões começaram.

Espadas dilacerando pescoços, resultando em barrigas expostas. Gritos de dor e o medonho crepitar da morte. Cabeças explodindo em um gotejar de sangue. E a velha acenando com a mão torta, cacarejando como uma maldição.

– Não – Kratos gritou. – Não!

Membros decepados. Os campos cheios de cadáveres, os corvos bicando olhos que fixavam cegamente um céu de chumbo, larvas comendo carne morta. O sangue formando poças em torno do chão do templo, sangue encharcando corpos, sangue...

E ainda o riso demente da velha de mão torta...

– Não!

Com uma força de vontade que o deixou ofegante, Kratos abriu os olhos com violência. Ele *não* estava no templo; ele *não* enfrentava a gargalhada estridente do oráculo da aldeia! Ele estava ali, no extremo fim de dez anos, de pé, nos aposentos do capitão de um navio de escravos, e as meninas abatidas no chão *não* eram... *não* eram...

–Atena! – Kratos andou em círculos, então fugiu da cabine. – Atena! – ele correu para a escotilha que levava ao convés. Enquanto se atirava pelo forro manchado e sangrento, ele viu novamente a estátua de madeira de Atena que havia agraciado seu agora afundado navio. A estátua estava na proa da sua nova

embarcação como estivera na antiga, impassíveis olhos de madeira julgando cada um de seus crimes.

– Dez anos, Atena! Eu tenho servido fielmente os deuses por *dez anos!* Quando você vai banir os meus pesadelos? *Quando?* As visões me assombram até mesmo nas minhas horas de vigília!

Com um brilho prateado, suave como a água à luz do luar, a estátua cintilou com a vida. Aqueles olhos impassíveis de madeira agora resplandeciam com o olhar cinzento da deusa.

– *Requeremos uma tarefa final de você, Kratos. Seu maior desafio o espera – em Atenas, onde, agora, o meu irmão Ares estabelece seu cerco.*

Kratos enrijeceu quando novas visões assaltaram seus sentidos. Ele sentiu o cheiro de sangue fresco e carne crua, viu fogo e destruição e campos com mortos empilhados. Ele ouviu os gritos de morte e provou as cinzas dos cadáveres que queimavam. Kratos esforçou-se para fechar os olhos, mas não podia fugir da visão. Ele compartilhou cada morte com cada ateniense assassinado. Ele sentia suas sombras – sua sombra – sendo rasgada de seu corpo aos berros, não por um golpe de espada ou lança, mas pelas garras encrustadas de sangue dos asseclas monstruosos de Ares.

– *Atenas está à beira da destruição* – disse a deusa por intermédio de sua estátua. – *É a vontade de Ares ver a minha grande cidade cair.*

Kratos podia apenas tentar resistir, conforme visões mais escuras, mais horríveis, o assaltavam.

– *Zeus proibiu a guerra entre os deuses.*

Kratos se sentiu carbonizar com chama imaginária, a carne cozinhando seus ossos – o que restou dele retorceu-se no ar, formando um redemoinho violento até que ele testemunhou a morte de Atenas, como se ele fosse uma águia voando no céu. Então, a visão o libertou, e ele caiu com uma força esmagadora de volta em seu próprio corpo, no convés do navio de escravos.

– *É por isso que deve ser você, Kratos. Apenas um mortal treinado por um deus tem uma chance de derrotar Ares.*

– E se eu for capaz de fazer isso – disse Kratos, firmemente de pé mais uma vez, como convém a um homem –, se eu puder matar o deus, então as visões... elas vão acabar?

– *Complete essa tarefa final e o passado que o consome será esquecido. Tenha fé, Kratos. Os deuses não esquecem aqueles que vêm ao seu auxílio.*

Os olhos da estátua se fecharam, e o brilho da divindade desapareceu.

Kratos ficou imóvel por um longo tempo, sentindo uma emoção desesperadamente estranha. Ele ficou maravilhado com isso, com esse sentimento. Ele não conseguia se lembrar da última vez que havia sentido algo assim.

Ele se perguntou se poderia ser esperança.

* * *

MAIS TARDE, KRATOS MARCHOU por toda a extensão do convés, tomando nota dos danos e de como a reparação deveria proceder. Havia uma gaiola cheia de escravos no porão. Eles se tornariam a sua tripulação em troca da liberdade. Posto que Atena lhe confiara a missão de salvar Atenas do exército de Ares, de soldados brotados do Hades, ele não teria mais necessidade de um navio, uma vez que chegasse ao Porto de Zea, no Pireu.

A cabine bloqueada do capitão, onde as três mulheres haviam sido assassinadas, indicava como o ex-capitão do navio passava seu tempo, mas Kratos nunca mais entraria naquele compartimento. Mesmo que os escravos arrastassem os corpos para fora e o limpassem da proa a popa, ele nunca entraria nesse quarto novamente.

Ele não se atrevia a arriscar mais visões.

Mas havia outro quarto, também magicamente barrado, faltando até mesmo um buraco de fechadura. O capitão havia mantido concubinas em sua própria cabine; que tesouro ele teria achado precioso o suficiente para trancar até de si mesmo? Kratos tinha pouca paciência para especulação ociosa. A melhor maneira de descobrir o conteúdo da sala era arrombando a porta e entrando.

Passando nervosamente pela porta da cabine do capitão – ele não se permitiria nem olhar dentro dela –, ele parou antes do portal mágico e começou a examiná-lo, buscando qualquer maneira óbvia de abri-lo. Afinal, se o quarto contivesse qualquer coisa de valor real, ele também queria ser capaz de bloqueá-lo. Não encontrando nenhuma maçaneta, alavanca ou fechadura, ele tentou simplesmente impulsionar a porta.

Músculos se agrupavam em seus ombros maciços, mas ele não conseguia sequer fazer a porta tremer. Com um grunhido, ele perdeu o pouco de paciência que ainda tinha. Ele empunhou as Lâminas do Caos e talhou a porta. Uma força dourada flamejou, e as lâminas nem mesmo tocaram a madeira.

Uma fúria elevou-se dentro dele, e para fora de seus ossos agitou-se a Cólera de Poseidon. O poder o fez se sentir invencível, e o relâmpago de sua fúria queimou a força dourada – e a porta se abriu com um simples toque.

Kratos fitou em espanto.

No meio da sala havia uma mulher seminua, cuja beleza transcendia qualquer coisa que Kratos já experienciara. Ela tinha as mãos repousadas nos quadris e o cabelo vermelho flamejante mais radiante do que o nascer do sol, mas não foi isso o que Kratos notou. Ela estava nua da cintura para cima, uma saia rodopiava sobre o resto de seu corpo adornado. Seus seios expostos eram firmes e altos, culminando em pequenas saliências rosadas que apontavam para ele em um convite libertino.

– Você era uma escrava neste navio?

– O capitão está morto? Espero que sim – disse a jovem, inclinando-se em direção a ele, chamando-o com um dedo. – Eu prefiro a *sua* aparência do que a dele.

Kratos ouviu um ranger sinistro no casco e olhou em volta para ter certeza de que a embarcação não estava quebrando. Quando se voltou, piscou surpreso. A mulher ainda estava na frente dele, com as mãos nos quadris, cabelo selvagem e vermelho e brilhante. Mas ela já não estava nua da cintura para cima. Em vez disso, ela usava uma túnica e não tinha saia. Estava nua da cintura para baixo, quando apenas um instante antes...

– É por isso que você estava aprisionada em um bloqueio mágico? Você é uma bruxa?

– Isso não é uma coisa agradável de se dizer. Nós não somos bruxas!

– Nós? – Kratos piscou.

Havia duas mulheres, idênticas em beleza, mas uma estava nua da cintura para cima e outra, da cintura para baixo.

– O que são vocês?

– Gêmeas – responderam em uníssono.

– O capitão era um senhor cruel. Ele nos deu apenas um conjunto de roupas – disse a gêmea com a túnica.

A gêmea com a saia fez um beicinho.

– Nós compartilhamos o melhor que podíamos. Não lhe agradamos?

– Não, eu...

– Não? – elas gritaram em uníssono. – Então nós vamos tirar esses trapos

ofensivos!

E o fizeram.

Kratos estava disposto a admitir que isso melhorou a vista.

– Eu começo a entender por que o capitão as manteve trancadas. Idênticas até a última pinta e sarda.

– Nem tanto – disse a que estava à esquerda. – A pinta de Lora está no interior de sua coxa esquerda. Vê?

Kratos viu.

– Zora e eu somos *completamente* diferentes – disse a outra.

– Vocês fazem tudo juntas?

As gêmeas trocaram um olhar e, em seguida, vieram para a frente com um único objetivo em mente. Sua resposta tornou-se óbvia quando tiraram-lhe a roupa e levaram-no para uma cama larga e macia. A única queixa de Kratos foi a de ter derrubado desajeitadamente uma garrafa de vinho no meio de sua paixão dupla.

Depois disso, ele acordou com uma mulher à sua esquerda e outra à direita – ele não sabia mais quem era Lora e quem era Zora, mas sabia que não deveria verificar suas marcas de nascença. Isso só acenderia uma demanda por mais amor, e ele tinha um tripulação para comandar logo acima, no deque. A demanda de Atena deveria ser satisfeita, e em breve, pois a visão mostrava que sua cidade já estava virando lixo.

– Eu quero mais vinho – disse ele, passando por cima da ruiva para obter a sua garrafa no convés.

– Nós somos suas escravas voluntárias, capitão Kratos – disse uma delas.

A outra acrescentou:

– Contanto que você possa nos manter satisfeitas.

– O capitão tinha concubinas em sua cabine... – Kratos começou.

– Ah, sim, ele mantinha outras meninas para si – disse uma das gêmeas, um pouco triste. – Ele nunca nos tocou.

– Nunca?

A outra suspirou.

– Ele não era homem o suficiente. Depois que dois ou três membros da tripulação morreram, ele nos trancou.

– Eles... *morreram*?

Kratos não conseguia ver nenhum sentido nisso.

– Então, o capitão trancou vocês? Eles morreram fazendo... o quê?

– Nós – uma disse alegremente.

A outra contribuiu com um aceno ativo.

– Ele queria manter sua tripulação a salvo. De nós. Temos estado *muito* solitárias.

– Entendo – Kratos disse lentamente.

– E nós estamos *muito* felizes por ter encontrado você... e por você não ter morrido. De verdade.

– Igualmente – Kratos disse. Ele refletiu que essa viagem a Atenas poderia ser mais interessante do que ele havia previsto.

A gêmea à sua esquerda acariciou a protuberância de músculos em seu ombro.

– Você é um...

– ... rei, mestre Kratos? – terminou a gêmea do seu lado direito.

– Eu sou apenas um soldado – disse ele.

– Um *grande* soldado – disse uma delas.

– Um *campeão* – concordou a outra.

– Foi-me dada uma demanda pelos deuses.

– Isso soa...

– ... perigoso – uma das gêmeas completou.

– Navegamos para Atenas. Lá eu as libertarei.

– Nós não *queremos* ser livres. Nós queremos ser suas escravas.

– Para sempre – disse a outra. Ou pelo menos até que você morra. Você é *muito* forte, mestre.

– E tão *grande*.

Kratos viu-se sem nada para dizer.

– Nós nunca quisemos ir para...

– ... Ática. É um lugar terrível, frio, ou...

– ... foi o que ouvimos.

Kratos amaldiçoou os deuses em seu coração. Se ao menos ele pudesse ser como os outros homens e perder-se inteiramente nos prazeres da carne. Mas nem mesmo Lora e Zora poderiam afugentar os pesadelos e manter sua loucura acuada.

Tudo o que ele queria agora era a promessa de Atena de apagar suas visões e acabar com as memórias horríveis que atormentavam sua vida a cada minuto do dia. Remover as visões de morte e horror, culpa e dor abjeta, era uma recompensa muito além de qualquer coisa que Lora e Zora poderiam lhe oferecer, não importa o quão habilidosas elas pudessem ser.

– Esta embarcação deve se libertar do Túmulo dos Navios – disse ele, balançando as pernas para sair da cama. O vinho sob os seus pés se tornou tão pegajoso como sangue. Ele começou a limpá-los, mas as gêmeas saltaram agilmente da cama.

– Permita-nos fazer isso, mestre Kratos.

Elas limpavam seus pés amorosamente, mas ele não tinha tempo para isso. A Hidra de Ares estava morta, mas que outras abominações poderia o Deus da Guerra enviar para destruí-lo? Kratos não queria descobrir, não enquanto estivesse preso entre os cascos de tantos navios mortos e descartados.

– Vocês podem vir ao convés – disse Kratos às gêmeas –, mas completamente vestidas.

– Não há nada que a gente possa usar nesta cabine – disseram elas em uníssono.

– Encontrem alguma coisa – ele disse secamente.

Ele hesitou em deixá-las procurar pela cabine do capitão. As três mulheres

deveriam ter deixado mudas de roupas em grande quantidade, mas desnudar os seus corpos era algo que ele imaginava que não seria bem recebidas pelas gêmeas.

– Nós estaremos lá em breve – disseram elas.

Kratos subiu ao convés. Ele estava longe de Atenas e, uma vez que chegasse, tinha um deus para matar. Simplesmente liberar esse navio de escravos dos outros cascos já seria uma tarefa intimidadora.

No convés, o vento forte e a chuva fina alertaram para uma iminente tempestade. Presos entre outras embarcações como estavam, a tempestade iria atirá-los de um lado para o outro e rachar o casco como uma casca de noz. Ele foi para o andar de baixo, à procura dos escravos, e olhou para os infelizes miseráveis. Eles se lamentariam e suplicariam até ele abrir a escotilha para deixá-los livres. Talvez a liberdade os lembrasse do que era ser um homem.

– Eu vou libertá-los. E vocês vão trabalhar – disse ele. – Trabalhem mais arduamente do que nunca. Navegamos para Atenas.

– Liberte-nos!

– Eu não tenho necessidade de escravos. Eu preciso de uma tripulação. Algum de vocês já trabalhou com navegação antes?

Ele viu uma mão timidamente levantada.

– Você é meu primeiro oficial. O resto de vocês vai ouvir e aprender com ele. Sua palavra é minha palavra. Oponham-se a qualquer um de nós e eu vou alimentar os tubarões com suas entranhas. Obedeçam e vocês serão livres, assim que chegarmos a Pireu.

Houve um murmúrio entre os escravos enjaulados, mas o que ele havia designado como seu primeiro oficial aceitou o desafio e falou em nome de todos.

– Vamos ser livres?

– Pela minha vida, você serão – Kratos prometeu.

– Então deixe-nos sair. Pela forma como este navio está chafurdando, uma tempestade está a se aproximar.

– Qual é o seu nome, primeiro oficial?

– Coeus.

– Leve-os ao convés e a seus postos, Coeus. Você está certo sobre a

chegada de uma tempestade.

Com bofetadas e chutes nos traseiros, Kratos ajudou os escravos que estavam estranhamente relutantes em deixarem suas gaiolas. Quando o último havia chegado ao convés, o vento soprou ferozmente e enviou pequenos projéteis de pingos de chuva, martelando a tripulação.

– Para o cordame. Abaixem as velas. Não há outra maneira de sair deste maldito túmulo de água – Kratos berrou. – Nós devemos nos adiantar à tempestade ou estaremos perdidos.

Ele viu que Coeus sabia os rudimentos do desenrolar das velas e como prendê-las com firmeza para apressar a saída, mas tentar ensinar cada um da tripulação era impossível em meio ao vento. Um gritou e caiu do mastro. Kratos observou o homem desaparecer debaixo das ondas. Ele nunca veio à tona.

Kratos sentiu o solavanco do navio, como um cavalo de corrida relutante em uma falsa partida. Coeus fez o que pôde. Kratos tinha que encontrar um timoneiro para cuidar do leme. Ele agarrou um escravo pelo braço e arrastou-o pela popa até o leme.

– Tome isso. Mova para a esquerda ou para a direita conforme eu comandar.

O escravo fez como lhe foi dito, agarrando-se a viga como se sua vida dependesse disso. E dependia.

Assim que o homem passou os braços em torno do leme e começou a experimentar o seu rendimento e sua resistência, Kratos avançou novamente. Ele parou ao lado da estátua de Atena. Ela permanecia morta, inerte, imóvel e cega.

– Nós estamos a caminho – disse ele suavemente em meio ao vento.

Então, ele se esforçou para levantar a âncora que os fixava no lugar. Suas costas doíam com o esforço, e as veias saltaram como fios de corda em seus braços enquanto ele extraía a âncora pesada, pedaço por pedaço. Quando o gancho de ferro enorme saiu do mar, o navio disparou, livre e flutuante.

– Para a esquerda, para a esquerda com tudo! – os comandos que gritava eram engolidos pelo vento crescente, mas o timoneiro novato o viu gesticulando e inclinou-se sobre o leme.

Experienciando mais resistência do que ele esperava, o timoneiro redobrou seu esforço. E mais uma vez.

Kratos soltou um grito quando o navio se virou e encheu suas velas com o vento forte. As madeiras rangeram e a quilha do navio reverberou ao atingir

detritos subaquáticos. Logo que uma onda gigantesca se levantou e quebrou acima da cabeça de Kratos, ele perdeu o equilíbrio e foi lavado ao longo do convés até que uma mão forte o agarrou. Ele olhou para cima para ver Coeus sorrindo como um idiota.

– Cuidado com o passo aí, capitão – disse o primeiro oficial. Então ele gritou aos que estavam com o cordame para fixar as velas mais firmemente.

Kratos levantou-se, agradecendo a Atena por ter lhe enviado um marinheiro verdadeiro e experiente para ajudá-lo. Uma rajada enorme de vento pareceu levantar o navio da água e enviá-lo deslizando pela superfície, com a velocidade do pensamento. A proa tocou cada crista de onda e saltou para a frente, quase descendo para os vales profundos nos intervalos.

– Atentos às velas – Kratos gritou. Suas palavras foram devoradas pelo vento faminto. Os cantos das velas de lona começaram a rasgar pelas constantes chicotadas. – Içar velas!

– Precisamos de mais homens no mastro – Coeus gritou quase em seu ouvido. – Estaremos perdidos se não dobrarmos as velas. O vento está muito alto.

– Deixe as velas como estão – Kratos gritou de volta. O navio batia em um pedaço de destroço atrás do outro no Túmulo dos Navios.

– O mastro vai quebrar. A tempestade vai nos destruir!

– Toda força à frente – ordenou Kratos.

Coeus começou a discutir, mas Kratos o interrompeu. O timoneiro corajosamente agarrou-se ao leme, mas ele girou com força demais para ser contido por um homem. Kratos empurrou Coeus e correu para ajudar o timoneiro. Enquanto cruzava o tombadilho, agarrou um escravo e o arrastou junto.

– Não, não, deixe-me em paz. Nós vamos morrer. Nós não podemos sobreviver à tempestade. Poseidon nos verá em seu cemitério submarino!

– Ajude o timoneiro a manter o leme para a frente.

– Nós vamos morrer!

O escravo caiu de joelhos.

– Pelos deuses, salve-nos. Eu rogo a vocês, deuses do Olimpo. Salvem-nos!

– Ajude ou saia do caminho!

Kratos empurrou o homem de lado.

Os braços do escravo se levantaram acima de sua cabeça, então o vento ferozmente capturou seu corpo e, como uma gaivota, ele foi transportado para o ar. Kratos não se incomodou. O homem teve a sua chance.

– Você vai me atirar ao mar, capitão? Não acho que eu tenho força suficiente para lutar contra o leme.

O timoneiro sucumbiu ao esforço de manter o navio em curso no constante e feroz vendaval.

– Só se você falhar.

O timão resistiu como uma coisa viva, levantando o homem. Ele agarrou-se ferozmente ao leme, lutando para rendê-lo. Kratos emprestou sua força para a tarefa. O par forçou o leme reto. A madeira rangeu, e por um momento Kratos pensou que o navio iria se desfazer.

Quando Zeus começou a enviar seus raios dançando pelo céu, Kratos viu luzes diáfanas multicoloridas chamuscando os mastros, movendo-se para cima e para baixo no mastro e na lona, e ele soube que havia ganhado uma amortização. Atena protegeu a ele e ao navio da pior das tempestades. Os pequenos globos de fogo que não queimavam eram a mensagem dela para ele.

Depois do que parecera uma eternidade, a embarcação passou pelo último dos cascos no Túmulo dos Navios e deslizou em mar aberto. O vento manteve-se estável, mas a chuva cessou. Com os braços doendo e as costas como tivessem sido quebradas, Kratos afundou-se no convés.

– O sol, capitão Kratos, o sol está brilhando!

– Louvado seja Apolo – Kratos disse. – Louvada seja Atena.

Ele sentiu agora que ao menos três dos deuses que habitavam o Monte Olimpo o favoreciam. Poseidon agradecera-lhe e dera-lhe poderes especiais – e não reivindicou o navio e a tripulação para o seu reino aquático. Pela primeira vez desde que embarcou nesse navio, Kratos soube que pisaria mais uma vez em terra firme. E quando o fizesse, seria a serviço da deusa Atena.

– Mantenham o curso – Kratos ordenou.

– Mesmo que eu tenha que me amarrar ao leme, mantereí o curso em linha reta, capitão – declarou o piloto. – Eu tenho o desejo de ver o campo mais uma vez. Quanto antes estivermos no porto, mais rápido eu posso rolar na relva.

Kratos deixou o homem e mais uma vez desceu à cabine de Lora e Zora.

Ele entrou e fechou a porta.

– Mestre – ambas exclamaram.

Ele estava cansado, a ponto de exaustão, mas só poderia ficar boquiaberto com a dupla.

– Vocês me desobedeceram – disse ele. – Vocês não encontraram uma roupa adequada.

Elas usavam túnicas e não apenas saias ou calças.

– Então lhe devemos uma reparação, mestre – disseram elas. – Você vai nos punir? Por favor?

Embora ele não tenha encontrado muito descanso na cama que dividia com as gêmeas, a viagem para o Porto de Zea provou-se agradável; seus auxílios ternos ajudaram a manter seus pesadelos afastados.

Mas um dia antes de a grande cidade aparecer no horizonte, uma vasta coluna de fumaça preta o avisou do perigo adiante.

Atenas estava em chamas.

Kratos estava na torre que governava a muralha sobre o Pireu. De lá, ele podia ver as enormes Longas Muralhas que ligavam o porto com a cidade de Atenas, mais de três quilômetros pelo interior. Embora, como um espartano, ele considerasse os atenienses fracos, covardes e geralmente inúteis, nesse dia ele teria de lhes atribuir certo respeito relutante. Com apenas alguns cidadãos como soldados protegendo-as, essas grandes muralhas ainda estavam quase intactas. Uma conquista impressionante, mesmo contra um exército convencional.

Contra as hordas de Ares de harpias, legionários mortos-vivos, ciclopes e sabe-se que outras monstruosidades rastejavam das profundezas de Hades, a capacidade dos atenienses de protegerem suas muralhas era surpreendente – algo que Kratos não teria acreditado, se não tivesse visto com os próprios olhos.

– Dizem que o Deus da Guerra, Ares em pessoa, toma o campo contra nós – disse o exausto e caolho capitão da torre de guarda. – Fantasma de Esparta, não é?

Kratos ignorou-o. A última coisa de que precisava era dar a esses patéticos soldados amadores uma desculpa para se afastar. Sua mente estava focada em outra coisa, em que ele não teria acreditado, a menos que tivesse visto com os próprios olhos; ele virou-se para lançar o olhar em direção ao mar, na esperança de ter um vislumbre da última vela do seu antigo navio desaparecendo no horizonte.

Coeus e muitos dos outros haviam provado o seu valor a ele. Tê-los ao seu lado, por apenas um breve instante, não mudaria o resultado dessa batalha, mas daria ao novo capitão do navio e à sua tripulação a chance de morrer nobremente em batalha. Navegar mar adentro, como eles fizeram, apenas adia as mortes.

A menos que Ares fosse barrado nos muros de Atenas.

E enquanto Kratos escapava do navio na escura madrugada, a estátua de Atena na proa falou com ele mais uma vez – para lembrá-lo de que a morte de Ares lhe renderia o perdão por seus crimes. Como se ele precisasse ser lembrado. Atena também lhe falou de seu Oráculo em Atenas; o Oráculo diria a ele como derrotar o Deus da Guerra.

Ele voltou sua atenção mais uma vez para a batalha em Atenas. As legiões de Ares foram reunidas principalmente contra a própria cidade – e não de maneira uniforme. Por alguma razão que Kratos não podia compreender, as criaturas pareciam evitar os bosques e grutas que delimitavam o campo em torno da cidade. Kratos sacudiu a cabeça, sem entender – atear fogo nos bosques faria mais sentido, mas o Deus da Guerra não era conhecido por sua mente tática afiada.

Ao contrário de Atena, que era lendária pela sutileza de seus planos de batalha, Ares preferia simplesmente dirigir seus exércitos para o ataque em grandes ondas, uma onda crescente de morte, até que finalmente esmagasse as defesas de seus inimigos e abatesse todos os seres vivos em seu caminho.

Kratos sabia disso muito bem. Por muitos anos, ele havia sido aquele que empurrava os exércitos como grandes e sangrentos arietes de carne humana. Por muitos anos, ele riu como um monstro sedento de sangue enquanto seus homens punham fogo em nações. E ele ainda estaria fazendo isso, se não fosse por aquela pequena aldeia... aquele santuário humilde de Atena... e aqueles abrigados dentro dele.

Kratos se livrou das memórias. Como areia movediça, a loucura que sempre se escondia sob a superfície de sua mente ameaçou sugá-lo e afogá-lo em um implacável pesadelo.

Sua avaliação da situação tática não era emocional. Apenas uma fileira de carros ainda se arrastava na estrada larga entre as Longas Muralhas. Pelo que ele havia visto em Pireu, a maioria dos animais de carga fora abatida como alimento. Nenhum navio entrou no porto com novos suprimentos; depois do quebra-mar, dezenas de destroços queimavam e enviavam a fumaça dos marinheiros mortos em direção aos céus e formavam uma advertência persuasiva, prevenindo quem ousasse enfrentar o mar. Por conta do manto ígneo de fumaça se agitando sobre a cidade, Kratos adivinhou que as criaturas de Ares haviam encontrado uma maneira de lançar fogo grego sobre as muralhas – ou, talvez, as harpias simplesmente estivessem transportando painéis fumegantes e lançando-as ao chão.

Quando as legiões de Ares rompessem as Longas Muralhas, qualquer esperança de reforço ou suprimentos estaria perdida – e, pior, essas legiões teriam uma larga estrada pavimentada para marchar contra o ponto mais fraco das defesas da cidade, nas colinas acima.

Seu exército marcharia rapidamente e abateria tudo em seu caminho. Atenas iria cair, sem dúvida. Para o olhar experiente de Kratos, parecia que a cidade não estaria de pé até a próxima manhã.

– Atena não nos abandonou.

O capitão deu a impressão de estar tentando convencer a si mesmo.

– A vontade da deusa de olhos cinzentos vai subjugar esses exércitos, ela jamais permitiria que a sua cidade caísse!

– Apegue-se rápido ao que lhe resta de coragem – Kratos disse sombriamente. – Atena ouviu sua oração.

– Ela... – o capitão ficou sem fôlego com a súbita esperança – Que ajuda? Quando chegará sua assistência?

– Hoje, este espartano é seu aliado enviado por Atena – Kratos disse, saltando através da janela da torre, caindo como um gato na muralha abaixo.

Outro salto o conduziu à estrada. Ele caiu no chão com o passo ávido que usara no campo tantas vezes para colocar seus soldados em posição. As Longas Muralhas lançavam uma sombra fria em toda a estrada. De cima, arqueiros dispararam saraivadas de flechas em chamas. Kratos não tinha necessidade de ver seus alvos, ele os ouvia. Rosnados, bufos, ruídos de animais – gritos e rugidos que não poderiam vir de nenhuma garganta humana.

Kratos continuou. Ele não viu nenhuma razão para desperdiçar tempo lutando por essas paredes, quando qualquer idiota podia ver que elas não durariam mais um dia.

Um arqueiro ateniense, caindo de uma parede, atingiu a estrada alguns metros à frente de Kratos. O homem tinha uma grande lança perpassando seu corpo, e seu rosto fora rasgado por garras de harpia, mas, quando ele chocou-se contra a estrada com força esmagadora, ele ainda segurava o arco em posição, protegendo sua arma com suas últimas forças. Kratos aprovava isso – o homem era quase tão disciplinado quanto um espartano. Bem, um espartano muito jovem. Um que ainda não houvesse completado o treino. Mesmo assim, Kratos foi até ele, ajoelhou-se e ouviu o ateniense murmurar suas últimas palavras.

– Tome meu arco. Defenda a cidade! – foi tudo o que o arqueiro falou, antes de seu espírito encontrar Caronte na margem do rio Estige.

Kratos arrancou o arco das mãos do cadáver e pegou a aljava com uma dúzia de flechas que ainda restava. Mesmo que ele preferisse as Lâminas do Caos ou seus próprios punhos nus, Kratos era um mestre de todas as armas. Ele testou o arco e deixou a corda vibrar, sem o armar com uma flecha. O arqueiro fora um homem forte, e essa arma poderia ser útil.

Como se convocados por seu pensamento, gritos agudos de pânico vieram dos civis que dirigiam os carros à frente. O pânico se transformou em agonia quando uma seção inteira da parede desabou, fazendo chover pedras soltas e arqueiros em queda. Em um instante, dez metros de parede desmoronaram.

Sem agir conscientemente, Kratos ajustou uma flecha no encaixe e deixou-a voar. Seu eixo flutuou direto para o legionário morto-vivo que forçava seu caminho através da brecha no muro. A flecha prendeu a cabeça do legionário em uma parte do muro que ainda estava de pé. Mais dois legionários mortos-vivos equipados com armaduras de bronze forçaram a passagem, apenas para encontrar o mesmo destino, com uma flecha para cada um. As flechas não destruíram as criaturas, mas, fixando-as à parede como coelhos em um espeto,

deixou-as no lugar, de modo que os atenienses poderiam desmembrá-las.

– Fugam – ele rosnou para os civis gritando. – Vocês estão no meu caminho.

Sem hesitação, Kratos entrou em uma brecha, atirando enquanto andava. Mais seis flechas voaram diretas e certeiras, empilhando os legionários uns sobre os outros e protegendo a brecha, mas os mortos-vivos atrás deles simplesmente os cortaram em pedaços e continuaram avançando. Três setas despacharam mais cinco ou seis deles. Enquanto mais dois se aproximavam, brandindo espadas, ele tentou pegar outra flecha, só para encontrar a aljava vazia.

Ele jogou o arco de lado; sem flechas, ele era tão inútil quanto um eunuco.

As duas monstruosidades pútridas que se aglomeraram em cima dele não mereciam a honra de serem destruídas pelas Lâminas do Caos. Kratos simplesmente se adiantou ao encontro deles e dirigiu os punhos através de seus peitos putrefatos. Suas mãos se fecharam em torno de suas espinhas, e ele balançou-os como se tirasse pó de suas mãos, rasgando suas espinhas dorsais. Como esses dois legionários entraram em colapso, Kratos usou suas espinhas como manguais, despachando seus companheiros, um após o outro. Os arqueiros de ambos os lados da fenda se juntaram a ele, fazendo chover flechas e mais flechas nos monstros abaixo.

As correntes nos antebraços de Kratos se esquentaram quando as criaturas se comprimiram em cima dele. Ele empunhou as Lâminas do Caos e as movimentou na frente do corpo para se proteger contra os golpes de lança. As correntes ardiam como fogo em seus ossos.

As lâminas cortavam a carne dos mortos-vivos e cobriam os cascalhos da parede com monstros desmembrados. Suas espadas gêmeas lampejavam rodas de fogo ao redor dele, lançando as criaturas de Ares para fora da fenda da muralha – mas os legionários mortos-vivos recuaram apenas para permitir o avanço de um ciclope.

O monstro de um olho só movia-se pesadamente, tinha três vezes a altura de Kratos e mais de dez vezes o seu peso. A criatura veio balançando uma maça com pregos de ferro tão grande que um homem comum poderia ser derrubado pelo vento de seu deslocamento.

O ciclope correu para a frente, ansioso para matar, ou morrer na tentativa. Ele empunhava a maça enorme como se fosse apenas uma varinha de salgueiro. Elevando-a acima de sua cabeça com as duas mãos, o ciclope bateu a maça na parte superior da cabeça de Kratos, como se estivesse tentando enfiar o espartano no chão como uma estaca.

Kratos interceptou o golpe com as Lâminas do Caos cruzadas acima de sua cabeça. O impacto pôs Kratos de joelhos. Brevemente. Um instante depois,

reuniu forças para se levantar e usou as lâminas como uma tesoura de poda em torno do punho da arma. A extremidade da maça explodiu como uma pedra atirada de um estilingue.

O ciclope soltou um rugido de pura descrença. Kratos enfiou seus pés no monte de pedras da parede quebrada em torno dele, encontrou um ponto de apoio e atirou-se no monstro. Ele atingiu-o duramente, abaixou-se sob a tentativa desajeitada de o ciclope agarrá-lo, então esfaqueou o gigante com as duas lâminas, cravando-as em sua barriga saliente.

O ciclope gritou. Horrivelmente.

Kratos torceu as lâminas e enfiou-as de volta nas feridas. Quando ele finalmente as retirou, vieram entranhas com elas. Desviando de outro agarrão desordenado, Kratos mergulhou para rolar por entre as pernas do monstro. Atrás do ciclope, ele girou e olhou para suas costas largas e peludas. Ele pulou, agarrando os arreios de couro do ciclope como apoio e enterrando a ponta dos pés na carne da criatura para se impulsionar. O ciclope gritou e começou a se debater, tentando desalojar Kratos de suas costas vulneráveis. O Fantasma de Esparta continuou subindo, mesmo quando o ciclope começou a girar sem parar. Chegando ao pescoço do monstro, Kratos agarrou o seu cabelo gorduroso e atingiu seu objetivo para repetidamente enfiar o punho de uma lâmina no rosto do ciclope.

Quando ele atingiu a órbita solitária, o ciclope enlouqueceu.

Kratos conseguiu agarrar o nariz e encontrar o protuberante e danificado olho. Ele o arrancou, fluido viscoso esguichando entre seus dedos. O ciclope havia ficado frenético antes. Agora ele jogou os braços para o alto, inclinou a cabeça para o céu e rugiu de raiva dos deuses. Essa era a única oportunidade para Kratos realizar uma morte limpa. Quando o ciclope se inclinou para trás, Kratos atacou. Pés sobre os ombros da criatura, ele levantou as Lâminas do Caos sobre sua cabeça e cravou as espadas gêmeas diretamente na cavidade ocular aberta.

Pouco a pouco, os esforços poderosos do ciclope enfraqueceram-se, até ele cair de joelhos, o sangue jorrando de sua cavidade ocular rompida. O ciclope caiu de bruços no chão. Somente quando teve certeza de que o monstro estava morto, Kratos saltou de suas costas e chacoalhou o sangue de suas lâminas.

Acima dele, na muralha, os soldados atenienses estavam imóveis, em choque, olhando incrédulos, boquiabertos. Então, um soldado soltou uma aclamação feroz. Ela foi assimilada pelos outros por toda a extensão das Longas Muralhas.

– Morte aos monstros!

Uma unidade inteira de legionários mortos-vivos se precipitou na direção de Kratos, mas uma chuva emplumada de flechas picou-os em pedaços. Mais uma vez, uma agitação cresceu ao longo da parede.

Kratos havia começado a correr para o buraco na parede, quando viu o que agora se movia para enfrentá-lo – espectros, monstros ressequidos cujos braços ossudos terminavam em lâminas cruelmente afiadas. Da cintura para baixo, seus corpos eram nada mais do que um redemoinho de fumaça preta. Eles flutuaram em direção a ele com facilidade traiçoeira e avançaram para o ataque. Kratos mal teve tempo de desatar as Lâminas do Caos para se defender. Os espectros coordenavam seus ataques perfeitamente, circulando-o e atacando à esquerda, depois à direita.

As flechas que vinham de cima não fizeram nada para repelir essas criaturas. As flechas os atravessavam completamente, sem causar danos, como se seus corpos não fossem mais do que vapor.

Com um ofuscante floreio de suas armas forjadas no Hades, Kratos cortou uma mão laminada, mas os fantasmas se espremiaram em torno dele. Ele se defendeu habilmente quando recuou para a abertura; a melhor maneira de enfrentar essas criaturas era lutar com uma de cada vez.

– Pelos deuses, vamos pará-los!

Um esquadrão de espadachins apressou-se a ajudar Kratos, batendo suas armas contra os escudos de bronze. Sua coragem ultrapassava em muito suas habilidades, mas eles podiam tirar alguma pressão de cima dele, mesmo contra os fantasmas.

– Fechem a lacuna – Kratos gritou, empregando uma mão e uma lâmina habilmente para cortar um pulso esquelético. – Vocês não podem defender esta brecha por muito tempo.

E os espectros começaram a cortar as bordas irregulares da parede para aumentar o orifício. Se ficasse muito maior, os atenienses não poderiam contê-los – e Kratos não queria ter de defender sua própria retaguarda enquanto corria para a cidade.

– Eu não o reconheço – disse um jovem soldado, atrás dele. – Por que não está com sua armadura?

– Chame os engenheiros, idiota! – Kratos rosnou. – Se os monstros abrirem essa brecha, a barriga de Atenas estará exposta!

O jovem guerreiro começou a bramir ordens, e os outros atenienses pareciam aliviados por ter alguém que lhes dissesse o que fazer. Os soldados mais próximos puseram-se contra a brecha, fazendo uma parede com seus

escudos e seus próprios corpos para deter as hordas geradas no Hades. Outros arrastavam madeiras pesadas, entulho e qualquer coisa que pudessem usar como barricada para cobrir a brecha, mas para Kratos estava claro que isso seria inútil. A pressão contra um punhado de homens era muito grande, e nenhum reparo permanente poderia ser feito com fantasmas e legionários constantemente atacando para ampliar o fosso.

O último dos atenienses na brecha morreu com os ataques dos arqueiros mortos-vivos. Uma meia dúzia irrompeu, soltando flechas de fogo descontroladamente, em todas as direções; cada uma que acertava seu alvo explodia em chamas e tomava uma vida ateniense. Kratos empunhou as Lâminas do Caos mais uma vez e matou duas criaturas esqueléticas antes que pudessem criar mais estragos ao longo das passarelas aéreas. O resto dos arqueiros mortos-vivos concentrou sua munição contra os soldados que corriam para tapar a brecha. Eles eram devastadoramente eficazes. No momento em que Kratos matara os arqueiros que estavam perto do buraco, os espectros haviam aberto uma brecha suficientemente grande para fazer passar outro ciclope.

Kratos mergulhou para a frente para encontrar o monstro. Usando sua força sobrenatural, ele levantou o ciclope do chão e arremessou-o de volta pela brecha, acertando fantasmas e mortos-vivos do lado de fora. O ciclope abriu caminho com o agitar de sua maça imensa, rasgando mortos-vivos em pedaços e lançando fantasmas para o ar, e caminhou para a frente mais uma vez para rivalizar com Kratos. Novos legionários empurravam as paredes, ampliando a brecha com cada pancada.

Kratos mediu sua distância e lançou as duas lâminas com violência. Ele cortou a garganta do ciclope em ambos os lados, em seguida, puxou severamente as lâminas, usando suas curvas como ganchos atrás do pescoço da criatura. Quando as lâminas rasgaram livres, a cabeça do ciclope saltou de seus ombros, quicou no chão e rolou até os pés de Kratos. Uma fonte de sangue jorrou do pescoço da criatura em direção ao céu, e Kratos elevou o rosto para a ducha escarlate como se fosse uma chuva fria de primavera. Ele arrancou o olho cego e segurou-o sobre sua cabeça, então o ergueu, desafiando os asseclas de Ares, que avançavam para a batalha.

– Mais! – ele gritou para a multidão do lado de fora. – Vamos lá! Venham e morram!

Um pontapé tombou o corpanzil inclinado do monstro morto através da brecha, criando uma barricada que as criaturas deveriam sobrepor com dificuldade. Os arqueiros na muralha acima cobravam um pedágio terrível, atirando suas flechas nos legionários e os empilhando próximo ao ciclope morto.

Antes, sua vitória fora aplaudida. Agora não havia tempo.

Um par de ciclopes dirigiu-se para a brecha e começou a tirar os legionários mortos-vivos da pilha crescente, abrindo caminho para mais monstros, enquanto espectros flutuavam acima de suas cabeças e suas lâminas horríveis retalhavam os arqueiros mais próximos em pedaços sangrentos de carne.

Kratos fez novamente uma avaliação sombria das probabilidades. Ele não sabia como Atena esperava que ele salvasse sua cidade, mas tinha uma razoável certeza de que ela não queria que ele desperdiçasse sua vida por conta de uma abertura na muralha a mais de um quilômetro e meio da cidade.

Ele guardou as Lâminas do Caos e olhou para suas mãos.

O poder brotou de dentro dele quando ele desatou sua ira, e Kratos sentiu tornar-se um conduíte do poder divino mais uma vez. A Cólera de Poseidon ainda estava com ele.

Empurrando os lutadores que se debatiam, ele subiu em cima do ciclope morto e olhou para as centenas de milhares de assassinos de Ares se preparando para se verterem através do cada vez maior furo na parede. Kratos estendeu as mãos como se quisesse empurrar a todos. Ele cambaleou enquanto o poder crescia dentro dele. Levantando as mãos, os cotovelos travados, ele fechou os olhos e se concentrou no que mais queria.

Uma energia aniquiladora irrompeu em seu redor, criando um sulco de mais de um metro e meio de profundidade na frente dele. Kratos afastou suas mãos uma da outra, e o sulco se tornou uma cratera. Ele guiou a Cólera de Poseidon para baixo, para fora e para baixo mais uma vez, antes que ele caísse de joelhos em exaustão pelo esforço.

O cadáver do ciclope se foi, tão completamente queimado que não havia sequer fumaça – assim como todos os outros ciclopes, os espectros, várias centenas de legionários mortos-vivos, alguns metros das Longas Muralhas e alguns arqueiros atenienses.

Entre ele e o restante do exército de Ares havia agora um poço comprido, com cem metros de profundidade, e quase tão largo quanto profundo. Para chegar até a brecha agora, a horda enfrentaria uma longa descida e uma queda perigosa em uma encosta íngreme e escorregadia de cinzas, totalmente exposta aos arqueiros acima.

Os monstros pareciam destemidos; pois eles já estavam deslizando pela borda mais distante do poço. Mesmo que tivessem de preencher toda a cratera com seus próprios corpos, logo essas criaturas bastardas transbordariam através da parede em milhares e milhares. Nada poderia detê-los.

Kratos sacou as Lâminas do Caos e se tranquilizou, esperando

inflexivelmente na brecha.

Essa seria uma longa luta.

Legionários mortos-vivos andavam pesada e firmemente ao longo de uma trilha descendente na mata, suas armas retinindo a cada passo. Alguns carregavam foices e outros balançavam maças com espinhos enquanto abriam caminho para reforçar a retaguarda das forças que atacavam a brecha nas Longas Murallas. O líder diminuiu o ritmo e então levantou um membro ossudo para deter sua patrulha.

Arbustos farfalharam. Os legionários se viraram na direção do som e sacaram as armas, mas por trás deles saltou um grande lobo cinzento, rosnando para o líder enquanto golpeava o legionário ao chão. Mandíbulas fortes se fecharam em um pescoço esquelético, esmagando e rasgando a cabeça do morto-vivo. Quando o lobo se virou para fazer o mesmo com o próximo, os seus selvagens rosnados convocaram o resto do bando a galopar para fora da floresta em sua emboscada. As criaturas do Hades tentaram se defender, mas esses lobos guerreavam com uma astúcia e uma ferocidade que surpreenderiam qualquer caçador. Alguns dos seres esqueléticos só conseguiam se debater, enquanto suas pernas eram arrancadas. Outros atiraram facas e machados e até mesmo espadas nos lobos, mas os elegantes assassinos cinzentos desviaram, em seguida retornaram para cravar suas mandíbulas contra as garras ósseas dos mortos-vivos. Logo, “desarmar” já não era uma figura de linguagem.

Uma calmaria descendeu sobre a floresta mais uma vez, assim que a matilha de lobos desapareceu, rondando seu território em busca de novas vítimas, e duas deusas se materializaram na cena do abate.

Atena disse:

– Suas criaturas lutam bem.

Ártemis olhou para o céu, medindo o voo das águias e a revoar lento de abutres.

– Os pássaros falam-me de novas incursões – ela disse. – Nosso irmão é lento para aprender.

– Então vamos ofertar mais lições sem demora – Atena disse. – Ainda que todos os lobos do mundo não sejam suficientes para destruir seu exército, nós podemos ao menos impedi-lo de permanecer em seus bosques.

A caçadora favoreceu-a com um olhar penetrante.

– Nós?

Antes que Atena pudesse responder, Ártemis desapareceu. Atena suspirou e com um gesto breve a seguiu até uma clareira grande tomada pelos soldados de

Ares. Os monstros marchavam em considerável desordem. As criaturas que ocupavam o lugar de oficiais gritavam e guinchavam, tentando organizá-los em algo que se assemelhasse a um comando de batalha. Quando eles começaram a sua marcha através da clareira, Ártemis apontou para a linha de árvores que estavam a um metro e meio de seu flanco.

– Ali.

Um alce enorme irrompeu dos arbustos, abaixou sua galhada, e atacou honradamente o grupo de esqueletos arqueiros. Sua galhada lanceou quatro deles, e um movimento de sua cabeça arremessou fragmentos de mortos-vivos para o ar. O alce urrou e se virou para atacar novamente, mas os arqueiros restantes já traziam flechas em suas cordas. A dúzia de arcos zuniu como um, e as flechas inflamadas cravaram-se profundamente dentro do peito do animal poderoso. Ele cambaleou, caiu de joelhos e morreu.

Antes que ele pudesse sequer tocar o chão, bandos de lobos saíram de seu esconderijo para cobrir todos os lados, atingindo intensamente a formação dos arqueiros enquanto eles lutavam para sacar novas armas. Suas presas arrancaram carnes podres, e suas mandíbulas esmagaram ossos expostos. Mas um monstruoso estrondo de árvores se partindo anunciava a chegada de uma nova ameaça.

– Ciclopes – muitos deles – Atena disse, colocando a mão no braço de sua irmã, em sinal de advertência. – Eles são perigosos até mesmo para Kratos. Seus lobos não podem opor-se a eles.

– Eles não precisarão.

Cerca de dez dos grandes ciclopes vieram para frente, suas poderosas maçãs de guerra assassinando árvores inteiras. O maior deles tomou a liderança, ribombando na direção dos lobos – mas, antes que ele pudesse atravessar metade da distância, endureceu-se, seu olho girou em sua órbita e derramou líquido em seu rosto.

– Peles e chifres estão longe de ser as armas mais mortíferas dos meus súditos – disse Ártemis com satisfação sombria. – Víboras podem derrubar até mesmo os ciclopes.

– Entendo.

Como os outros brutamontes hesitaram, inseguros sobre o que fazer, agora que o seu líder estava morto, o céu se cobriu do chiado agressivo das águias. Mergulhando como flechas dos céus, os grandes predadores dourados mergulharam em direção a olhos ciclópicos, cortando-os com suas garras estendidas. Alguns golpes com o bico arrancaram talhos de carne sangrenta das faces adjacentes; em seguida, as aves levantaram voo novamente.

– Agora vamos compeli-los – disse Ártemis.

Ela apontou para um clarão na floresta, onde um trio de ursos enormes se movimentava pesadamente. Enquanto os lobos afastavam os legionários e outros mortos-vivos, os ursos atacavam os ciclopes remanescentes com garras empastadas de sangue coagulado.

O exército de Ares começou a se dissolver quando o medo se apoderou das criaturas. Bandos de lobos, ataques de alces, os ursos, as águias e as serpentes, tudo para arrebanhar a manada dos monstros para as Longas Muralhas.

– Ártemis, minha irmã – disse Atena –, você é tão boa como a sua palavra. Meus atenienses devem agora ser capazes de...

– Shhh.

Ártemis enrijeceu. Com um gesto, ela convocou seu arco; outro gesto produziu uma flecha dourada, entalhada e pronta para ser atirada.

– Esconda-se.

Atena franziu a testa.

– Esconder-me de quê?

Em um instante, os céus foram rasgados em pedaços e Ares entrou em cena, tão enormes eram as chamas do seu cabelo que poderiam queimar as nuvens. Atena refletiu que os instintos da sua irmã eram tão precisos quanto as suas flechas e decidiu seguir os conselhos de Ártemis. Um aceno gracioso de sua mão materializou uma neblina em torno dela... e quando a neblina evaporou, ela não estava mais por perto.

Ares nem mesmo a notou. Ele olhou zangado para a ralé em pânico que seu exército havia se tornado.

– *O que há de errado com vocês?*

A voz do deus abalou a própria terra. Ele se inclinou para baixo e, com uma mão titânica, agarrou ursos e alces, lobos e similares.

– *Animais? Meros animais conduzem vocês como gado? Deixem-me mostrar como lidar com animais!*

Seu punho se fechou e começou a esmagar.

Ártemis disse:

– Não.

Ares hesitou como se tivesse sido ferroadado, mas somente por um instante. Então sua beligerância natural se inflamou uma vez mais.

– *Quem ousa dar ordens ao Deus da Guerra?*

Ártemis saiu de trás da árvore que a encobria, ainda em seu tamanho humano, seu arco dobrado e sua corda contra sua bochecha, enquanto ela mirava a sua flecha.

– Com muita delicadeza, meu irmão. Muito suavemente, coloque as minhas criaturas no chão.

Ares bufou de uma altura doze vezes maior que a de Ártemis.

– *Por que eu deveria?*

– O meu aperto não é tão firme como ele uma vez foi – Ártemis disse calmamente. – Eu odiaria ter que explicar ao nosso pai como os meus dedos escorregaram quando a minha flecha estava destinada ao seu rosto.

– *Você não ousaria. A Palavra de Zeus proíbe...*

– Matar – Ártemis terminou a sentença para ele. – Deste ângulo, uma flecha em seu olho seria pouco mais do que um inconveniente para você. Eu imagino que você não ficaria meio cego por mais de uma década ou duas.

– *Você ajudaria aquela cadela traiçoeira da Atena contra mim?*

– Eu defenderia – disse Ártemis, sem a menor hesitação, nem mesmo de uma pálpebra – o meu domínio e minhas criaturas. Arrume isso, e siga seu caminho.

– *Você não vai me atacar. Você não pode. Não enquanto eu ameaçar apenas mortais* – seu punho apertou-se ainda mais, até que sangue correu entre os seus dedos. – *Eu posso esmagar cada uma dessas feras dos bosques, e você não pode causar-me mais que uma coceira.*

– Você se voltou contra minhas criaturas.

Ártemis desceu a mira do seu arco.

– Testemunhe como posso voltar-me contra as suas.

Ela lançou sua flecha, que voou de seu arco mais rapidamente do que um relâmpago e, antes que esta chegasse ao seu destino, outra flecha foi lançada.

Tantas flechas voaram tão depressa que a clareira da mata parecia cheia de uma névoa dourada, que zunia e rangia como um ninho de vespas iradas.

Após esse instante único, Ártemis abaixou seu arco e olhou para Ares.

– Então?

O Deus da Guerra observou o seu exército. Cada criatura já vivente que estava na clareira jazia morta; toda criatura morta-viva estava mutilada de forma a ficar irreconhecível. Lobos e ursos e alces estavam intocados. Por um longo momento, o único som que se ouvia era o grito zombeteiro de uma águia distante.

Após um tempo, Ares disse:

– *Talvez eu tenha sido precipitado.*

– Talvez.

– *E se as minhas legiões e eu deixarmos suas matas em paz?*

– Então as minhas criaturas não teriam nenhum motivo para atacar as suas.

– *Feito, então.*

– Sim – disse a Caçadora dos Deuses. – Feito.

Athena, espreitando invisivelmente por entre as árvores, balançou a cabeça com um suspiro desapontado. Ela odiava quando os membros de sua família forjavam um acordo de paz, mesmo sabendo que Ares e Ártemis o violariam por conta da menor das provocações. Ainda assim, sua missão com Ártemis estava longe de ter sido uma perda total. Esse conflito na floresta deve ter tirado pressão suficiente das Longas Muralhas, para que Kratos se dirigisse para a cidade. Matar monstros era bom – e moderadamente divertido, vale mencionar –, mas não o levaria a lugar nenhum.

Athena respirou profundamente, saboreando os aromas dos pinheiros e da terra. Ela fechou os olhos e permitiu-se um transe leve, deixando sua clarividência preencher sua mente com vislumbres do futuro. Ela arfou e seus olhos abriram-se de repente, diante do que ela previu. Frieza estabelecida, ela percebeu que mesmo que Ártemis e o Senhor Poderoso do Oceano, Poseidon, tivessem aderido a ela, opondo-se ao Deus da Guerra, eles teriam falhado.

Ares havia se tornado demasiado poderoso – e cada vez mais insano. Os próprios pilares do Olimpo seriam transformados em escombros por suas ações. E não havia nada que ela pudesse fazer, porque Zeus nunca iria rescindir o seu decreto e permitir que um deus matasse outro. Ela viu que, enquanto ela e o resto

do Olimpo, incluindo o Pai dos Céus, estivessem tão atados, Ares não iria obedecer.

A ambição e loucura faziam uma mistura mortal. Se ela não podia matar Ares, Kratos devia. Mas como? Como poderia qualquer mortal assassinar um deus? Kratos tinha de chegar ao Oráculo. Era a única maneira pela qual a resposta seria revelada, pois o poder do Oráculo era tal que ele poderia dar a Kratos o conhecimento escondido até mesmo dos deuses. Atena esperava que isso fosse suficiente – *tinha* de ser.

Feito isso, ela virou-se e, com um sopro de vontade, enviou-se mais uma vez para o Olimpo, passando por suas próprias câmaras para chegar ao Átrio da Eternidade. Era necessário que Kratos recebesse outro dom de poder, se ele quisesse chegar ao Oráculo.

Meros passos ao longo do corredor trouxeram-na para uma arcada perfumada, com véus diáfanos. Ela seguiu em frente para uma arquitetura erótica de prazeres sibaritas e decoração sedutora. Não importava a direção, espelhos de bronze, latão e prata refletiam imagens ainda mais lisonjeiras do que seu espelho favorito em sua própria câmara. Uma piscina com aroma de lilás se estendia ao longo de uma cama baixa e oferecia um grau diferente de reflexão.

– Bem-vinda, Atena – a saudação era suave e sensual, tão gentil e convidativa como a carícia de um amante.

– Senhora Afrodite.

Atena se curvou profundamente na direção da tapeçaria à sua direita, que retratava seres humanos e deuses copulando em uma centena de formas; esse foi o melhor palpite de onde a Deusa do Amor poderia estar escondida. Elas tinham uma relação tensa, a Deusa do Sexo e a Guerreira Virgem, complicada pela natureza um tanto incerta de sua ligação familiar.

Afrodite nasceu dos genitais de Urano, quando seu filho, Cronos – o pai de Zeus – arrancou-os da virilha do deus ancião e jogou-os no Mediterrâneo. As gotas de sangue tornaram-se as Fúrias – o que Atena sempre achou lógico – e o próprio órgão havia renascido como a deusa infinitamente desejável. Nasceu da espuma do mar, Afrodite, em certo sentido, podia ser considerada não como parte da família, exceto pelo casamento – afinal, ela desposara o irmão de Atena, Hefesto. Ela poderia ser considerada somente como cunhada de Atena.

No entanto, ela também havia nascido como o resultado de um ato de Cronos, que em certo sentido fazia dela uma irmã de Zeus, Poseidon e Hades. O que significava que a ela se deveria dirigir com considerável deferência.

Finalmente, ela realmente havia encarnado do pênis de Urano, avô de Zeus, o que fazia dela a tia de Zeus.

A própria Afrodite se recusava a esclarecer sua genealogia complicada. De sua parte, Atena evitava a deusa da luxúria sempre que possível. Os estratagemas de Atena eram acentuadamente diferentes dos de Afrodite.

A Tapeçaria de Coitos Infinitos se agitou e Afrodite surgiu de trás dela, aquecendo o ambiente com sua beleza. De fato, todo o Olimpo assumiu um brilho mais suave, mais sensual.

– Pelo seu tom – disse Afrodite –, eu sinto que essa não é uma visita casual e que você não vem a negócios de meu reino particular.

Atena assentiu.

– Eu trago notícias tristes.

– E isso lhe agrada, tanto que você não pôde enviar Hermes?

Afrodite abaixou-se sedutoramente no sofá estofado e repousou com languidez.

– Hermes esteve... aqui recentemente... e ele não mencionou nada.

– Talvez outras preocupações o tenham distraído – Atena disse, sabendo muito bem a natureza do encontro entre Afrodite e o Mensageiro dos Deuses.

O Mensageiro dos Deuses era um visitante frequente das câmaras de Afrodite, e era sabido que ele trazia à deusa mais do que notícias.

– Você está sugerindo que os simples prazeres da carne poderiam distraí-lo de suas funções?

– Eu não estou sugerindo nada – Atena disse inocentemente. – Esse jovem casal que vocês têm tido tanto prazer em instruir ultimamente...

– Em Micenas?

Atena pensou: “por que não?”. Ela não tinha ninguém específico em mente, mas sabia que as atenções de Afrodite podiam ser derramadas sobre milhares de amantes a qualquer momento.

– Há um rumor de que eles podem ter ofendido a Medusa com suas atividades amorosas – ela disse, pensando, “um boato que eu acabei de inventar, mas um boato, apesar de tudo”.

– É possível que ela tenha prometido transformar em pedra não somente a eles, mas a *todos* os seus discípulos – e quiçá o próprio Olimpo.

– A Medusa não é uma ameaça. – Afrodite acenou desdenhosamente com a mão. – Ela é apenas uma bruxa velha e odiosa.

– Não uma bruxa, mas uma Górgona – Atena corrigiu. – Ela pode ter a intenção de destruir todos os que se dedicam às suas... formas de prazer.

– Você ainda está *zangada* com ela – Afrodite disse, provocando. – Ainda não a perdoou pelo encontro com Poseidon no seu templo em Cartago?

– As escapadelas amorosas de meu tio não são de nenhum interesse para mim.

– Interesse? Não. Mas surpresa, sim – Afrodite lançou para Atena um sorriso decididamente travesso. – Ah, se você soubesse quantas vezes – e em quantos *lugares* – ele e eu...

– A Medusa é a questão – disse Atena, com um gesto cortante, como se sua mão fosse uma espada que pudesse romper essa linha de conversa. – Ela pode ser um perigo terrível para seus adoradores.

– Por que ela se incomodaria? Ela e suas irmãs são limitadas em sua liberação sexual.

– Limitadas aos cegos, sim. Caso contrário, transformariam seus amantes em pedra com um olhar descuidado. Mas a raiva é construída através dos séculos. E chegou ao ponto de consumir a Medusa, fazendo de você o foco de sua ira.

– Eu vou falar com ela. Podemos...

– Espere, Afrodite. Há mais. Ela iria prejudicá-la. Sua fúria é muito grande. Você perdeu muitos seguidores recentemente.

Uma vez mais Atena fez uma estimativa calculada. Em Atenas, ela havia perdido centenas de fiéis em apenas um dia. A guerra sempre causa revolta e morte. Afrodite seria semelhantemente estorvada com a morte de seus seguidores, mesmo que viessem pelas mãos de Ares e não da Medusa.

– Ela não pode. Zeus a puniria severamente se tentasse.

– Você não estaria em posição de desfrutar do castigo dela, se você estiver para sempre confinada no submundo.

Afrodite caminhou enquanto pensava. Atena prestou pouca atenção, deixando-se envolver por sua própria imagem, refletida infinitamente nos espelhos. Afrodite com um amante devia ser excitante. Atena não havia tomado nenhum amante, mas a visão de si mesma foi o suficiente para sugerir que tipo

de gratificação pode ser adquirido em uma sala como essa.

– Eu não posso matar a Medusa, nem você pode. Zeus proíbe tais rixas.

Atena quase riu. Afrodite chamou o ato de matar um deus uma mera “rixa”.

– É verdade, mas nada diz que um mortal não pode matar uma Górgona.

– Isso nunca aconteceu.

– Isso não significa que não possa ser feito, usando o instrumento adequado de destruição.

Afrodite balançou a cabeça e disse:

– Não, não, isso não está certo. Ser a força por trás da morte de Medusa é errado. Nós podemos trabalhar nossas diferenças, quaisquer que ela pense que sejam.

– A Medusa tem inveja da sua beleza – Atena disse. – Ela anseia por um amante – qualquer amante – tão hábil quanto um que você possa aceitar em sua cama por uma noite apenas – Atena baixou a voz em um sussurro conspirador. – Ela acha que você roubou Hermes dela.

Afrodite riu asperamente.

– Hermes dorme onde ele bem entender.

Um pequeno sorriso acendeu em seu rosto.

– Ele é sempre bem-vindo nestas câmaras, mas não posso imaginá-lo na cama com Medusa, nem com os olhos vendados.

– A beleza inspira Hermes. A feiura certamente o ofende. A medusa a culpa por suas inclinações naturais.

– Como ela pode exigir que ele vá contra sua natureza? – Afrodite disse. – Isso iria introduzir o mal no mundo, onde deveria existir apenas o amor.

– Tal é o seu ciúme, tal é a sua maldade.

Atena viu que Afrodite estava um pouco mais ereta, como se a determinação endurecesse o coração da deusa.

– Eu não posso suportar a ideia de Hermes estar em perigo por conta de uma Górgona.

– E eu não posso aguentar por mais um momento o conhecimento de que Medusa conspira contra você, querida Afrodite. Deixe-me dizer o que podemos fazer...

Atena deixou Afrodite logo depois, certa de que a natureza de Kratos seria ainda mais temperada e suas habilidades afiadas à perfeição antes da batalha final com Ares – se ele conseguisse chegar ao Oráculo e descobrisse o método para matar um deus.

Kratos escalou uma pilha de cadáveres para observar o trabalho de reparação sendo concluído na muralha. Os engenheiros colocaram cruzeiros robustos contra a parede e pilares enfiados profundamente no chão para mantê-las no lugar. Era um trabalho rude, mas fornecia uma barreira para manter os asseclas de Ares longe da estrada. Enquanto ele não precisasse se preocupar com os esqueletos arqueiros vindo por trás dele, Kratos podia rumar com segurança para a cidade novamente. Sem dizer uma palavra aos defensores próximos a ele, Kratos saltou para a estrada e correu para a cidade.

A noite caiu sobre Atenas. As vastas colunas de fumaça agora rodopiavam e giravam, iluminadas apenas pelo incêndio abaixo, e através da neblina Kratos ocasionalmente vislumbra o próprio Ares, grande como uma montanha, elevando-se sobre a Acrópole. Era de suas mãos que o fogo grego voava, grandes bocados flamejantes que ele lançava aleatoriamente ao redor da cidade.

A estrada começou a se encher de refugiados, civis agarrando o que lhes era mais precioso, fugindo da cidade enquanto eles ainda podiam, para permitir aos soldados a melhor oportunidade para fortalecê-la e defendê-la. A cada cem metros, a multidão se tornava densa o suficiente para impedir o seu progresso – mas o obstáculo era momentâneo, porque Kratos simplesmente abriu seu caminho com as Lâminas do Caos. Partes ensanguentadas dos corpos dos refugiados voaram de ambos os lados do espartano enquanto ele corria, e qualquer ateniense que testemunhou tal abate sabiamente se espremeu para fora do caminho de Kratos.

Kratos não perdeu um instante sequer pensando nesses infelizes. Ele não estava ali para salvar os civis – e as Lâminas do Caos podiam beber vidas inocentes tão facilmente como as de oponentes. O aumento da sua força a cada assassinato permitiu-o correr mais rápido do que nunca, como se estivesse calçando as sandálias aladas de Hermes.

A grossa fumaça preta assumiu um odor mais nocivo enquanto ele se aproximava do portão em ruínas da cidade. A memória dos corpos queimados nunca poderia ser apagada de sua mente. Depois de tantas batalhas, cavar sepulturas era impossível; havia sempre mais mortos do que pás e homens para usá-las. Kratos ordenava que os corpos fossem empilhados e incendiados. A pira funerária de um tornou-se a pira de centenas, e assim foi por muitos anos.

Os portões da cidade estavam demolidos e despedaçados. Alguns poucos civis escolheram seu caminho através dos escombros, mas mais do que fogo de Ares choveu sobre eles; seus gritos foram breves, e logo tornaram-se extensões da pira. Apenas a guarita permaneceu intacta, embora parecesse abandonada. Enquanto Kratos passava, no entanto, uma voz gritou da janela sombreada.

– Você aí! Pare!

A voz era fina e ofegante, e, quando Kratos virou-se para olhar, encontrou um homem curvado e encarquilhado, quase sem força para ficar de pé em sua armadura.

– Declare sua... condição... Hum, o que você está fazendo aqui?

– Eu procuro o Oráculo de Atena, velho.

O guarda ancião olhou para ele de forma míope.

– O Oráculo? Para quê?

– Onde ela está? – Kratos perguntou com tanta paciência quanto ele podia reunir.

– Ela tem um quarto no Pártenon, na parte oriental da Acrópole, mas... – o velho balançou a cabeça tristemente. – Essa área está em chamas. O lugar inteiro está em chamas. O Oráculo pode estar morto. Ninguém o viu desde que os combates começaram. Uma vez ele me disse o meu próprio futuro, sabia disso? Isso foi há muito tempo. Eu tive que sacrificar...

Kratos reprimiu com êxito um súbito desejo de remover a cabeça do velho tolo. Ele rosnou:

– Como faço para chegar à Acrópole?

– Bem... você não pode passar por aqui.

– O quê?

– Eu recebi as ordens do comandante da vigília, dadas pouco antes de o portão ser derrubado por uma daquelas bolas de fogo. Ninguém entra por esse portão, quer dizer, pelo que resta dele.

O velho homem segurava um punhal com a mão trêmula.

– Além disso, por que você quer ir até lá? O lugar está cheio de mortos-vivos, tem um ciclope e, pior, eu vi até mesmo o Minotauro!

Kratos balançou a cabeça, pensando na luta nas Longas Muralhas. Mais um esforço desperdiçado. O exército de Ares já estava dentro da cidade. Ele deixou o velho balbuciando consigo mesmo e correu pelas ruas escuras, iluminadas apenas por incêndios irreprimidos ao longe.

CORRENDO PELA CIDADE ESCURA, Kratos amaldiçoou-se por ser um tolo, apesar de as Lâminas do Caos cantarem sua canção escarlate através de inúmeros corpos de asseclas de Ares. Legionários mortos-vivos voaram em pedaços rapidamente e ninguém diminuiu os passos largos de Kratos. Esqueletos arqueiros dispararam flechas flamejantes quando ele passou, mas ele não sofreu nenhum arranhão. Com agilidade, ele se esquivou de um imenso ciclope e dissipou espectros fantasmagóricos com pouco mais que um gesto.

E tudo isso por nada. Assim como o massacre para reconstruir a brecha nas Longas Murallas fora em vão.

Os exércitos de Ares haviam atacado a muralha primeiro, não para ganhar acesso à cidade, mas porque era onde os soldados estavam. As legiões de Ares viviam apenas para matar. Se os soldados atenienses tivessem oferecido resistência em Pireu, seria onde as abominações teriam atacado. Eles nunca precisaram atravessar as paredes, no final das contas. Enquanto Kratos corria, mais inimigos saltaram da terra, como se um impossível submundo tivesse aberto os portais da realidade para vomitar sua desova nas ruas de Atenas.

Kratos se amaldiçoou por combatê-los como se fossem humanos.

Ele não parava mais para matá-los. Por que se preocupar? Atenas e seu povo não podiam ser protegidos da destruição do exército de Ares – o exército do deus não podia ser destruído. Como dentes de dragão, cada besta que Kratos viesse a matar podia ser recriada em qualquer lugar, a qualquer instante. Matá-los não fazia mais do que alimentar o poder das lâminas – poder de que ele não precisava. Para o Hades com essa luta. Ele iria procurar o Oráculo, aprender seu segredo e então seguir seu caminho.

Como ele deveria ter feito desde o início.

Em uma esquina à frente, ele ouviu urros e grunhidos e as vozes de homens gritando como crianças. Logo, dois soldados atenienses apareceram à vista, correndo a plena velocidade, suas armas e escudos esquecidos. Eles gritaram para Kratos que ele deveria *fugir*; *eles estão bem atrás de nós!* Um segundo depois, Kratos descobriu do que eles estavam fugindo: uma criatura gigantesca, com a cabeça e os cascos de um grande touro e o corpo de um homem.

O Minotauro – o monstro de Creta, supostamente morto por Teseu. Kratos bufou. Por que ele deveria se surpreender ao encontrar a criatura viva?

Teseu era um ateniense.

O Minotauro trazia um enorme labris – o machado de duas faces de Creta, a lâmina sozinha tinha o tamanho de um homem e era duas vezes mais pesada. A grande besta levantou o labris para o alto e, com um poderoso impulso, atirou-o girando por meio do cenário turvo e obscuro. Um dos soldados, olhando com

medo por cima dos ombros, viu a lâmina que se aproximava e jogou-se para o lado. O outro nunca olhou para trás. Ele descobriu o machado no mesmo momento em que ele eliminou a sua cabeça em um corte limpo e saiu do outro lado, sem perder velocidade. O machado cantou no ar, girando direto para o rosto de Kratos.

Kratos julgou a distância e o giro, então deu um passo para a frente, de modo que o punho do machado, e não sua lâmina, batesse em sua mão. A arma golpeou com força suficiente para matar um homem comum. Kratos sequer piscou.

– *Corra!* – o soldado restante gritou quando ele passou por perto. – *Você tem que correr!*

– Espartanos – Kratos respondeu com desprezo escaldante – *correm para o inimigo.*

O Minotauro bufou, baixou seus amplos chifres e atacou.

Kratos levantou o labris.

– *Você vai querer isso de volta* – ele disse, e atirou-o contra o monstro, que parou sua corrida, rosnou e tentou reproduzir a proeza de Kratos. O Minotauro descobriu que isso era mais complicado do que parecia.

O Minotauro calculou mal o giro do machado por um meio passo: a lâmina atravessou sua mão, seu nariz e seu crânio, antes de girar para desaparecer na escuridão enfumaçada.

O cadáver de meia cabeça continuava oscilando. Kratos levantou a cabeça decepada do soldado ateniense e atirou-a como uma rocha. Ela bateu no peito do monstro e derrubou a grande besta.

Kratos zombou do soldado morto. Ao passar pelo cadáver do Minotauro, ele sacudiu a cabeça e bufou com desprezo.

Teseu. Que herói. Apenas os atenienses exaltariam um homem e fariam dele um herói por matar uma criaturinha tão insignificante. Que bom que Kratos não estava ali para salvar o povo, ele não conseguia nem olhar para eles.

Antes de chegar à esquina, no entanto, ele descobriu que havia cometido um erro. Aquele não era o Minotauro; mas apenas *um* minotauro. A verdade lhe foi revelada pelo aparecimento de mais três imponentes homens-touro, trovejando em direção a ele com os machados em punho.

Kratos empunhou as Lâminas do Caos sombriamente, sem diminuir seu ritmo. Outro atraso sem sentido. Ele usaria melhor o seu tempo fora das ruas.

Os três minotauros se espalharam para bloquear seu caminho, mas um impetuoso arranque, mais rápido que o galope de um cavalo de competição, deu a Kratos o impulso de que ele precisava. A uma dúzia de passos dos monstros, Kratos atirou uma das Lâminas do Caos para o alto, chicoteando a borda da varanda mais próxima. A corrente prendeu-se com firmeza e puxou-o para o ar, sobre as cabeças dos minotauros atônitos. Ele arremessou a outra lâmina em uma varanda superior e assim por diante, até se balançar por todo o caminho até os telhados.

Dali, ele podia ver claramente o Pártenon e, além dele, a figura enorme do Deus da Guerra, que ainda atirava punhados de fogo na cidade abaixo.

Mesmo aquela pausa momentânea havia sido suficiente para os asseclas de Ares localizarem-no novamente. Bandos de harpias voaram em direção ao telhado, espectros flutuaram através das paredes próximas, e o edifício tremia com os minotauros e ciclopes escalando suas paredes.

– Ares!

Kratos rugiu seu desafio, brandindo o fogo imortal das Lâminas do Caos.

O montanhoso deus da guerra virou os olhos como luas sangrentas em sua direção. Por trás da barba de chamas, os lábios de Ares comprimiram-se em um sorriso cruel, quando ele levantou a mão ardente alta o bastante para queimar as nuvens. Ele atirou uma bola de fogo maior do que todo o edifício em que Kratos estava. Enquanto o míssil em chamas parecia se expandir a uma velocidade alarmante, Kratos teve um instante para se perguntar se o orgulho arrogante talvez o fizesse precipitar-se em atrair a atenção do deus guerreiro.

Ele deu um salto poderoso por entre a multidão de inimigos, alcançou a parede de um alto edifício nas proximidades e pulou mais uma vez, arremessando-se sobre a praça ampla. Ele atingiu um grande pilar partido e o escalou por um instante, olhando para o telhado de onde viera. O que ele viu causou-lhe certa hesitação.

Todo o edifício era uma massa em chamas; harpias guinchavam, ciclopes uivavam e minotauros berravam, enquanto todos eram queimados. Então foi a sua vez de gritar, quando um pedaço de fogo gelatinoso correu pelas suas costas. Sua força diminuiu, e ele escorregou para baixo, caindo na rua, em agonia. Torceu-se de um lado para o outro, tentando rolar como se meras chamas devorassem sua carne, não adiantou.

Mais chamas rugiram na sua direção e a praça abaixo se enchia com monstros. Com um esforço supremo, dentes cerrados pela interminável queimação nas costas, Kratos se jogou para a frente. Para o Pártenon. Em direção ao Templo de Atena. A dor nunca retardou o Fantasma de Esparta. Ele cambaleou em direção ao Oráculo – e em direção ao segredo de como matar

um deus.

* * *

KRATOS CORRIA QUANDO PODIA, a dor em suas costas diminuiu um pouco, e matava quando precisava; ele tropeçou pelas ruas, sobre os telhados, e até prosseguiu com dificuldade nos esgotos labirínticos que ligavam catacumbas infinitas. Embora o esgoto queimasse mais do que pensara, ele pôde suportar sem morrer, no momento em que Kratos emergiu, o toque de Ares nas suas costas havia diminuído. Sua pele estava retesada. Mas ele ainda podia se mover, ainda podia lutar quando necessário. Finalmente, após o que pareceram dias, ele chegou à larga avenida que levava da Acrópole ao Pártenon – e lá ele enfrentou um novo desafio.

A estrada era patrulhada por centauros. Selvagens e indomáveis, esses gigantes e monstruosos homens-cavalo tinham uma reputação de ferocidade em batalha que Kratos sabia que era bem fundamentada. Ele havia enfrentado essas criaturas antes e sempre as considerou como oponentes formidáveis.

Mas eles não viviam muito tempo. Ao menos, nenhum que tivesse enfrentado o Fantasma de Esparta.

O mais próximo o viu através da fumaça. Vociferando o seu grito de guerra, ele se empinou e virou-se para enfrentá-lo e então, sem hesitação, atacou.

Kratos ampliou sua postura e esperou.

Com os cascos batendo no chão, o centauro correu diretamente para ele. Kratos percebeu que não poderia ultrapassar a criatura, não com a pele das suas costas rachando e dando-lhe novo tormento a cada movimento. Ele mediu a distância e esquivou-se no último instante. Como todos os animais de quatro patas, escapar para o lado durante o ataque era impossível, estando ferido. Kratos deixou o homem-cavalo passar. Ao contrário de outros animais de quatro patas, no entanto, o centauro possuía a capacidade de girar a parte superior do corpo.

E este o fez. A lança penetrou, quase empalando Kratos. Apenas um rápido desvio com sua lâmina impediu uma ferida atroz no flanco de Kratos.

O homem-cavalo tentou apoiar-se em seus cascos traseiros para parar, levantar-se e girar, mas centauros não podiam virar a cara na direção oposta tão rapidamente. Kratos usou isso em sua vantagem. Ele atacou enquanto o peso do centauro prendia seus cascos traseiros no chão. Se ele tivesse tentado chutá-lo como uma mula, o ataque de Kratos teria falhado.

Ele arqueou-se sobre o dorso do homem-cavalo, as Lâminas do Caos girando em amplos círculos mortais. Qualquer uma das espadas teria matado o

centauro. Sua lâmina direita enterrou-se profundamente no pescoço, enquanto a esquerda rasgou a lateral do homem-cavalo e fez jorrarem tripas repartidas na praça da cidade.

Kratos perdeu o equilíbrio, escorregou no sangue do centauro e caiu pesadamente sobre o cadáver. Por longos minutos, ele só pôde jazer na poça. Ele obrigou-se a se pôr de pé e esticou-se, após recuperar um pouco de seu poder costumeiro, embora seu movimento tenha sido restringido pela pele ferida de suas costas. Ele examinou a área. Era como ele temia: Ares havia infiltrado muitos de seus exércitos pela cidade. Mais dois centauros galopavam para atacá-lo.

Um centauro segurava uma lança enorme empunhada como um arpão em seu braço musculoso, o outro girava um peso de ferro no fim de uma longa corrente. Enquanto eles se precipitavam sobre ele, Kratos deixou-se cair. A corrente e a bola balançaram inofensivamente sobre sua cabeça, mas a lança ferrou seu antebraço – apenas a corrente embutida na carne e ligada ao osso salvou-o de perder a mão. Mas até mesmo o forte impacto não atrasou seu contra-ataque. Se ele estivesse inteiro, se seus músculos e suas costas poderosas respondessem como deveriam, seu objetivo teria sido perfeito. Em vez disso, ele errou e os centauros passaram como um relâmpago, ilesos de suas lâminas. Ajoelhando como um penitente, ele levou as Lâminas do Caos para os lados, as lâminas voltadas para trás, e cortou a parte mais próxima da perna dianteira de cada centauro. Os animais caíram para a frente e derraparam, deixando manchas de sangue na calçada. Kratos levantou-se e, com mais um movimento das lâminas, cortou suas cabeças de seus corpos.

Ele sacudiu o sangue de suas lâminas enquanto procurava por novos inimigos – novas vítimas –, mas encontrou apenas chamas e carnificina. Incêndios brotavam como profanas ervas daninhas, devorando a cidade.

Ele voltou para estrada até o Pártenon, cada passo mais forte que o anterior. As Lâminas do Caos, ao tomar vidas, nutriam-no e permitiam sua regeneração. A rigidez permanecia em suas costas como um lembrete de sua imprudência ao insultar um deus. Kratos usou suas lâminas, por vezes, como bengalas, para ajudá-lo a subir a estrada cada vez mais íngreme. O soldado havia dito que o Oráculo de Atena estava em um templo perto de uma estrutura majestosa, que agora ficara escurecida com a fuligem e iluminada pelas chamas da cidade abaixo.

Kratos ouviu o som crescente de um sibilo que ele conhecia muito bem. Em um piscar de olhos, ele se jogou, mergulhando de cabeça, escondendo-se perto de uma parede um instante antes de outra das bolas de fogo do deus espirrar chama líquida em toda a vizinhança. A onda de fogo quebrou em cima de Kratos, e ele correu mais rápido no pátio, buscando cobertura sob o telhado de azulejos. Um toque de tal angústia era tudo o que ele podia suportar. Ele

encontrou uma fonte meio cheia, sufocada por ervas daninhas. Ele saltou sobre ela e rolou na sujeira úmida e podre. A água turva cheirava a peixe morto, mas sufocou o resto do gel ardente que havia se agarrado à sua pele.

– Pelos deuses – disse, rangendo os dentes, quando uma onda de dor passou por ele.

Então ele se levantou e soube que podia continuar lutando. Pela honra, por Atena – e porque era tudo o que ele sabia.

Voltar à rua pavimentada revelou apenas novos obstáculos. Bolas de fogo após bolas de fogo dinamitaram todas as vias que conduziavam ao cume, fazendo delas rios de fogo. Como se tivesse adivinhado o destino de Kratos, Ares fechou todos os caminhos.

Kratos o amaldiçoou e se atirou mais uma vez em uma arrancada. Ele se moveu para circundar a Acrópole – devia haver alguma lacuna no anel de fogo do deus guerreiro.

Sua nova energia levou-o para uma zona calma de Atenas, uma que até então escapara do pior da destruição. Pessoas espreitavam com medo nas janelas, enquanto ele passava, mas ninguém estava morto na rua, embora isso fosse apenas temporário; no lado mais distante da Acrópole, ele encontrou uma patrulha de mortos-vivos.

Os esqueletos repugnantes caçavam furtivamente nas estradas, balançando foices que pareciam poder cortar as colunas do próprio Pártenon. E essas criaturas especiais, Kratos observou, usavam armaduras – armaduras que estavam escurecidas com fuligem, mas que não mostravam nenhuma evidência de fogo. Armaduras que podiam proteger os mortos-vivos das chamas de Ares eram exatamente do que ele precisava.

Ele caiu por trás dos esqueletos blindados e aumentou a sua velocidade, aproximando-se rapidamente. Algum instinto profano deve ter alertado as criaturas de sua abordagem rápida. Eles giraram as longas, perniciosas e afiadas lâminas de suas foices letais, preparadas para sentir o gosto de sangue espartano. Ele bloqueou o movimento da mais próxima com sua lâmina esquerda. Faíscas e chamas explodiram como pinheiro verde em uma fogueira. Ele virou-se para flanquear a criatura, mantendo-a, e sua armadura, entre ele e seus companheiros.

Legionários o rodearam, cortando de novo e de novo; Kratos estava muito ocupado bloqueando para contra-atacar, principalmente porque não queria prejudicar as armaduras, que eram, afinal, o único motivo pelo qual valia a pena enfrentá-los.

O choque das armas soltava faíscas em todas as direções. A casa atrás de

Kratos pegou fogo. Ele ignorou; e viu uma abertura para o ataque. Em um movimento, lançou as Lâminas do Caos e saltou para a frente, para aproveitar o cabo da foice do morto-vivo mais próximo. As labaredas da casa em chamas começaram a fazer bolhas em suas costas expostas e torturadas.

Ele *precisava* daquela armadura.

Em vez de arrancar a arma das mãos da criatura, Kratos usou o seu peso para alavancar o corpo do morto-vivo e lançá-lo contra os outros. Foices foram enfiadas profundamente através do torso da criatura e, no instante em que as armas se desligaram do corpo de seu camarada, Kratos pegou as Lâminas do Caos mais uma vez. Um floreio letal, e as cabeças dos mortos-vivos caíram como pedras catapultadas. Os corpos continuaram a sacudir e balançar suas armas convulsivamente, mas a perda de suas cabeças deixou-os cegos: presas fáceis.

Kratos dissecou-os com eficiência enérgica, cortando os braços e pernas, deixando apenas os torsos. Esses mortos-vivos, porém, não eram espartanos – ele precisaria de pelo menos três dos seus corseletes para fazer uma armadura que cobrisse seu peito massivo. Chutando as partes decepadas, ele pegou o corselete menos danificado, desprendeu-o e amarrou-o em suas costas; o outro, apenas ligeiramente rasgado, ele atou sobre o peito. A cobertura era imperfeita, mas ele não ia usá-la para se defender das legiões monstruosas de Ares, apenas contra o calor de matar do fogo do deus guerreiro.

Um encolher de ombros assentou a armadura no melhor ajuste que ele poderia alcançar, mas antes que pudesse mais uma vez partir em busca de um caminho para o cume, ele viu outro morto-vivo entrar em uma casa.

Ele mal havia prendido a armadura quando dois legionários atacaram – e estes estendiam escudos mágicos. Kratos soltou um grito de raiva quando ele retaliou. As Lâminas do Caos ricochetearam nos escudos dos mortos-vivos e Kratos cambaleou para trás. Esse instante de desequilíbrio favoreceu uma abertura para ambos os legionários. Segurando seus escudos brilhantes de ouro para o alto, eles atacaram.

Kratos lutou por sua vida. Mais do que fornecer proteção contra suas Lâminas do Caos, os escudos drenavam sua força. Cada golpe que ele acertava minava seu poder. Kratos recuou até que suas costas foram pressionadas contra um muro irregular de pedra. Os dois legionários se separaram um pouco para investir contra ele de ângulos diferentes. Com um grito alto de raiva, Kratos se lançou direto para a frente, entre o escudos. Com uma cambalhota, ele girou a seus pés e inverteu as posições.

Ele agora tinha os mortos-vivos apoiados contra a parede.

Ele ainda tinha de enfrentar as espadas por trás de escudos impermeáveis – danosos! – às suas próprias lâminas mágicas. Kratos baixou as Lâminas do Caos e permitiu que elas se contorcêssem como cobras atrás de suas costas enquanto ele mergulhou. Os mortos-vivos baixaram seus escudos mágicos, mas Kratos havia previsto isso e girou no último instante. Os escudos explodiram com fúria quando os esqueletos caíram no chão. Kratos segurou com as mãos os tornozelos dos mortos-vivos.

Contra a parede, os legionários não podiam recuar. Kratos apertou tão forte quanto podia e esmagou as pernas dos mortos-vivos. Eles apunhalaram-no com suas lanças. Kratos ignorou a dor quando as pontas penetraram seu braço, mas apenas superficialmente. As correntes das Lâminas do Caos protegeram-no do dano real.

Kratos resmungou, levantou-se e derrubou o morto-vivo antes que seu companheiro pudesse atacá-lo na retaguarda. Um pisão na cabeça acabou com a ameaça do legionário caído. Kratos se abaixou quando o outro se impulsionou contra ele. A lança cavou na parede de pedra, dando a Kratos uma outra oportunidade. Tentar atravessar o enervante escudo mágico era impossível, então ele pegou o que seu primeiro inimigo deixara no chão. Ele arremessou-o como um disco no legionário, que lutava para puxar sua lança da parede.

O corte mágico destruiu as pernas do morto-vivo e ele desabou para se juntar ao seu companheiro. Os punhos de Kratos repetidamente esmagaram a parte de trás de sua cabeça até reduzi-la a pó.

Kratos chutou os escudos mágicos para o lado. E continuou em seu caminho ou, quando gritos vindos de dentro de um prédio levaram-no a espiar pela brecha da porta. Um homem e uma mulher agarravam-se um ao outro enquanto um legionário morto-vivo sacava facas gêmeas e estalava-as, como se saboreando o terror que imprimia neles.

Usando o punho da sua espada, Kratos bateu fortemente na moldura da porta. O morto-vivo olhou sobre seu ombro, depois para o homem e a mulher. Quando ele virou seu rosto uma vez mais para o Fantasma de Esparta, descobriu apenas as bordas das Lâminas do Caos em um último suspiro, antes de ser cortado em dois, da clavícula à virilha.

Kratos recuou e deixou as peças do esqueleto caírem. As pernas chutaram-no debilmente. Ele ignorou.

– Fomos verdadeiramente abençoados pelos deuses! – disse o homem. – Você nos salvou!

– Vocês não estão salvos. Eu só atrasei a sua morte um momento ou dois.

Kratos virou-se para ir embora.

– Sua energia seria melhor gasta se fugissem.

– Nós estávamos homenageando Afrodite – a mulher ofertou, mostrando-lhe uma pequena caixa de madeira entalhada. Estava preenchida com frascos de óleos perfumados.

– Vocês deveriam estar nas muralhas, defendendo sua cidade.

– Sempre há tempo para o tributo – disse ela, olhando para seu homem, que era, obviamente, um artesão e não um soldado.

– Talvez para você. – ele rosnou e se afastou, em direção à rua.

Antes que sua sandália pudesse tocar as pedras da calçada, Atenas desapareceu diante de seus olhos. O mundo brilhava sobre ele, e ele sentiu como se estivesse ascendendo aos céus.

O brilho floresceu em ofuscante glória celeste... e desse esplendor olímpico surgiu uma mulher de tal corpo e perfeição que a visão dela o atordoou mais do que qualquer inimigo.

Kratos teve de limpar a garganta duas vezes, antes que pudesse falar.

– Senhora Afrodite.

– Saudações, espartano. Eu gostaria de oferecer-lhe os meus agradecimentos pelo resgate dos meus discípulos.

– Deusa – Kratos conseguiu balbuciar, inclinando a cabeça. – É uma honra servi-la – ele tossiu e limpou a garganta novamente – da maneira que você desejar.

– Kratos.

Afrodite falou seu nome tão suavemente quanto a carícia de um amante.

– Zora e Lora me falaram de seus talentos.

– Zora e Lora? – Kratos piscou. – As *gêmeas*, elas *falam* com você?

– Não tão frequentemente como deveriam – a Deusa do Amor ronronou. – Mas *então*, toda mãe tem uma queixa semelhante, eu suponho.

– Você é mãe delas?

Isso explicava tantos aspectos sobre as gêmeas que Kratos se viu sem ideia do que dizer em seguida.

Um dedo delgado de uma mão fina traçou a curva dos lábios de Kratos para silenciar qualquer comentário.

– Atena pediu-me para contribuir com um presente meu, para ajudá-lo em sua demanda.

– O único presente de que eu preciso é a liberdade para completar a minha tarefa.

Sua risada era como o repique de sinos de prata.

– O que você *precisa*, espartano, é ser grato por qualquer coisa que um deus escolher doar a você .

Ela acariciou sua bochecha suavemente. Os dedos ficaram frios enquanto acariciavam.

– Você vai executar uma tarefa para mim também.

– Eu já estou envolvido...

– Você vai matar a Rainha das Górgonas.

Kratos franziu a testa.

– Mas por que ela? Por que agora?

– Você é tão adorável – a deusa ronronou – que eu não vou eviscerá-lo por se atrever a questionar-me, desta vez. Você deve matar a Medusa e trazer-me a sua cabeça. O presente que eu vou lhe conceder é o poder das Górgonas: transformar homens em pedra!

A deusa fez um gesto e, com uma onda, foi-se placidamente para o Olimpo.

* * *

KRATOS TENTOU FALAR, mas não tinha fôlego, tentou ver, mas não havia luz. Ele tentou se movimentar e não sabia se o selvagem caos rodopiante que ele experimentou aconteceu em torno dele ou dentro de sua cabeça. Ou os dois.

Ele agachou-se em um lugar frio e escuro e ouviu o silvo suave das cobras.

Ele se levantou. Quanto antes ele satisfizesse a sede de Afrodite pelo sangue da Górgona, antes ele poderia voltar a Atenas e encontrar o Oráculo.

A escuridão em torno dele escondia as serpentes escorregadias. Ele deu

alguns passos cegos para um lado, movendo-se por uma lamaçal. Sua mão encontrou uma parede de rocha viscosa. Pressionando o ouvido contra a parede, ele esperou, entre respirações lentas e medidas, em uma tentativa de detectar quaisquer vibrações. Nada.

Ele suspirou. O que ele esperava? Que Afrodite apontasse e fizesse a Medusa aparecer na frente dele?

Quando seus olhos se adaptaram à escuridão, ele começou a perceber o que estava em seu entorno. A deusa o havia transportado para a junção de três túneis baixos, escavados em rocha viva. Nenhuma luz iluminava qualquer um dos túneis; a luz com a qual ele agora via era o produto de um musgo fracamente luminescente, preso às fissuras nas rochas.

O túnel em frente provou ser um beco sem saída. Kratos empurrou com força a parede que bloqueava seu progresso. Sua raiva aumentava. Mais tempo perdido.

O Oráculo estaria em perigo de morte, ou pior, se Ares o capturasse. Kratos não se importava se o Oráculo vivesse ou morresse, desde que ele aprendesse o seu segredo.

Kratos lembrou das discussões entre seus oficiais antes da batalha, em volta da fogueira do acampamento; alguns tipos ímpios especulavam que os deuses tinham necessidade do culto humano como uma árvore precisa do sol. Poderia existir um deus sem adoradores? Pelo jeito que as coisas estavam em Atenas, Kratos supôs que ele iria descobrir.

O poder de Atena decairia? Será que ela simplesmente desapareceria? Zeus pode ter proibido um deus de matar outro, mas Ares pode ter encontrado uma maneira de burlar a proibição.

No passado, Ares sempre escolhera força bruta em vez de sutileza, mas talvez ele tenha aprendido a lição. Enquanto o cerco de Atenas mostrava a raiva antiga de Ares, ele podia ter uma nova estratégia em mente. Mate os atenienses e Atenas perde seguidores. Mate o suficiente e seus adoradores a abandonarão em favor de outros deuses – e quem melhor para adorar do que o Deus da Guerra, que derrotou sua deusa?

Espectáculos de força nesse mundo incerto traziam as pessoas para os templos de Ares. Kratos havia, em tempos mais remotos, sido o autor de muitas dessas apresentações e fora ele próprio o símbolo terreno do poder de Ares. Os oficiais de Kratos acreditavam que um deus sem adoradores simplesmente murchava como névoa ao sol da manhã. Se tal destino se abatesse sobre Atena, a única chance de Kratos se vingar de seu antigo mestre iria evaporar com ela.

E os pesadelos continuariam, sem pausas, a despedaçar sua sanidade.

Mais alguns golpes sobre o muro provaram que ele suportaria até mesmo a sua força prodigiosa. Kratos virou-se e refez seu caminho. A água à frente começou a ondular ameaçadoramente antes que ele atingisse a junção onde Afrodite o havia deixado. Kratos teve de se inclinar quase totalmente para sacar as Lâminas do Caos de suas costas e trazê-las a sua frente. No tempo certo.

Das águas escuras surgiu uma serpente cuja cabeça era maior do que o punho de Kratos. Suas presas brilhavam quando ela golpeava. O veneno que escorria delas esfumava a escuridão e fazia a água onde caía ferver. Kratos bloqueou o ataque com uma lâmina enquanto contra-atacava com a outra. A cabeça da cobra e uma parte de seu pescoço sacudiram no ar. Seu corpo se debatia loucamente enquanto ela morria, mas a cabeça continuou tentando mordê-lo, seu olhos pretos brilhando com malícia. Kratos pressionou ambas as lâminas contra a cabeça e esperou a maldade desaparecer e morrer. Finalmente, ela o fez.

Ele olhou para cima a tempo de ver mais ondas se aproximando: cobras nadando sob a superfície escura, em número grande para ele evitar. Uma o agarrou, suas presas se dirigindo rigidamente à sua greva, mastigando como se pudesse fincar suas presas através do bronze pesado. Kratos não esperou para descobrir se ela podia. O punho de uma lâmina esmagou o crânio frágil. As presas e os ossos do maxilar mantiveram-se presos à sua armadura. A água ferveu à frente e mais cobras cercaram-no, muitas para contar. Kratos apunhalou repetidamente para dentro da água a sua frente, um cego floreira que transformou as lâminas em um escudo de morte. Ele seguiu para a frente com severidade, até chegar à junção novamente. A água se tingiu de vermelho com o sangue das cobras. E então a água acalmou-se.

O gotejamento de umidade das paredes era tudo que ele podia ouvir.

Kratos olhou para a água e notou movimento, mas não de serpentes. Ele levantou o pé e trouxe-o para baixo, tentando esmagar qualquer criatura abaixo da superfície. Ele sentiu seu pé deslizar no contorno de uma bota entalhada na pedra. Curioso, ele deslizou o outro pé pela bota e encontrou uma reentrância correspondente. Por um momento, ele ficou com os dois pés nas marcas subaquáticas. Quando ele começou a avançar, ele sentiu uma pequena vibração, que se intensificou até balançar as correntes incorporadas em seus pulsos.

Kratos viu o musgo fosforescente contorcendo-se nas paredes. Ele levantou um pé da reentrância e o musgo parou de brilhar. Recolocar o pé fez o musgo brilhar mais uma vez.

Curioso, ele estendeu a mão para tocar o musgo. Como uma cobra, ele retorceu-se sinuosamente em seus dedos. Ele rosnou do fundo de sua garganta. Este era o único som, salvo o lento gotejar da umidade.

Pressionando-o, ele forçou o musgo animado a se dirigir para a ponta de seu dedo. O musgo girou, circundando o local na parede de pedra onde Kratos apertou, como se mostrasse uma saída de um túnel que parecia uniforme. Inclinando-se um pouco, ele aplicou pressão. Nada aconteceu.

Ele saiu dos contornos sob seus pés, e o musgo cessou sua iluminação. Kratos andou com passos pesados até o fim do túnel e encontrou apenas outra parede vazia. A investigação extensiva demonstrou que não havia nenhuma saída dos túneis subterrâneos – nenhuma que ele pudesse encontrar. Ele alcançou as Lâminas do Caos e parou.

– Duas mãos. Pode haver algo, se eu usar as duas mãos.

Ele voltou para as reentrâncias, enfiou os pés nelas e moveu seu dedo pela parede da direita até que o musgo novamente circulou um local específico. Ele apertou. Nada.

Alcançando a outra parede e repetindo o movimento, produziu outro rabisco de verde-musgo brilhante. Dessa vez, ele moveu seu dedo em um círculo mais extenso, e encontrou um local muito mais alto na parede antes que o musgo parasse de se contorcer e lhe presenteasse com um ponto específico.

Kratos pressionou, com os dedos sondando cada um dos pontos marcados.

– Poderoso Zeus – ele sussurrou.

Seus olhos se arregalaram quando uma parte do teto começou a descer. Em vez de saltar para trás para se defender, ele se manteve firme até que o alçapão se abriu, mostrando-lhe uma escada que levava para cima. Retirando os dedos dos pontos e pisando rapidamente, ele chegou até a escada quando ela começava a recuar para o alto. Pendurado, ele deixou o alçapão levá-lo para cima até uma sala cujo chão estava cerca de trinta centímetros acima de uma corrente que fluía lentamente. Um canal de pedras hermeticamente depositadas continha o fluxo em seu local. Ele se sacudiu para se secar. A cobra com suas presas enterradas em sua greva se libertou, quando ele raspol sua armadura até a canela com a ponta de sua lâmina. Ele nem havia percebido que ela ainda se agarrava a ele com tal tenacidade.

Essas cobras-d'água venenosas não eram nada comparadas com a presa que ele procurava. Não só ele teria de enfrentar um monstro capaz de transformá-lo em pedra, se ele apenas olhasse para seu rosto, como apenas tinha de encontrar uma Górgona em particular. A Rainha Medusa governava suas irmãs, mas, a menos que ela usasse uma coroa e um cetro, Kratos não tinha como discerni-la do resto.

Suas sandálias raspavam contra a pedra quando alguém se aproximou, ao longo do túnel seco à frente. Ele levantou as lâminas, mas algum instinto

primitivo alertou-o para não lutar. Sagacidade, mais uma vez, poderia trazer a vitória, exatamente como ele havia descoberto o caminho secreto para esse covil. Kratos recuou e colocou-se do tornozelo até o pescoço em um raso nicho de pedra, forrado com estantes vazias. Outros nichos cobriam as paredes da câmara, mas a maior dessas estantes estava abastecida com objetos. Parecia um palpite certo que quem se aproximava vinha buscar os itens do armazenamento e, portanto, não se preocuparia em olhar para um nicho vazio.

E, se ele estivesse errado, ainda tinha as lâminas. Eles encontrariam esse gabinete particular estocado com morte rápida e sangrenta.

Dois homens entraram. Um deles, um corcunda, conduzia o outro, um velho que usava um trapo imundo amarrado em seus olhos. Eles começaram a selecionar os itens em cantos e fendas. O corcunda entregava ao cego duas caixas para cada uma que apanhava para si.

– Minhas costas estão quebrando com a carga – disse o corcunda, reclamando. – Carrega outra para mim, vai?

– Eu mal consigo ficar de pé, Jurr, mas vá empilhando. Nós não deveríamos ousar fazer duas viagens. Nós não podemos nos atrasar, ou a Rainha Medusa vai nos punir.

– Mais uma vez – disse Jurr. – Uma vez por dia é mais do que posso suportar. Minhas costas ficam cheias de chagas das surras que ela me dá.

Ele empilhou várias caixas mais pesadas na carga já considerável do outro, mantendo apenas um par de carregamentos leves para si mesmo.

Kratos observou enquanto saíam, o homem cego esmagado por sua carga enquanto o corcunda mostrava um passo mais vivaz. Kratos não se importava com isso. Claramente, havia dois tipos de pessoas nesse labirinto subterrâneo: aqueles que faziam todo o trabalho e aqueles que podiam ver. Sendo um dos últimos, Kratos não estava propenso a atrapalhar o arranjo.

O único som que Kratos fez quando os seguiu foi o som fraco de água espremendo-se em suas sandálias. Enquanto ele andava, riscava marcações de trilha no musgo luminescente. Se ele tivesse sucesso, poderia ter de encontrar seu próprio caminho para sair dali. Talvez Afrodite o arrebatasse de volta para Atenas, mas talvez ele fosse obrigado a voltar para onde ela o havia deixado originalmente. Ele nunca havia perdido por se preparar contra a traição.

Especialmente dos deuses.

* * *

– TRAGA MINHA REFEIÇÃO, seu verme nojentto!

Essa era uma nova voz, vinda de uma câmara à frente, onde uma lâmpada afastava a escuridão. Kratos parou e comprimiu-se nas sombras fora do arco. Embora a voz fosse baixa e áspera, como rochas sacudidas em um jarro de bronze, ele distinguiu um traço de entonação que lhe disse que o orador talvez fosse do sexo feminino.

Se ele estivesse certo, um olhar descuidado o condenaria pela eternidade como uma estátua de pedra, sendo insultado por Górgonas nessa perdição crepuscular.

O homem com visão, Jurr, respondeu:

– Imediatamente, Senhora Medusa. Eu trouxe as guarnições.

– Você? – o cego começou. – *Eu trouxe as...*

– Shh.

– Calem suas vis bocas, humanos, e comecem a *trabalhar!* Minhas irmãs e eu ficamos mais famintas a cada momento. E com mais *raiva*.

Sua voz assumiu uma aspereza perigosa.

– Isso me coloca em um clima de punição.

– Ohhh – o cego gemia baixinho. – Oh, Zeus, mate-me antes que ela me toque mais uma vez!

– Pelo menos você não pode *ver*, seu bastardo sortudo – Jurr rosnou suavemente. – Os espelhos, aqueles malditos espelhos em seu quarto! Para todo lado que ela se vira, ela pode ver seu horrível reflexo.

Um tinir de potes e os sons do fogo sendo alimentado atraíram o olhar de Kratos. Ele lançou um olhar mais rápido que um piscar de olhos, mas que captou toda a cozinha. O cego decantava algum tipo de carne em um caldeirão de barro do tamanho de uma banheira, enquanto Jurr acendia o fogo abaixo. Aparentemente, a Rainha das Górgonas preferia carne de cordeiro...

Não, aqueles não eram cordeiros, Kratos percebeu, e um nó frio se formou em sua barriga.

Eram crianças humanas.

Kratos cerrou os punhos, querendo atacar, depois de ver tão horrível coisa. Crianças. Crianças humanas como sua própria filha, sua querida filha, que...

Ele deu um passo à frente, mas forçou-se a voltar para esconder-se até o

momento adequado. Sua raiva crescia por conta da refeição canibal, alimentando sua necessidade de destruir as Górgonas. Tomar a cabeça da Medusa fora decreto de Afrodite – e ele teria um prazer sombrio no serviço, comandado por uma deusa ou não!

Logo, o cego carregou um cepo enorme, cheio de vapor do ensopado de bebê, e o arrastou na direção de uma arcada escura através da pequena cozinha. Jurr observou-o e andou, com passos leves como os de um gato, até a chaleira grande, pegou uma concha e mergulhou-a, segurando-a até o nariz para captar o aroma.

– Aquele velho cego desgraçado está finalmente aprendendo a cozinhar – Jurr murmurou, trazendo a concha para seus lábios. Mas antes que ele pudesse provar o ensopado de bebê, uma mão enorme o agarrou pelo pescoço e puxou-o para o ar.

Ele deixou cair a colher na sopeira e tentou gritar, mas a mão ao redor de seu pescoço reduziu sua voz a um guincho. Ele lutou, balançando suas pernas e arranhando a mão, mas a pele cinzenta parecia mais dura do que o bronze. Ele encontrou-se, um momento depois, cara a cara com o Fantasma de Esparta.

Seus olhos se arregalaram, e um grasnido estrangulado passou por entre os dedos de Kratos.

– A Medusa – Kratos sussurrou. – Onde? Apenas aponte. Aponte e eu o deixo ir.

Por meio de um aceno frenético de suas mãos, Jurr conseguiu indicar que o quarto de dormir da Rainha das Górgonas ficava atrás da primeira porta à direita, ao longo do corredor escuro. Kratos assentiu.

Um aperto rápido esmagou o aparelho fonador de Jurr, de modo que ele não pudesse gritar e para que Kratos não tivesse de ouvir qualquer súplica patética. Kratos levantou o cozinheiro de bebês acima do caldeirão de sopa fervente e, em seguida, fiel à sua palavra, deixou-o ir.

Kratos sabia que ele estaria em perigo real no primeiro instante que adentrasse a câmara da Rainha Medusa. Se ele confundisse a Medusa real com um de seus reflexos e olhasse em seu rosto, ele não teria uma segunda chance.

“A sorte favorece os audazes”, pensou ele, e atacou.

Com um salto de pantera, Kratos surgiu através do arco oposto, alcançando a porta para a câmara da Medusa um instante após o homem cego. O cego equilibrou o cepo cambaleando com uma mão, enquanto abria a porta com a outra. Ouvindo Kratos atrás dele, o cego deu meia-volta.

– Jurr... – foi tudo o que ele teve tempo de dizer, antes de Kratos arrebatá-lo pelo pescoço e, com um chute poderoso, enviar o cego voando no meio da câmara à frente.

Kratos teve o cuidado de olhar apenas para o teto. Jurr não havia mentido – mas ele não havia sequer chegado perto de contar toda a história. Espelhos cobriam as paredes. E ainda mais espelhos estendiam-se lado a lado na amplitude do teto. Os espelhos ali mostravam o cego avançando diretamente para o monstro horrível. Antes que qualquer um deles tivesse a chance de reagir, as cobras do cabelo da Medusa instantaneamente se destrançaram e golpearam o homem cego, enrolando-se por todo o seu corpo e mastigando-o, como a cobra-d'água havia mastigado a armadura de Kratos. As cobras se contorceram quando o cego começou a ter convulsões e o seguraram perto da face da Medusa. Tripas misturadas se refletiam no espelho, e Kratos decidiu que não precisava mais do resto do plano.

Três passos rápidos o trouxeram para perto do moribundo e da Górgona, que gritava de raiva enquanto tentava unhar o escravo infeliz para longe de seu rosto. Assim que ela, finalmente, conseguiu afastá-lo, levantou a cabeça e, na parede espelhada, viu sua morte de pé às suas costas. Kratos saltou no ar, golpeando para baixo com os dois pés e dirigindo a cara do monstro para o assoalho da câmara. No mesmo instante, as Lâminas do Caos brilharam em um golpe convergente para cortar as clavículas e a parte de trás de suas costelas superiores.

Kratos liberou as lâminas e enfiou as mãos na ferida. Conduzindo os dedos na desordem viscosa do tecido da Górgona, ele agarrou sua coluna e, com um poderoso puxão, arrancou a cabeça de seu corpo. As serpentes na cabeça atacaram seu braço, mas fracamente; seu veneno havia sido gasto com o cego.

Ele parou por um momento, em respeito ao reflexo do seu olhar mortal no espelho: aqueles olhos assustadores, as presas compridas, os cabelos de cobras vivas.

* * *

KRATOS ARQUEOU AS COSTAS como se um movimento o tivesse puxado mais uma vez. Do escuro, iluminado por musgos das câmaras subterrâneas, ele foi transportado para um lugar de brancura deslumbrante e resplandecente.

– Você fez bem, meu espartano.

“Eu não sou seu espartano”, ele pensou, mas disse apenas:

– Senhora Afrodite?

Ele usou a mão livre para proteger seus olhos contra o brilho e então pôde decifrar parcamente as sedas diáfanas que se aderiam convidativamente ao corpo da deusa. Ela pegou a cabeça decepada em suas mãos, segurando-a pelas cobras, agora mortas, que lhe serviam de cabelo.

– Senhora Afrodite, terminei minha missão consigo?

– Ah, sim – uma última coisa, agora que eu tenho a certeza de que você concluiu a sua missão. Aqui – disse ela, segurando a cabeça decepada da Medusa, seu rosto cuidadosamente afastado. – Tome-a pelas cobras. Isso mesmo. Cuidado para não olhar em seus olhos. Agora, atire-a de volta sobre seu ombro, como se estivesse guardando uma dessas espadas impressionantemente grandes que você usa.

Kratos o fez e sentiu as cobras evaporarem de suas mãos.

– O que aconteceu? Para onde ela foi?

– Ela vai estar aí quando você quiser. Basta buscá-la de volta, e ela estará em sua mão; vire-a do lado certo quando estiver pronto para petrificar.

– Como é que *isso* funciona?

– É mágica. Só mais uma coisa que você deve saber: Estar morta diminui o poder da Medusa.

– As pessoas não vão virar pedra?

– Ah, elas vão. Elas só não vão ficar assim por *muito* tempo.

Kratos olhou diretamente para Afrodite, esperando a explicação completa.

– Dez segundos de um raio completo dos olhos. E o que quer que você faça, não a *perca*.

Afrodite estendeu as mãos e olhou-o com estima.

– Atena a quer de volta quando você tiver acabado sua demanda. Ela tem alguns usos para isso. Algo sobre um escudo... talvez uma capa? Bem, não importa. Você destruiu a Rainha das Górgonas, e agora o poder dela é seu!

Em um instante, ela se elevou sobre ele como uma montanha, como se seu cabelo roçasse a lua, sua voz soou como um grande sino de bronze.

– *Congele e destrua todos eles com o Olhar da Medusa!* – a deusa trovejou.
– *Vá com os deuses, Kratos. Vá em frente, em nome do Olimpo!*

Antes que ele pudesse respirar para responder, ele estava em Atenas mais uma vez. Ares ainda se erguia sobre a Acrópole, lançando bolas de fogo grego do tamanho de casas para todos os lados.

Quando Kratos recuperou sua orientação, encontrou-se mais uma vez na zona tranquila da qual a deusa o havia levado. Ele ainda estava no outro lado da Acrópole, do Templo de Atena – e de seu Oráculo.

Ele abaixou a cabeça e correu. Correu como um leão em busca de um cordeiro, rápido como um falcão, incansável como o vento. Ele tinha de correr. Tanto tempo foi desperdiçado, e para quê? Um poder de que ele não precisava. Um poder que não tinha nada a ver com encontrar o Oráculo, nem com derrotar o Deus da Guerra. Se Afrodite quisesse *realmente* o ajudar, deveria tê-lo colocado na porta do Templo de Atena e enfiado o Oráculo em seu colo.

Deuses e seus jogos. Ele estava cansado de todos eles. Uma vez que ele matasse Ares, ele teria acabado com seu tempo de servidão e com suas exigências insanas. E os pesadelos seriam banidos de seu sono, de cada instante de vigília. Para sempre.

A fumaça aplinou do alto da Acrópole, um denso negrume que sufocou o Pártenon na montanha e aproximou-se para estrangular Kratos. A armadura resistente que ele havia tirado dos legionários mortos-vivos o blindou contra o calor mortal das chamas e protegeu as suas costas queimadas por Ares, mas ela não poderia ajudá-lo a respirar. Asfixia, falta de ar, ele tinha de voltar e encontrar um caminho mais eficiente em direção ao cume.

Nenhuma das bolas de fogo do deus guerreiro havia ainda tocado esse lugar em particular, mas a área não escapou das atenções das legiões de Ares. Havia bandos de monstros errantes de todos os tipos: combinações de minotauros e centauros na cavalaria, ciclopes na infantaria pesada, esqueletos arqueiros, legionários, harpias, espectros... e o que era *aquilo*?

As criaturas pareciam mulheres horrorosas, com uma única e longa cauda de serpente no lugar das pernas. Serpentes se contorcendo ornavam suas cabeças e crepitantes feixes verdes de poder se derramavam de seus olhos...

Parecia que a morte de sua rainha trouxe o resto das Górgonas para a luta.

Mas... toda a Grécia sabia que havia apenas três Górgonas: Ésteno, Euriale e, claro, a recentemente falecida Medusa. Ainda assim, Kratos viu uma dúzia das criaturas repulsivas e não teve nenhuma dúvida de que outras estavam se espalhando pela cidade nesse mesmo instante. Matá-las alimentaria a sua ira e daria a ele uma distração momentânea do pesadelo sempre presente, tremulando na superfície de sua mente, mas seria apenas um desperdício de tempo, que ele e o Oráculo não tinham de sobra. Uma solução permanente para as suas visões aguardava. Ele procurou por um caminho livre para o Oráculo de Atena.

Kratos se abaixou em um beco e subiu em um barril, a partir do qual ele poderia saltar para uma varanda e escalar rumo ao telhado.

Atenas queimava.

Salvo apenas a vizinhança em torno dele, toda a cidade estava em chamas. Às vezes, ele via as Longas Muralhas através da fumaça. As faíscas produzidas pelo choque das armas lhe disse que os soldados ainda desperdiçavam suas vidas em uma fútil tentativa de manter um muro que já não defendia a cidade. Todo mundo tinha de morrer em algum lugar; se defender sua parede inútil lhes dava a ilusão de morrer por uma causa nobre, quem era ele para negar seu heroísmo vão? Homens haviam morrido sob suas lâminas afiadas por menos.

Kratos avançou lentamente pelo telhado, procurando um caminho para subir a colina. Movimentava-se com cautela, para evitar atrair a atenção das harpias que mergulhavam cá e lá através da fumaça. O velho ao portão havia dito que a câmara do Oráculo estava no lado leste do Pártenon. Em toda a face

da Acrópole, ele conseguia distinguir fracas manchas marrons que poderiam ser trilhas, mas a fumaça as tornou brumosas e escondeu totalmente outras estradas.

Quando se moveu para a borda do telhado para ter uma visão melhor, uma flecha zuniu por seu ouvido. Kratos caiu de bruços e deixou mais flechas passarem sobre ele. Ele arriscou um rápido olhar sobre a beirada e localizou um punhado de arqueiros mortos-vivos que haviam tomado uma varanda nas proximidades. Kratos viu um homem se aventurar na rua, apenas para tomar uma flechada na barriga e, quando ela detonou, a explosão de chamas esparramou as vísceras do homem por toda a fachada de sua própria casa. Os arqueiros só cessaram fogo quando não conseguiram encontrar outros alvos.

Kratos se abaixou quando uma nova bola de fogo grego denotou a quatrocentos metros de distância, mais ou menos onde ele acreditava que estaria a estrada que levava ao cume da Acrópole. Um quadro sombrio pintou-se dentro de sua mente.

Os adoradores de Atena iriam naturalmente correr para o Pártenon, quando encontrassem sua cidade sob ataque do Deus da Guerra. Ares semeou fogo em toda a cidade, poupando apenas esse quarteirão, no qual corria a estrada até a Acrópole – o que, naturalmente, atrairia os adoradores como moscas ao estrume. E o deus tinha seus monstros patrulhando as ruas, impedindo movimento mais adiante.

Kratos entendeu: o Deus da Guerra estava deliberadamente canalizando os mais devotos e dedicados do rebanho de Atena em uma pequena área da cidade – fazendo parecer que essa seria a área mais segura, bem como a única rota para o templo de sua deusa. Em vez de fugir para o campo, onde localizá-los e abatê-los seria uma tarefa difícil até mesmo para o asseclas de Ares, eles estavam se acumulando na segurança ilusória dessa única região.

Concentrando-se onde eles poderiam facilmente ser destruídos. Todos de uma só vez. Sem confusão. Sem sujeira. Sem perseguir o povo pela floresta ou desencavá-lo das cavernas nas montanhas. Os cidadãos de Atenas haviam feito de si nada mais que gado correndo para o matadouro. Era brutal, e ele sabia que seria muito eficaz.

Ele próprio fizera esse tipo de coisa.

Kratos segurou suas têmporas para impedir a cabeça de explodir quando uma imagem queimou mais quente do que o sol através de seu cérebro. Não! Não podia ser... Os mortos, aqueles que ele havia abatido no Templo de Atena... Culpado! Ele havia assassinado...

Ofegante, Kratos forçou a visão horrível para fora. Elas se agarravam a ele cada vez com mais força, mas entregar-se ao horror não o faria chegar ao Pártenon mais facilmente. Ele podia subjugar seus próprios pesadelos – por um

curto período –, mas parecia que os monstros estavam se reunindo nas ruas abaixo para bloquear seu caminho. E ele sabia que aqueles arqueiros mortos-vivos não se esqueceram de que ele estava ali. Ele tinha de agir. Rápido.

Por outro lado, ele não viu razão para entregar a posição de terreno elevado.

Três passos largos para um impulso o levaram para a borda do telhado, e um salto poderoso o atirou violentamente sobre a rua para o telhado oposto. Os esqueletos arqueiros ficaram tão surpresos que nenhum deles tentou atirar. Enquanto ele corria, ouviu um minotauro berrar um comando, e sabia que fora visto pelo exército abaixo.

Seu próximo salto atraiu uma saraivada de flechas de fogo, embora nenhuma tivesse chegado perto – e ele pôde ver legionários mortos-vivos montados nas costas dos centauros, correndo em paralelo ao seu caminho nas ruas abaixo. Outro telhado e outro salto, e harpias começaram a mergulhar em sua direção. Ele se esquivou e se abaixou, telhado após telhado, sem abrandar, utilizando as lâminas como ganchos para se balançar sobre as lacunas muito grandes e girando-as sobre a cabeça enquanto corria, para manter as harpias recuadas.

Ele pulou de telhado em telhado, correndo mais rápido do que as harpias conseguiam acompanhar – mas os gritos e berros dos monstros abaixo vieram ainda mais velozes. Nem mesmo Kratos podia ultrapassar a velocidade do som. Mais das criaturas de Ares jorravam em sua direção, e ele saltou da última casa e mergulhou mais uma vez no fogo e na fumaça do que restou da cidade.

Um minotauro teve a brilhante ideia de clamar a todos os ciclopes, centauros e outros minotauros para esquecerem de tentar apanhar o espartano e disse que, em vez disso, eles deviam espancar as paredes dos prédios em chamas, enfraquecendo toda a estrutura no caminho de Kratos.

Lutando contra a fumaça sufocante e as chamas calcinantes, Kratos saltou para um telhado que desabou sob seu peso. Um frenético arranhão na estrutura abaixo das telhas lascadas e um golpe rápido com uma das lâminas, que se encaixou em um telhado mais sólido, a frente, fizeram-no ganhar apoio suficiente para manter-se no ar. Um rápido olhar sobre os inúmeros inimigos de todos os tipos que se aglomeravam convenceu-o de que, em termos inequívocos, o resultado de uma queda seria agourento.

Inflexível, ele correu, sabendo que cada telhado se provaria mais frágil do que o último – e, mesmo que pudesse ficar lá em cima por todo o caminho até a Acrópole, ele teria de descer às ruas e lidar com seus perseguidores ou ser massacrado, juntamente com todos esses atenienses inúteis.

Melhor ter uma morte sem nome, como ser engolido pela Hidra no Túmulo dos Navios, do que ter seu corpo queimado no mesmo fogo que os inimigos mais

amargos do seu povo.

Ao longo da base dos penhascos abaixo da Acrópole, Kratos correu paralelo à rocha para chegar à estrada. Esses monumentos eram mais resistentes, pois tinham o apoio da muralha de rocha à sua volta, e manter-se perto da face do penhasco enquanto contornava a curva fez com que ele ganhasse terreno sobre os seus perseguidores.

Ali! Uma lacuna na densa fumaça mostrou-lhe amplas lajes da estrada à frente. Com redobrada energia, Kratos se jogou em direção a ela – mas, a apenas três casas da lacuna por que ele ansiava, as telhas se desintegraram e as paredes enfraquecidas do edifício ruíram em seu redor. Pior ainda, suas costas carbonizadas, cheias de bolhas, o traíram. Sua força costumeira enfraqueceu, e ele se contorceu quando o ferimento enviou dores agudas a seus ombros, o que o impediu de se salvar da queda.

No momento em que ele se levantou e sacudiu os escombros, eles estavam sobre ele.

Legionários mortos-vivos se adiantaram, espadas desembainhadas. As Lâminas do Caos encontraram primeiro as suas mãos, em seguida, os pescoços dos monstros. Ameaçado pelas costas, Kratos se inclinou em direção a eles. Ele abriu caminho para a frente como um mineiro escavando a terra, e as lâminas eram suas picaretas e pás. Desdenhoso, ele passou por cima de seus corpos partidos em dois.

Kratos encontrou mais legionários no pátio amplo. Esses demandaram um pouco mais de esforço para serem despachados, mas ele o fez, lamentando cada segundo que perdia no massacre sem sentido.

Ele avançou para a rua, apenas para encontrar mais monstros no portão. Três ciclopes resmungaram e balançaram as prodigiosas maças de guerra; qualquer pancada teria espalhado seu cérebro pela rua, mas não era isso que preocupava Kratos. Mesmo quando desviava deles, as maças criavam enormes buracos nas paredes. As estruturas já frágeis estremeciam com cada golpe. Nos telhados acima do pátio, esqueletos arqueiros se reuniram no mesmo lugar, começando uma chuva de flechas em chamas que acabaram com qualquer esperança de recuar.

Um breve olhar sobre o ombro foi o suficiente para aumentar o seu senso de perigo: agora, chegando para apoiar os ciclopes, havia seis minotauros, espalhando-se para preencher todas as lacunas.

Eles o atacaram. Todos de uma vez.

Preso entre os arqueiros e a combinação das forças dos minotauros e ciclopes, ele não via saída.

Mas ele não estava pronto para morrer. Não ainda.

– Venham, então! – Ele rugiu. – Venham e morram!

Kratos bloqueou uma machadada de um minotauro e avançou, cortando o tendão de um ciclope. A ferida deixou o monstro coxo, mas, enquanto ele mancava de volta, os outros dois se aproximavam para se juntar à batalha.

Kratos saiu do alcance de outro golpe do ciclope, capaz de tremer a terra, e começou uma constante evasão. Os minotauros haviam desistido de usar seus machados em favor de lanças, com as quais eles poderiam atacar sem ficar no caminho dos ciclopes; um deslizaria deixá-lo tão cheio de buracos quanto um ralador de queijo. Eles coordenaram seus ataques como uma unidade bem treinada e experiente.

Kratos era apenas um mortal contra miríades de criaturas oriundas do Hades, mas foi ele quem partiu para o ataque.

– Saiam do meu caminho ou morram onde estão! – trovejou e, em seguida, assumiu o compromisso de tornar real sua ameaça presunçosa.

Kratos deslizou entre os ciclopes e desferiu um poderoso golpe de lâmina dupla no peito do minotauro mais próximo. Numa nova força e novo poder fluíram das correntes para seu corpo, quando as lâminas beberam a vida do homem-touro. Ele rodopiou para imobilizar outro ciclope, mas o enorme monstro era mais rápido do que parecia. A criatura de um olho só aparou o ataque com sua maça, protegendo-se das lâminas entre eles; em seguida, deixou cair sua maça e envolveu o tórax de Kratos com seus braços. O ciclope espremeu até que as costelas do espartano começassem a rachar e nuvens de trevas cobriram sua visão.

O ciclope rugiu em triunfo, até que seu olho solitário focou no rosto do espartano.

Kratos estava sorrindo.

As lâminas desceram na junção do pescoço e dos ombros do ciclope, esculpindo um “V” sangrento até encontrarem o coração da criatura monstruosa. Kratos liberou as lâminas para atingir a cabeça do ciclope, que ainda piscou o olho em espanto, depois atirou-a, juntamente com grande parte da coluna da criatura, na direção das lanças pontudas dos minotauros.

Quando o resto do corpo do ciclope estremeceu e desmoronou, Kratos chutou-o para um pequeno espaço entre o cadáver e a parede de pedra.

Sua vitória teve curta duração. Sua batalha com o ciclope, ainda que tivesse sido rápida, havia permitido que os minotauros o cercassem. Kratos deu uma

volta completa e viu uma dúzia de monstros com cabeça de touro avançando. Mesmo as Lâminas do Caos não matariam tantos assim. Se ele se ocupasse com um ou dois, muitos outros atacariam por trás. Ele agachou-se atrás do corpo maciço do ciclope, usando-o como uma muralha, enquanto estendia suas mãos sobre o seu ombro, e suas mãos se encheram de serpentes retorcidas. Os minotauros avançaram de todas as direções. Ele balançou a cabeça morta da Medusa diante deles.

Uma energia cor esmeralda crepitou dos olhos mortos da Górgona, e cada inimigo que tocou instantaneamente endureceu em calcário cinza e frio. Um minotauro, capturado em meio a um golpe, tombou de lado, batendo em outro, que caiu no chão e se quebrou como uma panela de barro.

Kratos procedeu com a ação. Dez segundos era tudo o que ele tinha.

As lâminas faiscaram, e onde elas golpearam, as estátuas foram despedaçadas. Kratos saltou para os ombros do ciclope remanescente e impulsionou a si mesmo para cima novamente, derrubando a criatura congelada, cujo peso esmagou seu irmão de tendões cortados e os dois últimos minotauros.

E quando o poder da Medusa enfraqueceu-se, pedaços e fragmentos de monstros petrificados se tornaram carne e osso e sangue, e uma propagação de carnificina encheu a rua.

– Senhora Afrodite – Kratos murmurou –, eu nunca deveria ter duvidado.

Um sussurro, pouco mais que um zéfiro no tumulto, soou sedutoramente ao seu ouvido:

– *Talvez algum dia eu permita que você peça desculpas. Pessoalmente.*

Ele lançou a cabeça da Medusa por cima do ombro, guardou as lâminas e correu como se todas as forças do Hades estivessem em seu encaixe.

E elas estavam.

Esquivando-se, ele subiu a colina, embora não encontrasse um caminho fácil em direção ao Pártenon. Parecia que toda a montanha queimava. A área no topo da Acrópole inflamou-se com a fúria de um novo sol.

– Hélio... – Kratos perguntou em voz alta. – Você se juntou aos meus inimigos?

Atena contava com a ajuda de poderosos aliados, mas Ares podia ter ajuda olímpica também. As intrigas políticas do Monte Olimpo eram misteriosas e fatais para qualquer mortal enredado nelas. Ele não estava muito preocupado. Kratos havia jurado há dez anos que tudo o que se atrevesse a se interpor entre

ele e sua vingança seria destruído, fosse homem, besta ou deus.

Qualquer um que quisesse viver deveria ficar fora de seu caminho.

Ele começou a subir uma rua estreita que parecia promissora, mas então uma névoa surgiu do nada na frente dele. Ele golpeou-a com a lâmina direita, mas a névoa formava uma espessa nuvem além de seu alcance. Kratos empunhou as lâminas em posição de combate. O que quer que fosse essa nova ameaça, ele iria destruí-la, como fizera com todas as outras. Quando a névoa dispersou e tomou a forma de uma coluna fina, ele girou tão rápido quanto podia.

A lâmina passou através da névoa, sem deixar nada além de um redemoinho para marcar sua passagem.

Ele estava ponderando se deveria usar a Cólera de Poseidon ou se o Olhar da Medusa poderia dar a essa névoa forma suficiente para que ele pudesse atacar. Antes que ele pudesse decidir, a névoa se solidificou em uma alta e bela mulher usando pouco mais do que flâmulas finas de nuvem como saia e uma blusa embrulhada em torno de seu corpete. O material era tão transparente como a névoa, mas, enquanto ele observava, ela se tornou mais substancial.

Algun tipo de súcubo? Uma sereia? Não importava, ela parecia sólida o suficiente agora. Ele cortou a mulher com um ataque que dividiria um mortal ao meio.

Ela não pareceu notar.

– Não tema, Kratos. Eu sou o Oráculo de Atenas, estou aqui para ajudá-lo a derrotar Ares. Reveladas nas minhas adivinhações estão segredos desconhecidos até mesmo dos deuses. Encontre o meu templo a leste e eu vou mostrar-lhe como matar um deus.

– Oráculo! Espere! – Kratos deixou cair as lâminas e fitou através do espaço mais uma vez vazio. Ele olhou acima da colina para onde o Oráculo havia apontado. Um gesto nebuloso, correntes de ar errantes. Como ele poderia saber?

O caminho se estreitou rapidamente, mas ele continuou a subir. Quando chegou na metade da subida, ele olhou para trás, para Atenas, e balançou a cabeça com desânimo. A luta estava quase no fim. Ares rugiu com um júbilo maléfico, urrando chamadas como um vulcão, enquanto seu exército se derramava como o mar, pelas ruas de Atenas.

– Deus da Guerra – Kratos disse entredentes –, eu não me esqueci de você. Pelo que você fez essa noite, esta cidade será a sua sepultura!

Um terremoto abalou o centro da cidade. Kratos teve de parar e ampliar a sua postura, a fim de se manter em pé. A fumaça dos edifícios em chamas

clareou por um momento para dar-lhe uma visão direta de Ares.

O enorme deus passou por cima das Longas Muralhas e caminhou até a calçada, pisando nos atenienses lentos demais para escapar de seu avanço. O deus guerreiro rugiu, tremendo os céus e a terra. Ele se abaixou, pegou um soldado e jogou-o longe, como se fosse um inseto chato. Os gritos ecoaram, agudos e altos, e morreram com o homem caindo no telhado de um templo dedicado a Zeus. Em seguida, Ares começou a pisotear qualquer um que chamasse sua atenção; sua fúria era palpável.

Ares invadiu a cidade, esmagando construções e chutando as pessoas na praça. A cidade ficou inteiramente à mercê do Deus da Guerra, e misericórdia estava em falta. Ares não tinha mais clemência do que compaixão ou autocontrole. Essa era uma noite ruim para ser ateniense.

Kratos era um espartano. Já houve alguma *boa* noite para ser ateniense?

Ele virou as costas para Ares e seguiu a estrada a caminho da Acrópole. Outro terremoto fez com que ele levantasse os pés do chão, forçando-o a rolar, quando uma parede de pedra desmoronou ao seu lado. Kratos ergueu-se novamente e olhou para a cidade.

Ares havia sacado uma espada do tamanho de dez navios de guerra e levantou-a acima de sua cabeça. O Deus da Guerra a trouxe desabando com tal força que blocos de casas ao redor desmoronavam, enquanto a onda de choque se espalhava por toda a cidade. Ares deu outro golpe, mas dessa vez Kratos estava preparado para ele. Ele se voltou para o seu caminho e partiu para o Pártenon.

– Eles vêm, eles estão vindo! – Uma mulher no telhado de um templo próximo gritou a advertência, em seguida, desceu uma escada bamba para a porta da sacristia. Um arqueiro morto-vivo disparou entre os perseguidores de Kratos. A flecha prendeu a mulher à estrutura de madeira, que pegou fogo quando a flecha explodiu.

Kratos se abaixou e se esquivou quando ouviu um bater de asas furioso que conhecia muito bem, mas ele não era o alvo da harpia. A besta imunda mergulhou para arrancar do chão uma mulher correndo com um bebê nos braços. A harpia agarrou a criança e levou-a pelo ar. A mulher gritou e jogou pedras, mas a harpia levantou voo a centenas de pés. Então deixou cair o infante.

– Nããão! – Kratos se enfureceu. Ele deu um passo e estendeu a mão, como se pudesse manter a criança segura. Ele não podia. A miragem de sua amada filha encheu seus olhos, e, em seguida, sangue substituiu a visão. Mais uma vez.

A mulher tentou freneticamente pegar seu filho, correndo na direção dele com os braços estendidos, só para ver o seu cérebro escorrer sobre os escombros

de outro templo. A harpia voou rasante novamente, dessa vez agarrando a mulher. Ela lutou contra o monstro voador, mas tropeçou em uma laje quebrada.

Kratos correu e saltou com toda a sua prodigiosa força. Seus dedos passaram longe da asa da harpia, mas pegaram um pé pelas garras. A harpia gritou de raiva e lutou para se libertar. A raiva pela morte da criança emprestou a Kratos a determinação crua para agarrar a harpia com força suficiente para arrastá-la. A criatura horrenda caiu no chão, a alguns metros de onde a criança havia morrido.

Uma torção, uma rotação, e Kratos alcançou o local onde poderia esmagar seu punho no rosto da harpia. Ele continuou a golpear o monstro até que restasse somente uma massa. Ofegante, ele segurou o pescoço magricela em um aperto e lançou o cadáver para longe, para que seu sangue sujo não se misturasse com o da criança morta.

– Ajude-me, ajude-me! – A mulher destituída clamou por Kratos. – Tem um alçapão dentro. Segurança. O santuário é seu, se você me ajudar! – As harpias haviam visto o destino de sua companheira e convergiram, pensando que a mulher era a vítima mais fácil para matar.

Kratos deixou que sua repulsa pelos crimes que as harpias cometeram decidisse o assunto. Brandindo as Lâminas do Caos, ele atacou. O primeiro golpe amputou a asa. O segundo cortou um pé. Um golpe duplo de suas lâminas removeu a cabeça de uma harpia de seus ombros caídos de pássaro.

– Vá – disse ele à mulher. – Encontre o seu refúgio.

A mulher não suplicou para se juntar a ela. Outra harpia gritou enquanto mergulhava como um falcão. Kratos saltou no ar, lançando a si mesmo e suas lâminas contra a criatura, mas ele estava muito longe para alcançá-la.

A mulher tomou o golpe em suas costas.

Garras ferozes abriram cortes sangrentos, e então a harpia bateu suas asas em declive e arrancou do corpo a coluna da mulher. O que restou caiu sem vida no chão.

Kratos correu, pulou em um engradado derrubado, e lançou-se no ar em uma explosão de ataque furioso. Uma lâmina talhou o rosto da harpia, da boca até a orelha. A segunda lâmina cortou seu peito quase sem resistência, abrindo seu coração monstruoso para vomitar sangue negro nas ruas abaixo. O homem e a harpia caíram pesadamente no chão. Kratos rolou livre, sacudindo as correntes em torno de seus braços, e assobiou para as Lâminas do Caos voltarem às suas mãos.

– Lá! Lá está ele! Matem-no! Matem-no pelo Senhor Ares!

Investindo contra ele estava uma dúzia de minotauros, seguidos por seis ciclopes e meia centena de legionários mortos-vivos, e atrás deles havia ainda mais. Eles obstruíram a estrada; ele nunca poderia lutar contra tantos para liberar seu caminho.

Parecia que sua missão estava para acabar em um súbito e sangrento fracasso.

Ele sacou suas lâminas. Ele era espartano.

Não poder vencer não era motivo para desistir.

Atena fixou o olhar sobre a ampla piscina de vidência sob o trono de Zeus. Umhas poucas ondulações a cruzaram, mas causadas por rajadas de vento através do Olimpo. Com um gesto, Atena acalmou as águas para que se tornassem claras como o céu. Ela se inclinou para ter uma visão melhor de Kratos desencadeando o Olhar da Medusa.

– Seu mortal luta bem.

Atena olhou para cima. Seu pai havia se ajeitado mais uma vez em seu trono, onde agora se inclinava para frente, olhando fixamente para a piscina. Será que Zeus apresentava uma leve alusão de satisfação?

Mesmo Atena não poderia ler o rosto do Senhor do Olimpo com certeza, mas ela ousou ter esperança.

Ela mudou-se de lado, para melhor manter um olho na piscina enquanto tentava decifrar totalmente sua expressão.

– Eu não sabia que você estava acompanhando a batalha.

– O massacre – Zeus disse – é poderosamente divertido. Passaram muitos anos desde que tivemos uma destruição gratuita tão obscena.

– Ares a traz para minha cidade amada – Atena disse, um nó em sua voz. – Mas a selvageria de Kratos vem de Ares. Ele é o que meu irmão criou.

– Ele pode ser um pouco mais do que isso – o Senhor do Olimpo murmurou. – Você sabe, o saque de Atenas está se consolidando para se tornar um poema épico. Você devia pedir a Apolo que componha uma ode, talvez. Comemore a ocasião. Não tem de ser nada tão elaborado como o conto de Homero sobre Troia; afinal, Troia opôs-se contra toda a Grécia durante dez anos. Atenas não durou dez dias. No entanto, muitos de seus soldados estão morrendo heroicamente. E depois há Kratos.

O Pai dos Céus apontou para a piscina de vidência, que refletia a batalha de Kratos contra um grupo de harpias.

– Sua busca furiosa por vingança, um pequeno mortal contra o Deus da Guerra? Muito encantador. Realmente. Eu não poderia ter feito melhor.

– Um grande elogio, meu senhor e pai, talvez o maior que eu já tenha recebido.

Ela não deixaria isso subir à sua cabeça, porque Zeus, sobre todos os outros olímpicos, era um planejador exímio. Atena se questionou sobre os seus

interesses agora, e se ele pôs em prática seus próprios e sutis planos.

Fossem quais fossem as maquinações, seu Kratos desempenharia um papel proeminente.

– Estou satisfeita que tenha tomado tal interesse na batalha, pai. Seria muito ousado de minha parte perguntar-lhe se o seu interesse surge por conta da luta em si?

– Minha querida filha, isso não é sobre você. É melhor que não seja. É sobre o mortal contra a máfia de horrores de Ares, a escória do Hades. Que Kratos tenha sobrevivido até agora faz disso um pouco mais interessante do que certos deuses esperavam.

– Você favorece Kratos?

Zeus ficou pensativo, correndo os dedos pelos fios de sua barba de nuvem. Atena tentou ler os pensamentos por trás de seus olhos e não pôde. Ela prendeu a respiração quando seu pai falou, suas palavras eram lentas e, obviamente, cuidadosamente escolhidas.

– Meu filho mostra um crescente desrespeito, o que me angustia. Ele mata os seus adoradores em Atenas, mas isso é de se esperar.

Atena começou a mencionar que Ares também escolhia adoradores de Zeus, destruindo templos do Pai dos Céus e corrompendo sacrifícios para ganhar seu auxílio, mas ela viu que ele já tinha conhecimento disso.

– A arrogância de Ares cresce com cada vitória. Faça o que for possível para apoiar Kratos, se o seu mortal puder trazer uma maior humildade por frustrar Ares.

– Meu irmão não pode ser impedido dessa forma – Atena disse, imediatamente lamentando suas palavras. Sua paixão traiu suas verdadeiras intenções. – Não diretamente. Todos no Olimpo sabem do meu apoio aos valentes quando enfrentam probabilidades impossíveis. Raramente eles ganham – o pobre e velho Leônidas, das Termópilas, traído no final –, mas quando eles triunfam... Bem, até mesmo o Senhor do Olimpo sabe como homenagear um herói.

– Então, você vê a vitória de Kratos? O que você sugere?

– Eu não sugiro nada – Atena disse. – Eu não sugiro nada além de Kratos poder usar a ajuda divina em sua luta.

– Eu não vou me opor abertamente a Ares, não importa quão insolente ele tenha se tornado – Zeus coçou a barba mais ferozmente, e relâmpagos dançaram

através das nuvens, saltando de dedo em dedo. Atena tentou ler o humor de seu pai e não conseguiu. Mas teve esperança quando ele voltou a falar.

– Sempre foi preocupante para mim que os oráculos saibam o que eu, o Senhor do Olimpo, não posso ver, com todos os meus poderes.

– Talvez seja melhor assim. – Atena disse.

– Melhor para quem, filha querida, melhor para quem?

Zeus voltou sua atenção para a piscina de vidência e a vasta destruição que Ares empregava contra a cidade e as pessoas de Atenas. O Pai dos Céus inclinou-se ainda mais para a frente.

– Estamos apenas chegando na melhor parte.

Atena prendeu a respiração quando Ares apareceu no campo de batalha e começou a esmagar atenienses sob sua sandália. Zeus fez um gesto, e a cena dissolveu-se em uma visão de Kratos correndo sobre a longa estrada em direção ao topo da Acrópole, no momento em que a mortal não conseguiu salvar seu filho de uma harpia.

– Essa mulher faz parte dos seus adoradores! – Atena apontou para a mulher sangrando. – Você vê?

Zeus franziu a testa.

– De fato. Na verdade, ela é uma sacerdotisa, a pequena construção atrás dela é uma pousada, consagrada para mim em minha manifestação de Filóxeno.

– Ele pensa em destruir *meus* adoradores – disse ela. – Você está certo de que essa sua sacerdotisa foi um acidente? Talvez ele tenha aspirações a um trono maior.

– Por favor, linda criança.

Zeus estendeu o dedo e tocou a mulher, no instante em que a harpia arrancava sua espinha. O governante dos deuses suspirou e afastou o dedo, agora coberto com uma única gota de água da piscina de vidência. Ele se virou e jogou a gota de água para o alto. Ela captou um raio de sol, transformou-se em arco-íris e, em seguida, desapareceu.

– Pronto – ele disse, olhando satisfeito. – Ela será bem avaliada por Éaco, nos portões do submundo.

– Por que você intercede dessa forma por uma simples adoradora mortal, quando você não me permite interceder por meus milhares?

Os olhos de Zeus brilharam.

– Porque eu posso.

Ele sustentou seu olhar até que ela desviasse seus olhos. E então foi mais uma vez atraído pela visão refletida na piscina.

– Veja, ali – você o vê? Ele matou a harpia, mas agora um batalhão inteiro o tem encurralado! Perfeito!

– É mesmo?

– Diga-me, quantos monstros Kratos destruiu hoje?

Atena franziu a testa.

– Quase quatrocentos. Por quê?

– Só *quatrocentos*? – Zeus olhou exasperado. – Qual é o problema dele? Ele nunca vai chegar ao seu Oráculo dessa maneira.

Ela tinha fé no valor de Kratos. Ela teria ainda mais se Zeus não se opusesse ativamente a ele.

Monstros avançavam de todas as direções.

Um minotauro soltou um rugido alto e investiu à frente de seus irmãos, girando uma bola e uma corrente sobre sua cabeça. Atrás dele trotavam mais onze minotauros e seis ciclopes desajeitados depois deles, e, ainda mais atrás, quinhentos mortos-vivos da infantaria pesada.

Um golpe rápido das Lâminas do Caos cortou a corrente da arma do minotauro, enviando a esfera da outra ponta para os céus. Kratos lançou um olhar rápido na direção em que a bola foi lançada, esperando que pudesse tirar a vida de mais um soldado do exército de Ares – e ela acertou o ciclope mais próximo em cheio, no olho.

No momento seguinte o minotauro estava sobre ele, mas Kratos havia julgado a sua distância com exatidão. Ele girou as lâminas em um floreio. Uma cortou a garganta do minotauro, enquanto a outra arrancou o fígado da criatura. As pernas do monstro dobraram, e ele caiu para a frente com o rosto no chão, despejando uma última onda de chifres e sangue. Kratos levou ambas as lâminas ao crânio e, com um torcer de seus ombros poderosos, quebrou o crânio da criatura e pintou seus companheiros com o seu cérebro.

Ciclopes se apinharam sobre ele, suas maçãs pesadas erguidas. Kratos mergulhou para a frente e rolou entre as pernas arqueadas do que fora cegado pela esfera da corrente. Maças tropejaram sobre o chão por todos os lados, fazendo toda a terra tremer. Uma delas golpeou o pé esquerdo do ciclope cego, esmagando seus ossos e fazendo o sangue esguichar. O monstro ferido gritou e levantou seu pé, segurando-o com uma mão, enquanto a outra permanecia cobrindo seu olho sangrento. A criatura pulava, uivando em agonia, e Kratos, nunca lento para encontrar uma vantagem, manteve-se rolando e mergulhando por entre as pernas da criatura, atraindo mais golpes de maçãs que só fizeram o uivo do ciclope aumentar em volume. Finalmente o monstro atacou com sua mão livre e, de alguma forma, apreendeu uma das maçãs, em seguida começou a distribuir ataques a esmo, com prodigiosa energia, atingindo um número de golpes potentes em seus companheiros.

Kratos mediu a distância e atacou. Um golpe foi dirigido ao coração da criatura. A borda da outra lâmina cortou atrás do joelho do ciclope, fazendo o monstro cair sobre Kratos. Mesmo sendo tão rápido, Kratos se viu incapaz de sair de baixo do corpo massivo, que o feriu e imobilizou-o no chão.

À sua volta, ele ouviu todas as criaturas de Ares ficando selvagens. Desamparado sob a massa estremeçada e desfalecente do ciclope, ele lutou para escapar. Depois, ele lutava para respirar. O ciclope comprimia o ar de seus pulmões. Por mais que tentasse, ele não conseguia respirar. Kratos erguia, mas o

corpanzil da besta era como areia da praia. Fluía e preenchia todo o espaço ao seu redor. Seus pulmões começaram a queimar. Descarregando um rugido enorme, ele tentou afastar o ciclope e falhou.

A raiva engolfou Kratos, tão certa como a carne ciclópica. Ele mordeu a barriga peluda que o oprimia e torceu, rasgando a carne e abrindo uma cavidade no estômago. Uma torrente de fluidos ameaçou sufocá-lo duplamente, o ar em seus pulmões estava se esgotando rápido. Ele mordeu novamente, arrancando intestinos e estômago e movendo-se para cima, como um verme vil nas entranhas do ciclope. Ele cuspiu e tensionou, arqueando as costas. Sua cabeça e ombros entraram na cavidade do corpo da criatura. Sua cabeça girou quando o mundo escureceu, ele empurrou novamente e bateu contra uma costela vigorosa. Virando-se para o lado, ele deu uma última e poderosa mordida. Seus dentes se fecharam em um músculo robusto antes que ele caísse para trás, quase morto.

Ele engasgou e ofegou quando o ar fétido atingiu suas narinas. Ele cuspiu o sangue em sua boca e engasgou com as rajadas de vento. O céu apareceu através do orifício que seus dentes haviam rasgado no ciclope.

Kratos se deslocou de um lado para o outro, ajustou seus ombros e, finalmente, libertou um braço que estava preso sob o corpo do ciclope. Uma vez que Kratos estendeu a mão e agarrou a costela, ele foi capaz de puxar com força. Metade do corpo da criatura rasgou-se. Coberto com sangue e fluidos digestivos, Kratos lutou e, finalmente, caiu ao lado do ciclope, ofegando no chão.

* * *

SERIA DEMAIS ESPERAR que ele não tivesse sido notado pela horda de saqueadores de Ares. Ele ficou de pé e enfrentou uma meia dúzia de minotauros. Ainda fraco e tremendo por conta de sua excursão através do intestino do ciclope, e sabendo que sua destreza física no momento era inadequada para a luta, Kratos lançou a mão esquerda atrás de seu ombro. Em desespero, ele voltou a encontrar os cabelos de serpente da Medusa, que se materializaram em suas mãos. Ele trouxe a cabeça da Górgona para a frente, os olhos em chamas com fogo esmeralda. Os minotauros desviaram os olhos.

Kratos saltou para chutar o minotauro mais próximo por trás da orelha, o que fez a cabeça se jogar com tanta força que um de seus chifres feriu o monstro ao lado dele. Kratos os deixou resolverem isso sozinhos. Ele aterrizou com um rolamento que o deixou agachado próximo a outro tornozelo. Ele agarrou o casco da besta com as duas mãos e puxou-o pelos pés. Se ele tivesse tempo de recuperar sua força total, poderia ter quebrado suas pernas. Em vez disso, o minotauro caiu sobre a terra com um baque doloroso e audível, mas um pouco de dor era muito menos do que Kratos pretendia.

Kratos se levantou e arrastou o minotauro com ele, imobilizando-o com

uma gravata. Colocando todo o seu corpo em movimento, Kratos torceu tão fortemente que quebrou o pescoço da criatura. Os outros minotauros começaram a se reagrupar, certos de que agora Kratos não poderia usar sua magia contra eles com sucesso. Eles olhavam de esguelha para Kratos, prontos para desviar seus olhares, caso ele materializasse a cabeça da Medusa mais uma vez. Para Kratos, nesse momento, a mágica deveria ser esquecida em favor da espada.

Ele alcançou as Lâminas do Caos enquanto os minotauros recuavam.

– Covardes – ele rosnou.

Então, ele percebeu que à batalha havia se juntado uma infantaria de mortos-vivos com lanças.

Afiadas pontas de aço choveram em torno dele. Sua única saída se encontrava entre o edifício e o alçapão sobre o qual a infeliz mulher havia gritado antes.

Pingando sangue, ele recuou para o arco da pousada que a mulher havia indicado. Recuar era um ato que o queimava como ferro quente, mas isso não era recuar. Ele estava se pressionando para completar sua missão, para encontrar o Oráculo e aprender seu segredo. Ele chutou a porta com o calcanhar enquanto entrava e a bloqueou. Imediatamente a porta começou a rachar sob os repetidos golpes dos machados dos minotauros, e uma lança sibilou através de uma janela, atravessando uma mesa a poucos metros de distância.

A lareira de pedra e argamassa ainda crepitava com animadora chama. Se a mesa empalada com a lança e os sons de fora pudessem ser ignorados, esse teria sido um local agradável para se passar uma ou duas horas. Uma análise rápida ao redor da sala mostrou a Kratos que esse lugar fora, de fato, uma espécie de pousada, confirmada por várias representações de Zeus retratado com braços acolhedores nas paredes. Havia até uma estátua do Rei do Olimpo atrás de um altar para além da lareira.

Essa estátua, como os afrescos ao redor da sala, tinha braços abertos em sinal de boas-vindas. A mulher havia falado de um alçapão, embora nenhum fosse evidente, nem houvesse tapetes ou pisos que pudessem ocultar tal saída.

Kratos observou a lareira mais atentamente. Esse edifício fora consagrado a Zeus Filóxeno, o concedente de hospitalidade; poderia outra parte da estrutura ter sido igualmente consagrada a Zeus ctônico, o protetor do subterrâneo?

Kratos soltou as Lâminas do Caos e se inclinou para examinar a lareira. Como era comum em hospedarias, ela havia sido construída em um anel de pedra e argamassa no meio da sala, colocada sobre uma laje de calcário espessa o suficiente para manter o calor da lareira sem pôr em perigo o piso de madeira da prancha. Nem a lareira nem a laje sob ela mostravam qualquer sinal de

estarem dispostas para moverem-se, deslizarem de lado, levantarem-se ou caírem, apesar dos esforços de Kratos.

Os talhos e marteladas dos machados contra a pesada porta subitamente dobraram de velocidade e de impacto. O brilho alaranjado dos incêndios lá fora começou a aparecer através de buracos irregulares, e Kratos sabia que tinha apenas alguns segundos para descobrir o alçapão, ou se preparar para resistir.

Kratos olhou novamente pela sala, murmurando através de seus dentes

– Zeus... Zeus... mostra-me a sua sabedoria!

– *Eu estou com você, Kratos.*

Kratos ergueu a cabeça e olhou ao redor. Teria a voz sido emitida em seu ouvido ou apenas em sua mente? Ele não tinha tempo para perguntar ou investigar mais, pois percebera um detalhe da enorme estátua que anteriormente havia escapado a seu exame apressado.

Correntes pendiam dos pulsos da estátua, correntes muito similares às do próprio Kratos. Agora Kratos viu as rachaduras bem-acabadas onde os braços largos e acolhedores se juntavam aos ombros poderosos do deus, como se esses ombros pudessem ter juntas que se assemelhassem às de um homem.

Kratos saltou para o topo do altar e pulou novamente. Ele pegou uma das correntes e se balançou em frente à estátua para alcançar a outra e, então, usou os músculos de seus braços e de suas costas para puxar ambas as correntes simultaneamente. Ele entendeu, então, por que a mulher não havia levado seu filho para baixo no alçapão. Esses braços não poderiam ser movidos sem três ou quatro homens puxando cada uma das correntes.

Três ou quatro homens – ou um Fantasma de Esparta.

Os braços giraram para baixo, para que as mãos acolhedoras ficassem juntas, palmas para cima, dedos apontando para a lareira atrás de Kratos – lareira que então se levantou acima do chão. Apoiada por pesadas madeiras verticais, ela revelou uma escura abertura inferior.

A partir da tensão contínua sobre as correntes que segurava, Kratos sabia que a porta da lareira se fecharia assim que relaxasse, mas ele havia sido mais inteligente do que dispositivos semelhantes no passado. Ele apoiou o pé contra as coxas do Zeus de mármore e se impulsionou para trás com toda a sua força. No instante em que libertou as correntes, ele se arremessou em um mergulho violento enquanto a laje da lareira desabou como uma pedra de um penhasco. Ele foi de cabeça no buraco, a laje caída mal chegou a tocar a sola de suas sandálias.

Ele aterrizou duramente em uma pedra úmida na escuridão e lançou um olhar cauteloso na laje acima. Não havia o menor vislumbre de luz através de qualquer rachadura. A menos que os minotauros fossem muito mais espertos do que imaginava ou mais compelidos a encontrá-lo do que era provável, eles nunca descobririam como ele havia fugido.

Mas isso não queria dizer que ele tinha tempo a perder para se congratular. O Oráculo ainda o esperava.

Kratos ficou de pé, mas caiu de joelhos quando uma tontura o assaltou. Seus pulmões queimavam de novo, e suas costas empoladas estavam novamente entregues à dor constante. Ele precisava de tempo para se curar, para curar suas feridas e...

Não havia tempo para fazer uma pausa. Acima, ele ouviu os machados estilhaçarem a estátua de Zeus. Os minotauros podiam ser incapazes de abrir o caminho para a passagem subterrânea, mas haviam, de alguma forma, descoberto por onde ele escapara e trabalhavam para segui-lo da melhor forma que podiam, destruindo a estátua.

Kratos passou a mão sobre o rosto e riu asperamente. Os minotauros não precisavam ser inteligentes para segui-lo. Tudo o que eles precisavam fazer era seguir o rastro de sangue do ciclope que ele deixou para trás. Ele ainda estava coberto com ele. Suas pegadas guiaram os minotauros para a estátua de Zeus. Suas impressões sangrentas nas correntes mostraram o que ele havia feito para escapar. Eles estariam atrás dele em alguns minutos.

Ele tentou se levantar, mas as pernas lhe faltaram. Ele sentou-se novamente, ainda ofegante pelo esforço, exausto.

Brotando de dentro do núcleo duro que era o seu coração, veio a determinação. Ele era espartano. Ares o havia usado.

Kratos gritou quando as visões correram de volta para ele. *O templo. A velha e aqueles dentro... a mulher e a criança... e ele tinha...*

Com uma explosão poderosa, Kratos ficou de pé, usando a parede como apoio. Ele fechou os olhos e virou-se lentamente na escuridão, até que sentiu um sopro tênue de ar contra seu rosto. Sem abrir os olhos, ele caminhou hesitantemente em direção à corrente de ar. Apenas depois de ter dado várias dezenas de passos sem esbarrar em uma parede, ele se deu ao trabalho de abrir os olhos. Com a visão já adaptada ao escuro, ele rapidamente avistou um brilho minúsculo na ponta de um túnel estreito e baixo.

Ele caminhou firmemente na direção da luz, com medo de uma armadilha ao longo do caminho. Se ele tivesse sido o construtor do túnel de fuga, teria

cavado uma cova para fazer um intruso imprudente quebrar a perna. Se o construtor fosse mais ambicioso, poderia haver fios que ativassem uma emboscada, martelos oscilantes ou outros perigos que os estalageiros e hóspedes saberiam como evitar, deixando surpresas desagradáveis para qualquer perseguidor. A luz ficou mais brilhante, maior, mais convidativa, e ele não encontrou nenhuma armadilha. Ele andou mais rápido.

Ele estava quase correndo quando alguém chamou seu nome.

– *Kratos.*

Ele pensou que Ares havia achado o túnel e vindo encontrá-lo em pessoa. Segurou as espadas em um aperto trêmulo e virou as extremidades em direção a um pequeno ponto brilhante na escuridão.

– Mostre-se. Nós podemos resolver nossas diferenças aqui e agora.

Seus músculos tremiam de fadiga, mas se ele finalmente enfrentasse seu último inimigo, morreria como um espartano.

A súbita explosão de luz obrigou-o a usar um braço para proteger os olhos. Olhando de soslaio, ele viu um homem maciçamente musculoso se aproximar de uma cintilação no ar, como um parélio no céu azul brilhante de verão. Os cachos cinzas de nuvens de tempestade que lhe serviam de cabelo e barba teriam instantaneamente revelado a Kratos de quem se tratava, mesmo que ele não tivesse saltado de uma estátua sua momentos antes.

– Meu Senhor Zeus! Kratos se curvou. – Eu estou surpreso. Achei que você pudesse ser Ares.

– *Este meu filho em particular ainda está do outro lado de Atenas, desfrutando de seu tumulto* – Zeus disse.

Kratos não poderia dizer se o tom de Zeus significava que aprovava ou reprovava o assalto de Ares. Ele decidiu não perguntar.

– Como posso servir ao Rei dos Deuses?

– *Kratos, você fica mais forte conforme sua jornada continua. Mas, se quer ter sucesso em sua busca, você precisará da minha ajuda.*

– Qual é a sua vontade, Senhor Zeus?

– *Eu trago a você o poder do maior de todos os deuses, o Pai do Olimpo. Eu lhe concedo o poder de Zeus!*

O Rei do Olimpo estendeu a mão e disse:

– Dê-me suas mãos, filho.

Kratos deixou as Lâminas do Caos escorregarem de volta para suas bainhas. A luminosidade verteu para o túnel de uma só vez, aqueceu-o e ameaçou queimar a carne de seus ossos. Kratos levantou os braços ao governante dos deuses.

– Pegue minha arma, Kratos – exclamou Zeus. – Tome meu poder e destrua seus inimigos!

O teto do túnel se abriu e revelou o céu azul brilhante, pontilhado com nuvens. Um raio desceu por um caminho irregular e explodiu contra as mãos estendidas de Kratos. Ele retrocedeu; sentia como se mergulhasse as mãos em um caldeirão de ferro fundido.

Ele afastou suas mãos e olhou com espanto para sua pele intacta – assombroso, principalmente por conta da fumaça de carne queimada que subia delas. Agora, gravada na palma da sua mão direita, estava uma cicatriz minúscula, branca, irregular, que brilhou com a luz do sol.

– Seu raio?

Ele olhou para cima, mas o portal de onde o deus surgira já havia se fechado. Acima já não havia céu azul nem nuvens brancas ondulantes. Tudo o que ele viu foram raízes sujas despencando de cima a baixo. Ele não havia deixado o túnel de fuga.

Mas a cicatriz na palma da mão direita provou-se brilhante demais para ser examinada.

Kratos alcançou atrás de seu ombro direito, como se quisesse pegar uma lança e atirá-la. Ele grunhiu de surpresa quando um sólido raio de relâmpago manifestou-se em sua mão. Ele atirou-o para a frente, e o raio cruzou o túnel mais rápido do que ele acreditava ser possível. A detonação fez com que o fim do túnel entrasse em colapso, abrindo uma lasca de céu noturno sobre a Acrópole. Kratos começou a se dirigir para ela, mas novamente ouviu uma voz; se com os ouvidos ou com a mente, ele não poderia dizer.

– Volte e lute!

Kratos parou, ainda fraco de seu conflito anterior.

– Mas o Oráculo...

– Destrua mais trezentos monstros e ela vai estar lá quando você chegar.

Kratos estava cansado de se esgueirar no subterrâneo, sentindo-se como um

bebê choramingante e quase sem forças para ficar de pé. Mais uma vez ele alcançou atrás dos ombros, e, novamente, quando lançou a mão para a frente, uma rajada de relâmpagos queimou na extensão do túnel. O ataque mágico destruiu as madeiras que sustentavam a laje da lareira, e tudo caiu e quebrou, espalhando brasas no chão do túnel.

Ele assentiu consigo mesmo. Usar o raio impulsionou seu espírito e apagou um pouco da fraqueza de seus músculos. Estar tão perto de um poder divino o rejuvenescia. Hora de voltar e ver exatamente o quão bem esse raio funcionaria contra um oponente real.

Mãssacrar os asseclas de Ares ao sair da pousada provou ser mais divertido do que Kratos havia imaginado. Quando Zeus deu-lhe o poder do relâmpago, aparentemente, ele também recarregou o seu reservatório mágico geral; a Cólera de Poseidon estalava mais mortal do que nunca, e o Olhar da Medusa transformava dúzias e dúzias de monstros em pedra, e o Relâmpago de Zeus despedaçava uma multidão de monstros petrificados de uma forma muito satisfatória.

O melhor de tudo, a inundação de magia poderosa que saía da palma de sua mão quando ele usava o raio curava as suas feridas. Alongar-se e girar não causava o menor desconforto nas suas costas, onde o toque do fogo de Ares o havia ferido tão dolorosamente. Depois de alguns arremessos do raio, os asseclas de Ares fugiram, dando a Kratos a chance de se banhar em uma fonte e limpar um pouco do sangue do ciclope de seu corpo.

Quando ele terminou suas abluções, teve certeza de que poderia triunfar sobre o pior que Ares tinha para oferecer. Kratos encontrou uma sequência que era particularmente eficaz: ele saltava no meio de uma multidão de monstros e usava a Cólera de Poseidon, em seguida, sacava a cabeça da Górgona e transformava todos em pedra, porque estariam muito atordoados com a Cólera de Poseidon para evitar seus olhos de serpente. Então Kratos se movia no meio de outro pelotão de legionários mortos-vivos, disparava um raio para o local de onde viera e, enquanto os monstros petrificados choviam em pedaços, mais uma vez disparava a Cólera de Poseidon contra a carne fresca em torno dele.

Ele se tornou perito o suficiente em empunhar o Olhar da Medusa, de modo que podia petrificar harpias em seu mergulho de ataque enquanto passavam, transformando-as no equivalente a pedras afiadas de catapultas que poderiam cortar uma meia dúzia de mortos-vivos com um só golpe. E descobriu que a armadura de bronze dos legionários mortos-vivos tinha uma propriedade interessante quando fulminadas com o Relâmpago de Zeus: se outro morto-vivo com uma vestimenta semelhante estivesse perto o suficiente, o raio iria arquear de monstro a monstro, detonando-os em uma sucessão rápida, como castanhas atiradas em uma fogueira.

Kratos ficou apreciando sua obra quando o estalido de cascos contra os paralelepípedos alertou-o para a aproximação dos centauros. Ele virou-se, pensando que iria enfrentar apenas um. Um rebanho de criaturas metade cavalo, metade homem trotou na praça e rapidamente investiu contra ele.

De alguma forma, um deles havia conseguido avançar pela retaguarda quando a sua atenção era desviada pela manada principal. Poderosas mãos levantaram-no do chão e seguraram-no alto. Ele olhou para o céu e se esforçou para sacar uma arma, qualquer arma. Em um instante, Kratos percebeu que era

incapaz de lutar desse modo. Ele jogou os pés para o alto e rolou para trás, libertando-se do aperto do centauro.

O homem-cavalo gritou de raiva quando Kratos aterrizou no traseiro da criatura, as pernas pendendo de ambos os lados do corpo equino.

– Você é aquele que o Senhor Ares procura!

O centauro virou meio corpo e tentou descarregar um punho ao lado da cabeça de Kratos. O espartano esquivou facilmente, encolheu os ombros e produziu um laço com a corrente fundida com o osso do seu antebraço. Ele não sacou as Lâminas do Caos, mas estalou a corrente, segurando o punho na carne do bicho como um garrote de ferro.

Kratos balançou para trás, sufocando o centauro. A criatura tentou, em vão, soltar a corrente enrolada em sua garganta. Ele debateu-se em suas ancas e retaguarda, na esperança de lançar Kratos para fora. O Fantasma de Esparta agarrou-se à corrente como se ela fosse freio e rédea, em vez de uma arma de estrangulamento.

Ele moveu-se para frente, aproximou-se da parte humana do monstro e chutou forte, para que seus calcanhares batessem contra a barriga do centauro. À medida que a criatura galopava para a frente, Kratos guiava-a para onde estavam os outros do rebanho que ele desejava.

No último instante possível, ele liberou a corrente e levantou sua mão direita. A marca de estrela queimou furiosamente e liberou o Relâmpago de Zeus. Kratos não mirava para os corpos dos centauros, mas para o chão onde eles estavam. O solo repentinamente se fundiu sob os seus cascos, o que os fez colidirem uns com os outros. Não satisfeito, Kratos soltou outro raio, dessa vez dirigido às suas ferraduras. Tal como acontecia com as armaduras de bronze usadas pelos legionários mortos-vivos, as ferraduras metálicas faiscaram e inflamaram, queimando até que nenhum centauro do rebanho tivesse um total de quatro pernas. Vários haviam perdido todas as quatro patas; nenhum era capaz de lutar.

Kratos apeou-se do centauro que montava, mas, antes que pudesse empunhar as Lâminas do Caos para matá-lo, a criatura fugiu, deixando para trás apenas um lamento estridente de absoluto medo.

Kratos percebeu que, mesmo que apreciasse o poder resolutivo do presente de Zeus, ele tinha de seguir em frente para encontrar o Oráculo. Ele perdeu a conta de quantos monstros já havia destruído; quando, finalmente, não restava mais nenhum para incomodá-lo, a estrada estava pavimentada com três fileiras de profundidade, cheias de cadáveres em todas as direções. Ele não se preocupou em contar. Apesar da garantia de Zeus, ele sentia que o tempo estava se esgotando. Kratos correu pela pista íngreme, caminhando em passos largos.

Enquanto corria, sua mente se lançava para o futuro, considerando diferentes cursos de ação, mas, acima de tudo, sua mente sempre voltava para o Oráculo e seu misterioso segredo de como um mortal poderia matar um deus.

Ele estava tão absorto em seus pensamentos que, ao fazer uma curva, deu de cara com um legionário morto-vivo. Eles colidiram, Kratos foi para trás e o guerreiro esqueleto de armadura caiu no solo. O barulho de seus ossos contra a sua espada e escudo ao cair ecoou pela Acrópole. Kratos se recuperou mais rapidamente do que o guerreiro esqueleto, sacou as Lâminas do Caos e retalhou o crânio do morto-vivo.

Kratos riu. Ninguém oferecia resistência ao Fantasma de Esparta. E quando viu uma dúzia de legionários descendo o caminho para investigar o ruído, ele riu ainda mais. Esses legionários mortos-vivos estavam bem protegidos com armaduras e impressionantemente bem armados.

Órbitas oculares ocas, perturbadoramente maléficas, o encaravam como brasas em uma sala escura, através de capacetes de bronze decorados com penas negras. Eles carregavam escudos cravejados com pregos de metal. Uns poucos brandiam foices, mas a maioria estava armada com espadas, e eles marchavam em uma formação apertada, disciplinada, com mais soldados apinhados às suas costas.

E um raio único fê-los em pedaços.

A explosão voraz irradiou, ziguezagueando em seu caminho como um raio do Monte Olimpo. O trio principal de legionários explodiu. Assim como a fileira seguinte e a seguinte e a seguinte.

Kratos pisou cautelosamente sobre os ossos e as partes fumegantes e queimadas dos corpos dos legionários. No caminho havia um capacete de bronze, as penas negras soltando fumaça, assim como o crânio amarrado com correias. Espadas derretidas e capacetes repartidos espalhavam-se ao longo da estrada.

Kratos olhou com espanto para a cicatriz branca na palma da mão. Depois apressadamente virou a palma para o outro lado. Se ele acidentalmente acionasse um relâmpago enquanto olhava para sua própria mão, sua morte poderia ser tão rápida quanto humilhante.

Mais uma vez ele acelerou em um ávido passo que era seu ritmo habitual até o caminho ficar cada vez mais íngreme. Em alguns lugares, os peregrinos haviam meticulosamente esculpido degraus nas rochas para os suplicantes mais fracos. Como se em um sonho, ele já não escalava a Acrópole de Atenas em direção ao Pártenon, mas sim uma estrada montanhosa, cheia de vento a milhares de metros no ar. Tornou-se mais difícil respirar, e suas pernas – aquelas pernas incansáveis que andaram oitenta quilômetros em um dia – começaram a doer pelo esforço.

Ele chegou a uma ponte sobre um desfiladeiro profundo. Ao longo da construção marchavam cinquenta atenienses ou mais, todos com cestos de vime com oferendas e se dirigindo para o templo de Atena. Kratos entendia agora como o templo do Oráculo havia resistido às agressões do Deus da Guerra: ele não estava no Pártenon, mas no cume de um caminho oculto magicamente, que poderia ser visto e trilhado apenas pelos fiéis!

Enquanto ele corria em direção à ponte, um estridente assobio preencheu o ar. Ele olhou para cima e viu uma bola de fogo descendo dos céus, e ocorreu-lhe que, mesmo que não pudesse ver o caminho ou o templo, Ares aparentemente ainda podia encontrá-lo.

O espartano atirou-se e rolou para o lado. O pegajoso e ardente fogo não o tocou dessa vez, mas espirrou por toda a ponte. Dezenas de suplicantes gritaram. Alguns saltaram da construção em um mergulho de centenas de metros para as rochas abaixo, em chamas, como pequenos sóis. Aqueles que foram atingidos diretamente pelo fogo grego estavam agora envoltos em mortalhas de carvão que um dia foram suas peles. Ele ouviu berros de gelar a alma. Horripelantemente queimados, presos em suas fuliginosas vestimentas, cada segundo da vida era uma eternidade de agonia.

Mas alguém sentiu pena deles – Atena ou talvez mesmo Zeus –, pois um som agudo como bronze batendo na pedra soou, e os atenienses ardentes tiveram uma morte rápida nas rochas abaixo.

Kratos correu para o final da estrada e olhou através do abismo. Em seu vislumbre anterior, ele pensou que as bolas de fogo de Ares haviam destruído a construção, mas não; mais da metade da ponte conservara-se – porém, estava inclinada para cima, longe de Kratos, suspensa por um enorme guincho acima do abismo. Um homem baixo e forte lutou com a manivela para travá-la no lugar.

– Pare! – Kratos gritou. – Abaixе a ponte! Preciso chegar ao templo!

– Vá embora! – O guardião gritou de volta. – Os monstros espreitam por toda parte. Pelotões inteiros escalam o caminho atrás de você. Se você ama a deusa, você vai me ajudar a destruir a ponte!

– Eu *sirvo* Atena! Ela me deu a tarefa de encontrar seu Oráculo! Abaixе a ponte!

Kratos deu um passo adiante, à beira do abismo.

– Mesmo se abaixá-la, um terço dela foi destruído! Como você vai atravessar o fosso? Se você pode voar, por que precisa da ponte?

– Abaixе-a – Kratos rosnou. – Eu não vou pedir de novo.

– Eu morreria pela deusa!

– Ótimo.

Kratos levou a mão sobre seu ombro direito, preenchendo-a com um raio sólido.

O guardião apertou os olhos através do abismo.

– Ei, ei! – disse ele, hesitante. – O que é isso na sua mão?

– Veja por si mesmo.

O relâmpago disparou de sua mão e estilhaçou a plataforma onde o homem estava. O grito do guardião ecoou pelo desfiladeiro, mesmo depois de seu corpo quebrado respingar nas rochas abaixo.

A discussão com o guardião estava acabada, mas Kratos ainda tinha o problema da travessia do abismo. Kratos fez uma careta para a manivela. Aquele era certamente o momento certo para montar uma harpia domada. Ou até mesmo uma coruja. Se Atena *realmente* queria que ele chegasse ao seu Oráculo, ela podia pelo menos oferecer um casal de seus pássaros sagrados.

Nem harpias amigáveis nem corujas do Olimpo fizeram uma súbita aparição. Kratos sacou um novo relâmpago.

Ele deixou-o voar até a manivela, explodindo-a até virar sucata. As correntes enormes emitiram um som agudo enquanto a ponte levadiça descia. O estampido finalmente apagou os ecos da morte do guardião.

Kratos fez uma pausa para julgar a lacuna restante. Oito ou nove metros, não mais, mas um mau julgamento da distância significava sua morte nas rochas abaixo.

Ele precisou de alguns passos para dar o impulso e se atirou para o ar. Enquanto voava em direção aos destroços do final da ponte, outro assobio vindo do céu elevou-se a um guincho. Ele alcançou o final da ponte, seus dedos agarrando lascas de madeira e pedra, e virou-se em um salto para trás que o deixou em uma estrutura um pouco mais sólida e um pouco mais próxima do tempo. Kratos olhou em direção ao guincho e viu outra bola de fogo grego voando, vindo diretamente para ele. Mesmo que sobrevivesse ao fogo, ele certamente destruiria a ponte; Kratos não tinha nenhuma vontade de acompanhar o guardião e acrescentar seu corpo à pilha sangrenta abaixo.

Agindo instintivamente em vez de decidir-se conscientemente, ele soltou outro relâmpago de sua mão, cortando a noite para chocar-se com a bola de fogo. A detonação espalhou a bola de fogo por todas as direções. Kratos se virou

para evitar que pedaços de piche escaldante chovessem sobre ele. A última coisa de que precisava eram mais cicatrizes em seu rosto. Alguns atingiram o piso da ponte e inflamaram.

Ele saltou para o outro lado, correndo para superar a velocidade das chamas, mas antes que ele pudesse chegar à segurança das pedras, ele sentiu a estrutura vacilar sob o seu peso, tremer e, por fim, desmoronar. Kratos escalou as pranchas ardentes como se fossem uma escada, mal atingindo o caminho rochoso antes da ponte despedaçar-se e cair no abismo.

Kratos olhou de volta para a abertura rochosa por um breve momento. Pelo menos, o guardião devia estar sorrindo do Hades. Nenhum monstro atravessaria aquele precipício, a menos que pudesse voar. Ele virou-se e seguiu em frente.

O caminho íngreme tornou-se uma escadaria que levava direto para o topo da montanha. Na cúpula, erguia-se uma estrutura vasta, de muitos níveis, três ou quatro vezes o tamanho do Pártenon abaixo e dez vezes a sua altura, toda construída com elegante mármore e folheada com o mais puro ouro.

Enquanto subia os degraus, sons de batalha vieram de cima. Ele se endireitou e empunhou suas lâminas, que assobiaram e deixaram uma trilha de faíscas. Kratos empregou os passos em direção ao templo rápida e silenciosamente, movendo-se tão furtivamente quanto podia, até encontrar a fonte do barulho de espada contra espada.

Uma grande área devocional no centro do templo estava suja com sangue fresco. Dois soldados cambalearam de trás da estátua de Atena que se erguia sobre o outro lado da câmara, tentando desesperadamente refrear os ataques de cinco ou seis mortos-vivos da infantaria pesada.

Kratos assentiu consigo mesmo. É claro, tão logo o Deus da Guerra localizou o templo, suas imundas desovas do Hades começaram a aparecer. Mesmo ali, no santuário mais sagrado da deusa.

Ele caminhou suavemente através da área aberta e cortou as pernas de quatro mortos-vivos antes das criaturas perceberem a sua presença. Alguns golpes rápidos liquidaram os outros. Um soldado estava ferido, vertendo a última gota de sua vida no chão imaculado da deusa. O outro ateniense acenou a Kratos sombriamente em agradecimento, em seguida, soltou um grito de guerra e investiu para trás da estátua de Atena.

Sua cabeça rolou um instante depois.

Kratos, relutante, admitiu para si mesmo que talvez nem *todos* os atenienses fossem covardes.

O monstro que havia acabado de enviar o valente soldado para o Hades

circundou a estátua e veio a ele. Outro legionário morto-vivo, mas esse se elevava mais alto que um minotauro, estava vestido com uma armadura impenetrável, e ambos os seus braços terminavam em uma foice mortal no lugar das mãos.

Os fogos venenosos de suas órbitas oculares vazias fixaram Kratos como se lançassem um desafio silencioso. O monstro horrível atacou com uma velocidade que pegou Kratos de surpresa.

Mal desviando das lâminas perniciosamente afiadas, Kratos adiantou-se e chegou ao centro do templo, onde ele poderia lutar desimpedido. A criatura avançou sobre ele e perdeu uma perna. Quando ela caiu, Kratos desferiu um segundo golpe, que arrancou as duas mãos do legionário. As foices mortais retiniram no chão. Kratos olhou para o monstro que se contorcia, então golpeou com sua espada uma última vez. A cabeça rolou para além das foices.

Mesmo com todo o seu aspecto feroz, o legionário provou não ser um grande adversário.

– Ajude-me! – Veio um novo grito de trás da estátua. – Ao meu lado, se ama Atena!

Um terceiro soldado ateniense lutava sozinho contra um par de legionários, batalhando ainda que enfraquecido por conta de uma dúzia de cortes, alguns profundos e pelo menos um provavelmente mortal.

Kratos acrescentou seu braço forte à luta. Atenienses valentes eram raros o suficiente para ele sentir que deveria contribuir para a sobrevivência desse. Ele afastou os legionários e viu por que os soldados atenienses estavam lutando atrás da estátua: havia uma porta escondida que fora quebrada em cacos, abrindo um corredor estreito que levava, Kratos supôs, para os aposentos do Oráculo.

Esses legionários não eram desafio maior do que fora seu irmão maior. Kratos teceu uma cortina de morte sobre eles, avançando para a matança, e o mundo explodiu ao seu redor.

Uma bola de fogo estourou no telhado do templo e queimou o que havia em seu caminho, abrindo um buraco na estrutura. Um bocado grande do fogo grego caiu inteiramente no ateniense e matou-o instantaneamente. Os mortos-vivos com os quais esse espírito valente duelava também voltaram ao Hades em um instante de combustão. Mesmo os legionários que Kratos combatia pereceram, quando uma bola do tamanho de um punho de fogo espirrou em cima de seus capacetes e queimou até que nada se mantivesse acima dos ombros ossudos, fora uma poça de bronze fundido.

A armadura que Kratos havia roubado de suas vítimas também chamejava com dezenas de gotículas de fogo. Um rápido floreio das Lâminas do Caos cortou

suas ligações improvisadas, e a armadura caiu no chão, onde foi rapidamente consumida.

Kratos nem sequer olhou para trás.

Ele passou por cima do cadáver ateniense que ardia em chamas e entrou no corredor estreito.

– Eu sou Kratos de Esparta – ele chamou. – A deusa me comanda a falar com seu Oráculo.

A mulher espectral que veio a ele em Atenas agora apareceu em carne e osso, e sua beleza roubou-lhe a voz. As tiras translúcidas de seda verde que ela usava como saia iludiam, movendo-se para esconder e ao mesmo tempo revelar suas pernas, coxas e quadris. Envolto em torno de seu corpete, o pano diáfano se agarrava com ferocidade estática a cada uma das suas curvas delicadas.

– Você *veio* – o Oráculo sussurrou. Sua voz o acalmava e excitava ao mesmo tempo. – Eu tinha começado a duvidar que você o faria.

– O templo não é seguro – disse ele. – Os seguidores obscuros de Ares caçam aqui dentro.

O Oráculo fechou os olhos, e seus seios pesados se elevaram e desceram com um suspiro profundo e melancólico. – Meus outros defensores sucumbiram. Que suas almas encontrem nada além de alegria ao se juntarem a seus amados nos Campos Elisios.

O espartano pensou que isso era improvável, mas segurou sua língua.

– Só você perdura, Kratos – seus olhos, como piscinas de luar, fixavam-se em Kratos, e por um momento o espartano não se lembrava sequer de que havia uma batalha em torno dele. – Você é tudo o que eu tenho agora.

Ele se sacudiu para voltar à realidade.

– E eu sou tudo de que você precisa. Aprese-se.

Ele olhou ao redor da pequena sala onde o Oráculo vivia: apenas uma cama e alguns objetos pessoais. Ela levava uma vida pouco sofisticada, inocente, livre de vaidade ou malícia.

Mas a câmara em si era um pesadelo tático. Se os asseclas de Ares chegassem a essa sala, o teto baixo e as paredes próximas impediriam o uso das Lâminas do Caos, e desencadear qualquer magia poderosa dos deuses em tal área poderia ser suicídio. Pior, o corredor que levava ao templo era a única saída da sala. Uma força suficiente na porta os deixaria abertos a qualquer investida,

como moscas em uma garrafa.

– Devemos conversar, você e eu –, o Oráculo disse, indicando um banquinho de três pernas ao lado de sua cama. – Sente-se e eu vou lhe dizer o que você precisa saber.

– Por que Atena não me disse tudo o que eu preciso saber para matar Ares?

O Oráculo fez um movimento de desprezo para silenciá-lo e disse:

– Eu vou revelar o que eu vi. Às vezes, minha visão é precisa. Outras, é como se eu estivesse olhando através de um véu. Ou, talvez, seria melhor dizer através de uma mortalha. – uma expressão distante alterou-a de ansiosa para etérea. Kratos viu o poder de seu talento, ou seria uma maldição?

– Revelados a mim são os segredos escondidos aos deuses – o Oráculo disse. – Por mais que sua sabedoria atinja terras longínquas, há algumas coisas que, mesmo a eles, são privadas.

Kratos sentiu-se exposto sob o seu olhar firme, que centrava-se não sobre ele, mas aparentemente em algo além, algo dentro dele.

– As visões preenchem todos os meus momentos despertos, cada instante dos meus sonhos, dizendo-me o que você deve fazer. – sua voz diminuiu para pouco mais que um sussurro. – Eu sei como matar um deus.

* * *

GRITOS MUITO FAMILIARES ecoaram entre as colunas do templo, e Kratos empunhou suas lâminas prontas para a ação.

– Esta sala é uma armadilha. Ares quer você morta. Mova-se e eu vou mantê-la viva.

Ele correu de volta para o templo e derrapou em volta da estátua de Atena. Fora os cadáveres e o sangue espalhados no chão, a sala se estendia vazia e silenciosa. Ele olhou para o teto rompido e encontrou um enxame fétido de harpias.

Ele dirigiu-se para um terreno mais aberto, onde poderia atacá-las com toda a sua força. Uma harpia gritou e atirou-se violentamente para baixo, como uma águia em ataque. Ele esfaqueou-a, levando a ponta da espada ao peito do monstro horrendo. O sangue explodiu e espirrou em seus olhos, mas ele ainda desmembrava o monstro com apenas um movimento do pulso. Ele cortou o ar com suas espadas enquanto piscava firmemente para limpar seus olhos.

Mais harpias gritantes enxameavam ao redor dele. Suas lâminas

encontraram a carne monstruosa mais de uma vez, mas as garras rasgavam a sua pele de todos os lados.

Quando finalmente limpou o sangue de harpia de seus olhos, ele viu harpias feridas se contorcendo pelo chão do templo. Uma secreção continuava a escorrer de suas feridas enquanto elas usavam suas asas de couro para se arrastar. Quando uma delas percebeu que ele observava, gritou para ele mais uma vez, e todas rangeram seus dentes irregulares, produzindo um som agudo, em desafio feroz.

Kratos viu um último golpe passar diante de seus olhos e moveu-se para matar.

– *Kratos!*

O terror na voz do Oráculo fez Kratos voltar-se para as costas da estátua de Atena. Duas harpias seguravam o Oráculo com suas garras imundas. Ele na direção delas, lâminas em punho. Ele vira muito bem quão rapidamente uma única harpia podia assassinar um mortal, e a memória assombrosa da criança sendo açoitada contra os paralelepípedos atenienses fez a sua bile subir à garganta, mas elas pareciam ter algum outro plano para a sua prisioneira.

Elas bateram as asas no ar, arrancando a mulher do chão. Garras poderosas afundaram nos ombros do Oráculo. As harpias gritaram com alegria maléfica e levantaram voo, o Oráculo suspenso em suas garras punitivas.

– *Kratos* – ela gritou, sua voz enfraquecia em desespero. – *Kratos, salve-me!*

Kratos saltou com toda a sua força, mas outra harpia havia cronometrado a sua corrida e chocou-se contra ele, atingindo suas costas, como um falcão acertando um coelho. Ele girou, soltando um grunhido, e um único corte das Lâminas do Caos tomou uma asa e o topo da sua cabeça. Ainda não compreendendo que havia sido mortalmente ferido, o monstro investiu com suas garras apontadas furiosamente para ele. Um segundo golpe das lâminas enviou as garras para o chão do templo, desprendidas dos braços onde um dia estiveram anexadas.

Mas mesmo esse único segundo de distração havia se provado muito dispendioso.

Antes que ele pudesse recompor-se para saltar de novo, as harpias carregaram o Oráculo, bateram as asas com força e desapareceram através do buraco no teto do templo, e todas as suas irmãs seguiram-nas. Kratos assistiu, impotente, às criaturas e sua prisioneira sumirem entre as nuvens escuras da noite.

Sozinho no templo, Kratos virou-se para a estátua inexpressiva de Atena e estendeu as mãos.

Ele não rezou para os deuses, ele amaldiçoou-os. E arquitetou um plano para resgatar o Oráculo.

A inspiração da deusa não parecia que se apresentaria. Kratos teria de criar um plano sozinho. Como sempre.

Ele olhou pelo buraco fumegante no teto do templo, tentando avistar as harpias e o Oráculo. Sem sorte. Ele correu para fora e circundou o templo, pensando furiosamente. Como ele poderia resgatar a mulher sagrada, se a encontrasse nas alturas? O Relâmpago de Zeus iria fritar o Oráculo juntamente com as harpias. O Olhar da Medusa poderia funcionar, mas usá-lo implicaria estar na posição correta para pegar o Oráculo quando ela caísse. A probabilidade de que ela pudesse cair acoplada a um par de harpias de pedra sólida, ou de que ela própria fosse transformada em pedra, não aumentou a atratividade do plano. Para usar a Cólera de Poseidon, ele praticamente teria de pegar as harpias fugitivas com suas próprias mãos e, se pusesse as mãos sobre elas, não precisaria de magia para fazer o que precisava ser feito.

Um *arco*, pensou ele, lembrando saudosamente do bom e forte arco que ganhara do ateniense moribundo na brecha das Longas Muralhas. Um *arco e duas flechas*.

Duas seria tudo o que ele precisaria, para ferir, para enfraquecer, para caçar nos céus.

Procurando desesperadamente nos céus, ele demorou para captar um som de fricção ao lado do templo. Kratos rodeou as laterais do edifício e viu uma sepultura recém-cavada. Ele deu um passo para trás quando uma enxurrada de sujeira emergiu do buraco. Ele avançou com cautela, sem saber o que estava acontecendo. Quando uma mão apareceu sobre a borda rochosa, Kratos girou e empunhou as Lâminas do Caos, pronto para a luta. Grunhindo, resmungando para si mesmo, um homem idoso em roupas maltrapilhas e sujas arrastou sua carcaça murcha até a borda da sepultura. Ele piscou para Kratos com olhos turvos, envelhecidos, então jogou uma pá no chão perto da pilha de sujeira e colocou suas mãos espalmadas para fora, tentando se puxar para fora. Ele falhou.

– Você vai ajudar um homem velho ou vai ficar aí olhando como um tolo?

Kratos só podia encará-lo. Como poderia qualquer mortal, ainda mais um idoso, ter cavado uma sepultura em solo tão rochoso?

– Vamos – o velho falou rispidamente. – O quê, o Fantasma de Esparta tem medo de *mim*? Você não vê que eu sou mais velho que o pó da barba de um Titã?

Kratos liberou as lâminas e pegou a mão do homem. O velho camarada parecia não pesar nada.

– Você me conhece?

– Claro que sim. Você tem as lâminas, a pele pálida como a lua! É você, certamente. Talvez Atenas ainda sobreviva. – o coveiro riu. – Mas tenha cuidado. Não quero que você morra antes de eu terminar este túmulo.

– Um túmulo, no meio de uma batalha? Quem vai ocupá-lo, velho?

– Você, meu filho! – o coveiro olhou Kratos, de suas sandálias até o topo da sua cabeça raspada. – Olha, eu tenho um monte de escavação para fazer, de fato. Tudo será revelado no momento certo. E quando tudo parecer estar perdido, Kratos, eu vou estar lá para ajudar.

– O Oráculo – Kratos disse. – Você a viu? Ela foi raptada por harpias.

– Ah, certamente, eu a vi.

O coveiro pegou sua pá e encravou sua lâmina na terra, ao lado da sepultura, com energia surpreendente.

– Eu poderia contar umas coisas sobre *ela*, se eu tivesse alguma vontade – disse ele.

Se o velho tolo e desidratado tivesse vontade, essa conversa já teria acabado.

– Tudo o que eu preciso saber é para onde elas a estão levando.

O coveiro ancião voltou-se para o Fantasma de Esparta, e toda a aparente senilidade foi drenada de sua voz. Seus olhos queimavam com o fogo em Atenas, abaixo.

– Bem, para onde você *acha* que as harpias vão levá-la? – o velho homem disse com desdém. – Você não sabe o principal sobre harpias?

– Eu sei como matá-las.

– Essa é a última coisa que você aprende sobre harpias, garoto! A primeira coisa é: as harpias gostam de comer onde elas matam. A segunda coisa é... seus poleiros ficam nas alturas!

O coveiro ancião jogou a cabeça para trás, rindo enquanto Kratos o olhava de cima, sua raiva crescendo. Então o velho ficou em silêncio, virou-se e olhou para cima, para o teto do templo. Kratos ouviu o guincho de uma harpia e o grito de uma mulher em agonia...

As lâminas encontraram suas mãos, e Kratos correu de volta para o templo.

Sua sandália escorregou em uma poça de sangue e ele derrapou pelo chão, um joelho deslizando pelo sangue sobre o mármore frio. Bem acima do chão do templo, apenas um nível ou dois abaixo do ápice de seu ponto mais elevado, as harpias aparentavam estar em algum tipo de desacordo, como se uma delas quisesse carregar o Oráculo para alguma área de refeições segura, onde elas pudessem se divertir sem o medo de serem rudemente interrompidas pelas Lâminas do Caos, enquanto a outra parecia decidida a renunciar às formalidades e comer o Oráculo ali mesmo.

O Oráculo lutou com toda a sua força e determinação, batendo nos monstros com seus punhos e extraíndo com dificuldade as garras poderosas afundadas em seus ombros. Enquanto as harpias contra-atacavam, o sangue do Oráculo escorria pelos seios e flancos e costelas, pingando nas pontas dos dedos dos pés. Sua força começou a diminuir.

Kratos deixou que as lâminas regressassem às bainhas em suas costas. Sua única arma eficaz a essa distância era o raio, que fritaria todas as três quando as atingisse... a menos que ele errasse. Parecia improvável. Por outro lado, poderia valer a pena o trabalho de não acertar o alvo, mas de um modo útil.

Mais uma vez, ele conjurou o relâmpago sólido em sua mão direita e lançou o raio um pouco acima, perto o suficiente para assustar ambas as harpias e fulminar a varanda acima delas. O relâmpago arrancou enormes pedaços de mármore branco, que caíram com um estrondo sobre elas, que aparentemente decidiram que essa refeição especial estava se tornando mais perigosa do que haviam imaginado. Elas reprimiram a rixa, soltaram o Oráculo e bateram as asas tão forte quanto podiam, tentando achar cobertura. Uma avaliação rápida da velocidade de queda do Oráculo informou a Kratos que ele tinha tempo para um último tiro, e o raio explodiu as harpias em pedaços fumegantes de carne.

Kratos correu para o local onde o Oráculo iria atingir o chão do templo, almejando salvá-la. Mas ela não pousou.

– Ajude-me!

O Oráculo estava pendurado em uma corda, suspensa em um suporte afixado no telhado do templo. O bombardeio de fogo grego de Ares ou talvez um de seus próprios raios havia deixado algo solto; o Oráculo agarrava-se por sua vida, a centenas de metros acima do pátio do templo. Pior, a corda balançava de forma irregular e ameaçava lançá-la na direção da montanha, para além do penhasco íngreme. Kratos sabia que, se ela caísse assim, toda a sua força não serviria para nada.

Ele examinou o pátio do templo, tentando encontrar alguma forma de se aproximar dela. Ele viu uma estrutura frágil de madeira, que talvez lhe permitisse chegar a uma camada superior.

– Kratos, salve-me! Você deve se apressar! – ela gritou acima. Esse salvamento precisava ser realizado agora.

Ele inverteu as Lâminas do Caos para baixo, como se segurasse adagas, e saltou tão alto quanto suas coxas poderosas poderiam impulsioná-lo, até às pernas da estátua de mármore. As mesmas qualidades que faziam do mármore uma boa escolha para construir estátuas também faziam dele uma boa escolha para construir escadas.

Golpe após golpe, as Lâminas do Caos talhavam o mármore, fazendo fendas profundas o suficiente para que Kratos pudesse escalar cada vez mais alto. Quando ele retirava as lâminas para fincá-las novamente, os buracos deixados por elas serviam admiravelmente bem para firmar os pés. Dessa forma, ele subiu pela estátua, atingindo a balança da deusa em apenas alguns segundos.

– Kratos! Eu não aguento mais segurar!

– Você não vai precisar – disse Kratos, enquanto dava três passos para o impulso e lançava-se no ar.

Ele se esticou e, no último instante, a corda balançou de volta para ele. Ele atingiu o Oráculo com o ombro, como se enfrentasse um adversário no pancrácio. Isso fez com que ela soltasse a corda, e os dois caíram livres...

Com um braço em volta da cintura fina do Oráculo, ele agarrou outra corda com a mão livre. Seus dedos tocaram a corda, fecharam-se e, por um momento, ele pensou que eles estavam seguros. Até que a corda começou a ceder em cima da roldana.

Kratos grunhiu, torceu e partiu a corda duramente, enviando um choque ao longo dela que a desalojou da roldana. A queda cessou de repente, quando a corda ficou travada em um gancho, e Kratos e o Oráculo balançaram para frente e para trás, como um pêndulo. Afrouxando seu aperto, Kratos deslizou pela corda estática e encontrou o chão do templo mais uma vez. Kratos soltou o Oráculo, que olhou para ele atentamente.

– Kratos! Como Atena predisse. Mas você está atrasado, talvez atrasado demais para salvar Atenas.

Ela se aproximou até seu rosto ficar a poucos centímetros do dele. Ela ergueu os braços e tomou a cabeça dele em suas mãos, cada palma pressionando calorosamente as suas têmporas.

Kratos tentou se afastar, mas o aperto foi surpreendentemente firme e sua força surpreendentemente escassa.

– Ou é *Atenas* que você veio para salvar...?

Kratos gritou:

– Não! Eu...

Ele se contraiu para tentar se libertar, apertando os olhos e tentando recuar, mas era muito tarde. O poder dela se espalhava irresistivelmente por sua mente.

Agulhas dançavam em seu cérebro, espetando cada vez mais rápido e causando um desconforto que crescia em uma dor abjeta. Ele sentiu como se sua cabeça fosse explodir a qualquer instante e, quando abriu os olhos, estava em outro lugar...

* * *

ELE MONTAVA UM CAVALO, uma espada presa em sua mão e erguida sobre a sua cabeça, encorajando suas tropas sob o sangrento campo de batalha contra os bárbaros.

– Reagrupem por mim, homens de Esparta! Ainda que sejamos apenas cinquenta, lutaremos como mil! Matem! Matem todos eles! Sem piedade! Sem prisioneiros! Sem clemência! – sua respiração soprou como fogo de suas narinas e seu coração batia como a forja de Hefesto. O fedor de sangue e morte o preencheu até quase estourá-lo. Mil mortes e esse dia pertenceria a ele e somente a ele! Ele liderou o ataque...

... à frente de milhares de espartanos que corriam para a batalha a seu comando. Ele era um herói agora, uma lenda. Espartanos competiam entre si pela honra de servir ao lendário Kratos. Enquanto suas vitórias se acumulavam, seus números aumentavam. Ele carregava duas espadas para a batalha. Quando a primeira embotava-se de tanto cortar o osso e a carne de seus inimigos, ele descartava-a em favor da segunda, que o servia contra outras dúzias ou centenas de oponentes até que essa, também, perdesse o gume. Em seguida, ele reunia as armas caídas dos inimigos que morriam ou fugiam, para que a carnificina nunca diminuísse, e muito menos parasse. Seus valentes soldados confiavam em sua orientação, o tipo de orientação que somente um comandante lendário poderia oferecer. Kratos dava-lhes as lições que ele mesmo havia aprendido.

Ele mostrou a eles como matar.

– Sem piedade! Sem prisioneiros! Sem clemência!

A guerra tornou-se nada mais que um palco no qual Kratos encenava. Ele matava pelo Deus da Guerra, ele matava pela glória de Esparta, ele matava pelo simples prazer de ver os homens morrerem sob sua espada. Todos o temiam, aliados e inimigos, da mesma forma...

... exceto uma.

Sua calma e paciente esposa, que parecia a única mortal com a coragem de se opor a sua fúria.

– Quanto será suficiente, Kratos? Quando isso vai acabar?

– Quando a glória de Esparta for reconhecida em todo o mundo!

Ela fez um gesto, como se estivesse espantando um inseto irritante.

– A glória de Esparta – disse ela com escárnio fervente. – O que isso significa? Você sabe, ou está apenas balbuciando as desculpas que você diz a si mesmo para justificar sua sede de sangue? – ela acolheu sua filha em sua saia, e o lampejo de raiva desapareceu, substituído por uma melancolia resignada.

– Você não luta por Esparta. Essas coisas você faz apenas para si mesmo.

Antes que Kratos pudesse responder, ele viu sua esposa mudar, envelhecer... seus olhos começaram a derramar lágrimas de sangue, lágrimas que pegavam fogo enquanto corriam pelo seu rosto. Onde elas caíam, um muro de fogo surgia entre ela e Kratos – exatamente como as chamas acesas que seus próprios homens faziam para conduzir o inimigo até eles e para ouvir os lamentos de suas mulheres. As labaredas cegaram-no e queimaram sua carne.

Mas sua esposa! Ela estava do outro lado... do outro lado de...

* * *

O ORÁCULO DE ATENA retirou as mãos de suas têmporas e olhou para ele, com a face lívida.

– Pelos deuses! Por que Atena enviou alguém como você?

Kratos tomou-a pela garganta com a mão poderosa.

– Fique fora da minha cabeça!

Por um instante, a necessidade de quebrar aquele bonito pescoço estremeceu-o como uma bandeira desfraldada. Sua cabeça ressoava com as memórias das trombetas de guerra e dos gritos de terror e desespero. Ele a colocou de lado, e ela caiu no chão do templo.

Ela se sentou e usou as mãos como apoio, olhando para ele. Em seguida, ela se levantou e enfrentou o Fantasma de Esparta, sem medo.

– Escolha seus inimigos sabiamente, Kratos.

Ela virou-se e caminhou em direção a uma seção das paredes do templo onde havia o esboço fraco de uma porta. A parede ao lado estava marcada com uma insígnia, onde o Oráculo parou.

– Somente a sua força bruta não será suficiente para destruir Ares.

Ela se inclinou contra a insígnia, fazendo a parede desaparecer e a porta se abrir.

– Apenas um item no mundo permitirá que você derrote um deus.

Kratos piscou para a luz brilhante que se derramava através do portal; ela se intensificou até que ele teve de usar um dos seus braços enormes para proteger seus olhos. O calor ardia sobre ele como se estivesse perto de uma fornalha. O que havia além o confundiu. Essa porta deveria conduzir para a noite rochosa, envolvida pelos penhascos que cercavam o templo...

Mas através do portal, quando seus olhos começaram a ajustar-se, ele viu o meio-dia e redemoinhos de areia.

Se o Oráculo achou isso incomum ou de alguma forma perturbador, ela não deu nenhum sinal.

– A Caixa de Pandora está muito além dos muros de Atenas, escondida pelos deuses através do deserto a leste – disse ela com calma segurança. – Só com o poder dela você poderá derrotar Ares.

Ela se afastou e voltou os olhos insondáveis sobre ele uma vez mais. Kratos não temia nenhum homem, nenhum deus, mas se esquivou do Oráculo de Atena. Ela havia adentrado o reino escondido em sua mente e testemunhado a sua vergonha.

– Esteja avisado, Kratos. Muitos já tentaram buscar a Caixa de Pandora. Nenhum voltou.

Ela apontou para o portal.

– Vá através dos Portões do Deserto, Kratos. Lá começa o caminho para a Caixa de Pandora. Essa é a única maneira de você derrotar Ares e salvar Atenas. A *única* maneira, Kratos. A única maneira – sua voz se reduziu a um sussurro, quase inaudível sob o vento assobiante do deserto.

Kratos correu para a entrada do templo, contornando as muralhas da montanha sagrada por alguns minutos. Então, diante dele se materializou um portão em ruínas, escoltado apenas pela estátua enorme de um hoplita. Ele atravessou o portão de forma enérgica, sem hesitar. Um vento forte mandava uma tempestade que cortava seu rosto como pequenas navalhas – e quando ele

se virou para dar uma última olhada em Atenas, a cidade havia desaparecido. Não havia nada para ser visto em qualquer direção, salvo uma eternidade de areia.

Ele estava sozinho, mais sozinho do que jamais estivera em sua vida.

–Tão pouco sobrou. Gostaria de apostar em quanto tempo a sua cidade será reconstruída em honra a Ares?

Hermes agitou-se acima do espelho d'água, com a brisa de suas sandálias aladas ondulando a água e desfocando a visão da destruição de Atenas. Ele abaixou-se e enfiou um dedo no líquido, perturbando a imagem bem abaixo da superfície. O até então intacto edifício caiu em escombros ao seu toque.

– Pare com isso – Atena disse rispidamente.

– Por quê? Eu diria que Ares é claramente o vencedor aqui – o Mensageiro dos Deuses disse, sorrindo amplamente. – Você acha que aquela construção teria sobrevivido a seu ataque? Ele não lhe deixou nada e agora reduz esse nada a... menos ainda...

Zeus apareceu, trovões estrondearam com sua entrada repentina. Com as mãos enfiadas em sua toga, ele franziu a testa para Hermes, aparentando estar indignado.

– Ele se saiu melhor do que eu esperava. Ares geralmente comete tolices como um minotauro em uma loja de cerâmica.

– *Melhor* do que você esperava? – Atena disse formalmente. – Você escolheu apoiar o meu irmão?

– Não – Zeus disse, parecendo ainda mais indignado. – Ele destrói muitos dos meus santuários. É quase como se ele os escolhesse a dedo, mas eu devo estar errado. É a seus adoradores que ele mata, Atena.

Atena só podia franzir a testa.

– Ah, senhor e pai – disse Hermes alegremente. – Você lucrou generosamente com esse negócio, até agora, não é?

Atena olhou atentamente para Hermes.

– O que você quer dizer com isso?

A voz de Zeus trovejou e um relâmpago crepitou em sua barba.

– Não é Kratos sua criatura? – Hermes perguntou, voando para longe, parecendo um pouco assustado. Ele olhou para Atena, procurando por apoio, mas ela não tinha nenhum para dar. Ela temia que Hermes tivesse entendido a verdadeira busca de Kratos no Deserto das Almas Perdidas e que ele dissesse isso a Ares, simplesmente para aliviar-se do tédio ao criar mais problemas.

– Ele é animal de estimação de Atena, não meu – Zeus disse.

– Sim, é claro. Eu me equivoquei em assumir que o estava ajudando, mesmo que alguém em Atenas use um raio semelhante ao seu contra as criaturas de Ares.

– Você sabe disso ou é apenas mais uma de suas calúnias sussurradas para colocar um deus contra o outro? – Atena perguntou.

– Você me acusa, *a mim*, de incitar a guerra civil no Olimpo. Nunca!

Hermes voltou sua atenção a Zeus.

– Eu sou seu súdito leal e filho, Pai dos Céus! Eu não procuro prejudicar ninguém, mas apenas manter todos informados.

– E entretidos – Zeus disse. – Você não mediria esforços para evitar o tédio.

Hermes concordou, sorriu, depois se conteve. Ele voou mais alto para que pudesse se curvar profundamente, enquanto pairava acima da piscina de vidência. Mais sombrio, ele abaixou a cabeça e fez um gesto com o braço, enquanto dizia:

– Minha lealdade é sem limites, meu rei. Você só precisa me comandar.

– Muito bem – disse Zeus, rangendo os dentes. – Vá a Ares e diga a ele que eu ordeno que pare com a destruição de meus templos e suplicantes.

– Ares?

Hermes parecia tão perturbado que Atena lutou para conter o riso. Então ela percebeu a gravidade da situação. Ares nunca aquiesceria aos desejos de Zeus e, pelo contrário, ele dobraria seus esforços para extinguir não só os seguidores de Atena, mas os do Pai do Céus também.

– Meu pai, não há necessidade de Hermes interromper Ares. O Deus da Guerra está apenas seguindo sua verdadeira natureza.

Os olhos cinzentos de Atena encontraram os olhos tempestuosos de Zeus. Ela não vacilou. Se Zeus enviasse essa mensagem, Hermes ficaria curioso e sem dúvida descobriria que Kratos procura pela Caixa de Pandora. Ela conhecia o Mensageiro dos Deuses muito bem. Ele nunca seria capaz de conter-se e iria maliciosamente insinuar a Ares que sabia algo que o Deus da Guerra não sabia, e Ares levaria poucos momentos para saber de tudo o que ela queria manter em segredo dele.

“A Caixa de Pandora”, Atena pensou em assombro. “Kratos deve encontrá-

la antes que Ares perceba que há perigo na missão.”

As palavras de Zeus surpreenderam Atena e aliviaram Hermes.

– Você não precisa entregar a mensagem para Ares – Zeus disse.

– De que outra maneira posso ser útil, meu pai? – Hermes quase balbuciou, aliviado por não ter de entregar tal desafio. O Mensageiro dos Deuses geralmente apreciava tais discórdias, sendo nada mais do que o veículo das notícias. Com Ares disposto a assassinar qualquer um, porém, mesmo o mensageiro estaria em risco, em violação ao decreto de Zeus, que era contrário a que um deus matasse outro.

– Pai – Atena disse, escolhendo as palavras com cuidado –, os mortais suportam o peso da raiva do meu irmão. Se Hermes pudesse alertar os nossos sacerdotes e sacerdotisas, mostrando-lhes as melhores vias de fuga, eles poderiam se salvar.

– Bem, comece a trabalhar nisso, então – Zeus disse. – Gostaria de ver esse conflito chegar ao fim – Zeus resmungou mais um pouco, acariciando sua barba, então olhou diretamente nos olhos de Atena.

– Você não está incitando o seu irmão a destruir meus santuários como uma forma de me humilhar, não é, filha?

– Pai, não! Eu nunca contribuiria para a destruição da minha cidade!

– Nem mesmo para salvar seu mortal de estimação?

– Kratos não é nada para mim – disse Atena, obrigando-se a se manter o mais calma possível. Se ela não se atreveu a incitar Ares a caçar Kratos, menos ainda queria que Zeus o espionasse. Ela não tinha ideia de como o Rei dos Deuses iria reagir a um mortal matando não somente um deus, mas Ares, seu filho.

– Vá – Zeus disse para Hermes, com voz potente.

Hermes deu um único passo veloz em torno da câmara e, em seguida, suas sandálias aladas levaram-no para as nuvens sobre o Olimpo.

– Pensei que ele nunca iria embora – Zeus disse, sentando-se grato em seu trono.

Quando ele fitou a Deusa da Sabedoria, uma nobre gravidade de autoridade sombreou seus olhos.

– Eu não diria isso na frente de Hermes, você sabe como ele é fofoqueiro; mas tenho uma crescente preocupação por você, Atena. Ares perpetrou uma

destruição surpreendentemente avassaladora. Dentro de uma semana ou duas, você pode não ter nenhum adorador.

– Tem sido difícil – admitiu ela. – Ele ganhou a batalha, mas eu sempre soube que o faria. Eu ainda posso ganhar a guerra.

Ela observou seu pai para procurar por qualquer indicio de que ele iria ajudá-la.

– Você pode? – Zeus perguntou, um pouco triste. – Eu tenho muita fé em seus poderes, minha filha, mas até agora você não contra-atacou.

Se ela admitisse não fazer nada, Zeus suspeitaria, uma vez que esta não seria uma atitude própria dela. Sua preocupação por ela soou verdadeira e levou-a a uma confissão audaciosa. Ela temia que seu pai impedisse Kratos quando descobrisse que havia um meio pelo qual um mortal poderia destruir um deus. Mas talvez ele permanecesse neutro, ou então ajudasse seu herói valente. Era um risco, mas um que ela tinha de correr para evitar interferências indesejadas.

– Isso está prestes a mudar – Atena apertou os olhos contra o Carro de Hélios, que pairava no meio-dia de verão eterno do Olimpo. – Se tudo correr como planejado, meu Oráculo em Atenas acabou de abrir o portal para o Deserto das Almas Perdidas e enviou Kratos para lá.

– O que Kratos busca?

Atena parou novamente, cautelosa do poder de seu pai e de sua possível oposição. Então a convicção assentou-se nela como um manto. Ela disse a ele sobre o objeto da busca de Kratos, revelado por meio da visão do Oráculo.

Zeus endireitou-se no trono. Sua voz travou.

– A *Caixa*...

– Sim, pai – ela disse com satisfação sombria. – A Caixa de Pandora.

Perdido nas areias ofuscantes, Kratos não tinha ideia do caminho a seguir.

Seus olhos lacrimejavam com tanta força que ele poderia estar nadando no mar, se não fossem os grãos na boca e a forma como a poeira enchia seu nariz. Kratos inclinou a cabeça para baixo e caminhou com dificuldade para a frente. Ele estava ciente de que havia um número infinito de direções erradas, e apenas uma era a certa. Ele esperava pelo melhor.

Ele não tinha como saber se *havia* mesmo uma direção certa para andar.

O Oráculo tinha convocado as visões que assombravam seus pesadelos. A náusea do que ela viu em sua cabeça estava escrita de forma legível em seu rosto adorável. Kratos achou muito fácil imaginar que ela pode ter decidido que um homem tão corrupto e mau quanto ele devia ser retirado da companhia da humanidade. Ela podia tê-lo enviado a esse terrível deserto para morrer.

Pior, ela pode tê-lo enviado a esse terrível deserto para *não* morrer.

Ele ouvira contos sobre os castigos dos Titãs no Tártaro. Esse deserto sem fim, as rajadas infinitas de areia, o calor sem fim e a sede infinita pareceram muito semelhantes a tais lendas.

Ele amaldiçoou os deuses em sua caminhada longa e penosa, depois incluiu seus oráculos. Se houvesse uma brecha na tempestade de areia através da qual pudesse vislumbrar o sol, ele poderia ter medido a passagem do tempo. Ou, pelo menos, podia ter descoberto se o tempo, de fato, passava nesse terrível lugar ou se esse havia se tornado o seu destino eterno. Como estava, tudo o que ele conhecia era o calor crescente e o vento sempre presente, carregado de areia ofuscante.

Acima do uivo do vento veio um lamento estridente. Ele alcançou as lâminas, mas não as sacou. Girando lentamente, mirou na direção do som e avançou com cautela. Ares podia ter colocado uma centena de armadilhas em uma tempestade. Pior, Kratos sabia que ele poderia ser atraído para longe de seu verdadeiro destino. Sua única esperança era determinar a direção do som e descobrir a sua origem. O som era o primeiro indício de que havia outra coisa que não a sua própria alma pesarosa caminhando em meio à tempestade.

Uma luz brilhante piscou uma vez, duas vezes, então brilhou para rivalizar com o sol. Seu passo se alongou. O que quer que estivesse à frente tinha de ser melhor do que tropeçar cegamente através do deserto. Ao se aproximar, viu que os dois faróis eram os olhos de uma estátua de Atena.

– Atena – ele disse com raiva, olhando para os olhos cinzentos da deusa.

Ele se sentiu abandonado, e ela havia sido apenas a mais recente do Panteão Olímpico que o usou, somente para descartá-lo depois.

– Por que você me trouxe aqui?

A estátua falou.

– *Kratos, a viagem à frente é perigosa, mas você deve completá-la para ter alguma esperança de salvar Atenas.*

– O Oráculo falou da Caixa de Pandora. Pode ser real?

– *A Caixa existe. É a arma mais poderosa que um mortal pode empunhar.*

– Posso derrotar Ares com ela?

– *Com a Caixa, muitas coisas se tornam possíveis. E por isso ela está bem escondida, do outro lado do Deserto das Almas Perdidas.*

Por um breve instante, as nuvens turvas de areia se limpavam, e Kratos viu o horizonte. Tão rapidamente quanto a janela aberta se abriu, ela também se fechou.

– *Há uma passagem segura através das areias mortais, mas somente aqueles que ouvirem o canto das sereias vão descobrir esta estrada, pois apenas elas podem guiá-lo a Cronos, o Titã. Zeus ordenou-o a vaguar o deserto sem fim com o Templo de Pandora acorrentado às suas costas, até que as areias rasguem a própria carne de seus ossos.*

– Como posso encontrá-lo?

– *Mantenha-se fiel à canção das sereias, Kratos. Sua jornada começa aqui. Ore para que a leve de volta a Atenas com a Caixa de Pandora. Lembre-se disso: procure a cúpula, pois apenas a morte o aguarda abaixo. Não há como escapar sem a Caixa.*

– Como resisto ao canto das sereias? – questionou. A estátua de Atena não respondeu. Ele se aproximou e viu que os olhos eram uniformes esferas de mármore. O espírito da deusa havia deixado o local, e o tinha deixado. Ele conteve a sua ira crescente. “Dicas, nada além de dicas!”

* * *

ELE RANGEU OS DENTES E MARCHOU. Não era dado aos mortais entender os porquês e as razões dos deuses. Isso era o que sua mãe costumava lhe dizer, antes de ele completar sete anos e ser levado para longe dela, para

começar seu treinamento. Ele sempre considerou que isso significava nada mais, nada menos, do que:

– Silêncio e faça conforme lhe foi ordenado.

Enquanto ele caminhava, viu que a estátua havia mudado. Agora, o braço direito estava levantado, apontando para o deserto. Quando virou para seguir nessa direção, ouviu o lamento fraco mais uma vez. Ele ficou um pouco mais ereto contra o vento. Agora sabia que o som era do canto das sereias do deserto.

Athena o havia colocado no caminho certo, mas, como de costume, não dera sequer uma dica de como ele poderia subjugar as sereias. Kratos imaginou que ela confiava nele para descobrir por si mesmo – ou, se sua inteligência fosse inferior ao desafio, ele sempre podia contar com sua selvageria nata e as Lâminas do Caos.

Odisseu havia tapado os ouvidos de sua tripulação com cera de abelha, enquanto ele permaneceu acorrentado ao mastro de seu navio. Kratos não tinha nada que pudesse bloquear o som insistente e sedutor. Mesmo a essa distância, ele sentiu seu coração acelerar e seu corpo responder ao apelo do seu chamado. Se sucumbisse, ele seria o jantar.

À medida que caminhava, Kratos espalmava as mãos sobre os ouvidos, esperando abafar a canção traiçoeira. O que falhou. Ele viu-se andando mais rápido, caçando as criaturas através da tempestade de areia, querendo-as como nunca quisera nada antes.

O bater de asas pesadas o levou a olhar para cima. Através das nuvens de poeira, ele viu uma harpia lutando para levar um corpo pendurado em suas garras. O monstro se virou e desapareceu na tempestade, mas Kratos sabia que levava o cadáver para as sereias.

Uma vez, em um campo de batalha fora de Esparta, ele encontrou duas sereias e ordenou aos seus homens que as enchessem de flechas. As sereias estavam jantando os mortos de ambos os lados, devorando avidamente a carne humana e manchando-se totalmente com seu sangue. Suas lamentações mortais lhe custaram três arqueiros experientes. Quando as sereias começaram a morrer, elas gritaram a tal ponto que as cabeças dos homens explodiram. Kratos ordenou que as carcaças das sereias fossem talhadas em pedaços tão pequenos que até mesmo os corvos os ignorassem e, então, fossem lançados aos quatro ventos, de modo que suas sombras monstruosas vagassem eternamente inquietas sobre a terra.

Ele apertou as mãos com mais força contra seus ouvidos. O canto das sereias se tornava cada vez mais tentador. O vento abrandou, e a canção maléfica ficou mais alta e encheu-o de um desejo irresistível. Logo, ele olhou

além de uma duna de areia marcada com ondulações de vento. Além das dunas havia as ruínas de um templo antigo, talvez onde as sereias construíram a sua morada.

E então ele viu: quatro altas criaturas espectrais, flutuando sobre a praça à frente do templo em ruínas. O som sedutor das sereias deixou Kratos fraco. Um absoluto fascínio sexual puxou-o para a frente como uma alma no Hades arrastando os pés para o barco de Caronte. Cada movimento seu era lento, instável, e cada vez mais descoordenado. Uma das sereias o viu. Atraída pelo seu sangue mortal, ela se virou para ele, e a sua parte na canção elevou-se.

Kratos tentou sacar suas espadas, mas descobriu que não podia. As Lâminas do Caos não foram feitas para atacar criaturas tão adoráveis. A sereia que o viu deslizou pela encosta, com o rosto mais insuportavelmente bonito enquanto ela sorria. Os dentes afiados e amarelos que ornavam sua goela escancarada não o incomodavam nem um pouco. Adorável, ela era tão linda, e ela tornava-se ainda mais bela enquanto se aproximava.

– Vinde a mim, amante. Eu quero você tanto quanto você me quer.

Sua voz carregava a canção das sereias. Kratos sabia o que a música realmente era, sabia que cantavam a melodia da sua desgraça, mas, ainda assim, ele não conseguia resistir. Com um empenho de força de vontade poderoso, ele forçou uma mão a se dirigir para atrás de seu ombro, os dedos roçando o punho de uma lâmina.

A sereia não se acovardou. Ela conhecia muito bem o poder de sua vil canção.

– Não há necessidade, amante. Venha para mim e ame-me. Eu amo você. Eu quero sentir você em meus braços.

Sua resistência desvaneceu enquanto ele se aproximava da mulher mais bonita em todo o mundo. Mantinha seus braços em volta dela enquanto a puxava para perto. Kratos sacudiu quando sentiu uma mordida.

– Uma mordida de amor, meu querido – vieram suas palavras em um arrulho. – Você gosta. Você quer que eu lhe dê mais, muito mais!

Kratos sentiu o sangue do ferimento no pescoço escorrer pelo peito, mas sabia que ela o amava, e ele a desejava acima de todas as outras.

“Mesmo acima das filhas gêmeas de Afrodite. Ainda mais do que Lora e...”

Ele recuou, lutando contra o caloroso abraço da mulher que estimava.

– Não – ele disse. – Eu não posso...

Seus ouvidos se encheram de música, aguda primeiramente e, depois, tão melódiosa que ele chorou. Sua amante cantava para ele. Ela cantou uma música assustadora de amor e desejo. Para ele, e apenas para ele.

– Outro beijo de amor – disse ela.

Novamente ele recuou, enquanto sangue vertia do outro lado do seu pescoço.

“Sangue, sangue derramado em batalha, não em um encontro de amantes.” Ele endireitou seus braços e a empurrou com força. A sereia soltou um grunhido de pura raiva, quebrando momentaneamente o feitiço. Kratos viu a sereia como o que realmente era, até que ela cantou para ele. Cantou uma melodia tão encantadora e sedutora que ele soube que ela o queria acima de todos os outros homens no mundo.

“Mas ela não é minha esposa... minha esposa e filha...” Aquelas memórias martelavam na mente de Kratos até mesmo quando ele se sentia mais mordidas de amor. A dor contrabalançava o prazer. Ele conhecia a dor, muita dor, e concentrou-se nela. E na sua esposa. E na sua filha morta a seus pés...

Novamente ele se afastou, mas dessa vez ouviu outras vozes.

– Compartilhe! Você é gananciosa!

– Famintas! Estamos todas famintas. Você deve dá-lo para nós!

As vozes tornaram-se estridentes, e a melodia linda de amor se extinguiu em seus ouvidos.

“Minha esposa! Minha filha!”

Kratos levantou a mão e sentiu a energia fluir. O Relâmpago de Zeus se formou... mas contra sua amante, sua amante adorável e carinhosa. Ele não podia. Não dessa forma...

A cacofonia das demandas para jantar a sua carne cresceu enquanto o canto das sereias diminuía. Kratos alcançou, lá no fundo, as visões, os pesadelos, que alimentavam sua determinação. O raio irrompeu de sua mão. Uma força maior do que qualquer coisa que ele já tivesse sentido levantou-o e atirou-o no ar, girando, rodando e caindo. Ele caiu na areia, atordoado. Quando olhou para cima, viu sereias espalhadas, sem vida.

Ele sacudiu-se e pôs-se de pé, ciente de que havia destruído apenas algumas das criaturas com o poder de Zeus. Outras três sereias correram em direção a ele. Kratos nunca vira criaturas tão adoráveis e amorosas, mas não caiu sob seu encanto. Em um instante ele entendeu o porquê.

As sereias tinham começado a lutar por ele. Sua mão tocou seu pescoço e encontrou marcas de mordidas recentes sangrando livremente. Sua visão dos pesadelos lhe havia permitido quebrar o feitiço para lutar, e quando ele as explodiu com o Relâmpago de Zeus, o trovão o deixou parcialmente surdo. Ele podia não ter a cera de abelha que Odisseu carregava, mas tinha um método improvisado, bloqueando temporariamente os chamados das sereias. Sua audição já estava retornando, no entanto – tivera ele esperado muito tempo?

Ele levantou a mão direita novamente, mas seu corpo o traiu. Sua mão tremia, sua carne rebelde recusando-se a apanhar o relâmpago. As sereias o acalmaram e bajularam para que relaxasse e para que não usasse a sua arma. Elas o amavam. Elas o queriam mais do que qualquer outra coisa na vida.

Uma reviravolta final de sua força de vontade curvou os seus dedos de forma adequada, mas seu braço, enfraquecido, não conseguia mais segurar sua mão levantada. Ele caiu para o lado, e o raio em suas mãos detonou a areia na frente dele, transformando-a em vidro. O trovão e as ondas de choque o empurraram. Dois passos para trás, três. Ele lançou outro raio. Novamente, veio a explosão, mas dessa vez ele mal pôde ouvi-la.

– Bem, certo, então – ele não se ouviu dizer.

Ele partiu para os monstros do deserto, com propósito, mas sem pressa. As sereias recuaram, trocando olhares que pareciam como um choro.

– Como pode esse mortal resistir ao nosso poder?

De repente, as sereias ficaram incertas de que Kratos fosse humano de fato. Elas uivaram para ele, lançando suas vozes em várias harmonias, um acorde poderia deixar um homem em chamas, outro poderia cegá-lo, ainda um terceiro poderia fazer seu crânio explodir como uma castanha em uma fogueira.

Kratos continuou andando. Ele não se preocupou em sacar as lâminas.

As sereias espalharam-se para cercá-lo. Mas Kratos havia lidado com sereias antes, e essas, para infortúnio delas, nunca haviam lidado com Kratos.

Elas não viram Kratos se mover com rapidez e não tinham ideia de quão rapidamente essas pernas poderosas poderiam dirigir seu corpo maciço. Ele permitiu que elas se aproximassem em torno dele, até julgar que estavam perto o suficiente, então, com um rápido impulso de suas coxas fortes, pulou em uma das sereias, como um tigre se lança sobre uma cabra.

Com a mão espalmada, ele agarrou o cabelo de uma sereia, longo e esvoaçante, enquanto socou o peito de outra tão forte que seu esterno e clavículas quebraram e rasgaram a parte superior da sua espinha para fora do corpo.

Ele arrancou-lhe a cabeça e balançou-a pelo cabelo como um mangual. A mais próxima das duas restantes teve o rosto golpeado pela cabeça da irmã, com força suficiente para quebrar todos os ossos monstruosos de seu crânio e cair morta na areia. A última sereia virou-se para fugir, mas Kratos, girando os restos da cabeça da primeira sereia, atirou-a como num arremesso de martelo. A cabeça decepada bateu na sereia fugitiva entre as omoplatas, forte o bastante para quebrar sua espinha. Os fragmentos de osso rasgaram seus pulmões, o que deu um fim a seu horrível grito.

Kratos estava sobre a sereia agonizante, e não havia nada em seu rosto que se assemelhasse a piedade. Ele esmagou sua cabeça com um pisão de sua sandália.

Ele apressou os passos rumo à estrutura destruída. Estranhamente, ainda que o lugar parecesse uma ruína, as escadas e corredores estavam repletas de lâmpadas acesas, então não houve a menor dificuldade para enxergar o caminho. Ele seguiu a luz...

... e, finalmente, viu-se em meio à luz do dia novamente, em uma varanda vertiginosamente alta, olhando para a tempestade de areia interminável e furiosa do Deserto das Almas Perdidas. Kratos fez uma pausa para examinar os brutos relevos esculpidos nas paredes de ambos os lados. Um desenho retratava deuses que apareciam diante de Pathos Verdes III, ordenando-lhe que construísse um templo poderoso para abrigar a maior arma da terra ou do Olimpo. O outro mostrava o templo sendo acorrentado nas costas de Cronos, uma forma desrespeitosa de Zeus tratar seu próprio pai, mesmo que Cronos tivesse tentado comê-lo assim que o futuro rei nasceu. Acorrentado à pedra na ala mais distante da varanda estava um chifre maior do que todo o corpo de Kratos. Curiosos entalhes marcavam sua parte posterior; pedras preciosas coroavam suas extremidades. Correntes pesadas prendiam o chifre no lugar, à borda da varanda. Kratos se dirigiu para a ponta menor do enorme chifre, colocou seus lábios nela e soprou.

A explosão de um poderoso rugido saiu da extremidade oposta do chifre, afastando as areias turbulentas do deserto à frente de Kratos. De alguma forma, elas começaram a abrir um caminho para ele. Longe, nessa nova estrada, ele vislumbrou outra estrutura, grandiosa e mais curiosa. Enquanto tentava compreendê-la em todos os detalhes, o templo poderoso começou a se mover em direção a ele. Kratos prendeu a respiração quando viu Cronos se arquear e fazer o Templo de Pandora, acorrentado a suas costas, tremer e retubar. Depois, o Titã, de joelhos, se virou e passou perto da extremidade da sacada de onde Kratos assistia.

Kratos não tinha tempo para pensar. Ele reagiu. A corrente pesada pendurada na lateral do Titã passou por ele. Com um salto poderoso, Kratos se lançou para o ar. Seus dedos se fecharam sobre a corrente, e então ele foi

arremessado, quando Cronos mudou de direção, e caiu de volta para as profundezas do mar de areia.

Com as mãos sangrando e doloridas, Kratos finalmente chegou ao topo do lado montanhoso do Titã. Por três longos dias Kratos escalou, mas, no último dia, já não escalava Cronos; em vez disso, ele tentava chegar ao caminho que levava até a montanha acorrentada a ele. Kratos amarrou-se ao lado do Titã, algumas vezes, para cochilar, mas a maior parte do tempo da longa, muito longa, escalada havia realizado sem descansar de verdade. Pior foi a falta de comida e água enquanto subia, sempre para cima no vasto Titã. Quando começou, Kratos pensou que o Titã se movia lentamente, mas, quanto mais escalava, mais percebia que Cronos acelerava. Apesar de ele se arrastar sobre as mãos e os joelhos, cada movimento era tão grande que o deslocamento do ar quase derrubou Kratos, em mais de uma ocasião.

O sopro do chifre havia convocado das profundezas do Deserto das Almas Perdidas esse grande Titã, seu rosto imortal desgastado pelo tempo e pelas areias, em curvas suaves de eterna tristeza.

Uma montanha quase tão alta quanto ele repousava em suas poderosas costas. Por seu lábio superior, Kratos se arrastou, para se encontrar cara a cara com um abutre enorme, que estava alegremente rasgando o olho do cadáver de um soldado.

Kratos franziu a testa. O que o soldado estaria fazendo ali?

Kratos levantou-se para ter uma ideia mais completa da paisagem. A altura da montanha deveria deixá-lo ver a léguas de distância, se não fosse a permanente tempestade de areia do Deserto das Almas Perdidas. Mas ele estava mais interessado no que estava à mão.

Não muito longe dali havia enormes blocos de arenito, um portão de bronze simplório e um portão de madeira na frente de um magnífico templo. As paredes poderiam ser de ouro sólido e a praça, pavimentada com diamantes; para todos os efeitos, Kratos não se importava. Kratos era indiferente à riqueza. Ele pegaria aquilo que o templo fora construído para proteger e seguiria seu caminho, para completar sua missão.

Kratos reagiu instintivamente quando uma harpia traçou um longo e amplo arco, varrendo os céus acima. Ele empunhou as Lâminas do Caos e preparou-se para lutar, mas a criatura alada concluía a sua curva em direção ao templo.

Ele correu para a frente.

Kratos assistiu cautelosamente enquanto as harpias se reuniam em torno do Templo de Pandora, como morcegos ao redor de uma torre sineira. Abaixo delas, em algum tipo de plataforma grande de pedra, uma imensa fogueira ardia, e a fumaça que intoxicava o ar era densa e preta. Uma mudança no vento trouxe

a fumaça para o nariz de Kratos e ele reconheceu o cheiro.

O combustível desse fogo eram cadáveres humanos.

Escalar os últimos metros provou ser demais para ele. Ele teve de passar um tempo considerável procurando, antes de encontrar algum bloco de pedra que pudesse ser usado como escada. Após subir para o próximo nível, Kratos descobriu que o que queimava ali não era uma pira funerária, mas que, em vez disso, havia um grande caldeirão escaldante de bronze e pedra, cuja borda era duas vezes a altura de Kratos.

Enquanto Kratos se aproximava, o grito áspero de uma harpia levou seus olhos para o céu, a tempo de ver a horrenda criatura abrir as garras e deixar cair outro cadáver, outro soldado, ao que parecia. A armadura de bronze brilhou brevemente no sol da tarde, então colidiu como um chocalho, quando seu portador atingiu o recipiente.

– Esse será você um dia. Mais cedo ou mais tarde, esta é a minha aposta.

Kratos girou e as lâminas encontraram suas mãos. Mancando na direção dele, usando um longo bastão como muleta, veio uma espécie de morto-vivo decrépito demais para empunhar uma espada ou foice. Sua cabeça era, em sua maior parte, um crânio exposto; um braço terminava em um toco esmigalhado de osso, e sua perna direita faltava-lhe abaixo do joelho. Um lado de suas costelas, que estavam desprotegidas da visão de Kratos, parecia hospedar órgãos, pulmões encouraçados e um coração negro, que pulsava tão lentamente quanto a criatura andava. O cajado sobre o qual se apoiava estava enegrecido pelas chamas e com a ponta tostada.

Kratos fez uma careta para ele. Não sabia como lidar com um morto-vivo que não estivesse tentando matá-lo, muito menos com um que poderia realmente falar.

– O que é você?

– Uma vez eu fui um soldado. Agora... – ele indicou com a cabeça o caldeirão de fogo. – Eu cuido disso.

De cima, veio a feroz batida de asas de uma harpia, que circulou e liberou outro corpo para cair no recipiente enorme.

O olho dentro da cavidade do crânio parecia tremer como as chamas do caldeirão.

– Todo mundo aqui acaba no fogo. Exceto eu.

– Todos? – Kratos perguntou com uma carranca. – Há outros?

– Ainda vivos? Provavelmente não. Mas nunca se sabe.

– Eu vim de uma distância considerável...

– E você não está ficando mais próximo de seu objetivo. Não de verdade. Zeus escondeu a Caixa de Pandora neste templo vil de modo que nenhum mortal jamais pudesse reivindicar o seu poder. E, no entanto, ano após ano, eu abro o portão para mais e mais candidatos, e enfio mais e mais corpos no fogo.

Com outro guincho, uma nova harpia apareceu. O monstro alado deixou cair um corpo aparentemente fresco no caldeirão, mas errou seu centro, e ele terminou estendido sobre a borda do recipiente. Em vez de descer para corrigir o seu erro, ela apenas gritou, aborrecida, antes de sair voando. Ela pegou uma corrente ascendente perto das pedras da montanha e circulou o céu, antes de desaparecer acima da cúpula do templo.

O guardião do fogo cuspiu um catarro preto, em seguida, disse:

– Aqui, me dê uma mão com isso.

Ele guiou Kratos para o caldeirão e entregou o seu cajado para o espartano, apoiando o osso do braço contra o caldeirão escaldante para manter o equilíbrio.

– Cutuque aquele vagabundo pra mim, por favor?

Kratos usou o bastão para empurrar o corpo para o caldeirão, refletindo que pelo menos descobriu por que o cajado estava carbonizado em uma das pontas.

– Você disse que *você* abre o portão.

– Ele se abre sob meu comando.

– Então o faça.

– No tempo certo, espartano. Você acha que pode conquistar o Templo dos Deuses? Isso nunca foi feito, sabe. Mais cedo ou mais tarde, as harpias vão trazer o que sobrou de você de volta para eu queimar. Se eu fosse você, iria embora agora.

– Vou embora – Kratos disse –, quando eu tiver a Caixa.

– Boa sorte para você – o morto-vivo decrepito riu. – Você quer água? Comida? Armadura? Não é muito, mas pode pegar o que quiser.

– Por quê?

– Por que lhe dar suprimentos? – o morto-vivo encolheu seus ombros

ossudos. – E por que não? Não é como se eu tivesse alguma utilidade para eles – com o osso do braço, ele apontou para suas entranhas, ou melhor, para a abertura irregular onde seu estômago, fígado e intestinos deveriam estar.

– Abutres malditos tomaram minhas entranhas décadas atrás.

– Onde está a comida?

– Ali – a decrepita criatura disse. – Eu roubo dos corpos.

– De quê? *Para* quê?

– Qualquer coisa que eles tiverem. Por diversão, principalmente. É a única parte interessante do meu trabalho. Nunca se sabe o que se vai encontrar.

Kratos levantou um odre de água meio vazio. A água dentro cheirava a cabra.

– Beba – disse a criatura. – E aqui está um pouco de carne decente. Praticamente nenhuma larva. Eu peguei-a de um corpo há apenas um dia. Ou dois? Cinco? Você perde o controle dos dias aqui. Um é muito parecido com o próximo, e ambos, amanhã e depois, são como todos os anteriores.

Kratos bebeu a água e comeu o que pôde. Os vermes tinham um gosto melhor do que a carne que eles infestavam. Ele lambeu o pouco de gordura que havia em seus dedos e desejou mais. Ele bebeu a última parte do odre de água. O morto-vivo não parecia se incomodar. Por que deveria? Em seguida, ele vestiu a armadura de bronze da pilha.

Quando Kratos terminou, franziu a testa para seu anfitrião.

– Eu posso ver a sua curiosidade, não? Você quer saber a minha história. Perguntas, perguntas. É sempre a mesma coisa – disse o guardião do fogo. – Loucos em busca do poder e tolos procurando por glória. Eu sei. Eu sei muito bem. Como você pode ver pelo que sobrou de mim – ele indicou sua forma mutilada. – Eu não tive mais sorte do que o resto deles. Menos sorte, realmente. Pelo menos eles foram queimados, e suas almas liberadas ao Senhor do Mundo dos Mortos. Eu tenho... isso.

Ele apontou o seu cajado, mostrando a área preenchida com os bens roubados e com o caldeirão de fogo enorme.

– *Você* tentou conquistar o templo?

– Isso eu fiz, e sinto muito por isso agora. Eu fui o primeiro mortal a entrar no templo. E assim eu fui o primeiro a morrer. Como punição por minha presunção, Zeus me condenou a cuidar desse fogo e dos cadáveres para toda a

eternidade, ou até que a Caixa de Pandora seja tomada. O que é parecido o suficiente com uma eternidade, pois nenhum homem jamais adquirirá a Caixa.

A criatura apontou para as portas altas e deu um suspiro assobiado.

– O Arquiteto, o que construiu o templo, era um fanático. Ele viveu apenas para servir aos deuses e, por isso, teve a mesma recompensa que todos nós tivemos: uma eternidade de loucura. A lenda diz que ele ainda está vivo, ainda lá dentro, ainda tentando apaziguar os deuses que o abandonaram há séculos.

Kratos se aproximou e ficou olhando para o fogo, onde os corpos chiavam e estouravam.

– Eu posso ver a sua pergunta. Quantos corpos eu queimo por dia? Vai. Você pode perguntar. Tentei contar, nos primeiros anos, pelo menos. Eu desisti após o décimo ano. Cinco por dia? Uma dúzia? Eu sei de suas perguntas, eu as ouvi de todos os que chegaram aqui antes. Será que todos mataram as sereias no deserto e sopraram o chifre para chegar aqui? Será que eu fiz tudo isso?

Kratos resmungou, olhou para o resto de homem e estudou as portas, buscando uma forma de abri-las. Se ele não pudesse, tentaria escalar as paredes ao lado das portas de bronze e madeira. Mas reconheceu que havia perigo nisso, pois as harpias voavam acima, olhando-o com avidez.

– Você não deve pensar muito – disse o guardião do fogo. – Isso só vai torná-lo louco, mas, enfim, você está aqui, então já deve estar louco.

A forma como ele riu alertou Kratos de algo mais.

– Você está certo de me questionar. Eu sei o que aconteceu com você, porque você *não* questionou os deuses.

Um punhado de pavor oprimiu a coragem de Kratos. Ele fixou o olhar no guardião do fogo.

– Eu sei que você é o Fantasma de Esparta – a órbita vazia brilhava como se o morto-vivo o encarasse atentamente. – Eu sei por que a sua pele é branca como as cinzas.

Kratos avançou para a frente e agarrou o guardião do fogo pela garganta.

– Seu trabalho é difícil para uma criatura que não tem uma mão e um pé. Imagine o quão difícil será quando você estiver sem cabeça.

– Você não terá sorte em entrar no templo se o portão permanecer fechado – o aperto de Kratos não impediu a criatura de zombar em seu discurso. – Pense sobre isso, Fantasma de Esparta. Você pode arriscar se deixar levar pelo desejo

de sangue? Depois do que aconteceu da *última vez*?

Com um grunhido de frustração sem palavras, Kratos soltou o guardião do fogo rispidamente. Rindo, a criatura se levantou e pulou para pegar uma caveira do chão. Com velocidade e precisão surpreendentes para uma criatura tão decadente, o guardião do fogo atirou o crânio em uma pequena plataforma na parede acima. O crânio se quebrou contra a pedra, e o impacto perturbou um par de harpias. Elas agitaram-se ao redor de algum tipo de mecanismo no topo do maciço portão. Kratos não podia ver o que elas fizeram, mas logo o portão começou a se levantar lentamente, enquanto uma harpia em cada lado movia-se freneticamente para levá-lo com toda a sua força. Os portões foram forçados para cima e travaram.

– Vejo você em breve, Fantasma de Esparta! – o guardião do fogo gritou. – Eu o verei de novo, quando as harpias jogarem-no em meu caldeirão!

Kratos caminhou até o portão sem olhar para trás.

O livro estava aberto diante de uma porta maciça como o olho de um deus, sua abóboda superior decorada com símbolos secretos. O livro em si parecia apenas uma estátua, uma réplica, esculpida em pedra para parecer uma anotação sobre um pedestal; nenhum livro de verdade poderia ter sobrevivido à exposição do Deserto das Almas Perdidas aberto por mil anos.

Sua natureza era irrelevante. Toda sua importância era transmitida pelas palavras gravadas em suas páginas de pedra.

ESTE TEMPLO FOI CONSTRUÍDO EM HONRA E SOB O COMANDO DO PODEROSO SENHOR ZEUS.

APENAS O HERÓI MAIS VALENTE PODERÁ RESOLVER SEUS ENIGMAS E SOBREVIVER AOS SEUS PERIGOS. UM HOMEM VAI RECEBER O PODER SUPREMO. TODOS OS OUTROS ENCONTRARÃO SUA PERDIÇÃO.

– PATHOS VERDES III

ARQUITETO-CHEFE E

SÚDITO LEAL DOS DEUSES

Kratos fez uma careta enquanto lia as palavras esculpidas. O Arquiteto realmente *projetou* o Templo de Pandora, deliberadamente, para ter seus enigmas resolvidos pelo “mais valente herói”? Kratos bufou em desgosto. Ele não era nenhum herói, tendo cometido tantos assassinatos sangrentos, mas não encontraria sua condenação ali. Seu ódio por Ares e a promessa de os deuses apagarem seus pesadelos o levariam à vitória. Kratos virou-se quando as grandes portas do templo bateram atrás dele. Não havia como voltar atrás, mesmo que quisesse.

Ele olhou em volta e viu que a única maneira de avançar era através de um portal entalhado com mais símbolos curiosos. Nos pontos cardeais ao redor da porta circular estavam joias grandes, opacas e sem vida, apesar da luz solar que as atingia. Kratos colocou a mão em uma pedra, que podia ser um diamante. Ele a sentiu tremer e tirou a mão de cima dela.

Girando, ele sacou as Lâminas do Caos e encarou um morto-vivo fortemente blindado e com mais de três metros de altura. Kratos cruzou as lâminas acima de sua cabeça, para se defender de um ataque poderoso da enorme espada do morto-vivo. O golpe foi tão forte que deixou Kratos de joelhos.

Em vez de forçar suas pernas a ficarem eretas, Kratos subitamente liberou a pressão de suas lâminas e rolou para a frente, entre as pernas do morto-vivo. Enquanto rodopiava por baixo delas, ele golpeou os tornozelos esqueléticos. O soldado morto-vivo tombou para a frente, dando a Kratos a abertura de que ele precisava. E o espartano retalhou-o com toda a sua força. Duas coisas aconteceram; uma era esperada e a outra, surpreendente. A cabeça do morto-vivo soltou-se do pescoço, como ele pretendia. O diamante que Kratos havia tocado começou a brilhar. Ele passou por cima de seu adversário caído e pressionou sua mão calejada sobre o agora iluminado diamante, que estava quente. Ele estendeu a mão e passou-a sobre a joia seguinte, ainda fria e inerte.

Ele rapidamente se viu ameaçado por um ciclope materializado atrás dele. A luta foi acirrada, mas Kratos despachou o monstro de um olho só, com uma finta que fez o ciclope cair. A lâmina na mão esquerda de Kratos golpeou o globo solitário profundamente, fazendo uma substância pegajosa e pedaços de cérebro jorrarem.

A pedra na porta agora brilhava em um reluzente vermelho-rubi.

– Então – Kratos disse, sorrindo cruelmente. – Esta é a chave para a sua porta, Arquiteto. Sangue!

Ele tocou rapidamente as duas gemas restantes, materializando mais dois lutadores. Saber o segredo do portal lhe permitiu não precisar de muito esforço para enviar os monstros ao Hades, lugar ao qual pertenciam.

As duas gemas remanescentes, um peridoto brilhando em amarelo esverdeado e uma ardente safira azul, enviaram relâmpagos de luz para o arco em torno do portal circular. Lentamente, a porta de entrada para o Templo de Pandora se abriu.

Kratos entrou em um corredor longo e curvo, revestido com portas em ambos os lados.

Ali, também, braseiros de parede queimavam alegremente. Eles podiam ser mágicos, aparentemente tudo ali era, em algum grau, mas eles certamente não eram parte do trabalho do Arquiteto; não havia absolutamente nenhuma razão para iluminar o interior, se se quisesse manter os intrusos fora. Tudo seria duplamente desafiador em um tipo de escuridão total, e alguém tentando alcançar a Caixa de Pandora teria de fazer o caminho antes de o óleo de sua lamparina acabar.

Então, Kratos riu asperamente. O Arquiteto, sem dúvida, pensou que a visão dos monstros aguardando a quem entrasse nesse labirinto iria debilitá-los, acrescentar mais medo, tornar suas mortes mais certas, enquanto o terror congelasse seus braços e afrouxasse seus intestinos. O Templo de Pandora não fora criado apenas para manter afastados aqueles que buscavam a Caixa. Fora

concebido para inspirar pavor naqueles que se atrevessem a vir tão longe. Mais de uma vez, Ares dissera a Kratos que o propósito da guerra não era matar o inimigo, mas matá-lo após violar seu espírito.

Ele olhou para os lados, calculando a curva. Se esse corredor formasse um anel, seria muito grande. Seu primeiro objetivo era investigar a configuração do terreno, porque, aparentemente, qualquer parte dessa estrutura podia, sem aviso prévio, se tornar um campo de batalha. Ele correu ao redor do círculo... e, quando voltou para seu ponto de partida, descobriu que a grande porta circular através da qual entrara havia se fechado, selada mesmo contra seus melhores esforços para abri-la novamente.

Kratos ignorou. Recuar não fazia parte da sua constituição. Vencer ou morrer. Como sempre.

Ele encontrou uma arcada aberta enquanto continuava a caminhar ao redor do anel, uma que não estava aberta um momento atrás, quando passou pela primeira vez. A paisagem ao longo do corredor agora aberto diante dele parecia promissora: em intervalos espaçados, paredes gigantescas cobertas por espinhos fechavam-se uma contra a outra, com força suficiente para sacudir o chão de pedra sob Kratos. Raciocinando que o Arquiteto havia tido muita dificuldade para desencorajar a entrada de intrusos nesse caminho particular, esse seria um bom lugar para começar sua busca.

Ao cronometrar uma sucessão de corridas, ele passou pelo corredor sem um arranhão sequer. Kratos parou e olhou para trás. Ele havia passado pelo primeiro teste dentro do Templo de Pandora. Quantos mais estavam por vir? Muitos.

Ele entrou em uma área ampla, as paredes esculpidas com os mesmos símbolos ocultos que ele vira do lado de fora. Kratos os ignorou, pois estavam em frente a uma câmara cheia de monstros. Ele empunhou as Lâminas do Caos e, com um arremesso, enviou-as para os limites de suas correntes. Um giro rápido despachou as armas e seus ferozes gumes em um amplo círculo de destruição, golpeando dois dos legionários mortos-vivos que não o haviam percebido. Ele cortou suas pernas e os derrubou de modo que não pudessem continuar a lutar. Os outros, que corriam na sua direção, não foram tão facilmente derrotados.

Kratos sacou as armas e começou a destruição metódica de seus inimigos. Sua habilidade, sua experiência e a intensa raiva que sentia em relação a Ares alimentavam suas investidas, aprimoravam suas cutiladas e trouxeram-no para o outro lado da câmara com apenas alguns poucos arranhões. Ele viu um arco que aparentava ser inofensivo, mas se aproximou com cautela, lâminas na mão, e deu um passo para trás quando um zumbido de baixa frequência encheu a sala.

Ele olhou ao redor e notou um portal circular que havia começado a brilhar

com uma luz branca pura. O arco ao lado da câmara estava preenchido com a imagem, tracejada em fogo vivo, do rosto de uma deusa, não tão voluptuoso como o de Afrodite nem tão austero como o de Atena; essa deusa tinha uma inocência curiosa, uma espécie de adolescência de ouro eterna.

Essa poderia ser uma só deusa. Kratos inclinou a cabeça com genuíno respeito.

– Senhora Ártemis.

– *Kratos, os deuses exigem mais de você!*

Kratos apenas assentiu. Os deuses sempre exigiam mais.

– *Muito depende de sua habilidade* – disse a Caçadora do Olimpo. – *Você aprendeu a usar as Lâminas do Caos bem, mas elas sozinhas não vão levá-lo até o fim de sua jornada. Eu ofereço-lhe a lâmina que eu mesma utilizei para matar um Titã. Tome este dom e use-o para completar a sua busca.*

Kratos estendeu as mãos e a espada se materializou nelas. Era uma arma enorme, pesada, mais longa do que a altura de Kratos, e não tinha a forma de uma espada espartana decente. Sua lâmina amplamente curvada era mais larga do que a palma da sua mão e se projetava para além do punho, mais ou menos como o *khopesh*, a arma estimada pelos egípcios pagãos.

– Obrigado, Senhora Ártemis.

– *Vá com os deuses, Kratos* – a imagem de Ártemis disse. – *Vá em frente, em nome do Olimpo!*

Com isso, a caçadora desapareceu, deixando apenas o arco aberto, que levava a uma região mais profunda no templo.

Com a lâmina fria de Ártemis em sua mão, ele se aproximou do arco. Alguns pictogramas eram letras que ele podia ler, mas a maioria era estranha, estrangeira, e decifrá-los estava além da sua capacidade. Se ele pudesse lê-los, poderia ter alguma ideia de como seriam os desafios que enfrentaria antes de alcançá-los! Ele olhou para a sala além do arco e não viu ninguém. Não era nada mais que um vestibulo, tal como ele já vira antes, levando a câmaras de audiência de reis. As decorações eram ricamente desenhadas, mas faltavam-lhe mais móveis elegantes, estátuas, tapeçarias, assim como espólios de guerra para a glória de Esparta.

Uma escada provia o único caminho a seguir. Enquanto Kratos subia, notou que as paredes se estreitavam até que, no topo da escada, seus ombros largos roçaram a pedra bruta. O estreitamento continuava por um corredor até chegar a

uma plataforma, acima de um quarto cheio de engrenagens girando e gritos de agonia distantes. A luz fraca lhe proporcionou uma boa visão apenas de uma gigantesca criatura, que bloqueava seu caminho em uma passarela para a sala.

O gigante bramiu seu desafio sem palavras e atacou. Uma pesada marreta que substituiu sua mão esquerda esmagava com força, balançando a passarela e a estrutura, ameaçando destruir o pavimento. As Lâminas do Caos vieram facilmente para as mãos de Kratos, mas ele descobriu que o seu adversário era tão astuto quanto forte. Seus habituais ataques para enfraquecer a criatura e então enfiar a lâmina em sua garganta não iriam funcionar. O gigante evitava agilmente mesmo os golpes mais rápidos e forçava Kratos a dançar para trás, para evitar as pesadas marteladas de sua marreta. Qualquer acerto contra Kratos significaria a morte, e, pior, a criatura parecia inclinada a destruir a passarela e evitar que Kratos cruzasse o caminho.

– Pelos deuses, você é diferente – Kratos disse.

Ele percebeu uma centelha de inteligência nos olhos do monstro, enterrados sob as sobranceiras ósseas. Grande inteligência. Em seguida, a criatura atacou, usando sua mão direita para fulminar os olhos de Kratos, mas somente como uma distração para o ataque real e amplo com o martelo. Um simples movimento para o lado permitiu que o punho do monstro passasse pelo espartano de forma inofensiva, mas esse não era o golpe almejado pela criatura; na verdade, sua estratégia era mais sutil. O punho do martelo bloqueou as armas de Kratos, permitindo ao monstro ficar a um passo de distância.

Ele tentou agarrar Kratos, mas só conseguiu uma potente cabeçada. Uma fração de centímetro mais perto e teria acertado o olho do espartano. Respondendo da única maneira que podia, Kratos bateu nos ombros poderosos da criatura com os punhos de suas lâminas. A criatura desviou de maneira mais ligeira que qualquer outra criatura do Hades que Kratos já havia enfrentado.

Eles circularam-se, cada um estudando o outro para encontrar suas fraquezas e definir a melhor forma de ataque. O sangue escorria pelo rosto de Kratos como um lembrete de que esse oponente pensava cuidadosamente sobre os seus ataques e de que era um adversário qualificado. Mas o monstro nunca havia enfrentado o Fantasma de Esparta antes.

Kratos rugiu e correu na direção do monstro, pressionando o gigante a dar um passo para trás, então mudou a direção de seu ataque, caindo na plataforma e chutando-o. Uma greva de bronze bateu no joelho da criatura, desequilibrando-a. Kratos colocou seu outro pé atrás da perna da criatura e girou, surpreendendo-a. Não contente com isso, Kratos girou para enlaçar as pernas de seu inimigo, e então era a hora de acabar com a batalha. Sem equilíbrio e de costas para Kratos, a criatura cambaleou sobre a borda da plataforma. Girando uma lâmina na ponta de suas correntes, Kratos sentiu as armas forjadas no Hades atingirem

as costas expostas do gigante, fazendo-o cair para fora da plataforma. Ele urrou por todo o caminho até o chão distante, onde seus gritos terminaram abruptamente, em um estrondo enorme.

Kratos olhou sobre a borda da plataforma e não se vangloriou com a vitória. O gigante havia sido um adversário digno, e nada mais. Foi apenas um obstáculo no caminho para a Caixa de Pandora. Kratos olhou para a passarela estreita e começou a andar sobre ela. O caminho era quase tão largo quanto suas sandálias, e a queda para o chão onde o corpo do monstro jazia devia de ser de uma centena de metros, mas ele não vacilou. Passos confiantes o levaram para uma ilha no meio da sala, onde uma alavanca havia sido travada. Estudando a área, Kratos viu que sua única esperança de chegar à outra porta de entrada, que estava há uns quinze metros de distância, era alcançar um cabo amarrado no teto, que balançava de um lado para o outro. Um salto permitiria que ele pegasse o cabo durante a queda, mas, se suas mãos escorregassem, se avaliasse mal a trajetória até a segurança da ilha, seu destino estaria traçado. Não havia nada abaixo do cabo, se ele o perdesse.

Outro caminho sugeriu-se a ele. Kratos seguiu o mecanismo controlado pela alavanca e viu que ele deixava cair um enorme peso no andar de baixo. A descida se desenrolaria mais facilmente e lhe oferecia um caminho mais seguro até o cabo. Ele não hesitou. Ele tomou o cabo de segurança da alavanca e puxou com força, colocando as engrenagens e roldanas maciças em movimento. O enorme peso começou a ser baixado.

Quando o peso passou por ele, Kratos pulou e agarrou a corrente que o segurava. Por um momento, ele oscilou, porque a adição de sua massa perturbou o mecanismo, desenrolou a corrente e abaixou o bloco de ferro. Mas ele estava pronto quando o peso se aproximou do cabo. Ele dobrou suas pernas e deu um salto poderoso, as mãos estendidas. Sucesso! Ele agarrou o cabo pesado, o que causou apenas uma ligeira curvatura por conta do seu peso.

Kratos começou a se aproximar do outro lado da câmara. Ele manteve seu objetivo em vista e evitou olhar para baixo ou focar-se no estalido das engrenagens e nas batidas. Um deslize e ele seria moído e enviado para o Hades em pedaços minúsculos. Subindo pelo cabo, ele atingiu um ponto médio, onde sentiu que perdia a firmeza das mãos por conta de algum tipo de trepidação que não havia sentido minutos antes. Como um macaco, ele inverteu sua direção e olhou o comprimento do cabo que já havia percorrido.

Uma das mãos soltou o cabo e procurou as Lâminas do Caos. Seguindo-o pelo ar, estavam dois monstros que batiam os dentes ávidos, a saliva pingando de suas presas, além de terem a habilidade de se balançarem e se moverem de um modo que ele nunca poderia igualar. Kratos considerou cortar o cabo, o que faria a metade distante bater na parede, enquanto a metade onde se agarrava iria balançar-se para frente, para que ele pudesse subir ao portal quando o cabo

batesse no muro.

Mas não era para ser. Os monstros enxamearam à frente, escalando uns aos outros em sua pressa de matá-lo. Dedos com garras golpeavam-no, forçando-o a recuar. Kratos balançou e chutou-os, e eles ficaram desorientados por um instante. Quando ele balançou de volta, os bichos partiram para cima dele. Seu domínio sobre o cabo era firme, e ele se atreveu a utilizar sua lâmina. Ela golpeou em um ângulo desajeitado e causou pouco dano à primeira criatura; longos e profundos arranhões apareceram no braço que empunhava a espada quando as garras o arranharam. Pior do que a dor que ameaçava levá-lo a abandonar o uso de sua espada foi o ataque da segunda criatura, que pulava sobre a primeira ao longo do cabo.

Ela não mirou no braço que empunhava a espada, mas na mão que segurava o cabo. Ela estalou as presas selvagens e pegou um dedo, quase rompendo o dígito da mão de Kratos. Ele rugiu de raiva e deixou que a sede de sangue que havia conhecido por dez anos completos assumisse o controle. Ele prendeu a segunda criatura entre suas coxas, torceu-a e a destituiu de seu domínio sobre o cabo. Ele se balançou e simplesmente a soltou, e a criatura mergulhou no piso distante. Mas não se chocou. Seu corpo foi jogado em uma alta roda dentada que girava, sendo em seguida capturada e moída no pesado mecanismo que parecia não ter outro propósito senão triturar até a morte.

O companheiro da criatura cometeu o erro fatal de assistir à morte. Com uma mão no cabo, Kratos soltou a espada e agarrou a criatura. Seus dedos fecharam-se em torno do pescoço exposto. Tendões se destacaram em seus antebraços, enquanto ele espremia a vida da criatura, mas ele não parou até que todos os movimentos cessassem. O sangue dos seus arranhões profundos correu da sua mão para a carne do monstro morto, maculando-a. Somente quando Kratos estava convencido de que havia marcado a criatura para sempre no Hades com o seu sangue, ele enviou-a para baixo, para ser desmembrada nas engrenagens.

Kratos balançou para trás e agarrou o cabo, seus dedos deslizaram e quase o levaram a falhar e cair rumo à morte. O sangue dos cortes e arranhões deixara seus dedos escorregadios. Sua força permaneceu, mas o cabo parecia ter sido untado pela tração que agora aplicava nele. Sua mão direita se soltou, deixando-o precariamente pendurado. Mesmo que a enxugasse, sabia que isso não iria funcionar; mais sangue escorreria de suas feridas.

Kratos dobrou-se e lançou seus calcanhares sobre a parte superior do cabo, travando-os para ter mais apoio. Ele não tinha como estancar o sangue que vazava da sua carne branca como osso, mas manter seus tornozelos presos no cabo o impediu de seguir seus inimigos para o chão. Suspenso de cabeça para baixo, ele se projetou ao longo do cabo o mais rápido que pôde, até finalmente chegar ao fim da linha. Uma guinada rápida permitiu-lhe agarrar uma saliência

sob o portal.

Ele enxugou as mãos, uma de cada vez, para limpá-las do sangue, e, em seguida, pulou até a saliência. De pé, ele encarou um corredor curto. A passos longos, Kratos checkou para ver se havia finalmente chegado até a Caixa de Pandora. Em apenas alguns minutos, ele percebeu que não.

–Eu conheço essa espada – Zeus murmurou enquanto olhava na piscina de vidência. – Aquela lâmina é um das armas mais poderosas em toda a criação. Como você manipulou Ártemis para que ela a desse para Kratos?

– Manipulá-la, pai? Eu? – Atena balançou a cabeça. – Ela e Ares chegaram a uma espécie de trégua, mas antes ela viu seu comportamento violento e sua insanidade. Ela não cedeu a espada negligentemente. Eu acredito que ela deseje mostrar seu apoio, ajudando Kratos no templo.

– Eu vi a sede de sangue do meu filho também – Zeus murmurou sombriamente. – Ele queimou a maior parte de Atenas. Somente alguns edifícios restaram ao redor da praça principal, e apenas os templos no topo da Acrópole estão de pé. Mesmo o seu Pártenon foi enegrecido pela fuligem dos incêndios e está sucumbindo em decadência.

– A maioria de seus santuários se foi. Ele mata os seus adoradores da mesma forma como seleciona os meus para seus assassinatos brutais.

– A guerra é sempre suja – Zeus disse. – Contudo, Ares se recusou novamente a me atender e elucidar por que ataca os meus seguidores tão agressivamente. Uma coisa é queimar Atenas, outra é portar-se de modo a me ofender. A menos – Zeus disse, tornando-se pensativo – que sua paixão pela guerra tenha se transformado em um câncer que queima o seu cérebro.

– Ele quer todos os domínios para si – com seu foco e determinação habituais, Atena conduziu a conversa de volta a seu curso. – E Kratos, pai? Ele receberá a sua preferência?

Zeus estava estranhamente lento para responder. Ele não a olhou diretamente, mas estudou seu reflexo na piscina de vidência.

– Estou curioso, filha amada. Tenho visto você se esforçar consideravelmente para apoiar e proteger o seu animal de estimação espartano.

– Ele é a última esperança de Atenas.

– É mesmo? E, mesmo assim, quando você intercede comigo e com os outros deuses, você nunca pede ajuda para seus adoradores. Ou para sua cidade, apenas para os seus sacerdotes. Você diz que Kratos é a sua esperança, como ele parece ser, mas os seus poderes de persuasão e manipulação não teriam melhor uso, se você pedisse ajuda diretamente? Hefesto, por exemplo, poderia ter apagado todo o fogo com um único aceno de sua mão. Apolo poderia ter curado os seus feridos. Eu mesmo...

– Sim, pai, eu sei. Eu entendo. Como sempre, você vê mais profundamente

do que qualquer outro.

Atena respirou fundo e decidiu que, nesse caso, a sua causa estaria mais bem fundamentada se, finalmente, falasse a verdade.

– Meu pai e senhor, o verdadeiro alvo de Ares não sou eu, nem é a minha cidade.

Zeus olhou para ela, seus pensamentos encobertos por uma face sem expressão.

– Pai, o alvo é o seu trono!

– Então, o seu objetivo ao longo de toda essa jornada, a verdade final do seu jogo, é apenas *me* proteger?

– Perdoe a minha presunção – Atena disse. – Eu só temia que você permitisse que o seu carinho tão conhecido para com os seus filhos ofuscasse seu julgamento a respeito de Ares.

– Ou, talvez, que meu carinho tão conhecido para com os meus filhos ofuscasse meu julgamento sobre você.

Zeus ainda não mostrava nenhuma emoção, mas Atena havia percebido um tom de preocupação no discurso de seu pai, por conta da forma como Ares destruiu os santuários de Zeus em toda Atenas.

– Você busca salvar-me de mim mesmo? Por eu ter esquecido as lições da minha própria vida?

– Todo o Olimpo veria a morte de Ares com bons olhos.

– Será? Ou será que eles o apoiariam, acotovelando-se para recolher o que restar de poder após um parricídio olímpico?

– Você condenou seu próprio pai a rastejar sobre as mãos e joelhos através do Deserto das Almas Perdidas para sempre, em vez de matá-lo, depois que você conquistou a Titanomaquia – Atena disse. – Porque você sabe muito bem as consequências de se matar membros da família, você decretou que tal coisa nunca acontecerá entre olímpicos. Mas Ares pode ter em mente um destino semelhante ao de Cronos para você, pai. Uma eternidade de tormento, preso a correntes inquebráveis, e isso somente se ele puder superar sua própria loucura por tempo suficiente para mostrar autocontrole, e não simplesmente se deixar levar pelo desejo de matança.

– E há quanto tempo você conhece a ambição de Ares? Há quanto tempo você vem planejando a morte de seu irmão, usando Kratos como instrumento de

destruição?

Mais uma vez, Atena disse a pura verdade.

– Desde o dia em que meu irmão enganou Kratos e levou-o para o meu templo na aldeia, em seu frenesi de sangue. Foi então que eu soube que a insanidade de Ares não tinha limites, que a sua ambição arrogante não o deixaria parar por nada no mundo. O que você acha que ele estava planejando para Kratos? Por que dar a um mortal força e resistência quase olímpicas? Por que ele atou as Lâminas do Caos aos pulsos de Kratos? *Caos*, o reino primordial, conquistado e trazido à ordem pelo seu avô Urano?

Ela se levantou em toda a sua altura e se voltou para seu pai.

– Kratos sempre esteve destinado a ser a arma que mataria um deus. Essa verdade se tornou o pavor mais frio que meu coração já conheceu: o deus que deveria ser vítima de Kratos era você, pai. Ares estava preparando Kratos para a mesma tarefa que eu, e pela mesma razão: para matar um deus, mas evitar a maldição imortal de Gaia, que recai sobre qualquer um que derrame o sangue de sua família. Pai, você deve ajudar Kratos! Ele não é a verdadeira esperança de Atenas; ele é a esperança do próprio Olimpo! Meu senhor, eu já vi esse futuro em meus piores pesadelos. Se Kratos cair, cairá o Olimpo.

Ofegante e quase em lágrimas, a deusa da previsão e dos estratagemas inteligentes havia apelado a sua única verdade e ao seu único amor.

– Pai, *por favor*.

– Meu decreto permanece. Um deus não pode matar o outro.

Atena não tinha nada a dizer.

– Kratos pode chegar à Arena da Memória e enfrentar seu desafio final. Mas isso não será o fim.

Zeus parecia amargo, sua barba se debatendo com relâmpagos em meio às trovoadas.

– Isso, minha querida filha, será o início. Até lá, ele tem muito a conquistar, e sua própria natureza não será seu menor desafio. Se ele fizer tudo, se ele conseguir, então eu poderei achá-lo digno.

– Digno de quê, meu pai?

Zeus não respondeu.

O túnel que passava por dentro da rocha viva dobrava com uma repentina volta em ângulo reto e eventualmente abria-se para a face de um penhasco. Kratos olhou para cima e viu que a saliência era tal que ele teria de encontrar bordas e agarrar-se a elas para atravessar uma extensão de rocha antes de poder escalar.

Um rápido olhar o convenceu de que nada além de morte o esperava lá embaixo. Ele passou as mãos nas coxas mais uma vez, para limpar o último vestígio de sangue. Os ferimentos que sofrera haviam estancado – e mais. As mortes de seus adversários haviam renovado sua própria energia e acelerado a sua cura. Era assim desde o dia em que Ares respondera sua oração, feita diante do rei bárbaro. As feridas se curavam rapidamente, mas as consequências da batalha sempre o esgotavam, porque, enquanto seu corpo estava inteiro, o seu espírito nunca mais esteve.

* * *

– NÃO DEMONSTREM MISERICÓRDIA – ele ordenou a seus guerreiros enquanto entravam na vil aldeia.

Um santuário dedicado a Atena estava ao final do caminho, um santuário que zombava do Senhor Ares e irritava Kratos. O que quer que irritasse o Deus da Guerra irritava seu servo.

Kratos foi o primeiro a acender uma tocha e jogá-la em um dos telhados de palha. As chamas explodiram na noite, mas eram apenas uma chama de vela em comparação com a raiva e sede de sangue que ferviam dentro dele. A vila inteira era uma afronta.

– Matem todos eles – gritou, e passou a usar as Lâminas do Caos para mostrar aos seus homens a maneira correta de assassinar. De uma extremidade da aldeia a outra, ele matou sem hesitação. As lâminas giravam em um arco mortal, como em um molde, que terminava com a vida de quem estivesse tentando lutar contra ele com foices e martelos, e também com aqueles que não faziam nada, a não ser implorar por sua piedade.

Kratos não conhecia compaixão. E ele não teria misericórdia com a velha mulher mancando fora do santuário. Ele empurrou-a para o lado. Aqueles que estivessem dentro morreriam pela sua espada.

– Cuidado, Kratos – ela intimou-o com sua voz rachada e antiga. – Os perigos no templo são maiores do que você imagina!

Ele riu asperamente. Ele era Kratos, e não temia ninguém nem coisa alguma e, especialmente, não receava os golpes fracos dos acólitos que estavam lá dentro. Suas poderosas Lâminas do Caos começaram a girar, cortar, penetrar e matar, até

que ele não viu mais nada além de um véu vermelho de sangue derramado.

E então havia mais dois corpos no chão a seus pés, novas vítimas de sua sede de sangue. Kratos olhou para eles e gritou.

A voz insensível de Ares encheu o templo.

– Você está se tornando tudo o que eu esperava que seria, espartano...

* * *

A RAIVA ENCHEU-O NOVAMENTE ao lembrar-se de como Ares o havia usado vilmente. Kratos respirou fundo e forçou-se a retornar da maré escura que ameaçava afogá-lo. As visões seriam o seu legado para sempre, a menos que ele fizesse o que Atena havia ordenado. Os deuses apagarão suas pesadelos, suas memórias, e ele poderia viver em paz consigo mesmo novamente. Tudo o que ele precisava fazer era atravessar o penhasco rochoso.

Ele deu um passo, empurrou uma sandália em uma fenda pequena e estendeu os braços amplamente na direção de uma garra que mal podia alcançar. Seus dedos presos na saliência estreita de pedra permitiram que ele movesse o outro pé e assim continuasse a escalar a face rochosa do penhasco. Muitas vezes ele havia escalado montanhas para flanquear um inimigo, de modo que esse não era um desafio novo para ele.

– Pelos deuses, não! – as palavras escaparam de seus lábios quando ele viu que a protuberância de pedra à frente começou a aumentar e tomar forma. A pedra rebentou e tomou a forma de uma criatura do tamanho de um homem e com cauda de escorpião, para bloquear o caminho de Kratos.

Sacar as Lâminas do Caos requeria uma estabilidade que ele não tinha. Ele pulou, buscou novos pontos de apoio e agarrou o escorpião. Sua cauda agitou-se como um chicote, mas Kratos manteve um aperto firme em sua garganta e posicionou seu corpo de modo que a cauda mortal passasse por ele inofensivamente. Ele resmungou, concentrando toda a sua força para esmagar a traqueia blindada do monstro. A quitina rachou, a coisa começou a se debater violentamente, a cauda ficou ainda mais ameaçadora. Kratos se esquivou quando a cauda zuniu pelo ar, mirando seus olhos. Uma gota de veneno que adornava a ponta do ferrão espirrou em sua testa e ardeu como fogo. Seu domínio sobre a criatura enfraquecia, enquanto o veneno escorria em sua sobrancelha, queimando-a e ameaçando pingar em seu olho.

Kratos bateu o braço contra a o veneno para evitar que ele lhe cegasse, mas seu braço estava coberto de sangue coagulado. O sangue entrou em seu olho, cegando-o. Assim como ele havia experienciado em batalha, o sangue caiu como o véu escuro do rio Estige em sua visão. Ele piscou furiosamente para limpá-lo. O sangue em seus olhos era melhor que o veneno que o cegaria

permanentemente – mas a distinção desapareceu rapidamente quando ouviu garras raspando na rocha abaixo dele.

O monstro escorpião havia caído alguns metros abaixo, quando ele o liberou, mas agora estava voltando para matá-lo. E ele não podia vê-lo.

Ele fechou os olhos com tanta força que lhe causou dor. Depois, lembrou-se dos dois corpos no santuário de Atena. Raiva e lágrimas explodiram dentro dele, e sua visão era cristalina novamente. O escorpião de pedra estava a apenas alguns metros de distância e aproximando-se, sua cauda com o ferrão venenoso preparada para um golpe mortal. Kratos fez um movimento feroz, pegou a criatura pelo pescoço novamente, e torceu-a violentamente. A cauda percorreu um arco sobre a cabeça da criatura, atingindo a rocha, a alguns centímetros de Kratos. Com outro grito para reunir sua força e raiva, Kratos juntou seus dedos, quebrando completamente sua garganta. Ele a segurava, agora suspensa, longe do chão; ele já não precisava ver claramente para terminar o serviço. O bicho se contraía debilmente, até o resto de sua vida desaparecer. Kratos deixou-o cair, observando o corpo bater repetidamente nas rochas do penhasco antes de desaparecer, muito abaixo.

Kratos limpou o sangue de sua mão e continuou atravessando o penhasco, ainda piscando para recuperar a sua visão completamente. Ele tinha escalado apenas alguns metros, sem nem mesmo chegar ao local por onde poderia ir direto para o topo, quando novos ruídos de garras o alertaram para outras daquelas coisas que surgiam das pedras.

– Atena, você exige muito de mim – disse ele, tentando acelerar ao longo do caminho que havia sondado pela pedra.

Kratos mal havia alcançado o ponto em que poderia subir diretamente para o topo, quando mais dois monstros atacaram-no repentinamente, correndo pela rocha vertical como se estivessem em um terreno plano.

Kratos encontrou uma saliência e posicionou os dois pés sobre ela. Ainda suspenso, ele arrancou uma pedra livre com sua mão direita e atirou-a com toda a força. O míssil navegou com precisão. O escorpião mais próximo reagiu instintivamente e atacou a pedra com sua cauda mortal. Essa era toda a abertura de que Kratos precisava para lançar uma segunda pedra, que atingiu exatamente o meio da cabeça da criatura. A cauda voou para afastar esse novo ataque, e o monstro escorpião ferrou-se.

Sem esperar que a criatura moribunda caísse do penhasco, Kratos jogou uma terceira pedra, desalojando-a. Agora ele enfrentaria apenas mais uma. Esse monstro arqueou as costas e derramou lascas de pedra em todas as direções. Kratos protegia seu rosto contra as agulhas calcificadas e inutilmente buscou outra rocha. Não havia nenhuma. Kratos olhou para cima, traçou seu caminho

até o topo do penhasco e começou a escalar, o escorpião diretamente sob ele, correndo mais rapidamente do que ele podia escalar tal rocha uniforme.

A poucos metros do topo do penhasco, Kratos soltou-se e caiu. Ele colidiu com o escorpião, no local ocupado por todas as oito pernas do monstro. Com um giro, Kratos mudou de direção e agarrou o ferrão, que se arqueava para cortá-lo e envenená-lo. Uma pequena gota de veneno amarelado pingava da cauda. Seu peso estava inteiramente apoiado no enorme escorpião, e, quando o espartano caiu em cima da cabeça da criatura, surpreendeu-a tanto que suas pernas começaram a se soltar da parede, uma a uma.

Kratos agarrou-se à cauda que se movimentava violentamente até estar certo de que o escorpião não poderia manter a sua aderência à parede por mais um instante. Com uma torção feroz, ele puxou a cauda e despejou o monstro. No mesmo instante, ele chutou com força a face rochosa do penhasco e procurou um apoio.

O escorpião seguiu seus companheiros para o distante solo, e Kratos pendurou-se pelas pontas dos dedos de uma mão em uma reentrância pequena e empoeirada. Pouco a pouco, seus dedos deslizaram. Ele olhou para baixo, não para ver onde poderia cair, mas para encontrar pontos de apoio. Impossibilitado de localizar algum por perto, ele lançou suas pernas o mais forte que pôde. A dor enlaçou a sua perna, mas seus dedos estavam bastante apoiados na lasca para que pudesse suportar seu peso. Seus dedos deslizaram, mas seus pés o apoiaram quando ele escorregou.

Ele se levantou no apoio duramente conquistado e seguiu o seu caminho rocha acima, para chegar ao topo do penhasco. Uma vez lá, Kratos caiu de joelhos e fez uma oração silenciosa para os deuses, embora o tipo de ajuda que ele havia recebido antes anteriormente fosse um enigma. Ele havia sobrevivido por conta de seu próprio esforço e continuaria a ser assim.

À frente, em meio ao portal aberto na lateral da montanha, procediam estampidos, barulhos de máquinas e ruídos que ele não conseguia identificar. Sacando as Lâminas do Caos, ele se aproximou do portal e avançou pelo túnel. Ele parou ao lado de uma esteira rolante que desaparecia sob uma saliência rochosa. Kratos usou suas lâminas contra a pedra, mas mesmo a magia potente presa no metal não poderia mover um pedregulho sequer. Ele se virou e olhou na direção em que a esteira se dirigia e viu o que produzia os ruídos desconhecidos. Enormes blocos cravejados com pregos longos colidiam repetidamente.

A única maneira de avançar era correr contra a direção da esteira rolante e passar pelo rítmico abrir e fechar da mandíbula de metal e pregos. Kratos retornou as lâminas para seus pontos de descanso em suas costas, calculou a ação das mandíbulas mortais e pulou na esteira rolante.

Ele calculou mal a velocidade e foi arrastado pela esteira, para ser esmagado na parede de pedra. Ele gritou de dor e recuou. Embora a face da parede parecesse ser pedra comum, seu mero toque desferiu lanças quentes de dor em seu corpo. Kratos começou a correr, até equilibrar sua velocidade com a da esteira. Em seguida, ele empregou mais esforço e triunfou sobre ela, aproximando-se do primeiro conjunto de pedras que se esmagavam. Além desse, havia muitos mais. Uma vez comprometido com essa aventura, ele não tinha escolha, senão mergulhar à frente e nunca vacilar. O menor erro o jogaria entre os painéis perfurantes, empalando-o. Se ele fosse para trás, voltando com a esteira transportadora, seria arrastado para a parede e receberia torturas que queimariam o âmago de seu ser.

Com tal incentivo, ele aplicou uma velocidade explosiva e com sucesso passou pelo primeiro conjunto de pedras. A Cila e Caribdis² que bloqueavam a sua passagem obrigaram-no a concentrar-se totalmente para evitar um esmagamento das garras e de seus dentes afiados. Ele disparou, verificou a velocidade necessária e irrompeu à frente, quando as mandíbulas de metal se abriram, e não recebeu nenhuma lesão. A passagem final não operava em um padrão, mas era inspirada pelo caos.

Kratos virou-se quando uma faca afiada atingiu-o no bíceps, segurando-o no lugar. Percebendo o perigo de ser contido, ele impulsionou-se violentamente e deixou para trás um bocado de músculo sangrento para que pudesse correr ao longo da esteira, em direção a uma saliência de pedra, onde poderia descer com segurança. Em vez de os sons das máquinas diminuírem, Kratos ouviu-os ainda mais altos, ao longo de um túnel que levava a uma sala que o convenceu de que o Arquiteto havia enlouquecido por causa dos deuses.

Profundas ranhuras duplas formavam um campo quadrado. Rolando sem parar nas ranhuras havia rodas de lâmina dupla; suas bordas eram reluzentes e tão afiadas que Kratos tinha de fechar os olhos quando elas corriam perto dele. Do outro lado da sala, um portão de ferro bloqueava a saída, mas ele viu a solução para isso. Uma alavanca se projetava do centro de um quadrado. Bastava impulsioná-la e o portão subiria. Mas chegar a ela exigiria cronometrar o tempo das lâminas e lançar-se de maneira mais ousada do que no seu desafio anterior. As rodas afiadas nunca paravam, nunca descansavam, e iriam cortá-lo em tiras, se ele cometesse um único desliz.

Com um salto poderoso, ele pulou por cima de uma roda e caiu ileso no meio de um quadrado. Ele ficou ereto quando as rodas passaram ao lado e atrás dele. Kratos calculou a periodicidade da roda à frente e pulou quase na mesma hora que ela passava, alcançando um quadrado que ficava mais perto da alavanca. Só então ele percebeu que o ritmo frenético das rodas mortais havia aumentado. Quanto mais perto ele chegava da alavanca, mais rápido as lâminas rolavam.

Ele buscou as Lâminas do Caos no intuito de destruir qualquer uma das rodas em seu caminho, mas parou. Será que o Arquiteto teria imaginado um ataque contra as serras e encontrado uma maneira de preveni-lo? O metal das rodas carregava um brilho prateado diferente de tudo o que Kratos já vira antes. Embora as Lâminas do Caos fossem magicamente forjadas, e mesmo que Ares nunca tivesse dito que elas podiam ser quebradas, Kratos obedeceu ao seu instinto, que lhe dizia que as lâminas eram as armas erradas para usar contra as rodas. Ele tinha outros armamentos, claro, mas as Lâminas do Caos deveriam estar intactas para assassinar Ares. Uma vez que o Deus da Guerra havia fundido as espadas aos antebraços de Kratos, e que o espartano vinha utilizando-as por dez longos anos de assassinatos, em nome de Ares, nada mais justo que o Fantasma de Esparta enfiar suas pontas através do corpo do deus e vê-lo morrer pelas suas próprias armas.

Kratos abandonou os punhos das lâminas e mergulhou para a frente, dependendo da sua coordenação e habilidade inatas para esquivar-se do movimento mortal das rodas.

Ele tropeçou no quadrado que segurava a alavanca, recuperou o equilíbrio e moveu a estrutura com toda a força. A resposta foi tudo o que ele esperava. O portão de metal do outro lado da sala fez barulho e tiniu ao abrir. Kratos levou alguns segundos para reunir a sua sagacidade e começar a saltar sobre as rodas para sair da câmara, quando viu o portão descendo lentamente.

– Você é diabólico – Kratos disse, pensando em uma meia dúzia de maldições para lançar sobre o Arquiteto. A alavanca, uma vez puxada, permitia que a porta permanecesse aberta durante um curto período. Mais duas vezes Kratos utilizou a alavanca e contou o tempo para determinar quão rapidamente ele deveria saltar por metade da câmara cheia de foices redondas da morte. Não era muito. Mas seria o suficiente.

Kratos se preparou, puxou a alavanca e saltou para o quadrado adjacente. Pegando velocidade, saltou para o próximo, e para o próximo; então percebeu que o portão estava se fechando, e ele ainda tinha mais dois quadrados para atravessar. Ele irrompeu em uma explosão de velocidade que permitiu a uma roda passar pelo seu peito, abrindo um corte superficial sobre as suas costelas. Girando e usando o impacto para adicionar velocidade, ele saltou alto sobre a última roda que bloqueava o acesso ao portão, deu uma cambalhota e passou pela porta com apenas alguns segundos – e alguns centímetros – excedentes.

Kratos deitou de costas, olhando para o teto baixo do corredor, enquanto recuperava sua força. Com o estalido do metal e pedra para trás, ele seguiu em frente, através de um túnel até sair na frente de um cômodo com um enorme portal circular. Pressionando seu olho contra uma rachadura no meio da estrutura de pedra, ele viu um altar lá fora, sob o sol brilhante do deserto. Mesmo com seus esforços mais poderosos, ele não conseguiria arrombar a porta a partir da

pequena rachadura. Ele tivera uma visão tentadora de onde deveria ir, mas nenhuma dica de como abrir a porta.

Kratos se virou e olhou o imenso aposento onde estava.

Ele correu os olhos para cima e encontrou algo que parecia familiar. Bem acima das bordas e passarelas do aposento ele avistou uma estátua de Atlas equilibrando o mundo em seus ombros vigorosos. Todas as suas labutas haviam trazido Kratos para um lugar que só poderia ser descrito como um santuário em homenagem ao Titã. Correndo na direção de um ponto que ficava abaixo de uma passarela a quase seis metros sobre a sua cabeça, Kratos captou os detalhes, e o que ele poderia fazer para avançar.

Atlas estava esmagado pelo peso do mundo. A carga deveria ser aliviada. Kratos se dirigiu para uma manivela situada atrás da imponente estátua e, hesitantemente, pressionou-a. A manivela moveu-se um pouco, até sua resistência aumentar a ponto de Kratos ter de se esforçar ainda mais. Desviando o olhar da estátua para a passarela, uma segunda alavanca, acima da estrutura, revelou-se. Com a mente repleta de possibilidades, Kratos chegou a uma decisão rápida e aplicou-se a girar a manivela.

Pouco a pouco ela se movia. Com mais esforço, ela girou em um círculo completo. Com ainda mais empenho, forçando os músculos e com suor escorrendo enquanto a resistência aumentava, ele conseguiu girá-la totalmente uma segunda vez. A estátua agora tinha somente metade do mundo em seus ombros. Sabendo que havia tido sucesso em descobrir o que deveria ser feito, Kratos inclinou as costas, firmou-se no chão e começou a mover a manivela a uma velocidade constante. Com cada giro, o mundo levantava um pouco mais dos ombros de Atlas, até que a estátua já quase não estivesse dobrada pelo peso nas costas.

Apesar do melhor esforço de Kratos para girar a manivela ainda mais, ele agora encontrou total resistência. Ele afastou-se e olhou de volta para a segunda alavanca, em cima da plataforma e do outro lado do aposento. Ele colocou impulso total em suas pernas, para saltar e atingir a passarela. Kratos estava no mesmo nível dos olhos de Atlas. Embora as órbitas fossem esculpidas em pedra fria, ele sentiu que o filho de Jápeto e irmão de Prometeu e Epimeteu encarava-o com alívio.

Ele aplicou pressão na alavanca da passarela. Esta requiritava pouco esforço em comparação com tirar o mundo de cima de Atlas. Kratos recuou quando viu a estátua ficar um pouco mais alta e levantar o globo enorme em sua direção. Sem lugar para se esconder, Kratos esperava a morte.

Em vez disso, o globo terrestre saltou duas vezes e rolou sob a passarela. Kratos observou enquanto a pedra colidia com o portal que ele fora incapaz de

abrir. O tamanho do globo correspondia exatamente ao diâmetro da porta.

Kratos olhou para o altar, onde um sarcófago de ouro envelhecido brilhava sob o sol quente. Ele pulou da passarela e foi descobrir qual era a nova armadilha que o Arquiteto havia colocado em seu caminho.

2 Cila e Caribdis são dois monstros marinhos da mitologia grega. Cada um deles ficava em uma extremidade do estreito de Messina e juntos dificultavam o movimento dos navios, enviando tufões. O autor os coloca no texto como uma metáfora à ameaça dupla das garras que Kratos deve enfrentar. (N. E.)

O calor fustigou Kratos quando ele saiu para o sol do deserto. Lentamente, ele virou o rosto para cima e se deleitou com a luz, saboreando-a depois de estar preso dentro do labirinto escuro. Ele respirou fundo e sentiu o ar encher seus pulmões. Os ferimentos em seu corpo estavam quase curados, e ele balançou os braços, sentindo o poder fluir mais uma vez através dos seus músculos. Junto com isso, o veneno que havia ameaçado sua visão estava purgado de seu sistema. A cegueira era uma memória que ele não se importaria de não revisitar, e era uma das poucas lembranças das quais poderia se libertar.

Ele não tinha tempo a perder, porque a recordação do que Ares estava fazendo a Atenas incitava-o tanto quanto o seu ódio pelo Deus da Guerra. Atena o advertira de que o tempo era escasso, e espreguiçar-se como um lagarto em uma pedra quente não o ajudaria a completar sua missão.

Ele correu ao longo de um caminho pavimentado para a base do altar, onde o grande sarcófago brilhava à luz do sol. Kratos apertou os olhos contra o reflexo brilhante quando chegou à borda do esquite; em seguida, apumou-se para que pudesse olhar para dentro da tampa. Alguém de grande importância havia sido enterrado dentro desse caixão chamativo. Seus dedos se enroscaram em torno da borda, e ele aplicou seu poder prodigioso para abrir a cobertura, expondo um corpo ressequido.

– Isso é tudo? – ele olhou para cima, para o céu, com os braços estendidos. – Isso é tudo o que você me enviou?

Kratos curvou-se, agarrou a cabeça do esqueleto e sacudiu-a com força. A cabeça saiu do corpo facilmente, deixando para trás uma nuvem de poeira de sua medula espinhal arruinada. Ele ergueu o braço e atirou o crânio para o alto, como se pudesse investir contra o próprio Olimpo com essa relíquia para mostrar o seu desdém.

O crânio descreveu uma curva para cima; em seguida, voltou para baixo, retracando a trajetória para aterrizar nas mãos estendidas de Kratos. Novamente ele o jogou, dessa vez para o outro lado. A cabeça tombou lividamente sob o sol e, em seguida, fez um trajeto circular para retornar. Kratos começou a lançá-la no ar mais uma vez, então o senso comum assumiu e substituiu sua raiva. Se o crânio se provava tão difícil de se livrar, talvez ele devesse mantê-lo.

Ele pendeu ao lado do caixão e correu os dedos sobre os glifos gravados nas margens douradas. Pouco a pouco, as palavras tornavam-se claras. Kratos balançou para trás e olhou para o crânio que tinha na palma de sua mão.

– O filho do Arquiteto? Seu pai colocou o seu miserável corpo dentro desse bonito caixão? Para quê?

Ele virou a grade, com um som áspero como pedra arrastada sobre pedra, e uma cavidade enorme se abriu na base do altar.

Kratos jogou a cabeça para trás, gritou em desafio e saltou. Ele passou pela borda do poço e caiu durante o que parecia ser uma eternidade. Mas ele não caiu até o Hades; ele caiu com um impacto duro no fundo do poço. Em um agachamento, ele olhou em volta e viu que havia apenas um corredor possível de seguir. Levantando o crânio, ele olhou para as órbitas vazias.

– Você já viu isso antes? Seu pai o traiu como Ares a mim?

Kratos não esperava resposta e não obteve nenhuma. Ele correu pelo corredor decrepito, alerta para um ataque inimigo. Quando ele chegou ao fim, achou uma porta enorme, estampada com a insígnia de um crânio, bloqueando seu caminho. Kratos pressionou a porta, tentando forçá-la.

Como ela não se moveu, ele passou os dedos sob a borda e tentou levantá-la, até suas costas doerem como se fossem rachar. Ofegante, Kratos percebeu que a força bruta não iria triunfar. Mas como ele poderia derrotar essa porta?

Ele recuou dois passos para adquirir uma visão melhor do padrão na porta. Após vários minutos de estudo, ele deixou que a raiva sempre latente dentro dele viesse à tona. Dois movimentos rápidos empunharam as Lâminas do Caos para que ele pudesse usá-las contra a pesada porta. Golpear repetidamente não produziu resultado, embora o ar tivesse se enchido com um cheiro acre de metal queimado, depois de uma dúzia de ataques. Kratos rosou, redobrou seu esforço e finalmente se afastou; a raiva não desapareceu, mas um semblante de racionalidade se esgueirava nele.

– O crânio – disse ele. – A porta tem o padrão de um crânio gravado nela.

Ele levantou o crânio do filho do Arquiteto e posicionou-o de modo a combinar com o contorno na porta. Andando para a frente, viu que a pequena depressão no centro do desenho combinava perfeitamente com a caveira na sua mão. Ele empurrou-a para a frente. Por um momento pensou que nada aconteceria; então sentiu o crânio sendo puxado de suas mãos e tragado pela porta, até que apenas um contorno permaneceu.

Kratos soltou sua ira mais uma vez. Dessa vez a porta se levantou, lentamente, um centímetro de cada vez. Quando ele pôde passar por baixo dela, mesmo agachado, deu uma cambalhota e ficou em pé do outro lado. Quando a porta voltou para seu lugar, Kratos gritou em fúria irracional. Manter as visões escuras encurraladas havia sido fácil o suficiente enquanto ele lidava com os lacaios do Hades, ou quando havia superado o templo, mas agora a realidade aterrorizante de seus pesadelos rodou sobre ele como uma mortalha envolvendo um morto.

Lutando para manter as memórias presas, ele tropeçou cegamente pelo corredor, como se pudesse escapar dele, seguindo em frente sem se importar com onde tropeçava, desde que os pesadelos não assumissem o controle de sua mente. Bloqueando seu caminho estava o corpo esparramado de um guerreiro vestido com uma armadura ao estilo ateniense; sua mão sem vida ainda segurava uma espada. As únicas marcas da batalha que ele lutara eram as manchas negras cheirando a sangue de mortos-vivos que o pintavam da cabeça aos pés. Kratos passou por cima do corpo e encontrou mais ossos espalhados ao longo do túnel, que se estendia gradualmente em declive, até atingir um portal em arco.

Ele olhou através da porta para uma cena infernal: a vasta câmara estava iluminada por chamas provenientes dos corpos de homens mortos. O fedor dessa fumaça negra era pior do que o cheiro do sangue dos mortos-vivos. No centro da câmara iluminada de vermelho, havia uma pirâmide enorme de crânios; a luz lhes prestava uma ilusão macabra de vida pela dança das chamas.

Mil crânios.

Kratos sabia o número, porque ele mesmo havia levantado tais pirâmides no passado, quando serviu o deus que agora era seu inimigo. Pirâmides como essas foram levantadas com os chefes da horda bárbara, depois de Ares responder às preces de Kratos.

Por mais que tentasse, ele viu que era impossível conter as visões agora. As memórias rugiam para ele como um oceano inundando um dique quebrado. O aposento, o templo, a busca pela Caixa de Pandora, tudo isso foi arrancado de sua mente, e as visões que o dominavam eram de anos atrás, os bons anos, quando ele fora o mais jovem capitão de Esparta, guiando seu exército para vitória após vitória...

* * *

O CAMPO DE BATALHA FICOU EM SILÊNCIO; era o silêncio da morte. Ele podia ouvir apenas os corvos e os abutres a distância, grasnando para anunciar que suas barrigas estavam cheias com as carnes dos soldados caídos. Nenhum outro som. Nem mesmo o gemido de um homem ferido, mas ainda vivo.

Kratos não ouviu nenhum sobrevivente porque ele havia ordenado isso. Ele havia ordenado morte completa.

Sem piedade. Sem prisioneiros. Sem clemência.

Seus homens investiram pesado contra o exército mais fraco, e quando seu comandante tentou se render, Kratos abateu seus mensageiros. Qualquer soldado ferido demais para deixar o campo teve a garganta cortada pelos seguidores da unidade militar. Por uma recompensa, e para tomar uma orelha como troféu. Kratos pagava seus seguidores de acordo com a quantidade de mortos.

O sangue saturava o chão; andar entre as pilhas de cadáveres era muito parecido com caminhar na lama após uma chuva pesada. Exceto pelo fato de que isso era sangue. Litros de sangue. Sangue de dez mil golpes, punhaladas, facadas e gargantas cortadas.

* * *

ELE SENTIU UMA TONTURA MOMENTÂNEA, e o próximo segundo anunciava uma nova visão: ele montava um cavalo e brandia a espada encharcada de sangue.

* * *

– ATAQUEM! – o comando atravessou sua garganta e pôs o seu exército em movimento. Kratos se inclinou e varreu as laterais com sua espada, enquanto montava. Guerreiro após guerreiro morria enquanto ele passava correndo. Os corpos empilhavam-se. Ele riu alto quando os espartanos se apressaram para a...

... derrota.

Kratos deitado de costas, olhando para um céu que carregava a cor de uma ferida bruta. Nuvens pesadas fervilhavam acima do campo de batalha, e os bárbaros matavam sem clemência. Tudo o que Kratos ouvia era o ruído de seus melhores soldados sendo assassinados pelos bárbaros. Ele tentou sentar-se, mas não pôde; um de seus braços estava preso à terra por uma lança bárbara. Ele estendeu a mão e puxou a arma de seu braço.

Elevando-se sobre Kratos estava o rei bárbaro; ele segurava em sua mão forte um vasto martelo de guerra com pregos, do qual escorria sangue espartano. Seu sorriso estava escarlate com o sangue dos pescoços espartanos que ele havia mastigado. Ele caminhou para a frente, levantando o martelo para esmagar a vida do maior general de Esparta...

* * *

E, EM SEU PESADELO, Kratos não conseguia parar de gritar as mesmas palavras que havia urrado naquele dia negro, há mais de dez anos.

– Ares! Deus da Guerra! – as palavras ecoaram em seus ouvidos e em sua memória de uma só vez. – Destrua meus inimigos e minha vida é sua!

* * *

O REI BÁRBARO LEVANTOU o martelo de guerra, mas hesitou quando um relâmpago iluminou a carnificina. O rei olhou por cima do ombro... e, em seguida, para cima... e então ele gritou em profundo terror.

As nuvens foram rasgadas em pedaços por mãos olímpicas, e da fenda no céu elevava-se um homem maior do que uma montanha, com cabelos e barba de chama viva. Ao primeiro toque da mão do deus, os olhos dos soldados próximos ao rei bárbaro arrebentaram como furúnculos extraídos, jorrando sangue negro de suas bocas e ouvidos enquanto seus corpos sem vida eram esmagados no chão. Em seguida, os olhos dos homens distantes do rei fizeram o mesmo; em seguida, os de todos os que estavam além, até que, como Kratos havia demandado, todos os inimigos de Esparta estavam mortos, todos menos um.

Kratos gritou enquanto as Lâminas do Caos se enrolavam em volta dos seus antebraços e as correntes eram queimadas através da carne para se fundirem com os ossos. Ele ergueu as lâminas forjadas no nível mais baixo do Hades e olhou para as espadas cintilantes. Sem hesitar, investiu contra o seu oponente, brandindo as Lâminas do Caos na frente dele. Quando o pescoço do rei bárbaro se ajustou em um V formado pelas lâminas, Kratos recuou, rígido. Um grito de vitória foi arrancado de seus lábios enquanto a cabeça do rei bárbaro pulou de cima dos ombros e rolou no campo de batalha.

A sombra de Ares caiu sobre seu mais novo protegido...

* * *

KRATOS CAMBALEOU, e viu-se novamente no Templo de Pandora; em suas mãos estava a Espada de Ártemis.

Ele enxugou o suor da testa com a mão trêmula.

Ele estava grato pelas visões terem parado; quem poderia saber que *outra* memória tomaria conta dele? Essa era a pergunta que ele não suportava responder.

– Atena, você prometeu apagar as minhas memórias e acabar com essas visões – ele murmurou baixinho. – Você não pode me decepcionar.

O fogo queimava, e o cheiro de carne assada o interrompeu. Isso também era-lhe familiar, por seus anos de serviço ao Deus da Guerra, embora felizmente não tenha provocado nenhuma outra lembrança. Kratos agachou-se em um canto, mantendo a grande lâmina azul brilhante baixa, mas pronta.

Sons de alguém engolindo rápido a sua comida e fungando vieram das proximidades, roncoss e estaloss de lábios, como de um glutão em uma festa. Ele andou furtivamente em torno do monte de cabeças cortadas, inclinando-se para pegar um vislumbre do festeiro.

Um ciclope estava agachado, mastigando o que só poderia ser a coxa de um ser humano. Os dentes amarelados e quebrados esmagaram o fêmur, permitindo que o ciclope ruidosamente sugasse o tutano. Quando terminou, ele atirou

casualmente o osso de lado e caçou outro pernil. Enquanto ele arrancava a segunda perna do cadáver, algum instinto selvagem advertiu a criatura da abordagem vindoura de Kratos. Ele levantou a cabeça, piscando o grande olho; a sua boca estava aberta, pedaços de carne humana pendendo de seus dentes cariados.

Kratos levantou a Espada de Ártemis e continuou. Esse ciclope era meramente uma besta – não era como seus irmãos de outros tempos, que eram ótimos artesãos e pedreiros. Esse em particular parecia demasiado estúpido para saber o que é uma pirâmide, quanto mais para construir uma. O monstro não devia estar sozinho.

– Onde estão os seus parceiros nesta festa macabra?

Como resposta o ciclope se levantou e pegou uma barra de ferro maior do que Kratos. A barra zuniu no ar e veio de encontro à espada de Kratos.

Kratos virou a lâmina para encontrar a arma do monstro com a ponta da sua. Um giro de mão cortou a barra em duas, os pedaços deslizaram pelo chão.

O olho do monstro se arregalou em espanto, e ele se virou para fugir. Para Kratos, um inimigo em retirada era apenas um que ele ainda não havia matado. Ele saltou atrás dele, brandindo a Espada de Ártemis com o braço elevado para acertar o animal na parte de trás de seu ombro direito, em um corte limpo e sem resistência. O enorme braço carnudo da criatura e sua mão de dedos nodosos caíram no chão.

Antes que o ciclope entendesse o quão profundo era seu ferimento, Kratos pousou-o do choque. Seu movimento seguinte levou a espada azul brilhante diretamente onde o pescoço encontrava o ombro. Músculos e ossos deram lugar à lâmina mágica. Quando a navalha afiada cortou a coluna da besta, suas pernas já não podiam carregá-lo em sua fuga, e a criatura caiu de cara no chão, com um baque retumbante.

Quando Kratos chegou à porta que levava a outra sala, duas vezes o tamanho daquela onde o ciclope estivera banquetecendo-se, uma onda de calor ameaçou chamuscar a sua barba; parecia que a maior parte do salão estava entregue a uma fogueira enorme, não muito diferente daquela do lado de fora do templo. Suspensa sobre o fogo por uma longa corrente estava uma gaiola; e no interior da gaiola havia um corpo. Lentamente, a corrente alongada baixava a gaiola no poço de fogo.

Kratos avançou, então congelou quando sentiu um fio fino pressionando sua perna. Ele usou a parte plana da lâmina da espada para traçar o caminho do fio. Ele levava a uma simples pedra que reforçava o apoio de uma parede lisa. Em vez de recuar e liberar a pouca tensão que ele já aplicava ao fio com a perna, Kratos cuidadosamente dirigiu a Espada de Ártemis para baixo da pedra, para

não deixar o fio afrouxar-se.

Com o lado plano da lâmina segurando o fio esticado e a espada segura no chão, Kratos recuou. Ele foi examinar o apoio. O fio quase invisível corria através de um pequeno orifício na base da coluna. Do outro lado, a pedra havia sido escavada onde o fio se enrolava em torno de um jarro de argila tapado com uma rolha.

Se ele tivesse avançado um centímetro, o fio teria envolvido o jarro e feito a rolha saltar para fora, derramando o seu conteúdo. Kratos decidiu que valia a pena ver o que essa armadilha teria feito a ele. Ele andou de volta para a porta e empurrou o cabo de disparo. A rolha liberou-se, lançando um fluido preto e grosso da boca do jarro. Ele balançou a cabeça, rindo. Que armadilha miserável! Mesmo que o melado preto fosse um veneno mortal, qualquer um que desencadeasse a armadilha já teria passado de sua zona de alcance e estaria bem longe do tal líquido.

Mas sua risada desbotou quando o melado preto começou a esfumaçar e queimar a pedra abaixo. Um instante depois, toda a parede foi derrubada e bateu contra a pedra com força bruta – e no chão ao lado da parede, onde um homem ágil poderia ter saltado para escapar da parede caindo, havia uma grande piscina da substância negra escaldante. Uma substância que destruiu a pedra em segundos – o que teria feito à carne de um mero mortal?

Kratos decidiu que ele poderia viver sem saber a resposta.

Agora a fumaça, ou algum tipo de gás, era liberada pelo líquido enquanto ele queimava a pedra, e o gás ondulou sobre a superfície borbulhante e negra. Um bocado de fumaça se arrastou para cima, sobre sua mão, e, onde o gás o tocou, sua pele enegreceu, empolou e começou a queimar, e Kratos decidiu que poderia também viver sem saber o que esse material poderia fazer com ele se o respirasse. A seção do piso sobre o qual ele se estava começou a afundar, quando o óleo negro ferveu através de seus cantos.

A três ou quatro metros ao lado da porta do aposento havia outro apoio, que também sustentava um desses braseiros eternos. Kratos arremessou uma das Lâminas do Caos no comprimento máximo de sua corrente e puxou-a para trás, com o objetivo de fazer com que a corrente embrulhasse o braseiro. Então ele saltou através da porta com toda a sua força, usando sua corrente ancorada como um centro de rotação para chicotear seu corpo além e acima do líquido preto, em um arco apertado. Isso o teria enviado com segurança para perto da próxima pedra de apoio, mas o braseiro provou ser útil demais. Quando todo o seu peso pressionou o braseiro, o dispositivo acionou uma nova armadilha, levando outras dezenas de metros de piso a afundarem no fluido mortal.

Um lançamento desesperado de sua outra lâmina bateu na borda profunda

da pedra do teto, em um ângulo agudo o suficiente para suportá-lo por um instante ou dois. Um puxão sobre-humano sobre a corrente da lâmina que se apoiava no braseiro rasgou o vaso de seu suporte na parede e permitiu a Kratos balançar-se para longe da morte viscosa abaixo, mas foi levado diretamente para a fogueira vasta que dominava o centro da sala.

Todo menino espartano passa por um ritual de andar sobre o fogo com dez anos de idade, para ter certeza de que o futuro guerreiro pode dominar seu medo, em vez de permitir que o medo o domine. O instinto de qualquer homem seria correr de volta para o mesmo caminho pelo qual viera, mas ele iria encontrar somente a morte pela gosma preta ou pelo gás que queimava a pele. Kratos deu um passo para tomar impulso e pulou direto para cima, para a gaiola pendurada. O metal estava quente o suficiente para criar bolhas em seus dedos, mas o impacto fez a gaiola balançar o suficiente para que ele pudesse lançar-se para além da fogueira.

Ele parou por um momento, enquanto tentava recuperar o fôlego, mal se livrara do perigo, e olhou para trás, para o lugar de onde viera. Seus pulmões queimavam com os vapores mortais. Ele deu um solavanco quando o homem murcho dentro da gaiola se levantou do chão da jaula, onde ele havia sido enroscado e amarrado a barras, para olhar para Kratos.

– Há mais, você sabe. A parede, o óleo... é apenas o começo.

A voz estava rachada com a idade e rouca o suficiente para que Kratos pudesse acreditar que o ancião que agora se levantava tivesse respirado um pouco desse gás de vez em quando.

– Você faria melhor em escapar daqui. Você estaria nessa gaiola, se eu não tivesse chegado aqui primeiro.

Kratos agarrou as barras e ficou ereto, elevando-se sobre o frágil ancião dentro da gaiola.

– Eu não teria sido preso como um rato.

– Não? Então talvez você deva continuar em frente sem pensar. Deve haver mais armadilhas para pegar os impulsivos.

O cabelo do homem estava chamuscado, e sua roupa era tão negra quanto a fuligem dos cadáveres cremados. Ele apontou para as chamas no poço abaixo deles.

– Você estará de volta em breve, de qualquer maneira.

– Você estudou esta armadilha. Fale-me sobre ela.

Kratos olhou para o fogo abaixo e para os estranhos tubos em espiral que desapareciam nas paredes do poço. Eles realizavam algum tipo de trabalho, mas ele não sabia qual, e a falta desse conhecimento poderia ser mortal.

– Desde que cheguei aqui, há muito tempo, eu tive tempo para estudar e pensar. O calor ferve a água, e o Arquiteto usa o vapor para ativar motores de grande potência, como aqueles que Heron de Alexandria³ construiu.

– Uma eolípila? Que dispositivo ela ativa? – Kratos perguntou.

– A Anticitera,⁴ que controla todo o templo de Pandora.

– Eu já ouvi falar sobre o dispositivo de vapor, mas não dessa Anticitera. Se o fogo morrer, ela pararia de funcionar?

– Deve haver muitas fogueiras como essa – disse o resto humano carbonizado. Kratos sabia que ele mentia. – Cessar a geração de vapor aqui não significaria nada, uma vez que você atingisse as entranhas do templo.

– E como eu chego às entranhas?

– Por ali, se você for corajoso o suficiente!

O homem apontou para uma enorme porta trancada e gravada com o selo oficial de Zeus. Kratos achou que o homem disse a verdade dessa vez, mas tinha de haver mais do que isso.

– Agora que eu ajudei você, liberte-me desta jaula.

Depois de uma breve deliberação, Kratos sabia o que tinha de ser feito. Ele começou a balançar a jaula em arcos cada vez maiores para que pudesse chegar à beira do poço.

– Graças aos deuses! Serei eternamente grato a você.

– Esteja satisfeito em saber que o seu sacrifício serve ao propósito dos deuses – Kratos disse.

Os dedos do pé encontraram um ponto de apoio ao lado do poço, e ele estava de novo em pé, firme, ao lado da alavanca de controle da posição da gaiola. Ele empurrou o braço longo de madeira sobre o dispositivo de modo que a gaiola ficasse dependurada sobre o meio do poço de fogo.

– Não, você não pode fazer isso. Tudo o que eu quero é viver.

– Os deuses exigem um sacrifício vivo – Kratos disse.

Pelo que ele pôde discernir, apenas esse tributo aos deuses abriria o caminho para a próxima parte do templo.

– Por favor, não! *Por favor!*

Kratos puxou a alavanca. Abaixo, bicos de gás acenderam e enviaram ondas de calor ondulantes. O homem gritava enquanto Kratos baixava a gaiola para ser consumida pelo fogo.

– Aceite a minha oferta, Senhor Zeus – Kratos entoou – e me proteja enquanto eu sigo em frente.

Ele ignorou os gritos de agonia vindos do poço e se dirigiu para a entrada que conduzia para longe desse matadouro. A Caixa de Pandora estava quase em suas mãos.

Ele já provava o sangue de Ares.

3 Heron de Alexandria foi um sábio e engenheiro grego, o primeiro a provar o efeito da pressão do ar sobre os corpos. Ele inventou a eolípila, o primeiro motor a vapor documentado da história.

4 A Máquina de Anticítera é um artefato grego que acredita-se teria uma função de navegação e podia prever ciclos astronômicos.

–Ele realizou a oferenda para ganhar seu favorecimento, meu senhor e pai – Atena disse. – Você vai responder à sua prece?

– Kratos é insolente – Zeus passou os dedos pela barba de nuvens e desviou o olhar de Atena para a piscina de vidência. – Ele não presta a reverência adequada a mim.

Atena notou que essa não era realmente uma resposta.

– Ele pode ser insolente – Atena disse cuidadosamente –, mas sua insolência o agrada. Eu posso ver.

– Sua insolência, filha, não é agradável – disse Zeus rispidamente.

Atena viu a maneira como ele olhava para a piscina. Ela tentou não gritar de alegria. Kratos superou suas expectativas, atingindo um ponto do Templo de Pandora muito antes do que ela esperava. Havia ainda muito perigo à frente, mas ele lutou bem. Melhor ainda, ele domou sua sede de sangue, e estava pensando agora. O Arquiteto havia projetado suas armadilhas para tragar os ousados e os descuidados, mas Kratos venceu apesar disso, às vezes com grande dificuldade, e ele continuava vigorosamente na direção da Caixa de Pandora.

– Eu levarei isso em consideração. O sacrifício é agradável, depois que Ares assassinou muitos dos meus adoradores – Zeus franziu o cenho enquanto ponderava. – Kratos está mostrando o seu verdadeiro valor.

– Então, o homem enjaulado era um adepto de Ares?

Zeus não disse nada, mas Atena podia ler seu pai bem. Ares enviara um mortal para o templo para reivindicar a Caixa de Pandora. As ambições de seu irmão eram muito maiores do que ela havia considerado. Ele queria destruir Atenas, sim, mas isso só se acrescentava à prova de como sua arrogância subia até a borda do Olimpo. A Caixa daria um grande poder a um deus, mas apenas o Oráculo de Atena vira que ela também continha o segredo de como matar um deus. Ares não podia saber disso até que fosse tarde demais para ele parar Kratos. Atena temia que, apesar de toda a sua velocidade e astúcia, Kratos estivera se movendo muito lentamente através do templo.

– Seu mortal luta bem. Olhe. Vê isso? – Zeus acenou para ela a seu lado. Juntos, eles assistiram enquanto Kratos abria caminho através de uma sucessão de armadilhas mortais diabolicamente criativas. – Ele tem talento – Zeus meditou. – É uma pena a sua loucura, não é? Essas visões horríveis, é espantoso que ele as tenha suportado por tanto tempo.

– Ele espera ser libertado delas, pai. Nós conversamos sobre isso antes, você

se lembra? Você mesmo decretou que, se ele conseguisse, seus pecados seriam perdoados. E o perdão vai banir os pesadelos, não é?

Zeus acenou com a mão vagamente, agora envolvido em assistir Kratos retalhar outro batalhão de mortos-vivos, górgonas, e minotauros, primeiro com as enormes lâminas forjadas no Hades, depois com a espada dada a ele por Ártemis.

– Esse é o melhor passatempo que eu tive em eras.

– Pai, os pesadelos de Kratos. Eles vão...

– Veja, olhe lá, filha – Zeus apontou para a piscina de vidência novamente, e Atena sabia que ela não iria receber nenhuma resposta sobre Kratos.

Sobre *seu* Kratos, como ela considerava-o agora. Ela tornou-se tão absorta na batalha que se desenrolava quanto seu pai, e caiu em silêncio.

Kratos entrou por uma porta que se fechou atrás dele. Ele havia se acostumado aos aprisionamentos recorrentes do Templo de Pandora. O Arquiteto havia sido astuto em seu projeto, mas agora Kratos sentia uma raiva crescente. Enganado! Ele havia andado um círculo completo e agora estava no corredor em anel que circulava o núcleo central. Todos os seus esforços haviam sido em vão. Encolerizado, ele bateu o punho com força contra a parede interna e, retrocedeu, quando um painel deslizou, permitindo-lhe entrar em outro corredor anelado. Mas esse mostrava uma curva mais acentuada, o que significava que ele estava mais perto do centro. Sua raiva diminuiu quando percebeu que estava mais perto de completar a sua missão. Não havia outra explicação. Ele entrou pela porta, que se fechou imediatamente atrás dele.

Além de ter uma curvatura mais acentuada, esse corredor podia ser o irmão gêmeo do anel externo. Ele começou a procurar diferentes maneiras no interior para localizar a Caixa de Pandora. Ele estava perto. Ele sentia. Então sentiu *algo* mais: o chão vibrou.

Virando-se, ele viu que um cilindro enorme que se estendia de um lado a outro do corredor começou a girar, lentamente no início, e, em seguida, aumentando de velocidade. Ele rapidamente calculou que o peso e o poder total do rolo excedia a sua capacidade de detê-lo.

Kratos correu na direção contrária ao cilindro, seguindo a curvatura do corredor. Escadas em ambas as paredes acenaram para ele, mas um rápido olhar bastou para convencer Kratos de que eram armadilhas. Seus degraus permitiriam que um homem escalasse bem alto, antes que abrissem caminho para derrubar o guerreiro no chão, e ele fosse esmagado pelo rolo.

Ele percebeu que o anel no qual estava tinha de fornecer algum tipo de rota de fuga. Kratos correu, passando pelas escadas que cortavam a parede e levavam para cima. Ele arriscou saltar para o degrau inferior, enquanto o rolo se movimentava rapidamente, raspando a pele de seu braço. Ele olhou para os degraus de cima, mas não os subiu. Em vez disso, esperou, contando lentamente. Demorou um minuto para que o cilindro passasse por ele mais uma vez.

Pular de volta para o corredor e seguir o rolo não parecia ser uma saída. Se ele se cansasse por um segundo, ou tropeçasse, correria o risco de o rolo continuar em seu caminho inexorável e, eventualmente, atingir as suas costas e esmagá-lo por trás. Kratos subiu os degraus de pedra até o topo da parede. De cima, ele via que o centro continha uma grande piscina de água, mas a sua atenção estava focada em outra rota de fuga. No outro lado do corredor estendia-se uma passagem que desaparecia no coração do templo.

Alcançá-la seria difícil, pois ele julgou que o caminho pela escada,

passando pelo corredor até a passarela poderia ser uma armadilha tão traiçoeira como as outras escadas. O rolo zuniu por ele. Um sorriso surgiu em seus lábios. Kratos se preparou, esperou o cilindro passar por ele mais uma vez, e pulou em cima dele.

A pedra girando abaixo de suas sandálias obrigou-o a ajustar sua marcha para combinar a sua velocidade com a do rolo. Enquanto atravessava a circunferência completa do anel, Kratos deslizou para o outro lado do cilindro e, quando viu uma passarela em cima dele, saltou. Suas pernas poderosas impeliram-no para a frente, mas, ainda assim, ele errou o alvo. Freneticamente, ele alcançou a borda de outra escada e ele estava correto em seu julgamento prévio. Uma armadilha. A escada desabou sob seu peso. Ele alcançou o cabo de uma das Lâminas do Caos e lançou-a, de modo que sua ponta curvada se prendeu a uma pedra sólida. Ele caiu alguns metros, pendurado pela corrente fundida em seu pulso. Com um chute, ele bateu seus pés contra a parede, inclinou-se para trás e começou a caminhar na vertical. Então ele viu que o rolo retornava, mais rápido agora. Com um empurrão forte, Kratos se impulsionou para a passarela no momento em que o cilindro passou por ele. Ele escapou de ser esmagado por uma fração de segundo.

Ele correu ao longo da passarela, fazendo uma curva que adentrava em um túnel e, depois, em uma longa escadaria. Um sopro de ar alertou Kratos de que ele estava saindo do templo. Ele diminuiu a velocidade e parou, pensando se teria algo que demonstrasse a forma adequada de chegar ao âmago do templo, longe dos anéis concêntricos atrás dele. Então toda a chance de retroceder desapareceu. Dos degraus acima veio um rugido ensurdecedor. Delineado contra a luz pálida, estava um legionário amaldiçoado, sua espada zunindo no ar. Fugir dele seria um anátema para Kratos.

Ele investiu, subindo os degraus; as Lâminas do Caos teciam uma terrível cortina de morte na frente dele. Suas lâminas bateram na espada longa empunhada pelo legionário morto-vivo e ricochetearam. Kratos desviou para o lado, para evitar que um prego na ombreira da criatura perfurasse seu peito, quando o legionário se virou.

O monstro expeliu gritos horrendos enquanto retomava o seu ataque. Kratos lutou furiosamente, empurrando lentamente a criatura para a luz do dia. A ampla área em que estavam agora era totalmente aberta e vazia, a não ser por uma enorme caixa que se elevava atrás da cabeça do guerreiro amaldiçoado. O coração de Kratos quase diminuiu uma batida. Poderia ser essa a Caixa de Pandora? Redobrando seus esforços, ele forçou a criatura a recuar, mas o legionário era um adversário valente, inteligente, rápido e mortal, o que Kratos descobriu quando a criatura quase talhou a sua perna; o golpe foi parado pela greva e derrubou-o no chão.

O golpe encaixou a borda irregular da espada no bronze da armadura de

Kratos, mas também deu ao espartano uma chance de chutar, torcer e pisar com força contra a lâmina. Ele desalojou a espada das mãos do guerreiro. Com a espada ainda presa em sua greva, Kratos girou e ficou de pé a tempo de usar suas lâminas contra um ataque furioso de punhos ósseos e cotovelos blindados. Os pregos em cada cotovelo poderiam ter estripado o Fantasma de Esparta, mas uma volta rápida fez com que seus golpes não o acertassem completamente, deixando apenas uma sangrenta cicatriz em seu ventre.

O legionário tentou desequilibrar Kratos para recuperar a sua espada, mas não teve chance. Kratos abandonou a sua espada e decidiu usar seus punhos para socar a criatura, deixando-a de joelhos. Essa era a abertura de que ele precisava. Evitando os pregos nos ombros e cotovelos, Kratos ficou atrás do legionário amaldiçoado e segurou seu queixo e cabeça, protegida com um capacete. Uma poderosa força quebrou o pescoço do morto-vivo. Kratos se abaixou e retirou a espada da criatura, ainda agarrada à sua armadura. Ele jogou-a de lado, mas a armadura pesada que vestia parecia melhor do que a que havia improvisado rústicamente, usado e descartado em Atenas. Kratos raspou o sangue seco e as crostas de ferida em sua carne nua, demorando-se apenas na tatuagem vermelha que marcava a sua posição como um líder espartano. Trevas ameaçaram-no de novo. Kratos se recusou a permitir que as memórias o inundassem novamente, embora tivesse pouco controle, sua força de vontade impediu-o de cair em profunda depressão e vivenciar os pesadelos assustadores. Ele vestiu a armadura de bronze do morto-vivo caído e descobriu que ela chegava mais perto de se encaixar em seu corpo poderoso que a maioria das proteções que não haviam sido especificamente forjadas para ele. Só então ele voltou-se para examinar a caixa enorme, duas vezes maior que a sua altura.

– Pelos deuses, será ela? – Kratos colocou a mão contra o lado sem adorno, pensando em como tão potente artefato irradiaria a sua energia. Ele não sentiu nada. Saltando, ele segurou na beirada e se lançou para a parte superior. Um ferrolho simples se abriu e ele olhou para uma caixa vazia. Antes que ele pudesse amaldiçoar os deuses por sua perversidade em dar-lhe esperança e depois frustrá-lo, uma flecha flamejante ricocheteou em sua recém-adquirida armadura de bronze, abalando seu equilíbrio. Ele lutou para manter-se de pé, em seguida, viu uma boa razão para continuar a sua queda. Ele caiu atrás da caixa um instante antes de mais de uma dúzia de flechas flamejantes preencherem o espaço onde estava.

Pequenas explosões abalavam as rochas onde as flechas impactavam o solo. Kratos olhou para uma depressão em sua nova armadura e viu que uma fecha quase a penetrara.

O legionário amaldiçoado tinha o apoio de um esquadrão de arqueiros amaldiçoados.

Kratos arriscou um olhar rápido ao lado da caixa enorme e viu seis

arqueiros na borda mais alta ao longo do caminho que levava em direção à montanha.

– Para frente – ele murmurou. – Nunca recuar, por Zeus!

Kratos ficou atrás da caixa, apoiou os pés no chão e empurrou com toda a sua força. A caixa rangeu por alguns centímetros, quase parada; em seguida, rendeu-se à pressão constante. Ela começou a deslizar mais rápido. Ele sentiu o impacto de flecha após flecha contra o outro lado da caixa. Cada batida causava uma pequena explosão. Se estivesse sem proteção, certamente estaria morto.

Kratos empurrou mais rápido, deixando a caixa perto da borda de onde os arqueiros mortos-vivos disparavam contra ele. Quando ele chegou à parte inferior da beirada, descobriu que tinha apenas um pequeno espaço seguro atrás da caixa para ficar em pé. Mas o Fantasma de Esparta não se levantou. Ele sacou as Lâminas do Caos e arremessou a da mão direita por toda a extensão de sua corrente, controlando-a com o pulso.

A lâmina não feriu o arqueiro, mas fez com que ele virasse ligeiramente e soltasse sua flecha na frente dos outros. Isso forçou os outros a errarem o alvo. Com todos tendo de sacar novas flechas simultaneamente, Kratos ganhou um instante para atacar. O que ele fez. Usando suas lâminas como ganchos de escalada, subiu na lateral da caixa e depois saltou para o topo, onde girou as correntes em um círculo furioso. As lâminas ferozes cortaram pernas e braços descuidados. Depois, ele começou um ataque mais dirigido.

Dois dos arqueiros amaldiçoados caíram. E um terceiro. Os remanescentes dispararam suas flechas mortais a poucos metros de distância. A primeira flecha bateu em sua armadura e detonou, arremessando-o longe. Ele aterrizou com força e patinou. Outro arqueiro atirou e errou. De sua posição, Kratos não podia lançar suas Lâminas do Caos ou fugir das flechas por muito mais tempo.

Ele alcançou as suas costas e sacou a cabeça da Medusa. O brilho explodiu dos olhos da Górgona, paralisando os arqueiros restantes e transformando-os momentaneamente em pedra. Kratos sabia que tinha apenas alguns segundos. Ele pôs-se de pé e girou as correntes em um círculo furioso. Ele sentiu suas lâminas baterem repetidamente enquanto rodopiavam; então se apoiou em um joelho, afastou as espadas, e deu uma olhada experiente no campo de batalha. Ele vira tal carnificina antes, muitas vezes, talvez com demasiada frequência.

Seus inimigos estavam espalhados, os braços de um lado e as pernas do outro.

Uma cabeça decepada estava a poucos metros de distância. Dois dos arcos dos arqueiros amaldiçoados haviam sido cortados como lenha. Kratos havia sobrevivido.

O Fantasma de Esparta correu através da estrada esculpida cruelmente na lateral do corpo de Cronos. O rochoso caminho rapidamente se transformou em um túnel que conduzia à encosta da montanha, e Kratos viu a sua passagem bloqueada por um guerreiro minotauro. A criatura levantou o martelo de guerra, fixado onde a sua mão esquerda deveria estar, e bateu ameaçadoramente no chão. As reverberações passaram pela rocha até as pernas de Kratos, dando-lhe uma sensação de fraqueza nos joelhos.

– Você vai morrer se tentar me parar – Kratos não falou isso para intimidar o guerreiro minotauro; nada além da morte poderia ter esse efeito.

Em vez disso, Kratos ouviu os ecos de sua voz, avaliando o tamanho do cômodo atrás da enorme criatura que ameaçava bater em sua cabeça até a transformar em pasta, se ele tolamente tentasse avançar.

Ele ampliou sua postura e esperou pelo inevitável. O minotauro se apressou em sua direção. Kratos abaixou a cabeça, mas o minotauro foi mais rápido do que ele esperava e girou para trás dele. Com um salto, a criatura foi para o ar e apontou seu martelo diretamente para a cabeça do espartano, enquanto despencava.

Kratos deu um salto mortal para a frente, e a marreta pesada passou perto de seu crânio. Ele talhou a criatura com as lâminas enquanto ela passava, mas infligiu apenas ferimentos superficiais. Ele se virou e a encarou; como antes, o guerreiro minotauro provou ser mais agressivo do que o usual – e os homens-touro em geral eram combatentes tenazes e temíveis em batalha. Evitando o golpe do martelo, Kratos mirava em qualquer alvo minúsculo que o minotauro deixasse sem proteção. Um pulso. A parte de trás de um joelho. As costelas. Um golpe de Kratos atingiu um chifre preto como ébano e causou uma rápida inclinação da cabeça. Não importava o quanto Kratos lutasse, ele não conseguia desferir um golpe mortal.

Eles se moviam para frente e para trás, rolando, saltando e se esquivando. Aos poucos ele enfraqueceu o touro. Ele se esquivou de outro golpe do pesado martelo, pensando em escorregar para trás da guarda da criatura e cravar uma lâmina em seu intestino. Em vez disso, Kratos levou uma chifrada em seu braço. O sangue jorrou e a sua mão direita ficou dormente. As Lâminas do Caos deslizaram de suas mãos, deixando-o indefeso.

Acreditando que essa era sua chance de acabar com a luta, o minotauro investiu, de cabeça baixa. O homem-touro percebeu que Kratos talvez não empunhasse as espadas forjadas no Hades, mas isso não significava que ele estava desarmado. Kratos evitou o ataque e envolveu seu braço esquerdo em volta do pescoço do touro. O minotauro tentou se erguer, balançou sua cabeça, e tentou atirar Kratos para o lado. Severamente, Kratos aguentou todas as investidas, sua mão encontrando um chifre ímpio. Ele jogou o braço direito sobre

o ombro inclinado do minotauro e puxou com força. Seu primeiro esforço só enfureceu a criatura.

Longe de estar ferido, ele ainda tentou esmagá-lo com seu martelo. O esforço só fez o minotauro avariar a si mesmo. Kratos deixou o golpe do martelo de guerra encontrar o ombro da criatura e segurou a arma com sua outra mão. Agora, ambas as mãos eram funcionais. Com o braço direito em torno da garganta musculosa do touro, ele soltou o martelo e agarrou o chifre com mais força, arqueando suas costas para trás, em um esforço extremo.

– Pelos deuses, morra, morra, morra!

Kratos girou pelo ar e bateu contra uma parede distante. Ele ficou em pé, atordoado, mas pronto para continuar a luta. Mas não havia necessidade. Ele havia quebrado o pescoço do homem-touro com as próprias mãos. A criatura imensa estava deitada no chão, grunhindo deploravelmente em seus últimos momentos, antes de finalmente sucumbir à morte.

Ofegante, Kratos passou por cima do cadáver e entrou na câmara. Ele olhou em volta, mas viu apenas uma outra saída, além do portal por onde havia entrado. Uma porta circular marcada com o tridente de Poseidon zombava dele. Kratos a empurrou. Ela não se moveu. Ele tentou rolá-la para o lado. Nenhum movimento. Então, ele deslizou os dedos por debaixo da porta de pedra e levantou-a. A porta subiu vagarosamente até que Kratos a manteve aberta até a altura de sua cintura. Soltando um grunhido para coordenar sua força, ele empurrou a porta para cima. Kratos rolou para a frente e a porta bateu de volta no lugar. Não havia nenhuma maneira de abri-la desse lado, uma vez que a porta tinha um entalhe de proteção, que a impedia de ser agarrada.

Ele não se importou. Seu caminho estava à frente.

Correndo pelo estreito túnel esculpido em profundidade na montanha, ele logo viu que a única luz vinha dos braseiros na extremidade da câmara.

Quando entrou na sala grande, o brilho instantaneamente floresceu em um clarão ofuscante, mais brilhante que a Carruagem de Hélios ao meio-dia. Kratos protegeu os olhos com um braço até o brilho desaparecer o suficiente para que pudesse suportar olhar para a câmara. Imediatamente à frente havia uma porta grandiosa com o selo de Poseidon cravada nela. Na frente da insígnia brilhava um feixe de luz em meio a uma pedra.

– O tridente de Poseidon – Kratos disse, olhando em volta enquanto avançava.

Sua cautela salvou sua vida, conforme raios vermelhos varreram o quarto, compelindo-o para longe do tridente. Ao final de uma cambalhota, ele ficou de pé e encarou um espectro.

Ele alcançou suas costas para sacar as Lâminas do Caos, mas, em vez disso, acabou com a arma dada por Ártemis em suas mãos, com sua lâmina larga posicionada lateralmente, refletindo os raios vermelhos. Tudo tocado pela luz refletida do fantasma chamuscava. Sua carne ferveria de seus ossos se ele permanecesse olhando para a criatura por mais que um instante.

Ele atacou com um grito de guerra capaz de congelar o sangue de qualquer inimigo.

O espectro se contorceu, a névoa negra translúcida que compreendia a parte inferior de seu corpo arrastava-se atrás dele enquanto se movia. Kratos balançou a Espada de Ártemis no local onde o fantasma deveria estar, mas não onde realmente estava. A criatura emitiu um grito ensurdecedor de pura dor quando a espada da deusa cortou através da névoa de tinta que havia no lugar de suas pernas.

Das profundezas dos olhos do fantasma brilhou a luz carmesim apavorante mais uma vez. Kratos girou, segurando a Espada de Ártemis no maior diâmetro possível. A lâmina pesada, de difícil manuseio, se tornou mais fina e se contorceu como uma cobra, enquanto, ao mesmo tempo, permanecia dura como metal. A ponta acertou o braço do espectro profundamente, fazendo com que a criatura gemesse de forma ainda mais fina e aguda, em plena agonia. Arrancando a espada da carne do fantasma, Kratos passou por debaixo de seu adversário. O fantasma desabou suspenso no ar e tentou evitar o seu golpe final.

A Espada de Ártemis cortou o fantasma ao meio. Antes que os pedaços pudessem flutuar, Kratos movimentou a espada novamente e dividiu-os em partes ainda menores. Em seguida, um redemoinho de névoa *pulou* para a inexistência. Kratos olhou para a espada azul brilhante que empunhava e soube que essa era uma potente arma contra os inimigos tanto substanciais quanto etéreos. Ela lhe serviria bem na batalha contra Ares.

Ele lançou um olhar rápido em torno da sala, mas não viu nada. Ele foi examinar o tridente encrustado no chão. O metal brilhante do eixo levou-o a apertar os olhos. Ele o tocou, esperando que alguma defesa o repelisse. Sua mão repousou no metal frio. Segurando-o, tentou puxá-lo para fora da rocha. A força que havia levantado as imensas portas de pedra não conseguiu tirar o tridente da rocha. Mesmo depois de posicionar seus pés um de cada lado e puxar com toda a sua força, o tridente não se moveu. Kratos soltou-o e continuou a explorar. O altar de Poseidon consistia em mais do que o selo enorme e o tridente. À direita, havia uma plataforma de pedra. Kratos avaliou o seu tamanho e andou o perímetro da sala, encontrando uma caixa escondida atrás de uma coluna que se ajustava perfeitamente ao contorno da plataforma de pedra.

Kratos passou para o outro lado da caixa, abaixou-se e empurrou. A caixa deslizou facilmente pelo chão, mais e mais rápido, em direção à plataforma de

pedra perto do altar. Com um empurrão final, ele enviou a caixa deslizando sobre a plataforma de pedra. Uma brilhante luz amarela banhou a caixa por um momento, então seu peso fez o chão afundar sob ela.

Kratos foi até o tridente e agarrou-o novamente. Ele puxou lentamente e, dessa vez, a peça deslizou da pedra, como se não fosse nada além de uma faca em um pedaço de queijo. Kratos, triunfante, segurou o tridente no ar e olhou para ele por um momento, então escorregou-o por trás das costas, onde repousou magicamente com os outros dons que recebeu dos deuses. Ele levantou sua mão direita e olhou para a cicatriz branca. Zeus o havia abençoado. Seus olhos subiram para o santuário de Poseidon, mas Kratos não tinha nenhum motivo para acreditar que o tridente da pedra havia sido outro presente do Deus do Oceano.

– Obrigado, Senhor Zeus – disse ele. Em uma voz mais suave, no entanto, ele acrescentou – obrigado, Senhora Atena.

Mas ele se perguntou se estar grato realmente seria adequado. Havia muitos perigos à frente. Kratos estendeu seus músculos doloridos, tensionou-os e relaxou-os para se preparar para o próximo desafio, fosse ele qual fosse.

Kratos se dirigiu para a roda de pedra circular com o selo de Poseidon e colocou suas mãos sobre ele. Nenhum esforço foi capaz de movê-lo. Ele usou as Lâminas do Caos, mas elas estalavam inofensivamente soltando faíscas azuis pela câmara em volta dele. Assim que ele começou a questionar se os deuses o protegiam ao menos um pouco, pegou o tridente de trás dos seus ombros. Ao nível de seus olhos, ele viu três pequenos buracos. Inclinando-se para frente, empurrou as pontas do tridente nos furos profundos e espaçados de forma exata.

O portal enorme abriu-se com facilidade. Ele retirou o tridente, e o portal imediatamente começou a se fechar. Ele abaixou-se sob a porta pesada e correu para a margem de uma piscina circular que estava atrás da porta. Nada mais poderia sair do quarto anterior, e Kratos sabia que a porta não se abriria por esse lado. Todo o caminho no Templo de Pandora se tornara um único caminho: para a frente.

Dessa vez, sua estrada só podia conduzi-lo para dentro da água cristalina da piscina. Ele ajoelhou-se e, em primeiro lugar, lavou o sangue que havia acumulado de suas muitas lutas, sombriamente satisfeito que a maior parte dele não vinha de si próprio. Ele se esticou e se flexionou novamente para avaliar se estava em completa capacidade de lutar. Muitas foram as vezes em que havia ido para a batalha em piores condições. Mas uma coisa o preocupou, quando ele mergulhou sua cabeça por baixo da superfície da água, e se esforçou para encontrar o fundo do poço. Nenhum homem poderia segurar a respiração tempo suficiente para chegar ao fundo, aparentemente ilimitado. Tudo o que ele podia fazer era explorar até chegar ao limite de sua capacidade pulmonar e, em seguida, avaliar a situação.

Ele sugou uma quantidade enorme de ar e, em seguida, mergulhou na água fria. Ele nadou para baixo, em movimentos largos, que o transportam cada vez mais profundamente. Uma luz fraca brilhava ao redor, permitindo que ele visse que as paredes do poço estavam gravadas com os mesmos símbolos misteriosos que vira ao longo de toda a sua jornada até então. Mais uma vez ele se perguntou se decifrá-los levaria a uma passagem mais fácil através das armadilhas no Templo de Pandora.

Ele nadou ainda mais profundamente, até encontrar um túnel enorme que se encurvava longe de sua posição na piscina. Seus pulmões estavam começando a queimar um pouco. Ele soltou algumas bolhas que se formavam em suas narinas, deu uma arrancada e nadou rápido em direção à superfície distante. Kratos tentou estimar suas chances de continuar, com seus pulmões queimando cada vez mais pela falta de ar. Essa era uma decisão a ser tomada enquanto estivesse respirando gratamente o ar lá acima. Enquanto subia, percebeu que barras de ferro saíam das laterais do poço, fechando o seu diâmetro de passagem inteiramente. Ele acelerou, tentando passar pelas barras antes que elas prendessem-no debaixo d'água.

Ele falhou. Na hora que ele atingiu as barras, elas haviam trancado ambos os lados do poço, deixando pequenos quadrados de abertura entre elas. Ele tentou uma arrancada para passar pelas aberturas. Suas mãos romperam a superfície da água, mas isso não o ajudou. Ele respirava pelo nariz, e não pelas pontas dos dedos! Tensionando-se, ele aplicou seu ombro nas barras, mas elas se recusaram a ceder. Kratos moveu-se para agarrar a borda do poço e ganhar mais impulso. Mais uma vez ele falhou. As barras de ferro eram indiferentes a sua força.

Seus pulmões pareciam bexigas prontas para estourar. Ele soltou mais bolhas e viu como elas zombeteiramente explodiram logo acima de sua cabeça. As barras foram maleficamente colocadas para permitir ao nadador a promessa de segurança e, depois, negar terra firme por meros centímetros.

Ele sacou as Lâminas do Caos e levou-as a girar em torno d'água. Mais bolhas foram liberadas de seus pulmões, o que não ajudou a aliviar a pressão crescente que ele sentia. Sua visão turvou, e um rugido do oceano soou em seus ouvidos.

O rugido do oceano. O Deus do Mar. Poseidon.

O tridente de Poseidon!

Perto de sucumbir e inspirar água em seus pulmões, Kratos tateou por detrás dos ombros até que seus dedos sentiram o frio punho do tridente. Ele empunhou-o, pensando em usá-lo contra as barras de ferro. Seu fôlego explodiu de seus pulmões, e a morte corria para dentro sob a forma de água, destinada a afogá-lo.

Ele sentiu a investida da água clara em seus pulmões e o desconforto que vivenciava desapareceu. Sua visão voltou, possivelmente mais acentuada do que antes e não ofuscada pela água refratada. Ele sentiu seus pulmões se movendo de forma ritmada, inspirando e expelindo a água como se fosse um peixe. Ou o próprio Deus do Mar.

O tridente lhe permitiu tornar-se um habitante do reino subaquático. Ele deu um impulso, empurrou e tentou deslocar as barras de sua posição, sem sucesso. Como tinha sido com os outros portais, uma vez fechado, ele não poderia voltar a se abrir, mas, com o tridente de Poseidon nas mãos, ele teria como proceder. Girando na água, ele se dirigiu para baixo. Kratos chutou com força e nadou em direção à parte inferior, seguindo a curvatura do túnel inundado tão facilmente quanto se suas sandálias andassem em terra firme.

Movimentos vigorosos o conduziram pelo túnel até que ele chegou a outro poço. Ele parou no fundo, olhando para o alto. Uma pernada enviou-o em disparada para cima. Ele rebentou da água e pousou em um piso azulejado. Ao ficar de pé, pensou que fosse sufocar com o ar, agora que seus pulmões haviam se adaptado a respirar água. Quando ele guardou o tridente, tossiu, colocou um bocado de água para fora e então respirou o ar novamente.

– É isso o que é ser um deus? – Kratos se perguntou em voz alta.

Ele não tinha certeza de que queria usar o tridente de novo, mas sabia que não teria escolha, se fosse necessário para atingir seu objetivo. Essa câmara era pequena, pouco mais que uma antessala. Ele foi para o outro lado da sala, onde uma fenda estreita abria-se em um tipo de escorregador. Kratos ouviu barulhos estranhos, quase que gorjeios, misturados ao eco murmurante da água abaixo. Um teste rápido do piso inclinado confirmou sua suspeita. Se ele pisasse na inclinação, a superfície viscosa tornaria o retorno para a câmara impossível. Contudo, isso não era diferente de qualquer outra passagem dentro do templo.

Mas e os sons? Eles atraíam e repeliam Kratos ao mesmo tempo. Não eram canções de sereias. Outra coisa o aguardava.

Kratos avançou e escorregou para baixo. Ele aterrizou com força; em seguida, ajeitou o corpo, depois de ter despencado. Ele caiu na água e foi completamente engolido uma vez mais.

Os gritos de caça das náiades encheram seus ouvidos. Em seguida, elas atacaram.

Elas eram tão transparentes quanto águas-vivas e moviam-se com a mesma graça confortável e sinuosa através da água. Kratos agarrou o tridente e se preparou para o ataque das náiades. Cada ondulação carregava as criaturas brilhantes em um amplo círculo em volta dele, um pouco além de seu alcance. Uma nadou graciosamente para mais perto e acenou para ele. Kratos iria começar a golpeá-la com o tridente, mas se conteve, incerto de que tipo de ameaça a náiade poderia representar, uma vez que não parecia estar armada. Ainda assim, como uma água-viva, ela poderia ter ferrões que poderiam liberar um doloroso, ou imediatamente fatal, veneno. Sua música encheu seus ouvidos. Ele não podia deixar de compará-la à canção das sereias do deserto, e percebeu o quão diferente era esse som. A náiade mais próxima nadou para um pouco mais perto, uma mão com dedos longos estendida para ele. Todo o seu treinamento, os anos como assassino de Ares, os anos de serviços prestados aos deuses, tudo em seu ser evidenciava morte e sangue. Um movimento simples do tridente iria acabar com a vida dessa criatura adorável.

Kratos baixou o tridente e estendeu a mão para a náiade, que flutuava perto dele. Apesar de seu fino, quase amorfo, corpo aerodinâmico, perfeitamente adaptado a uma existência subaquática, ele viu tênues curvas sedutoras que sugeriam que a náiade era fêmea. Ele baixou o tridente ainda mais e estendeu a mão. Seus dedos roçaram-na. Kratos foi atirado para trás como se tivesse sido esfaqueado, mas não havia dor, somente a mágoa em sua mente e em sua memória. O toque era leve e encantador, nem um pouco doloroso.

A náiade estendeu os braços. Deixando de lado sua desconfiança inata, Kratos arrancou sua armadura de bronze pesada e levou a criatura elegante em seus braços, para que seus corpos se comprimissem intimamente. Ele a beijou e, no fundo de sua mente, ouviu:

– Você veio finalmente. Liberte-nos desta prisão de água e deixe-nos nadar livres nos oceanos, mais uma vez.

– Como?

– Remova a Caixa de Pandora do templo e seremos livres. Nós vamos nadar os mares mais uma vez e honrá-lo como nosso salvador, se você fizer isso.

Kratos riu. O som da risada subaquática era esquisito e estranhamente musical aos seus ouvidos. Satisfazia a náiade, que sorriu e comprimiu seu corpo ainda mais contra o dele. Eles se beijaram novamente, e, dentro de sua mente, ele ouviu:

– Pressione a alavanca, suba as escadas, mas não para a parte superior. Vá pela água para a esquerda e você será capaz de nos libertar.

– O que mais?

Kratos beijou a náíade novamente e sentiu tanto um estímulo carnal quanto uma paz curiosa assentarem-se sobre ele. Ele poderia permanecer para sempre nesse mundo subaquático com elas, com ela.

– Para o centro dos Anéis de Pandora, nade mais uma vez e entre no Hades.

A náíade estremeceu em seu abraço quando ela comunicou essas palavras a ele, então ela deu uma sacudidela em sua cauda e nadou para longe. Não importava como o tridente podia ajudá-lo debaixo d'água, não importava o quão forte ele fosse, Kratos sabia que nunca poderia alcançar a náíade que desaparecia rapidamente. Faltava-lhe a destreza e esse não era o seu mundo.

Permanecer ali com a náíade não era sua missão.

– Qual é o seu nome? Diga-me seu nome! – Suas palavras borbulharam, mas nenhuma resposta flutuou de volta na corrente para ele. Mais uma vez, ele se viu sozinho. Sozinho.

Com chutes poderosos que agora pareciam insignificantes se comparados com os da náíade, ele nadou até localizar a boca de um poço acima. Ele emergiu e viu uma enorme estátua em honra à esposa de Poseidon no alto, mas, mais do que isso, uma alavanca sobre um pedestal, no outro lado da sala, chamou a sua atenção. A náíade tinha lhe falado sobre escadas, mas ele não viu nenhuma. A alavanca poderia ser a resposta para essa ausência. Ele foi até ela, aplicou uma quantidade considerável de pressão, e ficou maravilhado com a sensação de trabalhar no ar novamente, em vez de lutar contra ou usar a resistência eterna da água ao redor de seu corpo. A alavanca rachou, e um som ensurdecedor de pancadas preencheu a imensa câmara. Degraus feitos da melhor jade elevaram-se do interior do quarto e guiavam diretamente para a estátua, o santuário de Anfitrite.

Kratos saltou sobre a piscina e subiu os degraus, depois abrandou o passo e olhou à esquerda da escada, para dentro da água. A náíade tinha lhe dito para pular na piscina nesse momento. Kratos lambeu seus lábios, sentiu o gosto de sal e a memória da boca da náíade. Fazia muito, mas muito tempo, que ele não confiava em ninguém. Por que ele deveria acreditar em uma criatura subaquática que poderia conduzi-lo para a ruína?

Ele decidiu mergulhar e atravessou a água pela esquerda, não se importando em usar o tridente. Várias pernas rápidas levaram-no para o outro lado da piscina, onde havia uma gaiola. Sem hesitar, ele nadou para dentro do dispositivo e escutou os ruídos tinindo em seu redor, quando começou a ascender ligeiramente; a gaiola o elevou para cima da água mais uma vez. A sala parecia familiar, e quando ele olhou através do portal aberto, o rolo de pedra pesado

retumbou no corredor circular. A náíade havia dito que ele deveria voltar para os Anéis de Pandora. Que só podia significar os corredores anulares. Kratos agradeceu silenciosamente à náíade.

Kratos ficou imediatamente preso, mais uma vez, em frente ao rolo, que girou e ameaçou esmagar a vida de seus ossos. Ele correu um pouco à frente do rolo, encontrou os degraus que levavam para cima e, dessa vez, quando chegou ao topo não olhou para o corredor, mas para dentro do núcleo aquoso. Antes ele não tinha visto o fundo da piscina, o que o havia estimulado a ir na direção oposta, mas agora possuía o tridente de Poseidon.

A náíade o tinha dito para mergulhar. Tomando o tridente na mão, ele submergiu na água e deixou que a corrente forte o conduzisse sempre para baixo, até alcançar uma porta marcada com um crânio. Bater ferozmente na estrutura não produziu nenhum resultado. Kratos afastou-se e nadou alguma distância em um canal de travessia, à caça de um caminho diferente. Ele logo se encontrou no fundo de um poço novo. A luz acima tremeluzia e dançava como se os fogos do Hades queimassem lá.

Novamente, a náíade tinha dito a verdade. Agora Kratos acrescentou um motivo a mais para obter a Caixa de Pandora: parar a destruição de Atenas, matar o Deus da Guerra e libertar a náíade e todas as suas irmãs, para que pudessem nadar sem restrições nos mares novamente, depois de um milênio de aprisionamento.

Ele deu mais duas braçadas e atirou-se para fora da piscina, apoiou-se na borda, e virou-se para a abertura por onde vinham o calor e a luz intensa de lava escorrendo em bicas de pedra. Kratos se dirigiu ao portal e rapidamente avaliou toda a sala imensa. O teto arqueava a mais de uma centena de metros, com drenos de lava despejando as aquecidas rochas fundidas e nocivas respingando a seis metros acima de sua cabeça. Na extrema esquerda, erguia-se uma estátua em homenagem ao Senhor Hades, mas, à direita, ele viu um dispositivo mais curioso: uma balista montada sob uma passarela. Kratos encontrou uma escada, subiu e caminhou até uma alavanca de fogo. Num impulso, ele acionou a alavanca, sentiu a passarela tremer debaixo de seus pés, e então uma enorme bola de fogo explodiu ao colidir com o centro da estátua.

Kratos agarrou suas armas quando viu um iluminado círculo giratório aparecer no chão, na base da estátua. As gravações que o tinham atormentado desde que ele entrou no Templo de Pandora pulsaram com luz azul, e, movendo-se para a arena, entre a passarela e o círculo giratório, vieram quatro centauros, cada um armado com uma lança.

As Lâminas do Caos estavam confortáveis em suas mãos, mas ele sabia instintivamente que uma arma mais potente seria necessária. A Espada de Ártemis sussurrou e brilhou em seus punhos. Com um salto longo, ele caiu

agachado próximo aos centauros. Kratos reagiu imediatamente ao seu ataque, balançando a Espada de Ártemis para cortar as pernas do centauro líder. Um rápido movimento circular cortou a cabeça do monstro e fez uma chama azul ardente irromper em um dos pontos cardeais no padrão circular no chão.

Ele capotou, rolou para o lado e esquivou-se de outra das criaturas geradas pelo Hades. Ele se levantou, balançando a arma que Ártemis lhe havia concedido com cutiladas poderosas que mantinham os três centauros restantes acuados. Mas esse não era o feitiço do Fantasma de Esparta. Defender era morrer. Ele atacou. Com um grito louco, Kratos correu para frente, desferindo golpes de lâmina exatos e perigosos. Ele derrubou outro homem-cavalo, pulou em cima de seu corpo caído e cravou a espada em sua garganta. Um novo e diferente ponto de luz resplandeceu no padrão circular, o segundo antípoda ao primeiro.

Os dois centauros remanescentes provaram-se mais cautelosos, ou menos confiantes, do que seus companheiros mortos, mas essa precaução não os salvaria dos ataques de Kratos, que girava, cortava e rasgava com a lâmina de fogo azul mágico. Quando ele enviou os dois centauros de volta para o Hades e iluminou os pontos finais sobre o anel giratório no chão, ouviu um barulho estrondoso. Portas de pedra se abriram para revelar mais um corredor iluminado com a luz vermelho-alaranjada do inferno.

Um sentimento de urgência o compelia agora. Ele correu para as portas e, atravessando-as, não se preocupou em olhar para trás enquanto elas colidiam e se fechavam. O túnel era estreito, e ele rapidamente encontrou mais dispositivos do Arquitecto: alçapões no chão começaram a se abrir para mostrar poços de lava sulfurosa, antes de se fecharem com um estalido. Ele saltou essas armadilhas, só para encontrar-se quase empalado por dardos que irromperam das paredes.

Kratos riu sem humor. Ele havia resistido a coisa muito pior para chegar a esse ponto. A ele não seria negada a Caixa de Pandora. Ele mataria o Deus da Guerra e teria seus pesadelos apagados pelos deuses para sempre.

Ele correu pelos corredores sinuosos, assassinando espectros e matando legionários amaldiçoados, dificilmente desacelerando sua corrida desenfreada. Pela sua intuição, ele sabia que sua missão estava quase acabando. Apenas uma câmara a mais, outro adversário para exterminar e a Caixa de Pandora seria seu prêmio.

O corredor levava a uma passarela, à metade do caminho para o teto abobadado, permitindo-lhe olhar para trás e visualizar o local onde havia disparado a bala no peito da estátua. Mas Kratos olhou para baixo e viu, saindo do poço de lava, uma cabeça, uma cabeça com chifres. Em seguida vieram os ombros e os braços cruzados feitos de um metal negro e opaco. Ele lançou as Lâminas do Caos, quando uma nova estátua do Senhor Hades subiu até a passarela, seu pescoço na altura certa para que ele saltasse sobre o monumento.

Kratos reuniu suas forças e saltou para tão longe quanto podia, e quase não alcançou a borda do ombro da estátua. Ele jogou os pés para a frente, balançando-se para tomar impulso, e rolou para a passarela.

Uma alça se salientava ao lado do pescoço. Como um marinheiro girando um molinete, Kratos empurrou-a, girando a cabeça da estátua lentamente. Enquanto a rotacionava, a boca da estátua se abria e um feixe de luz amarela ofuscante atravessava a enorme sala. Kratos viu que a luz atingiu o outro lado sem efeito. Ele continuou pressionando a manivela, até que cabeça mudou de ângulo e o feixe brilhou totalmente em uma estátua queimada na outra extremidade da câmara.

O local queimado começou a incandescer até se tornar um laranja efervescente. Depois, vermelho. Kratos levantou o braço para proteger os olhos quando a cor mudou para branco. Mesmo a essa distância, o calor foi suficiente para fazer o suor adornar seu peito. Com uma lufada contaminada com o cheiro de metal derretido, o peito da estátua se abriu.

Kratos voltou ao chão e imediatamente enfrentou outra armadilha diabólica do Arquiteto. Bolas de rocha fundida foram vomitadas da abertura no peito, por onde ele deveria passar. O calor ameaçou chamuscar a sua pele branca como osso, mas ele não reduziu a velocidade. Fazer isso significaria a sua morte.

Com os pés batendo contra o chão, ele correu tão rápido quanto podia, esquivando-se das esferas mortais enquanto elas tombavam. A menos de quinze metros do túnel, uma porta estampada com o rosto de Hades sorrindo maliciosamente se definiu na parede. Rolando e mergulhando, ele cruzou a trilha intermitente cheia de morte fundida e agarrou a parte inferior da porta. Da sua direita, veio outra pedra, tropejando diretamente contra ele. Com um puxão convulsivo, Kratos levantou a porta e rolou sob ela uma fração de segundo antes de a rocha esmagá-lo e queimá-lo.

O túnel se estendia diante dele. A passos largos e seguros, ele partiu. Ele voltou ao piso da grande câmara, onde a rocha fundida escorria das paredes e iluminava o ambiente com um brilho estranho, mais adequado ao submundo do que a um templo. Seu aspecto era medonho, mas na outra extremidade da sala, guardando o caminho a seguir, ele viu o que devia ser a criatura mais mortal que ele já enfrentara. Blindado como um soldado, o minotauro se erguia a nove metros acima dele. Cada bufo produzia grossos pilares de fumaça preta e turva saindo de suas narinas, quando ele abriu sua boca, Kratos reagiu instantaneamente, girando para longe de um jorro de fogo do inferno que chamuscou suas costas e braços, apesar de sua rápida reação.

Ele deu um salto mortal para a frente, sacou as Lâminas do Caos, e atacou.

A criatura blindada, que parecia mais uma máquina do que algo vivo, ou

morto-vivo, moveu-se lentamente, dando a Kratos muitas oportunidades para golpeá-la. Pouco a pouco, o espartano lascou sua armadura, mas ele percebeu que isso não seria suficiente. A criatura era muito grande, muito vigorosa, e resistiu aos golpes mais selvagens que ele poderia liberar com sua arma. Depois de ter usado a Espada de Ártemis, Kratos soube que mesmo essa potente espada não seria suficiente.

Ele rolou, evitando um enorme punho blindado que esmagou o chão e deixou cacos de pedra para trás. Ele o cortou com as suas espadas, mas não produziu nada, a não ser uma pequena fenda. O imenso minotauro levantou-se e a luz cegante disparou do gorjal que protegia seu pescoço. Onde quer que os raios atingissem as paredes de pedra, enormes buracos apareciam. O minotauro balançou sua cabeça, rugiu, e dirigiu ambas as mãos para baixo em uma tentativa de esmagar Kratos. O espartano estalou uma das lâminas em seu pulso coberto de ferro e rolou para a frente, atirando as Lâminas do Caos, como se fossem ganchos de escalada. Ele prendeu as pontas curvadas na armadura do minotauro e puxou, arrastando-se para cima da espinha do monstro. Oscilando no ar, ele enfiou os pés na coluna da criatura, em uma tentativa de enfraquecer os músculos de seu poderoso pescoço e empurrar a cabeça de modo a expor a garganta.

A fera rugiu desafiadoramente e novamente bateu seus punhos contra o chão, fazendo Kratos voar. Ele aterrizou com as costas no solo. Olhando para cima, viu os olhos do blindado minotauro brilharem uma luz infernal. O bicho abriu a boca e expeliu um fogo mortal. Kratos rolou de bruços a tempo de evitar o sopro devastador. Nessa posição, atirou-se com as lâminas em movimentos giratórios. Ele selecionou o pulso esquerdo e conseguiu cortar as correntes que prendiam as luvas do minotauro. Era pouco, mas um começo.

Kratos recuou, decidiu o que tinha de ser feito, e o fez. Ele atacou, levando a criatura a estender-se à sua altura máxima, deu uma cambalhota para o lado da câmara, encontrou o caminho até a passarela inferior e correu até a alavanca de controle da balista. A criatura rugiu e seus olhos brilharam em vermelho ardente em retaliação. Ele abriu a boca para vomitar mais chamas, e Kratos empurrou a alavanca para baixo, lançando um disparo da atiradeira diretamente no peito do monstro. A criatura ficou um pouco mais ereta, tocou o ponto onde Kratos tinha arrancado várias partes da sua armadura, gritou em fúria e investiu contra ele novamente.

Kratos saltou para fora da passarela, bateu no chão de pedra dura, e deu um impulso para aumentar o poder de seu ataque arrasador. Dessa vez, ele cortou parte do pulso esquerdo do minotauro e foi recompensado com um urro ensurdecedor. Ele soube que a coisa podia ser ferida. O que significava que ela podia ser morta. Quando ele se adiantou para desferir outro corte, foi descuidado, suas investidas anteriores o tinham deixado com uma sensação de falsa confiança.

O punho direito blindado do minotauro bateu contra suas lâminas, enredando as correntes, e Kratos foi erguido. Pendurado pelas correntes fundidas em seus antebraços, Kratos estava impotente para atacar – ou fugir. Ele olhou para o ardor nos olhos do minotauro. O monstruoso homem-touro abriu sua boca como se quisesse mordê-lo, e Kratos viu o fogo dentro das entranhas da criatura crescer. Ele seria assado enquanto estivesse suspenso pelas correntes de suas espadas. Um empurrão para o lado o fez girar. Kratos impulsionou-se e girou no sentido oposto, então enrijeceu os poderosos músculos de seu abdôme para chutar com força. A ponta da sandália encontrou um ponto de apoio contra um pico saliente na armadura do minotauro. Ele se afastou quando a criatura do inferno liberou a chama escaldante de sua boca.

Kratos envolveu as pernas ao redor da armadura e deu um puxão violento, movimentando-se para frente e para trás. As correntes estalaram e ele deslizou para a coluna do minotauro, lutando para não empalar-se nos pregos montados em todos os lugares. Kratos agarrou-se a um deles, parou de escorregar e imediatamente renovou seu ataque. Novamente as Lâminas do Caos serviram como ganchos, mas dessa vez elas penetraram a armadura e afundaram suas pontas na carne do homem-touro.

O minotauro rugiu, suspendeu-se e tentou atirá-lo longe. Kratos insistiu com tenacidade, recusando-se a desistir, a morrer. Ele ficou de pé sob o monstro e puxou as correntes duramente, até que as lâminas se libertaram, trazendo com elas pedaços sangrentos do pescoço do minotauro. Pela maneira que a cabeça da criatura pendeu, a coisa estava enfraquecida. Segurando os punhos de suas espadas, Kratos saltou livre, picando a carne exposta do homem-touro em cada oportunidade possível. A mão esquerda, que estava desprotegida sem armadura, provou ser uma área excepcionalmente vulnerável. Ele deixou ferimentos profundos, se não mortais, em todo o comprimento de seu antebraço, antes de atingir o chão.

O minotauro rugiu de frustração por suas feridas, e por ser incapaz de esmagar o Fantasma de Esparta. Ele bateu seus punhos em uma nova tentativa de transformá-lo em pasta de sangue, mas novamente errou por centímetros. Kratos investiu e cortou uma artéria do braço esquerdo do monstro. Enquanto o sangue jorrava, a criatura berrou, e a luz inflamou tanto no pescoço quanto nos olhos. Kratos notou que, cada vez que os raios mortais atingiam as vigas, menos dano era causado.

Ele rolou, evitando outro furioso golpe de punho, e correu até a passarela mais uma vez. O minotauro expressava sua ira, batia as pernas no chão e presenteava Kratos com um alvo perfeito. Ele pressionou a alavanca, disparando a ballesta. O dardo enorme voou e acertou o minotauro no rosto, imobilizando o monstro à porta; que estremeceu com as dores mortais que torturavam o seu corpo monstruoso, com seu rugido estrondoso desaparecendo lentamente.

Kratos prendeu a respiração, esperando a porta se abrir, o que não aconteceu. O minotauro pendia sobre ela, guardando-a.

Além do assobio da fonte de lava na mais alta distância da câmara, só havia silêncio. O último espasmo deixou o minotauro com uma aparência medonha, zombando de Kratos em sua morte.

Sua raiva aumentou. Olhando ao redor, ele tentou encontrar uma nova munição da atiradeira, que não existia. Isso só alimentou sua raiva. O minotauro havia morrido sob o dardo pesado, e Kratos pensou em enviar outro através dele para derrubar a porta, mas era impossível. Puxando as Lâminas do Caos, ele pulou da passarela e avançou, o assobio mortal das espadas movendo-se no ar. Ele cortaria o minotauro em pedaços e depois talharia seu caminho através da porta. Ele não seria negado!

Quando ele se aproximou, percebeu um novo perigo. Sangue escorria da cabeça rompida do homem-touro. Cada gota sibilava e queimava o chão de pedra. As piscinas de sangue negro se espalhavam, obrigando Kratos a saltar sobre elas. A cabeça chifruda relaxou para o lado e se libertou do dardo. O que tinha sido um gotejamento constante de sangue agora se tornou uma cachoeira.

Kratos correu para a frente. Espartanos nunca recuavam! Ele estremeceu com o sangue respingando ácido em suas costas, braços e pernas. A dor incitou-o para a frente, até que ele bateu na porta próximo à perna do touro enorme. Ofegante, ele olhou para o corpo, que deslizava lentamente para a parte de baixo da porta, sem cabeça. Mais sangue de minotauro formou uma cascata, mas Kratos ignorou-o quando viu a situação da porta que bloqueava o seu progresso.

A porta tinha uma rachadura onde a munição da balista tinha batido contra o minotauro. A esperança reluziu. Kratos levou ambas as lâminas para a fissura fina. Seus ombros vigorosos bradaram com o esforço enquanto ele tentava abrir a fresta. Em um primeiro momento, nada aconteceu. As espadas não se moveram e a fenda não se alargou. Seu mundo se resumiu à pressão que exercia com as lâminas e à cachoeira de sangue venenoso ao lado.

Dor. Ardência. Seus músculos estavam a ponto de romper. Então Kratos soltou um grito de vitória. A fenda explodiu em todas as direções quando uma parte da porta quebrou como vidro, formando uma rachadura quase do tamanho de seu corpo maciço. Ele virou-se de lado, espremendo-se por entre a abertura, e caiu de joelhos do outro lado da porta para rolar para a frente, quando uma chuva torrencial de sangue do minotauro esguichou.

Kratos se levantou e disparou pelo novo corredor, e o atravessou até chegar a um sarcófago correspondente ao que havia encontrado anteriormente. Um livro de pedra em um pedestal recordava a morte do segundo do filho do Arquitecto.

Com um grunhido selvagem, Kratos saltou para o topo do caixão, impulsionando a tampa, e arrancou a cabeça do corpo mumificado. Ele segurou-a alto, mas, ao contrário da anterior, não pensou em atirá-la. Kratos encarou-a e soube o que fazer com o crânio, onde ele se encaixava, soube que era a chave para o Templo de Pandora.

Refazendo seus passos em direção aos Anéis de Pandora, ele evitou o cilindro e mais uma vez atingiu o aro do núcleo cheio de água. Abaixo, ele havia encontrado uma porta que obstruía a sua jornada, uma porta com um crânio gravado na pedra. Kratos mergulhou, submergindo poderosamente na água, e inclinou-se na frente do portal.

Pressionar a cabeça no contorno da porta fez com que a água fosse drenada por todos os lados. O nível da água na piscina central desceu rapidamente, permitindo que ele abrisse a porta.

Atrás da porta havia um elevador. Ele entrou, e a gaiola caiu em uma velocidade de tirar o fôlego. A parada súbita pôs Kratos de joelhos, mas, quando a porta se abriu, ele sabia onde estava.

Ele saiu para reivindicar a Caixa de Pandora.

Kátos estava em uma sala circular com dois arcos exatamente de frente um para o outro, que se abriam em corredores. Ele virou-se para trás, esperando criaturas ou combatentes se derramarem através de um ou de ambos os arcos. Com as costas voltadas contra a parede, ele esperou a morte se aproximar.

Nada aconteceu.

Ele olhou em volta, confuso. Será que existia algum outro aposento nesse local, nesse complexo antigo, absolutamente vazio? Nenhuma armadilha. Nenhum monstro. Nenhum obstáculo intransponível.

Duas saídas. Isso era tudo.

Pela primeira vez, ele estava começando a se preocupar.

Ele caminhou para um arco e espreitou. O piso se transformou em uma espiral descendente, reduzindo sua visão do que estivesse a mais do que alguns metros de distância. Ele pressionou seu ouvido contra a parede. Nada. Ele girou, espadas prontas... mas nada estava rastejando atrás dele.

O outro arco se diferenciava do primeiro apenas pelo fato de ter o corredor em espiral para cima, em vez de para baixo.

Uma escolha simples. Uma escolha direta. Para cima ou para baixo. Atena havia dito que a Caixa de Pandora descansava no cume, e que abaixo havia apenas a derrota e a morte. Ele supôs que tinha ido um pouco longe demais para começar a duvidar da deusa naquele momento. Ele se moveu com cuidado para a espiral ascendente, aproximando-se silenciosamente para cima com as lâminas nas mãos, pronto para qualquer coisa. Quase qualquer coisa.

Qualquer coisa, exceto o que ele encontrou.

O espaço que se abriu acima era enorme, aberto a um céu da meia-noite e o brilho frio de incontáveis estrelas. Havia luz ali, no entanto: a luz do fogo. Essa fogueira era da cor das cidades em chamas, e ela cintilou do cabelo e da barba no topo da figura montanhosa do deus equipado e blindado diante dele.

Um choque gelado terrível varreu o seu corpo e sacudiu-o como uma folha morta em uma tempestade de inverno. Sua voz saiu num sussurro, uma crua respiração.

– *Ares...*

Os deuses sempre ouviam os seus nomes quando chamados, mesmo que apenas no sonho de uma criatura do lado mais distante do mundo. O sussurro de

Kratos trouxe o Deus da Guerra tão rápido como uma tempestade com trovões girando em um tornado.

– Kratos... – a voz de Ares rangia como um deslizamento de terra. – Eu sabia que você era demasiado estúpido para fugir de mim para sempre!

E agora que o fim havia chegado, Kratos descobriu que ele estava pronto para isso, afinal.

– Fugir? De você? – Kratos gritou a plenos pulmões, jogando os braços largos para sacudir as Lâminas do Caos. – Você me treinou muito bem, eu aprendi demasiadamente bem para sequer pensar em fugir!

Ares puxou sua lâmina do tamanho de um navio de guerra, com um som como o de gritos de crianças assassinadas. Seus cabelos flamejantes choveram fogo em cima de Kratos quando o Deus avançou.

– Você fala como um homem, mas treme como uma mulher. A sua mulher tremia assim?

Toda a esperança de contenção incinerou-se no fogo branco da raiva de Kratos. Ele atirou-se contra o deus com todos os fragmentos de sua força sobre-humana, libertando as Lâminas do Caos e sacando a espada dada a ele por Ártemis por sobre o seu pescoço. Enquanto caía, ele conduzia a beirada irresistível da lâmina para baixo através do pé do deus.

A Espada de Ártemis se converteu em carne olímpica até seu punho, e Ares riu.

– Eu agradeço a você, espartano. As pulgas de areia estavam me dando uma coceira terrível.

– Eu vou lhe dar mais do que isso – rosou Kratos, quando ele rolou através do peito do pé do deus. Ele pulou de cabeça em direção ao joelho de Ares, a espada de Ártemis levantada para cortar o tendão, mas a espada enorme do deus relampejou e esbofetou Kratos no ar, como se o espartano não fosse mais do que uma vespa ou uma mosca a incomodá-lo.

Kratos foi arremessado violentamente pelo ar até bater com força impressionante em uma parede. A pedra em suas costas se desintegrou, e ele escorregou para o chão, tentando sacudir o embaçamento em seus olhos e o assobio de suas orelhas.

O deus o havia atacado. Bateu-lhe com a parte chata da lâmina, como um pai espartano disciplinando uma criança desobediente.

Ares não o respeitava o suficiente para usar a ponta da espada.

– *E por que eu deveria?* – disse o deus, como se pudesse ouvir os pensamentos de Kratos. – *Você não seria mais do que os ossos depenados e merda de corvo se eu não tivesse lhe salvado. Você se lembra, espartano? Você se lembra de cair de joelhos, com lágrimas no rosto, enquanto pedia, implorava como um cão vira-lata, como um escravo, para salvar sua vida inútil? Se um de seus homens implorasse assim, você o teria assassinado por envergonhar Esparta!*

– *Você deveria ter me matado* – Kratos rosnou. – *Minha fraqueza desonrou Esparta, e todo o mundo estaria melhor hoje se eu tivesse morrido naquele campo.*

– *Sua honra espartana não significa nada para mim. Você implorou. Eu respondi. Eu me levantei no Olimpo e descí sobre aquele campo para secar suas lágrimas. Para lutar a batalha por você. Para ganhar o que você havia perdido. Para triunfar naquilo que você tinha falhado.*

O deus levantou seu pé do tamanho de uma casa para esmagar Kratos como uma formiga debaixo de sua sandália. Kratos tentou mergulhar para fora do caminho, mas o deus era tão rápido quanto era enorme. A sandália prendeu-o ao chão, seu rosto virado para baixo. Kratos sentia o gosto de sujeira e de sangue e, em um segundo, viu-se de novo, espancado na terra sangrenta pela marreta imensa do rei bárbaro. Ele ouviu a sua voz clamar a Ares e jurar servidão eterna.

– *Você se lembra do que você me disse naquele dia? O preço que você colocou na sua sobrevivência sem valor? Diga agora, Kratos. Diga as palavras.*

A pressão do esmagamento da sandália nas costas aumentou. Kratos sentiu suas costelas quebrando, e ele já não podia respirar.

E ele ouviu em sua memória as palavras que tinha proferido naquele dia.

Minha vida é sua, Senhor Ares. Eu lhe juro.

Mas aqui e agora ele não conseguia fazer seus lábios formarem as mesmas palavras. Ele tentou, realmente tentou, dizer a si mesmo que nove pequenas palavras não significavam nada, que dar ao deus a sua vitória insignificante significava que Kratos tinha outra chance de encontrar a Caixa de Pandora e enfrentar o Olímpico louco por sangue de forma parelha, mas as palavras não saíram.

Ele não podia nem *pensar* verdadeiramente nelas.

A sala e o peso esmagador do deus desapareceram atrás de suas visões, os pesadelos de vigília que transformaram sua vida em um mar de sangue e

sofrimento.

Ele serviu Ares não só com sua espada, mas com todo seu coração, sua mente, e com cada pedaço de seu dom para a irreversível brutalidade.

* * *

O EXÉRCITO DE ESPARTA tornou-se invencível. Guerreiros oponentes tremiam de medo ao ver os espartanos de Kratos entrarem na arena de batalha; assim que a primeira lança fosse atirada, eles largavam as suas armas e corriam para casa para tremer atrás das saias de suas mães. O Punho de Ares não tinha piedade. Soldados que fugiam eram castrados. Pessoas que imploravam por paz eram brutalmente assassinadas. Todo mundo tremia diante do grito de guerra dos espartanos que Kratos encabeçava.

Sem piedade. Sem prisioneiros. Sem clemência.

Muitos foram os príncipes que imploravam que Kratos aceitasse as suas rendições, para salvar os remanescentes de seus exércitos e de suas cidades, mesmo que isso significasse a escravidão em uma cozinha espartana. Ele se recusava a ouvir esses pedidos. A rendição nunca foi concedida. A vitória ou a morte em combate eram os únicos resultados aceitáveis. Kratos não esperava menos de seus próprios soldados.

Kratos dizia a seus soldados que ele matava porque Ares o comandava, mas na verdade matava para seu próprio deleite. Ele matava porque o massacre era o seu dom. Sua paixão. Porque ele amava nada mais do que o cheiro de sangue, os gritos dos moribundos, a visão de um exército de cadáveres apodrecendo no campo de batalha.

* * *

– E SE ISSO FOSSE VERDADE – retumbou o deus que agora mantinha-o preso na arena – você ainda seria o Punho de Ares na terra, e o mundo ainda trepidaria ao mero rumor de que Esparta marchava para a guerra. Isto é porque você não me amou o suficiente, Kratos. Porque o seu coração ainda estava apegado à sua...

– Não... – Kratos resmungou com o que lhe restava de voz. – Não...

As visões o tomaram completamente agora: ele se viu na última noite que serviu o Deus da Guerra.

* * *

– OS ALDEÕES OUSAM se ajoelhar a Atena! A Atena! Este lugar é uma afronta a Ares! Queimem-no até não restar nada!

Kratos pegou uma tocha e lançou-a, girando pela noite para aterrissar em cima de um telhado de palha. As faíscas pequenas tornaram-se um incêndio e, em seguida, todo o telhado desmoronou, devorando a cabana em minutos.

Com um grito de guerra, Kratos levou sua horda de assassinos selvagens para a aldeia. Os poucos aldeões que saíam para defender seus lares estavam armados com pás e bastões de plantio, sem esperança de resistirem contra seus guerreiros endurecidos pelas batalhas. Kratos caminhou pela confusão, cortando e cutilando, matando sem esforço, sem nem ao menos notar quem ele estava assassinando... até que ele chegou ao templo da aldeia.

O Templo de Atena. E a mirrada e velha bruxa rabugenta, o seu Oráculo, que ousou barrar sua passagem...

Um nó se formou em sua barriga. O fedor de carne cozendo combinado com o da madeira e da palha, quando casa após casa eram reduzidas a cinzas. O templo parecia deserto. Mas um mau pressentimento fez Kratos pausar...

Mas...

Era um santuário dedicado a Atena. A sua existência era a razão para esse massacre. Como ele poderia deixá-lo em pé?

– Todos para fora! – ele gritou, batendo duro na madeira grossa da porta com o punho da sua espada. Quando ninguém respondeu, ele recuou e usou as Lâminas do Caos para reduzir a porta a lascas. Um pequena e encurvada mulher nubiana colocou os pés para fora. Ela usava um vestido verde brilhante marcado com a letra ômega na parte da frente.

– Sacrilégio – disse ela, colocando o dedo em riste. – Cuidado com as blasfêmias contra a deusa, Kratos! Não entre neste lugar!

Kratos deu um tapa na velha com as costas da mão, golpeando-a para o chão.

– Nunca tenha a pretensão de dar ordens a um espartano.

Ele chutou a porta e correu para o templo. Dois sacerdotes vieram em direção a ele. As Lâminas do Caos brilharam e causaram uma morte ardente aos dois homens. Kratos rugiu de raiva quando outros suplicantes se agitaram no templo. Ele correu para a frente, não precisando nem mesmo ver a posição de suas vítimas enquanto cortava ritmicamente: esquerda, direita, esquerda; e mergulhou adiante. Não havia nenhum pensamento de contenção, não havia necessidade de cautela; havia apenas sangue e morte e triunfo, Kratos estava à vontade...

E por isso ele não prestou atenção à última de suas vítimas, e não hesitou em

abater as últimas duas suplicantes no templo da aldeia: uma mulher e sua jovem filha...

* * *

O CHOQUE TERRÍVEL com o que ele havia feito rompeu a visão e trouxe-o de volta para a arena do templo onde o deus esmagava a sua vida. Mas naquele instante, milagrosamente, o peso em suas costas desapareceu. Ares tinha levantado o pé e retornado ao centro da imensa arena.

– Vamos lá, seu nada desprezível, seu assassino insano! Você queria lutar, vamos lutar!

Kratos se levantou do chão e sacudi o nevoeiro de sua cabeça. O pé que o deus tinha baixado nas suas costas tinha sido o mesmo que o espartano havia esfaqueado com a espada de Ártemis. Ele viu claramente a goiva deixada na pedra pela lâmina mágica quando a tinha cravado na carne do deus...

Mas a goiva no piso estava seca como o Deserto das Almas Perdidas lá fora.

Não havia sangue.

Kratos olhou a parede atrás dele, para a mancha de sombras que ele lançava à luz dos braseiros onipresentes. Ele visualizou a parede além de Ares, onde a forma colossal do deus não produzia nenhum tipo de sombra.

Ares não era *Ares*. O deus não era real.

– Eu sou real o suficiente para quebrá-lo, espartano. Você quer me matar? Venha e experimente, seu mortal desprezível!

As costelas de Kratos ainda doíam com a memória da sandália do deus esmagando-o contra o chão, o sangue ainda escorria de um corte em sua cabeça, causado pelo impacto da parte chata da lâmina de Ares. Embora parecesse que Kratos não podia prejudicar esse Ares, o inverso claramente não se aplicava.

– Por que você espera? Você percebe agora como é impossível tentar matar um deus?

Kratos queria matar Ares. Sua sede pelo sangue do deus queimava como o sol em suas veias. Mas esse não era Ares. Não era de se admirar que o deus parecia estar lendo sua mente, esse “deus” fantasmagórico era um produto da sua imaginação.

Como o rei bárbaro em suas visões.

Como os pesadelos com sua esposa e filha.

Para destruir esse fantasma Ares, Kratos teria que ser forte o suficiente para prevalecer contra a sua própria mente, mas se ele tivesse tal força, nunca teria tido necessidade de oferecer seu serviço a Atena, em primeiro lugar. Ele teria sido forte o suficiente para conquistar seus pesadelos, para banir sozinho as memórias do seu crime. Mas ele não tinha essa força. Ele sabia disso. Por dez anos ele se esforçou para silenciar as vozes em sua cabeça, para cegar o olho de sua memória. Esse Ares fantasmagórico era um inimigo que ele nunca poderia derrotar até que ele conquistasse a si mesmo.

Kratos recuou.

5 A expressão original – *hacking and slashing* – se refere à mecânica de jogos que enfatiza o ataque próximo aos oponentes. (N. E.)

Quando o amanhecer acariciou o deserto oriental com seus dedos avermelhados, Kratos estava no telhado de um prédio enorme, em cima de uma montanha que se erguia a partir do centro do Templo de Pandora, ele próprio construído sobre a montanha acorrentada às costas do Titã laborioso, que a suportava em seu rastegar eterno através do Deserto das Almas Perdidas.

Com o primeiro raiar da Carruagem de Hélios no horizonte distante, três figuras enormes brilharam e cintilaram em torno dele: estátuas, de centenas de metros de altura, dos Reis Irmãos. Zeus, Poseidon e Hades estavam de frente um para o outro, e as mãos dos três estavam estendidas para suportar um disco do tamanho de um campo de batalha, com um buraco no meio, como uma roda de carroça, feita do mesmo material que as estátuas. Esse material, alguma substância mística mais transparente que o vidro, refletia o resplendor e os pontos mais luminosos das curvas das estátuas. Abaixo de onde a carruagem de ouro ainda iria tocar, os Reis Irmãos estavam totalmente invisíveis.

Kratos correu em direção a eles. Atena tinha dito que a Caixa descansava na cúpula do templo, e, obviamente, nada seria maior do que eles. Mas quando chegou, suas bases sobre o telhado banhado pelas sombras do amanhecer não eram apenas visíveis, eram insubstanciais, como se as estátuas não existissem, exceto à luz da aurora.

Kratos fez uma careta para cima, em direção às imagens dos deuses. Sua oportunidade para alcançar o tesouro que eles apoiavam duraria tanto quanto o alvorecer em si.

Zeus ficava a leste, e, assim, mais de sua estátua estava exposta à luz do amanhecer. Kratos aproximou-se da figura do Rei do Olimpo e pulou alto para ver se ele poderia tocar na ponte da estátua onde o amanhecer batia. No topo de seu salto, ele sentiu uma superfície quente e sólida, mas mais escorregadia do que vidro oleado. Ele sacou uma das lâminas e saltou novamente para atingir a estátua. O único efeito que sua espada produziu foi fazer a enorme estátua soar como um sino grande de cristal. Nada além de um arranhão manchou a superfície quase invisível.

Mas, em vez de diminuir gradualmente como o toque de um sino, o som aprofundou-se e ampliou-se, ficando cada vez mais alto, até que Kratos teve que colocar as palmas das mãos sobre os ouvidos para protegê-los da dor crescente. A estátua de Poseidon era a mais próxima da borda leste do telhado. Kratos correu em sua direção, preparando-se para a explosão de som que ele sabia que ouviria quando tirasse as mãos de seus ouvidos, em seguida, saltou para a luz do amanhecer e bateu em Poseidon, também, com um poderoso golpe das Lâminas do Caos.

O soar gerado foi mais profundo, mais ressonante, e cresceu em poder mais rapidamente do que o som que Zeus tinha emanado. Mais distante da ascensão do amanhecer, *apropriadamente*, pensou Kratos, estava Hades, o Rei do Submundo. E a nota provocada pelo golpe de Kratos foi mais sombria e ainda mais profunda. O volume de seus acordes juntos elevou-se até parecer a Kratos que não havia nada no mundo, exceto o som.

As mãos sobre os ouvidos não faziam mais nenhuma diferença. Ele cambaleou no ponto central entre as três estátuas e caiu de joelhos. Quando o nascer do sol finalmente atingiu o local onde ele estava agachado, o que tinha sido pedra inexpressiva tornou-se uma janela magicamente transparente. Logo abaixo dele, ele viu a câmara do Arquiteto, com seu trono, em que a figura blindada sentava-se, como se estivesse alheia à explosão sônica cósmica que vinha de cima.

O disco parecia ser do mesmo tipo de substância que as estátuas, ele não podia arranhá-lo mesmo com seus melhores esforços. Mas agora que ele pensou sobre isso, lembrou-se do conto do grande gongo de latão de Rodes; dizia a lenda que ele soava tão poderosamente que despedaçava vidros a cinco quilômetros de distância, ou mais. Já que parecia que o ruído faria o mesmo com seu crânio, Kratos decidiu que não haveria mal em tentar. Ele estendeu a mão para o disco transparente e bateu nele duramente, com os nós dos dedos.

O disco quebrou imediatamente com agudos ruídos, espalhando cacos tão pequenos que se tornaram partículas de pó dançantes. O terrível som caiu em silêncio instantâneo. Kratos caiu pelo buraco como uma pedra em um poço.

Um puxão convulsivo de seu corpo o torceu o suficiente no ar para que ele pudesse cair em pé sobre o trono do Arquiteto com um pé em cada braço. O trono começou a girar, liberando muitos ruídos e o tinar das engrenagens. Kratos saltou dos braços para o estrado em que o trono descansava. A rotação parou.

– Então, Arquiteto – Kratos disse. – Você previu a minha morte, mas aqui eu estou.

O capacete do coríntio virou o suficiente para que Kratos pudesse ver um fogo verde e frio através das fendas dos olhos.

– *Nenhum homem jamais sobreviveu à Arena da Memória.*

– Até agora.

– *Mas a Caixa de Pandora nunca será sua.*

O Arquiteto levantou um dedo blindado, e a tampa da caixa em seu colo se abriu. Kratos apreendeu o pulso do Arquiteto em um aperto do qual nenhum

mortal conseguiria se livrar. A armadura era surpreendente quente.

– Chega de truques – Kratos disse. – Diga-me como chegar à Caixa, e eu o deixarei viver.

– *Você não irá, porque não estou vivo.*

Kratos apertou o pulso do Arquiteto até que a armadura cedeu sob seus dedos.

– Você está vivo o suficiente para falar, então está vivo o suficiente para sofrer.

– *Faça como queira.*

Kratos rosnou e cerrou o punho. A armadura enrugou como uma folha seca, mas de seu aperto esmagador, nenhum sangue fluiu, somente vapor, quente o suficiente para queimar a mão de Kratos. Com uma maldição, Kratos arrancou o braço e atirou-o no ombro. Da articulação cortada, assobiou outra explosão de vapor, que desapareceu quando uma placa de metal dentro da armadura deslizou para fechar o furo.

Kratos franziu a testa ao olhar dentro da armadura vazia, sem carne ou osso, contendo tubos de latão apenas e engrenagens de esboço desconhecido.

– Que tipo de criatura é você?

– *Eu sou* – disse a voz, que Kratos agora notou vir de debaixo do estrado em vez do capacete – *o que resta do Arquiteto. Eu sou a sua invenção final.*

Os olhos de Kratos se arregalaram.

– A Anticitera...

– *Eu controlo o templo. Eu sou o guardião do seu último desafio. Olhe dentro da caixa em meu colo.*

Kratos se aproximou e espreitou dentro do dispositivo preenchido com uma multidão de pequenas hastes fixadas sucessivamente e amontoadas. Agulhas, Kratos percebeu. Aqui e ali, algumas dessas agulhas eram rebaixadas a uma ou outra altura, as depressões tinham exatamente o diâmetro dos dedos das luvas blindadas vazias que estavam nas mãos de Kratos. Ele supôs que suas alturas e configurações controlavam de alguma forma os vários mecanismos em todo o templo. Havia também agulhas pregadas horizontalmente em todas as quatro paredes.

– *Pressione-as. Em qualquer lugar.*

Kratos ponderou. Poderia facilmente haver algo a mais na caixa do que apenas agulhas, e elas estavam descoloridas nas pontas. Veneno? Que tipo de veneno ainda poderia matar depois de mil anos?

Somente uma pessoa saberia a resposta para essa pergunta: o Arquiteto.

Em vez de usar o próprio dedo, Kratos utilizou o dedo blindado das luvas que ele segurava. Imediatamente, as agulhas horizontais saltaram das paredes e apunhalaram o dedo da luva. Depois de bater no bronze, as agulhas retornaram aos seus lugares.

– Se você tivesse pressionado com o seu próprio dedo, a sua mão teria sido presa pelas agulhas, e você estaria morrendo, em uma dor tremenda, por conta do sangue da Hidra de Lerna, que tinge cada ponta.

– Então? Eu devo adivinhar o formato que irá revelar a Caixa de Pandora?

– Não – o arquiteto, ou melhor, a Anticítera respondeu. – *Eu lhe direi: é do formato do rosto de um homem, prensado dentro das agulhas.*

Kratos pensou nas muitas estátuas e relevos em todo o templo, certamente ele encontraria a cabeça de um homem de estátua...

– O rosto deve ser de carne. As agulhas devem se fincar totalmente e permanecer no local – a voz sem emoção, disse. – Para chegar à Caixa de Pandora, um homem deve morrer.

Kratos pensou no homem na gaiola; por um breve momento, ele se arrependeu de ter matado o velho idiota.

– E essa é a sua única chance. Essa configuração das agulhas irá funcionar por um curto período depois de a janela acima ter sido abalada. Uma vez que a Carruagem de Hélios dominar os céus, as estátuas, e as caixas nos discos que elas carregam, desaparecerão à luz do meio-dia. Só você chegou até aqui. Ninguém que o seguir terá qualquer chance.

Kratos assentiu. Ele apreciava a complexidade elegante dessa armadilha final. Ele disse:

– Mas você, isto é, o Arquiteto, o seu criador, sempre deixou uma forma de vencer.

– *Até agora.*

Kratos apertou os olhos sobre o disco suportado pelas mãos dos Reis Irmãos, muito acima, ao sol brilhante. Ele agora via uma mancha sobre ele, e seu

coração se encheu de raiva. Ele não tinha chegado tão longe para ser negado. Aqui, onde ele podia *ver* a Caixa, não se permitiria falhar.

– Atena me contou que não há nenhuma maneira de sair deste templo sem a Caixa de Pandora – disse ele. – Então, eu vou morrer aqui, em sucesso, ou morrer mais tarde pelo meu fracasso.

– *Você está prestes a morrer.*

– Já que eu estou prestes a morrer, não há mais necessidade de segredos, não é? – Kratos disse. – Diga-me por que este templo foi projetado dessa forma, diga-me por que cada armadilha, labirinto e quebra-cabeça tem uma solução? Por que projetar defesas fantásticas ao redor da mais poderosa arma da criação, mas deliberadamente projetar cada uma delas com a possibilidade de serem superadas?

– Porque Zeus ordenou que fosse assim.

– Zeus? – Kratos franziu a testa. – Mas por quê?

– Eu sou um servo fiel dos deuses. Eu não questiono. Eu obedeco.

A lógica era óbvia: Zeus ordenou que todos os quebra-cabeças tivessem uma resposta; cada armadilha, uma fuga, e o arquiteto foi fanaticamente leal. O que só podia significar que esse último quebra-cabeça mortal não seria diferente dos outros.

O Arquiteto tinha colocado seus filhos em caixões. A pedido de Zeus? Suas cabeças provaram ser a chave para entrada por desafios progressivamente perigosos. Por duas vezes isso tinha acontecido. Duas vezes. Será que o Arquiteto faria mau uso de suas crianças? A menos que...

– Uma última pergunta.

– *Seu tempo está se esgotando.*

– Eu sei – Kratos disse, pensando – *O seu* também.

– A minha pergunta final: como um dispositivo simples, um mecanismo movido a vapor, não importa o quão inteligentemente projetado, pode compreender e responder a tudo o que eu digo?

Sem esperar por uma resposta, Kratos lançou-se para a traseira do trono com a agilidade de uma pantera e apreendeu com as duas mãos o capacete do corinto que repousava sobre os ombros blindados. Ele parecia estar mais firmemente ancorado do que o braço. Kratos teve de torcê-lo ferozmente e puxá-lo para cima com toda a sua força para arrancá-lo dos ombros. Em

seguida, ele colocou o capacete debaixo do braço e procurou dentro com a outra mão, pegando o que encontrou como se fosse um caracol em uma concha.

Era uma cabeça humana. O cabelo que uma vez a tinha adornado séculos atrás havia se desfeito em pó, mas essa cabeça claramente ainda tinha um sopro de vida. Lágrimas jorraram de seus olhos, sua boca se moveu em silêncio, e a voz vinda do estrado finalmente exibiu alguma emoção.

Terror.

– *Pare! O que você está fazendo! Você não pode!*

– Eu posso.

Kratos pensou que realmente deveria contar ao morto-vivo ancião que supervisionava os fogos na frente do templo, que ele estava certo o tempo todo e que o Arquitecto insano do Templo de Pandora *ainda* vivia, assombrando sua obra-prima milenar.

Em suas mãos estava a chave para a fechadura final. Kratos não viu nenhuma razão para hesitar.

– *Não! Não, não, não! POR FAVOR!*

Kratos comprimiu a cabeça imortal do Arquitecto dentro da caixa. A voz musical de órgão vinda do estrado gritou em pânico e desespero, enquanto as agulhas envenenadas esfaqueavam a cabeça a partir de todas as quatro paredes da caixa e de cima abaixo. Elas se alojaram em seu rosto, em seu pescoço, atravessaram as têmporas e furaram seus olhos em uma ebulição de lancetas poderosas. Com os lábios imobilizados aos seus dentes, até mesmo a voz artificial do Arquitecto só podia gemer e choramingar sem palavras.

As paredes da câmara roncaram quando despertaram para abaixarem-se em torno de Kratos. Um instante depois, ele percebeu que o estrado do trono onde estava se levantou, tornando-se um pilar de pedra que subiu continuamente, até caber perfeitamente através do buraco deixado no teto pela janela quebrada. Depois disso, elevou-se ainda mais e mais, levantando Kratos e o trono a centenas de metros no ar, até finalmente empurrá-lo através do orifício no centro do enorme disco... e parou.

Kratos ficou parado por um momento, sentindo os olhos dos Reis Irmãos sobre ele. Apenas a um passo ou dois à frente dele estava uma arca, tão alta quanto Kratos e três vezes a sua largura, construída com um metal impossivelmente brilhante que cercava-se de joias de ouro maiores que a sua cabeça.

E então: lá estava ela. A Caixa de Pandora.

Finalmente.

Mas Kratos não sentiu alívio, nem triunfo, porque isso não era o fim de sua jornada. Era apenas mais um ponto ao longo do caminho. O final dessa história estaria em Atenas.

Ele olhou para cima e viu que a parte acima da sobrelha da estátua de Zeus havia desaparecido, desmaterializando-se com o raiar do sol. Enquanto observava, as nuvens cirros das sobrelhas de Zeus se evaporaram. Assim como o topo da cabeça de Poseidon.

Kratos pulou do trono, correu pela extensão do disco transparente até a caixa enorme, e descobriu um novo problema quando tentou parar: ele não podia. Ele escorregou para a direita da Caixa com um impacto de tirar o fôlego, o que também empurrou a arca poucos passos mais longe do trono de pilar.

A substância misteriosa era ainda mais escorregadia que vidro com óleo.

Kratos olhou em volta em desespero enquanto cuidadosamente circulava o outro lado da caixa. As labaredas presas aos lados chamejaram. As joias de ouro que incrustavam o topo pulsaram com energia. Mas nada disso ajudou. Ele nunca teria apoio suficiente nessa superfície para empurrar ou puxar algo tão grande. Se ele tivesse algo para jogar, talvez pudesse golpeá-la em seu caminho... mas o que ele poderia jogar que teria peso suficiente para mover a arca?

Ocorreu-lhe, então, que a localização da caixa no disco não teria sido um acidente, estava quase a meio caminho da borda. E descansava exatamente na linha entre o trono de pilar e a estátua de Zeus, como se esse teste final fosse concebido especificamente para ele. Olhando para a estátua do Pai dos Céus em desaparecimento, Kratos percebeu que o próprio Zeus lhe tinha dado o único caminho possível para mover o peso enorme sobre essa superfície incrivelmente escorregadia em tão pouco tempo.

Ele deu alguns passos cuidadosos em direção à estátua e inclinou sua cabeça.

– Senhor Zeus. Você previu este momento? É por isso que você me concedeu uma fração do seu poder?

Sem resposta vindoura, Kratos rolou e alcançou por cima do ombro direito para agarrar o relâmpago sólido. Ele assumiu uma postura mais ampla para se equilibrar e jogou o raio no disco, um pouco abaixo da Caixa. A impressionante detonação teve exatamente o efeito que Kratos esperava: a Caixa deslizou alguns metros em direção ao trono de pilar. Mais seis raios empurraram-na para a beira do pilar em si. Kratos se dirigiu para a base mais firme do pilar e pôs o seu pé contra a parte de trás do trono do Arquiteto.

– Já que você ama tanto os deuses – Kratos disse enquanto chutava o trono para fora do pilar e enviava-o girando em direção à estátua de Hades. – Fique com eles para sempre.

Ele se virou, pegou um pedaço protuberante de metal da arca, e arrastou o recipiente que seria a destruição de Ares para o pilar, que imediatamente começou a descer.

Na longa viagem em queda, Kratos só podia olhar para a Caixa, pensativo. Ele tinha sido informado de que essa coisa era uma arma, a única arma que permitiria que um mortal matasse um deus. Ainda assim, Zeus tinha ordenado ao Arquiteto que projetasse o templo para que um mortal pudesse ter sucesso e pudesse reivindicar o poder da arca. Ele lembrou-se das palavras de Atena: *Zeus proibiu os deuses de guerrearem uns contra os outros*. Tal decreto devia ser compulsório, mesmo sobre o próprio Zeus.

Será que Zeus ordenou que um único caminho tivesse que ser deixado em aberto, porque, mesmo mil anos atrás, ele havia previsto que um dia um deus deveria ser morto?

–Você escolheu bem, minha filha – disse Zeus, enquanto juntos eles assistiram a piscina de vidência exibir a descida lenta do trono de pilar do Arquitecto.

– Ares escolheu, eu refinei. – Atena disse, recusando-se a tirar os olhos da imagem de Kratos até o espartano e a Caixa de Pandora atingirem o nível de entrada do templo. – Meu irmão não entendeu o que tinha em Kratos.

– E assim ele embotou sua melhor arma.

– Uma arma que é mais mortal agora do que Ares jamais poderia ter forjado. – Atena disse.

Eles assistiram o progresso do mortal enquanto ele olhou ao redor do templo no topo da montanha atrás de Atenas.

– Uma pergunta, meu senhor. É esse o resultado de *seu* plano?

Ele se virou para ela, para apontar.

– Pai... – ela repetiu, mas o Rei do Olimpo simplesmente apontou para a piscina de vidência, onde o trono ainda descia em seu ritmo constante através dos incontáveis pisos do templo.

– Seu espartano está quase chegando na antecâmara do templo – ele disse. – Existe alguma coisa que você queira dizer a ele antes que ele saia?

– Por que você pergunta?

– Uma vez que ele trouxe a caixa para fora do templo, os eventos podem começar a se desdobrar rapidamente.

Atena viu que o pilar descendente já tinha atingido a antecâmara, estendendo-se para baixo através do teto, até que ele progrediu para o andar de baixo e continuou a afundar. Os terremotos desencadeados por essa ação começaram a fazer tremer todo o templo, assim como as montanhas acima e abaixo dele. Pedacos de alvenaria explodiam das tensões mecânicas e pedregulhos começaram a chover sobre a cabeça de Cronos.

Atena saiu do Olimpo para a antecâmara do Templo de Pandora, onde chegou com a velocidade de um pensamento, esperando invisível, o trono de pilar aterrissar e revelar Kratos e a Caixa de Pandora.

O espartano pareceu surpreendentemente pensativo quando ele entrou, empurrando a arca pelas imensas portas, que levavam ao exterior do templo. Ao seu toque, um borrifo grande de energia crepitante eclodiu das pedras gigantes.

Atena reuniu as luzes que chamuscavam moldando o formato de seu rosto.

– *Kratos, sua demanda está próxima do fim. Você é o primeiro mortal a chegar à Caixa de Pandora. Ainda há tempo para salvar Atenas. Você deve trazer a Caixa de volta para minha cidade e usá-la para matar Ares.*

Kratos levantou os olhos para encontrar os dela, e ela notou como encontrar os desafios necessários para atingir a Caixa de Pandora o tinha modificado. Sua sede de sangue tinha sido temperada com ponderação. Misericórdia estava além do seu limite, mas ele havia sido forjado em uma arma mais potente, uma que surpreenderia a Ares.

– *Retorne a Atenas, Kratos* – disse ela. – *Retorne e salve a minha cidade.*

Quando ela retornou ao Olimpo, ouviu os grunhidos de Kratos quando ele começou a empurrar a arca pesada.

Ela rematerializou-se diante do trono de Zeus.

Zeus, para sua surpresa, ainda estava lá, ainda observando a piscina de vidência.

– Ele está abrindo as portas. Veja – disse ele. – Ai vem.

– Pai, eu preciso transportar Kratos e a Caixa de Pandora para...

– Não se preocupe com isso.

– Mas, Pai, até mesmo descer a Caixa das costas de Cronos...

– Eu disse – Zeus retrucou. – Não se *preocupe* com isso.

– A cada segundo que passa, mais da minha cidade queima!

Zeus fez um gesto na direção das imagens no espelho d'água.

– Veja.

Enquanto Kratos empurrava a Caixa de Pandora para fora do templo e para o sol da manhã do Deserto das Almas Perdidas, pela primeira vez em mil anos...

Zeus fez um gesto, e a cena na piscina mudou.

Atenas estava em chamas. Ares caminhava pelas ruas, pisando em atenienses que fugiam, rindo quando sua espada cortava todo os bairros em ruínas e golpes de martelo achatavam as casas. Sua risada maléfica ecoava das montanhas para o porto.

Quando o Deus da Guerra levantou o punho para quebrar outro prédio, ele fez uma pausa, punho erguido, e virou-se para o leste como se uma mão invisível tivesse batido-lhe no ombro.

– Então, pequeno espartano, você recuperou a preciosa Caixa de Zeus.

As chamas do cabelo de Ares brilharam como o sol. Seus olhos ardiam com uma fúria que não podia ser contida, e todo o seu corpo tremia enquanto a raiva alimentava seus músculos.

– Você não vai viver para vê-la aberta!

Ares se abaixou para arrancar uma das grandes colunas de mármore do Pártenon. O deus levantou-a como se a ela não fosse mais que uma lança de brinquedo, mas uma com uma mortal ponta irregular. Ele correu para pegar impulso e atirou seu dardo prodigioso, que riscou o céu acima tão rápido que desapareceu como um trovão.

Ares voltou para sua tarefa de destruição com um sorriso no rosto. Ele não se preocupou em assistir a sua arma atingir ao alvo.

– Adeus, espartano. Você vai apodrecer nas profundezas do Hades por toda a eternidade.

Sua risada ribombou sobre as ruínas de Atenas como o chifre maldito do próprio Hades.

– Pai, pare-o!

Atena – Zeus a interrompeu bruscamente –, *seus planos estão no fim. Há apenas mais uma coisa para você fazer até isso tudo acabar.*

Atena abaixou a cabeça, preocupando-se com o destino de Kratos e de sua cidade.

– E o que seria, Pai?

– Assista.

O pé de Kratos continuavam escorregadios. Ele se aproximou da Caixa de Pandora, firmou-se e empurrou com mais força. A arca monstruosa movia-se lentamente. Pesando uma quantidade imponderável, a Caixa era difícil de deslizar até mesmo no chão lustroso da antecâmara. Os terremotos o levaram a perder a pouca tração que ele tinha encontrado em suas sandálias. Mesmo quando ele finalmente empurrou a Caixa através das portas titânicas, mais de construção caiu e quebrou em torno dele.

Com a Caixa na porta, Kratos parou para reunir a sua força para um último empurrão e encontrou-se olhando para a beleza do céu do deserto: celeste vivo, sombreando na direção do índigo a oeste, repleto de nuvens que assumiam formas curiosas que resfriavam a sua alma.

Mas havia mais do que nuvens acima. Quatro pontos flutuavam alto no céu, entrando e saindo de nuvens leves só para reaparecerem como escuros, quase invisíveis, pontos de perigo aproximando-se. Harpias!

Sua atenção voltou-se para a Caixa de Pandora. Ele não tinha ideia de como a desceria das costas de Cronos, muito menos como a arrastaria pelo Deserto de Almas Perdidas. Ele estendeu a mão e agarrou a tampa. Independentemente do quanto ele puxava, ela se recusava a ceder. Levá-la inteira de volta a Atenas seria mais fácil se ele possuísse o poder que estava trancado dentro dela. Embora talvez não lhe concedesse a capacidade de mover essa Caixa, ele imaginava que poderia tornar a tarefa mais fácil.

Ele tentou deslizar a tampa, levantá-la, balançá-la para o lado, mas a força que bloqueava a arca era mais do que podia superar. Talvez ela só pudesse ser aberta depois que ele a levasse para Atenas, ou a Caixa tinha de ser colocada no templo de Atena, onde seu Oráculo poderia usá-la para conceder-lhe o poder. Kratos desejou saber mais, mas ele não tinha tempo a perder com especulação.

Ele voltou a empurrar. Sair do templo de Pandora tinha que ser o seu primeiro objetivo. Quando finalmente ele empurrou a caixa totalmente para fora, as portas maciças do templo fecharam-se com um estrondo atrás dele. Ele parou para recuperar o fôlego e escolher um caminho. E olhou para o céu e para as harpias que voavam para baixo.

Uma dessas nuvens baixas de repente desenvolveu um grande buraco no meio, como se Zeus tivesse enfiado o dedo através dela. A ondulação expandiu-se a partir do furo, como as ondulações de uma pedra atirada em um lago de águas paradas. A carranca de Kratos se aprofundou.

Com um instante de um relampejar branco, seu peito foi atingido por um martelo invisível, manejado por um Titã invisível. Nada em todas as suas décadas de batalha o tinha atingido tão duramente. O impacto dinamitou-o para

trás e impulsionou-o a voar para o grande portão de pedra do Templo de Pandora.

Fixado à porta de pedra, piscando os olhos em sua incompreensão para com a imensa coluna de mármore branca saindo de seu peito, Kratos lutou para respirar. A lança de mármore tinha atingido-o tão rápido, que ele não a tinha notado até que já estivesse estocada. Ele olhou para baixo e soube que tinha apenas alguns segundos de vida restantes em seu corpo progressivamente moribundo. Ele não podia falar, pois seus pulmões foram perfurados a partir de seu peito, atravessando o seu coração e estômago, fígado e baço. Fracamente, ele arranhou a coluna. Ele sabia que as últimas gotas de sangue em seu cérebro lhe davam consciência nesses segundos finais...

E, mesmo na morte, os pesadelos não iriam deixá-lo.

Ele mais uma vez viu a sua carreira, sua vida como homem e como arma nas mãos do Deus da Guerra. Ele viu suas incontáveis vitórias, assassinatos além de qualquer imaginação; mas dois assassinatos não precisavam ser imaginados. Ele se lembrava deles.

Ele os via todas as noites em seus sonhos.

Ele viu a antiga e encarquilhada vidente da aldeia e ouviu de novo as suas palavras:

– Cuidado com as blasfêmias contra a deusa, Kratos! Não entre neste lugar!

Se ao menos ele tivesse tido a sabedoria de prestar atenção às suas palavras...

E o massacre no templo da aldeia, repetido em sua mente mais uma vez, como tinha acontecido todas as noites por dez longos anos: o assassinato dos sacerdotes, o massacre dos adoradores de Atena amontoados no tempo, e, em seguida, os dois últimos: uma mulher e uma menina, apenas silhuetas contra os incêndios que ele criou para queimar o templo e todos os edifícios na aldeia... essas duas últimas silhuetas, que não caíram de joelhos, não tentaram fugir, não pediram ou imploraram por sua vidas...

Kratos novamente sentiu as suas lâminas queimarem através de suas carnes, e ele soube quando suas almas fugiram, enviadas ao Hades como ele tinha feito com muitas outras. Ele tinha assassinado muitos por muito tempo para não ser um soldado eficiente. Eficiente demais.

As duas últimas vítimas não caíram de joelhos, não tentaram fugir, não pediram ou imploraram por suas vidas porque a esposa e a filha de Kratos não podiam acreditar que seu esposo e pai iria machucá-las.

Kratos novamente sentiu-se cair de joelhos, e então foi ele que implorou, que suplicou, que desejou escapar do que encontrou lá. Mais uma vez ele foi assombrado pela visão de sua amada esposa e sua filha preciosa, deitadas em piscinas de seu próprio sangue, abatidas como cordeiros por sua própria mão.

– Minha esposa... minha *filha*... como? – Uma fatal e final questão, que ele não perguntou a ninguém, porque era a única criatura viva do templo em chamas. As palavras o sufocaram.

– Elas tinham sido deixadas em segurança em *Esparta*...

As chamas do templo lhe responderam na voz de seu mestre.

– *Você está se tornando tudo o que eu esperava que seria, Kratos. Agora, com a sua esposa e filha mortas, nada vai impedi-lo. Você vai se tornar ainda mais forte. Você vai se tornar a PRÓPRIA MORTE!*

Naquela noite, Kratos percebeu que seu verdadeiro inimigo era o deus que ele tinha servido tão fielmente. Sobre os corpos frios das únicas duas pessoas na terra que ele amou, Kratos fez um terrível juramento. Ele não descansaria até que o Deus da Guerra fosse destruído.

A bruxa velha do vilarejo, o Oráculo de Atena dessa pequena vila, veio a ele enquanto ele observava a pira na qual ardiam os corpos de sua amada esposa e sua preciosa filha. Por apenas um momento, senil cacarejar havia se transformado em palavras claras e fortes, emitindo voz dos próprios deuses.

– *A partir desta noite, a marca de seu ato terrível será visível a todos. As cinzas de sua esposa e filha permanecerão presas a sua pele, para nunca mais serem removidas.*

Na medida em que as cinzas levantavam de seu lugar de descanso e pintavam-se sobre sua pele para sempre, Kratos conseguiu apenas ficar de pé, engolir sua dor e aceitar o castigo que os deuses haviam proferido sobre ele. Com essa maldição, todos iriam conhecê-lo como a besta que ele se havia se tornado.

Sua pele esbranqueceu com as cinzas de sua família morta, o Fantasma de Esparta nasceu.

Mas Kratos nunca tinha sonhado que chegaria tão perto, ele não teria sonhado que iria morrer no Deserto de Almas Perdidas, que a Caixa de Pandora seria a última visão que seus olhos fracos jamais vislumbrariam...

Enquanto a escuridão da morte cerrava a sua visão, as quatro harpias bateram as asas abaixo do céu, seguraram a arca em suas garras, e levantaram

voo novamente.

Oeste.

Na direção de Atenas.

Sabendo que havia falhado completamente, ele não pôde mais segurar a vida. Com um último estremecer convulsivo, Kratos morreu.

Mas para o Fantasma de Esparta, até mesmo a morte não era o fim.

Kratos caiu, caiu e caiu, ao lado de centenas de outros homens e mulheres caindo ao lado dele. Ele mergulhou através do nevoeiro de sangue sombrio e melancólico do Hades, descendo em direção às margens do rio Estige.

Ele conhecia esse lugar.

Ele tinha estado aqui antes.

Mas sua permanência anterior tinha sido como homem vivo, um mortal invasor entre as sombras dos mortos. Agora, ele era uma sombra ele mesmo. E nenhuma sombra, não importava a grandeza do herói que ele tinha sido em vida, jamais escapou do reino de Hades.

Ele olhou para si mesmo enquanto caía sem parar. Sua pele parecia tão branca como tinha sido em vida; suas tatuagens, tão vermelhas. Sua carne, sentia-a tão sólida quanto antes; seus braços, tão fortes. Nenhuma marca permaneceu da arma gigante que tinha lhe arrancado a vida mortal. Ele se sentiu surpreendentemente, completamente, bem.

Ele pensou em sua esposa e filha já no submundo à frente dele. Sua punição poderia ser a de matá-las repetidamente por toda a eternidade, incapaz de se conter, da mesma forma como frutas frescas e água pura eram eternamente inalcançáveis a Tântalo⁶.

O vento batia em seu rosto; a resolução se solidificou em seu peito. Ele era um guerreiro de Esparta. Até que se encontrasse o barco de Caronte, remando através do rio Estige, ele não estaria morto. Não verdadeiramente. Que estado ele residia de fato era uma pergunta melhor respondida por um filósofo, uma vez que Kratos nunca tinha se interessado por abstrações. Ele não se importava de morrer. Ele só queria ter certeza de que a sombra lacrimosa de Ares atingiria primeiro o Estige.

Ele havia caído tão profundamente que agora começava a ver a paisagem do submundo. Embora ainda estivesse muito alto para ver o rio, ele começou a discernir estruturas sólidas que pareciam ser da cor de ossos, que sustentavam, cruzavam ou pairavam na penumbra cor de sangue abaixo. Caindo mais ainda, ele descobriu que essas estruturas tinham cor de osso por uma razão muito boa.

Eram ossos.

Ossos grandes demais para pertencer mesmo aos deuses. Kratos passou por uma gaiola de costelas, em que cada costela era maior do que a cabeça-mestra da Hidra. Abaixo das costelas, ele avistou uma coluna em que cada vértebra era do tamanho do Pártenon.

Ele dobrou os braços firmemente em volta do seu corpo e doboru as pernas o suficiente para inclinar-se de cabeça para baixo. Enquanto caía, ele realizou pequenos ajustes na extensão das pernas, ou no ângulo de uma ou de ambas as mãos, manteve-o em direção às grandes protuberâncias ósseas. Ele não se preocupou com a força com que ia aterrissar. Ele já estava morto, quão mal isso poderia lhe fazer? Ele despençou para a coluna a uma velocidade espantosa. Enquanto ele caía mais e mais perto, discernia pequenas figuras de outras sombras que haviam tido a mesma inspiração, eles se chocavam ou repousavam ou se agarravam desesperadamente aos ossos, parecendo querer atrasar a sua queda final para o Estige.

Seus últimos metros passaram em velocidade vertiginosa, e o impacto veio com um brilho branco, mas sem nenhuma dor, que era o que ele esperava. O que ele *não* esperava era que quicaria.

Ele se viu cair de novo, descontrolado. Ele atingiu outra vértebra, mas derrapou sobre a borda antes que pudesse pegá-la. Lutando desesperadamente agora, Kratos se agarrou a tudo o que passou perto dele, porque estava prestes a passar por cima da borda do cóccix e não via mais nada entre ele e o rio preto moroso que marcava a fronteira do Hades.

No último instante, sua mão pegou algo. Ele ouviu um grito de pânico e, enquanto pendia por uma mão acima da queda final, descobriu que tinha agarrado um osso e seco tornozelo.

– *Solte*, idiota! – O homem que ele tinha agarrado gritou. – Eu não posso segurar nós dois!

– Aguarde firme – Kratos disse entre dentes. – Segure firme e eu vou tirá-lo daqui. – Inflexivelmente, ele se ergueu para onde poderia segurar o joelho do homem com a outra mão.

– Meus braços – lamentou o homem. – Você está deslocando meus braços do meu cotovelo! *Solte*!

Kratos considerou-se um homem de sorte: o homem estava tão seco que o espartano poderia fechar a mão em torno da coxa do sujeito. O homem tentou chutá-lo.

– Você não vai me arrastar para aquele maldito rio!

– Há uma tarefa deixada para mim, acima – Kratos rosnou – e eu vou concluí-la.

– Eu não me importo! *Solte*!

O homem gritou enquanto Kratos erguia-se mais alto e enfiou a sua mão

como uma lança profundamente na lateral do homem; ele enganchou seus dedos sobre o íliaco do sujeito e continuou subindo.

Seu apoio seguinte foi o ombro do homem, em seguida, o outro ombro, e, finalmente, Kratos pôde segurar a mesma protuberância que o outro agarrava. Agora era uma questão de trepar por cima da vértebra. Ele se voltou para o sujeito que tinha usado como escada.

Ele era o capitão do navio mercante do Túmulo dos Navios. O capitão reconheceu Kratos no mesmo instante. Um olhar de puro horror torceu seu rosto.

– Ah, não. Você de novo não!

Kratos pisou perto da borda e chutou a mão do capitão para fora do osso.

O capitão tinha uma voz penetrante, e Kratos ouviu-o gritar maldições à medida em que sua sombra rodopiava para baixo, para desaparecer na névoa sangrenta acima do Estige.

Kratos virou-se e examinou a paisagem esquelética. Ele começou a subir.

Escalando vértebra após vértebra, ele labutou em seu caminho por um desconhecido intervalo de tempo. A luz aqui nunca mudava, e Kratos nunca se cansava. Ele continuou subindo.

Quando ele chegou às costelas, quilômetros acima de onde havia começado, descobriu uma nova característica desse reino peculiar: mortos-vivos. Esqueletos. Legionários. Mas esses não eram sombras nuas, eram blindados, equipados com todo tipo de armas, e sedentos por sangue, como haviam sido no mundo acima.

Eles se espalharam para interceptar a sua passagem. Conforme eles entravam em posição, Kratos viu que não estavam sozinhos. Dois minotauros carregavam machados de batalha e um centauro enorme brandia uma espada tão longa quanto Kratos. O centauro parecia familiar.

– Eu sei quem é você, espartano! – O centauro rosnou. – Você me mandou para cá apenas alguns dias atrás, em uma rua de Atenas.

– E é assim com todos, não é? Eu matei todos vocês.

O centauro enorme sorriu, abrindo os braços como se estivesse dando boas-vindas.

– E todos nós estamos aqui para retribuir o favor!

Kratos olhou mais para cima e descobriu que poderia mapear seu caminho

observando onde criaturas esperavam por ele. Todos os ossos que levavam para cima estavam cheios de inimigos que haviam morrido por suas mãos. Ele começou a subir o osso até o primeiro grupo. O centauro gritou, girando sua espada enorme em torno de sua cabeça.

* * *

– KRATOS PASSOU EM BATALHA. *Horas, dias, meses, décadas.* Não havia como saber. Ainda assim ele nunca se cansava, e a luz nunca mudou, e ele nunca ficou sem inimigos. Ele subia e depois lutava. Ele saltou em seguida, viu-se diante de uma coluna imensa altamente ornamentada com segmentos rotativos de lâminas imperfeitamente afiadas.

Kratos recuou e tentou ver o topo da coluna. Ela desaparecia nas névoas vermelho-sangue acima. O sibilar das lâminas rotativas cortava o ar, mas não conseguia abafar os gritos de homens e mulheres que o Senhor Hades abraçava abaixo. Kratos tinha percorrido uma distância considerável para chegar a esse ponto, e havia mais a percorrer, se quisesse matar um deus.

Respirando fundo, Kratos viu as lâminas giratórias e decidiu pelos anéis “seguros”, mesmo que ele soubesse que não podiam ser consideradas ilhas de refúgio. Os anéis não giravam em velocidades uniformes. Alguns acima giravam mais rápido, enquanto aqueles em ambos os lados giravam mais devagar. Depois que ele começasse a subir, não haveria como voltar atrás, nem descanso, nem um instante de hesitação.

Dois passos rápidos e um salto o conduziram para cima do primeiro anel de lâminas curvas. Kratos quase teve mal êxito em sua fuga da prisão do Senhor Hades quando uma lâmina sob seu pé esquerdo cortou parte de sua sandália. Ele deu um solavanco para cima e olhou estupidamente para baixo.

Sem descanso. Sem parar.

As lâminas acima vieram rápidas ao nível dos olhos. Escalando, encontrando apoio contra os anéis em constante movimento, uma pequena cavidade onde seus pés cabiam e um impulso rijo permitiram-lhe escapar da decapitação. Ele diminuiu o passo, em seguida, disparou para cima, com os dedos encontrando os locais certos para agarrar e evitar o próximo anel de lâminas, e o próximo, e o próximo. Então ele viu que o anel superior rotacionava em oposição os outros, obrigando a recuar. Kratos deixou-se cair, mas agitou-se quando viu uma pausa no anel mortal.

Ele encontrou um ritmo para a subida, uma certa lógica para o aparentemente aleatório turbilhão de morte à sua volta. Mas um grito advertiu-o de que uma harpia estava vindo às suas costas. Não ousando tirar sua atenção da torre segmentada de lâminas, ele manteve-se escalando.

O sangue respingado de suas costas correu em rios grossos para escorrer até o local onde ele havia começado a escalada. A harpia imprudentemente atacou-o e ignorou um conjunto de lâminas vindas no sentido oposto; ela pagou o preço por isso. Um olhar rápido mostrou o seu corpo decapitado caindo. Ele não viu a cabeça. Ele estava muito ocupado em prevenir que tal destino acontecesse a ele.

Por duas vezes, as lâminas cintilantes quase deceparam peças vitais de sua anatomia. Uma ferida era menor, mas um constante jorro de sangue veio de um corte profundo nas costelas, na parte superior da coluna mortal. O santuário a vista o estimulou, e o vento que assobiava das lâminas refrigerou seu corpo, assim como o suor que evaporava de seus esforços.

Perto do cume, com apenas um anel de lâminas para passar, Kratos subiu, deixando uma borda afiada esfolar sua perna, e deu uma cambalhota para o topo da coluna. Ele imediatamente encontrou-se com um alto legionário blindado em chamas. Kratos deu um salto mortal, aterrissando de pés, e sacou as Lâminas do Caos em suas mãos. A subida tinha deixado o seu pulso acelerado, e cada sentido agora estava aguçado. O legionário não tinha chance contra seus ataques rápidos e seus súbitos saltos altos no ar. Ele foi arremessado para baixo, para as lâminas que o precediam. O legionário explodiu em uma bola de fogo quando a ponta de uma faca dirigiu-se duramente para a parte de trás do crânio do morto-vivo.

Kratos ficou de pé, olhando para o monte de cinzas que marcava o local de descanso final do legionário. Ele chutou as cinzas sobre a borda, levando-as a flutuar, à deriva do rio Estige.

Olhando em volta, ele viu que não tinha para onde ir a partir do ápice da coluna. Kratos olhou para baixo, por sobre o borrão de facas giratórias. Se tivesse que recuar e encontrar outro caminho, ele o faria. Quando ele deu um passo para a borda para iniciar sua descida, um novo som encheu o ar, abafando os gritos dos infelizes caindo no submundo. Ele pulou de volta, a tempo de evitar ser esmagado por um bloco pesado.

Um sorriso desgostoso curvou os lábios de Kratos. Ligada ao bloco estava uma corda que desaparecia, acima. Ele talvez tivesse que enfrentar algumas harpias, mas as lâminas da coluna sob seus pés eram um perigo passado. Reunindo suas forças, ele dobrou as pernas e explodiu para cima, agarrando a corda tão acima quanto possível. Mão após mão, ele continuou sua fuga, enquanto passava por dezenas, ou milhares, de armas depostas dos cadáveres de seus inimigos. Apesar de ser uma sombra, ele podia ser ferido por esses inimigos, como ele descobriu, mas a vitória curava as suas feridas.

O submundo atrás dele desaparecia quanto mais ele subia para, finalmente, ver um teto. Kratos se admirou com o que pareciam ser raízes penduradas. Ao se aproximar, ele viu que realmente eram raízes de plantas vivas do mundo acima. O mundo dos vivos acima!

Kratos escalou mais rápido e seguiu a corda através de um buraco que bloqueava todos os sentidos. Seus ombros roçaram a terra e, em seguida, o orifício estreitou ainda mais, mas mantinha a corda esticada acima dele. Ascendendo mais devagar, ele sentiu-se esmagado e sufocado, e ele conhecia o cheiro em suas narinas e o gosto em sua boca.

Lodo. Lama.

Terra.

Ele cuspiu a boca cheia de pedregulhos e selou os lábios. Com um esforço maior do que ele já tinha acreditado que poderia invocar, Kratos forçou as mãos e depois os braços a moverem-se. Ele pressionou seus membros para cima, usando a sua grande força para enviar a asfixiante terra para longe dele, abrindo um pouco mais de espaço para trabalhar. Ele começou a mover as pernas também, lutando para dobrar os joelhos ou ampliar sua posição. Seu coração batia, e seus pulmões clamavam por ar...

Ele pensou consigo mesmo repetidamente: *sombras não precisam respirar.*

Sem parar para se maravilhar com esse milagre ou refletir sobre a sua fonte, Kratos arranhou seu caminho para cima, rosnando e ofegando e forçando seus membros enfraquecidos a se moverem, a subirem, para rasgar a terra acima dele e irromper para a luz e ar. Somente quando o seu coração palpitante pareceu estar sufocando-o para a morte, sua mão violou o último amontoado de terra para o mundo dos vivos.

O ar fresco soprou em seu rosto. Sua fadiga desapareceu. Furiosamente, ele combateu a aprisionadora terra até que pudesse ver uma noite encoberta por nuvens vermelho-sangue brilhando e refletindo a luz dos incêndios abaixo.

– Atenas. – Ele resmungou. – Estou em Atenas...

Ele se ergueu da boca do buraco que ele cavou e descobriu que ainda havia cerca de sete palmos acima dele.

Ele estava em uma cova aberta.

6 Na mitologia grega, o rei Tândalo roubou os manjares dos deuses e serviu a eles a carne do seu próprio filho. Ele foi condenado a viver em um vale rico de vegetação e lagos no Tártaro, mas não podia saciar sua fome ou sede. A água escoava perto dele, e os galhos retiravam as frutas de seu alcance.

Nã cova aberta, a pele de Kratos formigou como se ele sentisse um calafrio repentino. Ele se virou e olhou para cima, e, sim, estava no lugar onde achava que estava: o túmulo que tinha sido escavado ao lado do Templo de Atena.

Kratos saltou sobre a cova e olhou para a cidade em chamas. À distância, ele viu a forma imensa de Ares caminhando pela cidade, pisando nos edifícios de forma aleatória.

– Ah, Kratos, bem a tempo. Terminei de cavar apenas um instante atrás.

A voz inesperada assustou Kratos e o fez virar-se. Ele agachou-se, pronto para lutar por sua vida recém-recuperada, mas não havia nenhum perigo ali. Atrás dele estava apenas o velho coveiro.

Agora, no entanto, o coveiro não parecia tão velho ou tão decrepito, e sua voz não tinha nada de seu antigo tremor senil.

A inteligência inflamou em seus olhos uma vez turvos.

– Quem é você?

– Uma pergunta interessante, mas não temos tempo para respondê-la, meu filho. Você deve se apressar. Atenas precisa de você.

– Mas... mas... – Krato gesticulava em uma perplexidade impotente para o túmulo vazio. – Mas como é que você sabia... como poderia saber que eu...

– Atena não é a única divindade que está tomando conta de você, Espartano. Você chegou longe para provar o seu valor, mas a sua tarefa final está diante de você.

Kratos se virou assim que um estrondo irrompeu da direção de Atenas. Ares elevou-se, distribuindo destruição e rindo em triunfo. Kratos sentiu sua raiva inflamar. Sem voltar-se para o coveiro, ele perguntou:

– Quem é você?

Kratos falou com o vazio. O coveiro tinha desaparecido como fumaça ao vento. Veio uma resposta sussurrada, um zéfiro soprando em seu ouvido.

– *Complete sua tarefa, Kratos... e os deuses perdoarão os seus pecados...*

O Espartano balançou a cabeça sombriamente.

– Como posso fazer isso sem a Caixa de Pandora?

De todas as armas que ele ainda carregava, Kratos sabia que nenhuma sequer colocaria em desordem o cabelo ornado de chamas de Ares.

Ele fitou através da ruína inflamada de Atenas, onde o Deus da Guerra permanecia gritando seu triunfo para os céus. Kratos endureceu quando ele se lembrou de um velho ditado: *espartanos lutam com as armas que têm, e não com as armas que desejam.*

O momento da decisão finalmente tinha chegado. Hora de matar.

Hora de morrer.

Kratos começou a caminhar. Um abafado e ofegante gemido chegou aos ouvidos de Kratos enquanto ele se dirigia para o abismo que tinha há pouco cruzado, antes da ponte solitária ser destruída. Ele vinha de dentro do Templo de Atena. Parecia um gemido de uma mulher em agonia, ofegando seus últimos suspiros.

Ouvindo isso, Kratos descobriu-se contente por saber que, ao menos, sua esposa e filha não tinham sofrido. Ele tinha dado a elas uma morte rápida, quase indolor. Mais limpa do que a mulher lá dentro. *Provavelmente o Oráculo*, pensou ele, e parou.

Se fosse o Oráculo, ele tinha uma última pergunta para ela.

Ele trotou até os degraus da frente do templo. O andar inteiro estava manchado com sangue seco. Ele foi até a estátua imensa de Atena e ficou em pé diante dela, olhando para os seus olhos de mármore branco.

– Nenhuma caixa. Somente as armas que eu tinha antes – disse ele, girando as Lâminas do Caos ao redor. – Algum conselho?

O rosto de mármore da estátua permaneceu teimosamente vazio. Kratos virou-se e andou por de trás do altar, em direção ao corredor que levava aos aposentos do Oráculo. Uma dúzia de passos longos levaram-no para a sala vazia. Não havia nada lá, a não ser algumas folhas mortas.

De volta ao templo, ele olhou em volta para encontrar a fonte do gemido suave. Ele virou-se lentamente, ouvindo com atenção. Acima. Em algum lugar acima.

O teto do templo havia sido explodido em pedaços. Ele correu rapidamente e saltou sobre o altar, caindo novamente ao lado da cabeça da estátua de Atena, e, em seguida, um salto prodigioso impulsionou-o para a borda do telhado rompido. Ele quase não conseguiu; sua mão esquerda fechou-se em um caco de uma viga e pendurou-se, balançando.

Mais uma vez as visões capturaram a sua mente. Sua esposa e filha em seus braços, cruelmente abatidas no chão do templo da vila. A maldição do Oráculo que o transformou no Fantasma de Esparta. O redemoinho de cinzas de sua família aderindo à sua pele, para sempre manchando tanto a sua carne quanto a sua alma.

Kratos grunhiu e subiu no telhado.

Esparramado a poucos passos de distância estava o Oráculo de Atena, sua contorcida posição avisava que sua espinha havia sido quebrada. Várias vezes, em batalha, Kratos tinha visto guerreiros em posições semelhantes. Levava horas, às vezes dias, para que eles morressem.

Ele se ajoelhou ao lado do Oráculo. Ela tinha parecido diminuta antes. Agora ela era frágil e velha além de seus anos. Seus olhos palpitararam e abriram-se quando sentiu os dedos em sua bochecha, e ela apertou os olhos contra a claridade das chamas devorando a distante Atenas.

– Você *voltou* – disse ela em um sussurro. – Você conquistou a Caixa e a perdeu. Minhas visões... Eu vi.

– Então você sabe o que aconteceu comigo.

Ela fechou os olhos. Sua pele estava pálida, transparente como um pergaminho, revelando o emaranhado de veias logo abaixo da superfície. Kratos pressionou os dedos com mais força em sua bochecha. Ela se mexeu.

– Diga-me o que você vê – disse ele. – Diga-me como posso matar o Deus da Guerra.

– A Caixa... – O Oráculo se contraiu espasmodicamente. Ela balançou a cabeça. – Por que você foi escolhido por Atena? Você é um homem terrível. Um monstro...

– Um monstro para matar um monstro.

Não veio nenhuma resposta, ele falava com uma mulher morta.

Ele se levantou e olhou para o seu corpo, pouco maior que o tamanho de uma criança, não importando os poderes que possuía em vida. Agora sua sombra tinha sido despachada para o abraço do Senhor Hades.

Ele olhou para baixo, sobre a cidade, e então para o abismo. Como que ele iria descer daqui?

Ele notou que um edifício em chamas perto da base da falésia estava se movendo, como se, de alguma forma, atravessasse a cidade; mas então o fogo

virou o rosto para o céu, e Kratos percebeu que o que ele achou que fosse uma construção era, de fato, a chama do cabelo de Ares, visto de cima. O deus parecia estar contemplando a vista.

Num piscar de olhos, Ares foi varrido da existência. Mais uma vez, Kratos sentiu uma pontada fria se espalhar pela sua pele. Isso tinha sido muito parecido com o Ares fantasmagórico na Arena da Memória. Se o Ares real fosse tão invulnerável quanto a sua imitação...

Ele não se permitiu pensar sobre isso.

Então a voz que assombrava cada pesadelo de Kratos rugiu logo atrás dele.

– Zeus! Você vê o que seu filho pode fazer?

Kratos se virou e deixou o seu coração voltar a bater. Ares não tinha ideia de que o espartano estava lá. Ele só dirigiu-se ao topo da montanha por que ela continha o templo mais sagrado de Atena.

Ares se vangloriou para o céu.

– Você optou por favorecer Atena, mas a cidade dela está em ruínas diante de mim!

Os ecos da voz colossal derrubaram mais destroços da alvenaria ao redor do templo.

O deus levantou o punho, ameaçando o céu.

– E agora, até mesmo a Caixa de Pandora é minha. Gostaria que eu a utilizasse contra o próprio Olimpo?

Kratos, do seu ponto de vista vantajoso sobre o telhado do templo, viu que o deus estava dizendo a verdade. Embora a massa da arca estivesse ofuscada pelo punho do qual pendia, não havia dúvida de que aquele era o estranho brilho de ouro de suas joias. A Caixa de Pandora rotacionava no final de uma corrente longa e delgada, como se fosse um medalhão, um amuleto que o deus usava para dar sorte.

Ares continuou com seu falatório extravagante, mas Kratos já não o escutava. Toda a sua atenção estava focada na fina corrente que ligava a caixa ao punho do deus. Ele olhou da corrente para a cicatriz branca na palma da mão, em seguida, de volta para a corrente.

– Não posso golpear o deus? – Ele mostrou os dentes para a noite como um lobo raivoso. – Justo.

Ele disse suavemente:

– Ares.

Ouvindo seu nome, o deus se virou para olhar por cima do ombro.

Ele cheirou o ar, como se para capturar um sabor agradável.

– *Kratos. Regressado do submundo.* – Ares não parecia surpreso, estar parecia satisfeito. Ele ergueu o rosto para o céu de novo e jogou os braços largos na direção do Olimpo. – *Isso é o melhor que você pode fazer, Pai? Você envia um mortal alquebrado para me derrotar, o Deus da Guerra?*

Kratos não se sentia alquebrado.

Ele ergueu a mão direita, sentiu o poder do raio de Zeus surgindo de dentro dele enquanto dava um passo para a frente, e desencadeou a guerra sobre um deus.

– Quem é o coveiro?

Zeus pareceu ter se surpreendido com a pergunta repentina de Atena.

– Ora, ele... cava sepulturas.

– Isso não é uma resposta.

– Mas é. Só não a resposta que você está esperando.

Atena escondeu o início de um sorriso. As palavras do Pai dos Céus levaram-na a uma conclusão inevitável: o próprio Zeus tinha sido o coveiro, e ele apoiou Kratos. Ela sabia que ele não podia favorecer abertamente o Espartano, por causa de seu próprio decreto. Os outros deuses iriam protestar. Com tanta confusão no Olimpo, graças a Ares e sua desobediência, Zeus caminhava com cuidado. Ele era o Rei dos Deuses, mas nunca poderia suportar uma rebelião aberta encetada entre todos os outros deuses.

Ela regojizou-se. Zeus tinha auxiliado Kratos de uma forma que ela desconhecia, mas, ainda assim, tinha ajudado-o. O que aumentava a chance de sucesso de Kratos.

Zeus havia concedido o poder do relâmpago a seu Kratos secretamente.

Atena precisava de mais ainda de Zeus.

– Pai, *devemos* ajudar Kratos mais abertamente. Ele não pode esperar vencer Ares em batalha sem a nossa ajuda.

– *Não!* – Imediatamente instável, Zeus sacudiu-se para ficar ereto e agora elevava-se sobre ela, de modo que todo o corpo da deusa estava em sua sombra. – Você *não* vai ajudar Kratos, porque o sangue de Ares não vai manchar as *suas* mãos!

Tudo se encaixou. A complexidade roubou-lhe o fôlego. Zeus tinha manobrado-a para que ela guiasse Kratos onde *ele*, o Senhor do Olimpo, pudesse provocar a morte de Ares.

– O que mais, Pai? Você disse que Kratos tinha que se provar digno. De quê? O que mais, além de matar Ares, você planeja para ele?

– Você pensou em usar o seu mortal para realizar o seu objetivo, mas eu previa fracasso. Agora, há uma chance de que Kratos mate um deus e... realize mais.

– Uma chance – Atena disse – mas não uma certeza.

Zeus não respondeu.

Rápido como era o raio, pareceu a Kratos que ele estava rastejando através de um tipo espesso de melado. O intervalo entre o lançamento do relâmpago e o atingir o seu alvo estendeu-se mais do que toda a vida de Kratos.

Ele não esperou para vê-lo acertar. Se ele errasse, estaria morto de qualquer maneira, sendo assim, ele se colocou em uma posição que poderia aproveitar melhor o seu sucesso. No instante em que suas mãos ficaram livres, ele mergulhou para a borda do teto do templo, pegou uma escultura ornamental, e chutou-a na direção da estátua de Atena, rumando para o nível do solo. Ele ainda estava no ar quando o raio atingiu seu alvo.

Ares, ainda gritando seu desafio a Zeus, nunca predisse o que iria acontecer.

Seu primeiro indício sugestão foi um choque que ferrou sua mão direita e, no momento seguinte, ele não sentiu mais o peso da Caixa de Pandora.

O relâmpago tinha atingido seu alvo e feito o seu trabalho, rompendo a corrente que unia a Caixa à mão do deus.

– *O quê?* – Ares olhou fixamente para o punho como se ele tivesse, de alguma forma, traído-lhe. – *O que você fez?*

Do punho erguido de Ares para o chão abaixo havia uma centena de metros. Kratos calculou onde a arca iria pousar e correu para o local com toda sua velocidade. Seu palpite foi bom. A caixa caiu em uma pilha de entulho poucos passos a sua frente, e ele correu na sua direção antes que Ares entendesse o que tinha acontecido.

Alcançando-a, Kratos agarrou a tampa e empurrou-a tão forte quanto podia. Ao contrário de sua tentativa no Templo de Pandora, a tampa deslizou sem esforço, quase como se a Caixa quisesse ser aberta por ele.

Entre as ruínas do Templo de Atena, Kratos de Esparta tinha aberto a Caixa de Pandora, pela primeira vez desde que foi escondida no templo nas costas de Cronos, um milênio atrás.

Kratos escalou os escombros e ficou à margem da arca, olhando para o seu brilho quente e ensolarado. O que estava dentro também brilhou intensamente para os olhos de Kratos. Ele experimentou um terrível instante de vertigem, como se estivesse prestes a mergulhar de cabeça em um buraco mais profundo que o universo. Mas quando a vertigem passou, todo o seu corpo estava aquecido com a luz. E a Caixa pareceu encolher-se, diminuindo ao tamanho de uma caixa de joias.

Kratos gritou quando o poder submergiu em seu corpo, encheu sua alma... e

muito mais. Seus braços se ergueram acima de sua cabeça, e faíscas minúsculas dançavam entre os dedos abertos. Ele nunca tinha imaginado tal poder. Era esse o poder e a sensação semelhantes aos de um deus?

Em seguida, Kratos olhou para o Deus da Guerra e descobriu que não fora a Caixa que tinha encolhido.

Ele tinha crescido.

Antes, Kratos tinha uma altura que batia no tálus de Ares, agora ele olhava o deus bem no meio dos olhos. E, naqueles olhos, ele viu uma centelha de medo.

Ares afugentou seu horror com fúria altaneira. Seu rosto torcia-se em um sorriso desdenhoso.

– Você ainda é apenas um mortal, tão fraco quanto no dia que você me pediu para salvar sua vida.

– Eu não sou o homem que você tomou naquele dia. – Kratos se endireitou e, quando ele falou, sua voz também abalou a montanha.

– Por dez anos eu esperei. Nesta noite, você morre.

O escárnio de Ares expandiu-se em riso sombrio.

– Atena deixou-o fraco.

Kratos abaixou-se em posição de luta.

– Forte o suficiente para matar você!

– Nunca! – O deus abriu os braços, como se acolhesse a chegada de seu filho favorito. *– Dê meus cumprimentos a sua família.*

Em vez de começar a guerrear com Kratos, o deus liberou um poder escuro e sobrenatural que banhou Kratos, e o invadiu, apoderando-se de sua mente completamente. O templo, a montanha, Atenas, e o próprio Deus foram todos apagados diante dos olhos de Kratos, substituídos por uma aldeia em chamas.

Ele caiu de joelhos. Ele conhecia esse lugar terrível. Ele tolerava-o todas as noites em seus sonhos, em visões que torturavam seus dias e preenchiam cada instante de sua vida.

Um riso zombeteiro soou em seus ouvidos.

– Eu lhe ensinei muitas maneiras de matar, Kratos. Carne queimada, ossos quebrados, mas romper o espírito de um homem é verdadeiramente destruí-lo.

Rosnando com uma raiva sem palavras e com negação, Kratos ficou de pé. Ele cambaleou através das chamas em frente ao templo na vila onde ele havia assassinado sua esposa e filha.

– Você reconhece esse lugar, Espartano? Talvez você possa desfazer seu crime. Se você me implorar por misericórdia, eu posso deixá-lo paralisar seus assassinatos.

Kratos entrou pela porta do templo. Sua esposa, sua filha, vivas e ilesas, estavam diante dele como a resposta para todas as orações que ele fez a todos os deuses. Ele tentou falar, mas nenhuma palavra conseguia romper o domínio da emoção que fechava a sua garganta. Cada pesadelo durante essa década terrível de tormento girava em torno dele, manchando um ao outro, e tomando forma física diante de seus olhos.

– Kratos? – Sua esposa disse, incerta, protegendo os olhos contra as chamas atrás das costas dele. – O que está acontecendo? Onde estamos?

– Papai! – Sua filha se jogou em direção a ele, mas sua mãe agarrou o braço da menina e segurou-a de volta.

A única vez em sua vida que Kratos tinha sentido um golpe tão poderoso e mortífero em sua alma foi quando a coluna lançada por Ares o fixou na porta do Templo de Pandora.

– Pelos deuses, pode isso ser *real*?

– Kratos? – Disse a esposa. – Você veio nos levar para casa?

A parede do templo, cintilando de repente brilhou como se já não fosse uma coisa inteiramente material, e por trás desse brilho veio...

Kratos.

Seu eu mais jovem, o Kratos da década passada, veio caminhando no templo para matar tudo o que se movia.

* * *

ELE SE COLOCOU entre sua família e seu eu mais jovem. Seu eu mais jovem veio para cima dele com um estilo resolutivo e eficiente que tinha sido sua marca registrada. Cada passo era um golpe. Cada golpe era um passo. Sua versão mais jovem era mais rápida e mais forte do que Kratos era agora, mas força e velocidade nunca foram os únicos elementos de vitória.

O ar chiou com a música das Lâminas do Caos. Na medida em que elas brilhavam ao seu redor, abrindo pequenos cortes em todo o corpo, Kratos

descobriu que ele não gostava de estar deste lado das lâminas.

No próximo chicotear de armas do jovem Kratos através do ar, o velho Kratos entrou na cama de gato das lâminas e segurou uma pela corrente. Seu calor queimava suas mãos, mas ele não se incomodou. Ele estava acostumado à dor. Para ganhar de volta sua família, ele suportaria tudo.

Ele agarrou o punho da lâmina e puxou com todo o seu poder. Sua força atirou o jovem Kratos no ar, mas o seu eu mais novo foi tão ágil quanto ele tinha sido. Em vez de cair, impotente, o jovem Kratos inverteu a direção do seu voo em um ataque súbito, a outra lâmina pronta para matar.

A ação do velho Kratos deve ter sido um considerável choque para o jovem Kratos quando seu braço foi cortado na altura do cotovelo, de modo que sua mão, lâmina, e corrente caíram inofensivamente no chão. O velho Kratos misericordiosamente poupou-lhe de qualquer choque adicional dividindo-lhe o crânio em duas partes.

– Você está vendo, Ares? Você tomou-as uma vez. Eu nunca vou perdê-las de novo!

Como se em resposta, manchas nas paredes do templo brilharam novamente. Três delas.

De cada uma, um jovem, forte e novo Kratos espreitou à frente.

Kratos amaldiçoou Ares enquanto balançava as Lâminas do Caos contra trio de si mesmo. – Um de cada vez teria sido fácil demais.

À medida em que os três avançavam sobre sua família, Kratos sentiu o retorno de sua incontrolável fúria sangrenta, alimentada pelas familiares Lâminas do Caos em seu punho.

Kratos investiu contra eles sem hesitação, atacando dois de uma só vez. O terceiro aproveitou essa oportunidade para flanquear Kratos e matar sua família, mas descobriu, horrorizado, que seu ataque tinha sido antecipado. E contra-atacado. O sangue derramou de seu pescoço cortado, enquanto sua cabeça rolou no chão.

Essas duplicatas eram mais jovens e mais fortes, mas elas lutavam com a mesma ferocidade sedenta de sangue que tinha levado Kratos a cometer o pior de seus crimes. O velho Kratos lutava para controlar essa fúria sangrenta, e já não era uma estúpida máquina de matar. Como sua esposa queria, ele se livrou da necessidade de ver sangue derramado, substituindo pela luta por honra e família. Dentro de dez segundos, todas as duplicatas restantes estavam mortas diante dele.

Kratos ficou diante deles, ofegando asperamente, sangrando de dezenas de cortes.

Esperando.

– Kratos, por favor, eu não sei onde estamos – Chorou a sua esposa. – Leve-nos para casa.

– Em breve, eu espero – Kratos disse suavemente. – Ainda há trabalho a fazer por aqui.

Desta vez, eram cinco.

Eles tiveram o mesmo destino que os outros.

– Você nunca vai tomá-las, Ares. Envie dez de mim. Envie mil. Eu vou matar todos eles. Nenhum deles vai tocar a minha família.

As chamas do templo falaram-lhe com a voz de Ares.

– Você abriu mão delas em sua busca por poder absoluto. Há um preço a se pagar por tudo o que você ganha.

– Não este preço. Nunca.

– Nenhum preço é demasiado elevado para o que eu lhe ofereci, idiota! Você se atreveu a rejeitar um deus! – A voz do fogo se suavizou em uma malícia sedutora. – Aqui está o preço de tal ato tolo.

– Eu não me importo. – Kratos levantou as Lâminas do Caos. – Eu estou pronto.

– Está?

As Lâminas do Caos ganharam vida em suas mãos, movendo-se com vontade própria. Era como se elas tivessem tomado os pulsos de Kratos em um aperto indestrutível. E elas começaram a se arrastar para sua família.

– Não – ele gritou. – De novo, não!

Ele tentou soltar as Lâminas do Caos, lançá-las para longe, mas elas estavam soldadas às suas mãos. As correntes em seus braços queimavam com uma fúria que turvava a sua visão com uma dor de rasgar a alma. Então, as lâminas o controlavam, não o contrário.

– De novo, não!

As lâminas subiram.

As lâminas desceram.

E, mais uma vez, agora, dez anos depois, Kratos se punha de pé sobre os corpos de sua esposa e filha. Assassinadas pelo Deus da Guerra.

– Você deveria ter se unido a mim.

Kratos gritou e caiu de joelhos. Este grito não era de terror ou arrependimento; não era a tristeza que afrouxava suas pernas. Era raiva.

As chamas em seu coração ardiam mais quente do que as Lâminas do Caos jamais poderiam.

– Você devia ter sido mais forte.

Kratos só conseguia uivar com uma cólera incoerente.

– Agora você não terá nenhum poder. Nenhuma mágica. Nenhuma arma.

Mãos invisíveis agarraram as lâminas e puxaram-nas de sua aderência. Elas ficaram cada vez mais longe uma da outra, como uma manivela que afastava e estendia os braços de Kratos, quase rompendo-os, mais e mais, até que seus ombros gritaram de dor, como se os braços fossem rasgar fora do corpo.

Ao final, sua carne desistiu antes que suas articulações o fizessem.

As correntes estavam livres, triturando os braços com a sua retirada, deixando os enegrecidos rasgos soltando fumaça.

– Tudo o que resta para você é... morte!

Com essa última palavra do Deus da Guerra, o templo queimando desapareceu em torno de Kratos.

Kratos ajoelhou-se sobre os escombros da noite envolta pelo estilhaçado Templo de Atena, no topo de sua montanha sagrada, acima de sua arruinada cidade. Uma única lágrima arrastou-se pela sua bochecha e caiu no acúmulo de pedras na alvenaria quebrada. Ele levantou uma mão, contemplando o danificado e carbonizado antebraço, e virou-se em direção ao templo, como se inspecionando o quanto ele superava em tamanho a grande estátua de Atena.

Quando olhou para cima, seus olhos estavam secos.

Ares encarou-o através da ruína. Ele se inclinou sobre sua espada vermelho efervescente como se fosse uma bengala.

– *Sem magia?* – O rosnado do Kratos do tamanho de um deus retumbou pela cidade, aumentando os ecos das montanhas distantes. – *Eu tenho magia suficiente.*

– *Você ainda é um mortal, inútil e fraco* – zombou Ares.

– *Há uma mulher morta no chão do templo. Ela disse que eu sou um monstro, e ela não estava errada.* – Kratos levantou-se. Ele balançou as torções para fora de seus membros, enviando gotas de seu sangue voando em todas as direções. – *Eu sou o seu monstro, Ares, e eu vim para lhe matar.*

Ares soltou uma gargalhada.

Então a fúria de Ares entrou em erupção, em uma explosão de chamas e um estrondoso urro, como um milhão de soldados berrando seus gritos de guerra em uníssono. Ele levantou a grande espada sobre sua cabeça.

– *Lute!* – Ele rugiu. – *Se você ousar!*

Ares veio galopando pelo cume da montanha, cada passo fazia a pedra tremer e quebrava o templo em pedaços. Kratos assistiu-o como um leão à espreita. E a verdadeira peleja, enfim, começou.

* * *

ATENA ASSISTIA À LUTA mostrada pela piscina de vidência diante do trono do Olimpo, Zeus a seu lado, seu coração batendo até que ela mal pudesse respirar. Era mais do que a ansiedade por seu plano ter alcançado o clímax de uma década. Surpreendentemente, ela estava *preocupada* com Kratos!

Embora ela mal pudesse acreditar, de alguma forma ela tinha começado a se importar com esse grosseiro mortal homicida. Quando Kratos se deparou com a investida de Ares, lançando um punhado de prédios como areia nos olhos do deus, ela prendeu a respiração. Quando Kratos escorregou de lado para evitar os golpes cegos da espada de Ares e levou o Deus da Guerra para o chão, ela arfou. Kratos extraiu uma rocha da base da montanha que deveria pesar toneladas; agora ele estava tentando transformar o cérebro de Ares em pudim de sangue, e Atena se viu de pé sem lembrar de ter se levantado.

– *Isso sim é uma luta!* – Zeus exclamou.

Seus olhos dançavam, e não havia cor no alto de suas bochechas. Relâmpagos minúsculos mostravam-se em sua barba de nuvens.

– *Nada dessa coisa moderna de ficar saltitando, com espadas e escudos o tempo todo. Essa é a maneira como uma peleja costumava ser.*

O Rei do Olimpo deslocou-se para uma posição mais confortável à beira da piscina de vidência.

– Kratos pondera bem em seu... julgamento, e faz toda a humanidade parecer mais esperta. Você pode imaginar o que deve estar passando pela cabeça de Ares agora?

Atena viu-se apertando os punhos e contraindo os ombros como se ela pudesse, de alguma forma, *ajudar* Kratos a ganhar. Quando Ares chutou-o e ele conseguiu ficar de pé, ela não conseguiu respirar novamente. O Espartano, porém, sem hesitação, jogou-se de volta para a luta.

– Esse menino Espartano significa muito para você, não é?

Ela contraiu os músculos com a pergunta e depois corou de vergonha por ser tão transparente.

– É claro – disse ela, forçando um véu de calma para cobrir sua ansiedade. – Como você cuida de suas águias, pai. Fico na expectativa da sua saúde, e torço por sua felicidade.

– Se ele cuidar de Ares, pelo menos não terá mais de se preocupar com sua maldição por ter matado parentes. Se ele derrotar Ares, seus crimes *serão* perdoados. Eu decretei que seria assim.

– É tudo o que ele espera – Atena disse. – Com o perdão, a sua loucura, as visões, os pesadelos vão finalmente acabar.

Zeus olhou de soslaio.

– Quem lhe falou sobre seus pesadelos?

Ela olhou para seu pai. Um choque de pavor percorreu seu coração e expandiu-se para seus membros.

– Pai, o fim dos seus pesadelos... é por isso ele vem *trabalhando* todos esses anos!

– E para vingar a morte de sua família – Zeus apontou. – O que ele parece estar prestes a fazer, pelo jeito que as coisas estão indo.

– A vingança é apenas uma parte da sua jornada. – Ela insistiu. – Para que serve o *perdão*? Ele não precisa ter seus pecados lavados, ele precisa de uma noite de sono decente!

– Talvez – Zeus disse. – Mas o que ele precisa e o que merece não são a mesma coisa.

– Pai, você não pode balançar essa esperança na frente dele para ganhar dez anos de serviço e depois arrancá-la fora!

– Eu não balancei, como você diz, nada. O que quer que tenham pechinchado entre vocês dois não é da minha conta. Há mais importância nessa luta do que você imagina.

Atena só podia sentar e ficar boquiaberta.

Zeus ergueu-se, e toda a sua zombaria alegre e prática de jogos insignificantes desvaneceu. A majestade da realeza radiante brilhou em seu rosto como o próprio sol.

– Não há crime pior do que derramar o sangue de sua própria família. Eu suporto a maldição desse ato em mim. É um crime que pode ser justificado, talvez, pelo fato de que eu agi para me defender e salvar a todos vocês, mas ainda assim estarei manchado para sempre com a maldição do meu crime. Kratos agiu por simples frenesi de sangue. Isso nunca pode ser alterado.

– Ele não é *responsável* por isso.

– Sua culpa será purificada. Mas, ainda assim, ele é o responsável. O que quer que ele tenha feito não pode ser desfeito. Um ato tão vil pode ser expiado, algum dia. Mesmo perdoado. Mas *nunca* poderá ser esquecido. Ele deve encontrar paz a sua própria maneira.

– Mas, Pai...

– Acalme-se, filha. Não tema pelo seu espartano. Eu vou cuidar de Kratos por você. – Ele acenou com a cabeça na direção da piscina de vidência. – Olha lá: Ares, no entanto, pode matar Kratos. Então, nós não teríamos um problema com isso, não é?

– Você acha que *Ares* vai ganhar?

– Ele parece ter a vantagem no momento...

* * *

KRATOS E ARES ESTAVAM em uma briga mano a mano, peito a peito, rosnando e rasgando um ao outro como ursos enfurecidos. Kratos tinha mantido toda a luta dentro do alcance de um agarrão, de modo que Ares nunca chegou à distância suficiente para usar sua arma de forma eficaz. Ele manteve uma mão apertada no pulso da espada do deus, e a outra forçando sob o queixo de Ares, rechaçando sua cabeça para trás. As chamas da barba do deus enchiam de pústulas as mãos de Kratos, mas ele tinha se acostumado a tal dor por conta dos longos anos empunhando as Lâminas do Caos.

Ares rosnou obscenidades através de seus dentes cerrados quando ele socou, com a mão livre, o rim de Kratos, de novo e de novo. Uma dormência se espalhou, dobrando o joelho do Espartano. Sentindo suas articulações cederem, Kratos, como qualquer espartano teria feito, usou o que lhe foi dado. Se ele não conseguisse ficar totalmente de pé, ainda poderia espancar a virilha de Ares. Para cada soco que o deus dava, ele também levava uma joelhada nos testículos, até que, ainda que por meio do brilho de seu cabelo e barba, seu rosto começou a mostrar dor.

Kratos desistiu de empurrar o queixo do deus para golpear com o cotovelo a lateral da cabeça de Ares, abalando o já enfraquecido deus. À medida que Ares perdeu o equilíbrio, Kratos mergulhou para a esquerda, usando o aperto no pulso do deus para fazer a mão que empunhava a espada receber o impacto pleno de ambos os seus pesos, dele e de Ares, quando caíram de lado para o chão.

O punho de Ares quebrou o leito de rocha onde ele o atingiu, e a pedra fez o mesmo com os nós de seus dedos.

Kratos colocou seu joelho entre a pedra e o deus e chutou Ares longe dele, enquanto torcia a espada das suas mãos. Ares levantou-se, arrastando-se como um bêbado e segurando sua mão quebrada. Kratos rolou suavemente e cortou o ar com um floreio desfocado da espada de Ares.

A pele dos lábios do espartano descascou com seus dentes.

– O que acha do seu monstro agora?

Ares endireitou-se e deixou sua mão ferida assentar ao seu lado. Seu sorriso feroz de predador era um espelho quase exato da expressão de Kratos.

– Você não tem ideia do que é um verdadeiro monstro, pequenino espartano. Você aprenderá essa lição.

Ares curvou-se, e seu rosto enegreceu com a tensão. Explodindo através da armadura impenetrável nas suas costas, vieram apêndices articulados, contorcendo-se como as pernas dos escorpiões aterrorizantes, blindados com rocha preta, cujas pontas tinham mais lâminas do que o Pártenon tinha colunas.

– E você não vai viver para precisar de outra.

Com o barulho de seus membros laminados, Ares surgiu como uma aranha-lobo, cada objeto cortante angulado para beber profundamente o sangue do Espartano.

Kratos recuou. Esse era um inimigo que nunca tinha imaginado. Ares saltou, apunhalando com suas lâminas de escorpião em conjunto, em um sequência complexa, impossível para Kratos contra-atacar. O espartano continuou

recuando, desviando furiosamente, cortando os membros quando podia, mas seus escudos negros não eram menos impenetráveis do que a armadura mística do deus. Mas aquela armadura mística, Kratos observou, não cobria todo o corpo do Deus da Guerra...

Na próxima vez que Ares adiantou-se contra ele, Kratos deu o bote e enfiou dez metros da grande espada vermelha quente na parte interna da coxa do deus.

Em um mortal, esse teria sido um golpe final; cortar a grande artéria na coxa faria um homem sangrar em segundos. O sangue do deus, negro e grudento, saiu gotejando da ferida, mas o único efeito real que o ataque pareceu ter causado era que Ares, agora, usava os membros das lâminas para levantar seu corpo do chão. Assim como eles tinham servido-lhe como um braço da espada, agora serviam-lhe como pernas.

Ele investiu contra Kratos novamente, e novamente. Kratos foi para trás, tentando circular, procurando por qualquer abertura no entrelaçamento confuso de morte dos membros de seu oponente. – um local mais vulnerável no qual ele pudesse golpear a carne do deus. Ele estava se cansando mais rapidamente agora. Sem as Lâminas do Caos para alimentá-lo de energia vital, suas feridas permaneceram abertas e derramaram a sua força nas lajes do pátio.

Por um breve momento, ele realmente pensou que iria perder... mas, naquele instante, os rostos de sua esposa e de sua filha emergiram dentro de sua mente e inflamaram-no com uma fúria diferente daquela que ele conhecia. Toda sua força voltou para ele, e mais. Ares veio em sua direção. Kratos esmagou uma das facas do membro com tanta força que a lâmina atingiu um membro vizinho. E rachou sua armadura.

Kratos demonstrou surpresa quando um líquido de obsidiana vazou da rachadura. Uma *fraqueza*?

Ares recuou, sua confiança foi abalada por um momento, mas, em seguida, se preparou para outro ataque.

Vamos acabar com isso, Kratos pensou. Ele deixou seus joelhos se dobrarem, para que eles balançassem oscilantes, e deixassem que a espada se inclinasse para fora da posição de ataque. Quando a ponta raspou no pátio de pedra, os dedos se abriram calmamente, e a espada tiniu no chão. Vendo tal fraqueza, Ares saltou no ar, caindo sobre Kratos para empalá-lo com duas lâminas de uma só vez.

Mas, quando o Deus da Guerra saltou, a fragilidade de Kratos desapareceu e ele se levantou em um pulo para encontrar Ares no ar. Suas mãos se fecharam em torno da junta de um membro de lâmina, e ele torceu e se inclinou com irresistível força, emperrando a ponta de agulha através da couraça de Ares,

para dentro do peito do deus. Ares contraiu-se, e eles caíram. E Kratos puxou violentamente o seu peso para cair em cima do deus, deixando que seu peso conduzisse a lâmina totalmente no peito de Ares e saísse em suas costas.

Com um rugido que era mais de indignação do que de dor, Ares arremessou Kratos para longe e caiu com os pés no chão, olhando para a imensa lâmina encravada em seu peito com uma espécie de perplexidade. Kratos lembrava-se muito bem dessa expressão, era exatamente a maneira como ele olhou para a coluna com que Ares o tinha lanceado ao Templo de Pandora.

Ares caiu de joelhos.

Kratos levantou-se e recuperou a espada do deus.

Ares olhou para ele, em seus olhos havia medo e súplica.

– Kratos... Kratos, lembre-se... fui eu quem o salvou em sua hora de maior necessidade!

Kratos levantou a espada.

– Naquela noite... Kratos, por favor... Naquela noite eu estava tentando apenas torná-lo um grande guerreiro!

Kratos empurrou própria espada de Ares no peito do deus.

Enquanto ele mancava para longe do cadáver do deus, o corpo sem vida começou a piscar com luzes miríades. As luzes se transformaram em partículas de dança que afastaram-se do cadáver e rodopiaram para cima, para o céu, até que, com um clarão ofuscante e um trovão como o fim do mundo, nada de Ares permaneceu.

Kratos estava exaurido e sangrando, e era, mais uma vez, apenas um homem. Ele olhou maravilhado para a enorme lâmina que alguns momentos atrás empunhou de forma tão leve. Agora, ele não era a metade da altura que o ponto mais estreito da lâmina.

Ele mancou de volta para as paredes quebradas do templo em ruínas, ficando diante da estátua da deusa.

– Atena – disse ele –, a cidade está salva. Ares está morto. – Ele olhou atento para os olhos de mármore branco. – Eu já fiz a minha parte. Agora, faça a sua. Limpe esses pesadelos para sempre.

O brilho cintilante de divindade imanente tocou o mármore. Os olhos se ascenderam, e os lábios se moveriam quando Atena falou.

– Você fez bem, Kratos – a estátua disse. – Embora lamentemos a morte de nosso irmão, os deuses estão em dívida com você.

Kratos ficou um pouco mais reto. Um calafrio escuro escoava em suas veias.

– Prometemos que seus pecados seriam perdoados, e assim será. Mas nós nunca prometemos apagar seus pesadelos. Nenhum homem, nenhum deus, jamais poderia esquecer os atos terríveis que você cometeu.

– Você não pode Atena, eu fiz tudo que você pediu! Você não pode!

– Adeus, Kratos. Seu serviço aos deuses chegou ao fim. Vá adiante em sua nova vida, e saiba que você ganhou a gratidão do Olimpo!

O brilho da deusa desapareceu. Kratos estava sozinho no templo em ruínas, acima do despedaçado remanescente da cidade. Ele ficou lá por um longo, longo tempo.

Então ele começou a andar.

Epílogo

À borda de um penhasco sem nome, ele põe-se de pé: uma estátua de mármore travertino, pálida como as nuvens do céu. Ele vê que não há cores na vida, não nos cortes escarlates das suas tatuagens, não nos retalhos apodrecidos de seus pulsos onde as correntes rasgaram sua carne. Seus olhos são pretos como a tempestade agitada que marca o Egeu abaixo, que termina com a espuma que se aferventa nas rochas acidentadas.

Cinzas, somente cinzas, desespero, e o chicote da chuva invernal. Essas são as recompensas de dez anos de serviço aos deuses. Cinzas e putrefação e decadência, uma morte solitária e fria.

Seus únicos sonhos agora são de esquecimento.

Ele foi chamado de Fantasma de Esparta. Ele foi chamado de Punho de Ares e de Campeão de Atena. Ele foi chamado de guerreiro. Um assassino. Um monstro.

Ele foi todas essas coisas. E nenhuma delas.

Seu nome é Kratos, e ele sabe quem são os verdadeiros monstros.

Seus braços pendem, suas vastas linhas de músculos fortes e entrelaçados são inúteis agora. Suas mãos trazem calos endurecidos não somente pela espada e pela lança espartana, mas pelas Lâminas do Caos, o Tridente de Poseidon, e até pelo lendário Relâmpago de Zeus. Estas mãos tiraram mais vidas do que Kratos tenha inspirado e expirado, mas agora, elas não têm armas para empunhar. Tudo o que ele pode sentir é o gotejar de sangue e pus que pingam de seus pulsos dilacerados.

Seus punhos e antebraços são símbolos verdadeiros de seu serviço aos deuses. A maltrapilha e descascada carne treme no vento cruel, se tornando enegrecida de podridão; e até os ossos padecem pelas cicatrizes deixadas pelas correntes que uma vez fundiram-se lá: as correntes das Lâminas do Caos. Estas amarras já não existiam mais, arrancadas dele por cada deus que se impôs sobre ele. Aquelas correntes uniam as lâminas a ele, e ele às lâminas; aquelas amarras eram os vínculos que o algemavam a serviço dos deuses.

Mas o trabalho havia acabado. As correntes se foram, e as lâminas com elas.

Agora ele era nada. É nada. Tudo o que não o abandonou, ele se livrou, atirou fora.

Sem amigos, ele é temido e odiado pelo mundo, e nenhuma criatura viva pode olhá-lo com amor ou com alguma sugestão de afeição. Sem inimigos, ele

não tinha mais nenhum vivo para matar. Sem família...

E, mesmo agora, é um lugar no seu coração que ele não se atreve a espiar.

E, finalmente, o último refúgio dos perdidos e solitários, os deuses...

Os deuses fizeram de sua vida um escárnio. Tomaram-no, moldaram-no, transformaram-no em um homem que não aguenta mais ser. Agora, no final, ele não consegue nem se enfurecer.

– Os deuses do Olimpo me abandonaram.

Ele pisa nos últimos centímetros do penhasco, suas sandálias raspam no cascalho da beirada esfarelada. Trezentos metros abaixo, bocados de nuvens giravam e trançavam uma malha de névoa entre ele e as pedras pontiagudas banhadas pelo mar Egeu. Uma malha? Ele sacode a cabeça.

Uma malha? Antes uma mortalha.

Ele fez tudo que um mortal poderia. Ele completou proezas que nem mesmo os deuses poderiam igualar. Mas nada apagava a sua dor. O passado de qual ele não pudera escapar trazia a agonia e a loucura como seus únicos companheiros.

– Agora não há esperança.

Não há esperança para este mundo, mas para o próximo, dentro das bordas do poderoso Estige, que faz fronteira com o Hades, lá corre o rio Lete. Um esboço da água negra que, dizem, apaga a memória da existência, deixando-a em sombra, e o espírito vagueia para sempre, sem nome, sem casa...

Sem passado.

Esse sonho o impulsiona a tomar um final e último passo, que o empurra para o meio das nuvens que despedaçam-se em volta dele, enquanto ele cai. As rochas carcomidas pelo mar se materializam, ganhando solidificação e tamanho, e correndo para esmagar sua vida.

O impacto engole tudo que ele é, tudo que ele fez, e tudo que foi feito a ele, em uma erupção estilizada de noite.

Mas, mesmo nisso, ele está condenado à decepção.

* * *

ELE NÃO VÊ A FIGURA ao seu lado nas escuras ondas do Egeu; ele não sente as mãos que erguem-no do mar. Ele não sabe que está sendo carregado

para um lugar muito além do que qualquer mortal poderia ir.

Quando, então, seus olhos se abrem, ele está diante de um portão majestoso de ouro e pérola, fixado em uma muralha construída de nuvem. E com ele está uma mulher de beleza sobrenatural, vestida com uma armadura reluzente e carregando um escudo em que está encrustado a figura da cabeça da Medusa.

Ele nunca a tinha visto antes. Mas ele a conhecia há anos, e ela não podia ser confundida com qualquer outra.

– Atena.

Seu rosto impecável se volta para ele, e a majestade serena de seu olhar toma-lhe o fôlego.

– Você não vai morrer hoje, meu espartano – diz ela, e sua voz soa como música marcial de flauta e tambores. – Os deuses não podem permitir, *eu* não posso permitir... que alguém que tenha realizado tal serviço pereça por sua própria mão.

Ele apenas fitou-a, mudo tanto pela injustiça amarga quanto pela graça incompreensível.

– Há mais trabalho aqui do que você pode imaginar.

Ela levanta uma mão e o portão imenso abre-se diante dele, revelando escadas que ascendem na nuvem.

– Mas você salvou mais do que a sua própria vida hoje, e realizou uma ação maior do que conquistar a sua própria vingança. Zeus declarou-o digno, e você não irá negá-lo. Existe agora um trono vazio no Olimpo, meu Kratos, e eu tenho um último serviço para exigir de você. Tome essas escadas. Elas levam àquele trono vazio. Para o seu trono.

– Eu não entendo... – As palavras caem espessamente de seus lábios entorpecidos.

– É possível que você nunca venha a entender. Vou dizer-lhe apenas isso: você não deve morrer por sua própria mão e manchar o Olimpo com o seu sangue. E, assim, você está aqui. Conosco. Para sempre. É o desejo de Zeus.

Kratos sobe a escada por longo tempo. Agora ele pode ver no topo um trono de azeviche brilhante: mortal, resplandescente, negro, digno do deus que ele está prestes a se tornar.

A cada passo, as imagens e sons de batalha apressam-se sobre ele, de todo o mundo e por toda a eternidade, pois tempo e lugar são diferentes para os deuses.

Ele teme, por um instante, ou por um milênio, que seus pesadelos tivessem voltado a violar a sua mente, mas ele não reconhece os soldados que vê.

Eles usam armaduras de metal e marcham em falange; cavalaria e carros apoiam seus espadachins, homens de lança, e arqueiros.

– Atravesse o Rubicão –, um general urra em uma língua estranha e estrangeira, mas Kratos entende.

No passo seguinte, mais uma vez ele ofega. Armaduras curiosas substituem o desenho mais familiar. Correndo por ele estão homens com olhos asiáticos, gritando em uma língua que ele não reconhece, embora novamente pudesse deduzir. Era a batalha de Sekigahara.

– Por Xogum!

Os nomes surgem do nada e não significam nada para ele, mas mesmo que seus aspectos e armaduras sejam estranhos, a carnificina que provocam é muito familiar. Milhares estão mortos por todos os lados, embora ele ainda esteja na escada para o seu trono.

No próximo degrau, ele encontra-se quase titubeante, quando um enorme pássaro com asas de metal duro e uma roda giratória mergulha diante dele. Sudetos. Enormes explosões balançam-no quando a máquina, não um pássaro, mas uma máquina voadora, um *Suka* (outra palavra desconhecida que ele compreende) sai de um mergulho e ruga para longe no sujo céu cinzento.

E logo acima, uma claridade brilhante faz com que ele aperte os olhos, que ficam cheios de sombras, mas ele sabe que nenhuma forma de luz pode prejudicá-lo. Nada pode prejudicá-lo. A luz vem de uma vasta nuvem que se enrola acima de uma cidade em chamas, fluorescente, enquanto se levanta em surpreendente forma, como um cogumelo branco resplandecente maior do que Atenas.

Ele olha em outra direção, e diante dele se desdobram colinas arborizadas onde os rios correm vermelhos de sangue. Antietam? Que idioma seria esse?

Essas pessoas, esses lugares, vieram com ele a cada passo. Waterloo. Agincourt. Passo Khaibar. Glipoli. Xilang-fu. Roncesvalles. Stalingrado e o Bulge e Normandia. O caos da guerra assola ao redor dele, uma cadeia laçada interminável de vitórias impressionantes e horríveis derrotas.

Quando ele chega ao trono, ele faz uma pausa por um momento e olha de volta para o lugar de onde ele veio. Espalhados diante dele estão toda a Grécia, todo o Mediterrâneo, África, Europa, Ásia e terras estranhas do outro lado do mundo. Em qualquer lugar que uma batalha acontecia, em qualquer lugar que a guerra era combatida, este é o seu reino. Mas entre tudo no seu reino, a parte que

mais tem significado para ele, é o palco das batalhas que irão destruir o mundo em pedaços.

Porque o Olimpo, também, faz parte de seu reino, da maneira que ele desejar construí-lo.

Kratos, uma vez de Esparta, senta-se no seu trono, projetos escuros se desenrolam por trás de suas sobrancelhas. *Eles querem um Deus da Guerra?* Ele irá mostrar-lhes a guerra de uma maneira que eles nunca conjuraram em seus piores pesadelos.

Kratos do Olimpo, Deus da Guerra, pousa o olhar sobre o seu reino, e sua fúria queima.